

Lynn Weingarten
Best-seller do *New York Times*

*notas
suicidas
de
belas
garotas*

PLATA
FORMA 21



TÍTULO ORIGINAL Suicide Notes From Beautiful Girls
© 2015 by Lynn Weingarten
Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago
EDITORIA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo
PREPARAÇÃO Lígia Azevedo
REVISÃO Ana Paula Martini e Raquel Nakasone
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
DIAGRAMAÇÃO Juliana Pellegrini
FOTO DE CAPA © 2015 by Peter Hatter/Trevillion Images
CAPA Regina Flath

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weingarten, Lynn

Notas suicidas de belas garotas [livro eletrônico] / Lynn Weingarten; tradução Álvaro Hattner. -- São Paulo: Plataforma21, 2017.
2Mb; ePub

Título original: Suicide notes from beautiful girls

ISBN 978-85-92783-17-4

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

17-02391 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

1

Eu tinha me esquecido de como era ficar tão sozinha.

Durante os dez dias do recesso de inverno, eu dirigi. Passava pelas casas decadentes do bairro e pelas mansões a alguns quilômetros de distância, seguindo em direção às colinas, depois voltava atravessando as grandes planícies congeladas. Ia de um lado ao outro do rio Schuylkill, de um lado ao outro do Delaware. Colocava o volume do rádio no máximo e cantava em voz alta. Precisava ouvir uma voz ao vivo e tinha que me contentar comigo mesma.

Mas agora o recesso acabou, e estou andando na direção da escola, vindo da área de estacionamento mais afastada. Estou feliz por estar aqui e pelo fim do recesso. Sei que a gente deveria gostar de uma folga, mas foi muito solitário. Esse é o problema. Era como se eu estivesse flutuando cada vez mais longe no espaço, sem nada que me prendesse.

Meu telefone vibra no bolso. É uma mensagem do Ryan. Ainda não o vi, porque ele só chegou ontem à noite: Trouxe uma coisa de Vermont pra você. Então, um segundo mais tarde, chega outra mensagem: não é herpes.

Respondo: ótimo, porque seria realmente constrangedor se seu presente fosse igual ao meu.

Envio a mensagem com o dedo congelado. Pequenas nuvens de ar morno escapam através do meu sorriso.

Entro na sala da confirmação de presença e Krista olha para cima com cara de quem estava me esperando.

– Meu Deus, June – ela diz. Seus olhos estão semicerrados, e ela está usando os óculos de armação vermelha em vez das lentes de contato de sempre. – É possível, *clanicamente*, que eu ainda esteja de ressaca de terça? Faz dois dias!

Ela tira a enorme bolsa laranja da carteira a seu lado para eu sentar.

– Considerando tudo o que aconteceu, é – digo.

Ela dá um enorme sorriso, como se eu tivesse feito um elogio.

A única coisa que eu fiz durante o recesso de inverno, além de dirigir, foi ir a uma festa na casa do namorado de Krista, o que foi um pouco estranho, porque não somos melhores amigas nem nada. Conversamos na sala da confirmação de presença de vez em quando, e a verdade é que nenhuma de nós tem muitas

opções. Quando recebi o convite por mensagem, já estava sozinha fazia tantos dias que simplesmente aceitei ir.

O namorado dela, Rader, mora com alguns amigos a uns 35 minutos de distância, bem no limite da Filadélfia, em um apartamento detonado. Ele é mais velho, assim como os amigos, que têm uns vinte e poucos anos. Praticamente só tinha homem na festa, e fumaça de vários tipos tomava conta do lugar. Quando entrei, Krista já estava acabada e subia para o quarto de Rader. Senti todos aqueles caras virando e me medindo de cima a baixo. De repente, compreendi porque tinha sido convidada: não por ela, mas por eles. Passei a festa toda encostada na parede, sem conversar com ninguém, olhando tudo como se fosse um filme.

– Rader disse que Buzzy pediu seu telefone – ela diz, esfregando os olhos.

Não tenho a menor ideia de quem é Buzzy. Talvez seja o cara alto que ia toda hora ao banheiro e saía fungando e assoando o nariz, ou o cara com um palavrão tatuado nas juntas dos dedos, ou aquele de camisa de veludo que ficava me perguntando se eu queria passar a mão nela (eu não queria) e que depois tentou colocar um *shot* de tequila no aquário (eu não deixei).

– Eu tenho namorado – digo.

– É *mesmo*? Quem?

– Ryan Fiske.

Krista levanta as sobrancelhas, como se eu talvez pudesse estar brincando.

– É verdade – eu digo.

Ela inclina a cabeça.

– Fala sério!

Dou de ombros. A surpresa dela não me surpreende. Estamos juntos há mais de um ano, mas quase ninguém sabe. Acho que não combinamos muito.

– Eu nunca pensaria que você namora alguém tão... *normal* – diz Krista, em uma crítica a ele.

– Bom, você não o conhece – digo. Mas a verdade é que ele é normal. E, de certa forma, isso me tranquiliza.

Ryan é uma daquelas pessoas que entra sem esforço no grupo que quiser, tipo, sem nem pensar. Ele se dá bem em qualquer lugar. É alto e bonito de um jeito que, mesmo que não seja seu tipo, você tem que reconhecer que seus ossos estão exatamente onde deveriam estar para tornar um rosto agradável de olhar.

Ele é um pouco de tudo, acho que é isso. E eu não tenho certeza do que sou. Não acho que a maioria das pessoas pense muito em mim, o que é ótimo.

– Espero que ele curta alguma coisa bizarra em segredo – diz Krista. Ela pisca e solta um gemidinho de dor. – Meus olhos ainda não estão prontos para piscar.

Um segundo mais tarde, os avisos começam.

– Bom dia, alunos e professores da North Orchard. Vamos fazer silêncio por um minuto, por favor.

Vice-diretor Graham. Tem alguma coisa estranha em seu tom de voz. Eu me sento e escuto.

– É com profundo pesar e com o coração consternado que trago uma notícia muito triste. Um membro da comunidade da escola North Orchard faleceu durante o recesso. – Ele faz uma pausa para limpar a garganta. Prendo a respiração. Acho que todo mundo prende. Poderia ser qualquer um. – Junior Delia Cole faleceu ontem. A srta. Dearborn, o sr. Finley e todos os outros conselheiros estarão disponíveis para qualquer um que precisar conversar, e minha porta também está sempre aberta. Nossos pensamentos e preces vão para a família e para os amigos da srta. Cole durante este momento difícil.

O alto-falante estala ao desligar. E então há um silêncio, seguido pelo som do sinal. As aulas tinham oficialmente começado.

Minha cabeça se separa de meu corpo. Ergue-se no ar e flutua em direção à porta. Eu a sigo.

– Ele nem disse o que aconteceu – alguém sussurra. – O que será que foi?

Todos parecem confusos, como se a morte dela fosse muito improvável.

Mas consigo facilmente imaginar um milhão de maneiras como Delia poderia ter morrido. Talvez ela tenha subido na velha ponte interditada que se estende sobre o reservatório e caído da parte apodrecida, depois da placa de PROIBIDO. Talvez estivesse em cima do telhado de alguém olhando para a lua enorme e brilhante e quisesse se equilibrar na borda frágil, mesmo enquanto imploravam para que não o fizesse. Talvez ela, que gostava de desafios, tivesse atravessado a estrada com os olhos fechados, para ver se os carros desviavam primeiro, e seu último momento tenha consistido em uma buzina, um jorro de adrenalina e, de repente, uma luz cegante.

Ryan está me esperando do lado de fora da sala. Nossos olhares se encontram e ele fica ali parado, como se não tivesse certeza do que fazer com o rosto. Eu não

tenho certeza do que fazer com o meu, porque nem parece mais meu rosto. Começo a andar na direção dele, que me puxa para si em um abraço. Seus braços são fortes e quentes, mas agora mal consigo senti-los.

– Isso é... – começo a dizer e paro, porque estou sem palavras, e não há nada em minha cabeça a não ser ar.

– Bizarro – ele diz, balançando a cabeça. Então me ocorre que é a primeira vez que qualquer um de nós falou sobre Delia ou sequer a mencionou em mais de um ano. Sempre achei que em algum momento faríamos isso, e que seria muito estranho quando finalmente fizéssemos.

Atravessamos o campus e Ryan me deixa na porta do prédio do departamento de inglês, onde vai ser minha primeira aula. Ele se inclina para a frente e me abraça outra vez. O náilon de seu casaco é liso e frio contra meu rosto.

Quando me solta, ele olha para o chão.

– Não posso acreditar que isso aconteceu.

Mas o fato é que, agora que aconteceu, parece que ia acontecer de qualquer jeito. Como se o tempo todo Delia estivesse muito à nossa frente, morta, e nós só agora estivéssemos nos inteirando disso.

– Não sei se é estranho dizer isso agora – ele começa –, mas eu realmente senti sua falta.

Sei que, em uma versão do mundo diferente da realidade, isso faria com que eu me arrepiasse. Então eu digo que também senti, mas ficar longe dele, e o recesso de inverno, e tudo o que aconteceu antes daquele momento parece muito distante. Não consigo lembrar qual é a sensação de sentir falta ou qualquer outra.

2

Fui para a aula. Meu cérebro não registrou nada. Aquilo tudo importou ainda menos do que o normal..

Almocei e agora estou de pé no banheiro, diante da pia. A três pias de distância estão duas garotas, também do segundo ano. Não as conheço bem, mas sei seus nomes: Nicole e Laya. Nicole sempre usa enormes brincos de argola prateados e Laya, um rabo de cavalo tão apertado que parece que seu rosto está todo esticado. Estão passando delineador.

Não estou prestando atenção nelas ou em coisa alguma, mas ouço algo vibrando. É o telefone de Laya recebendo uma mensagem. Então, meio segundo depois, sua voz aguda soa:

– Fala sério!

Levanto os olhos. Nicole está passando delineador, puxando o rosto de um jeito que permite ver o cor-de-rosa em torno dos olhos.

– O quê?

Mesmo que eu não saiba o que Laya vai dizer, meu coração já decide começar a bater mais rápido.

– Você sabe que o irmão mais velho da Hanna está estudando para ser policial, né?

Nicole balança a cabeça como se fosse pesada demais para seu pescoço aguentar.

– E você viu que não disseram como ela morreu, né? Bom, ele disse que é porque – Laya faz uma pausa, preparando-se para dizer algo impactante – foi suicídio.

Apesar da névoa do não sentir nada, meu estômago gela e meu coração para de bater. Eu me inclino para a frente, como se tivesse levado um murro.

Nicole vira para Laya.

– Uau.

– É. No Ano-Novo.

– Meu Deus, isso é tão triste! – Nicole parece excitada. – Como ela se matou? Laya dá de ombros.

– O irmão da Hanna não falou para ela.

– Uma vez, eu li que as mulheres têm maior probabilidade de usar comprimidos, mas não sei, eu meio que consigo ver ela, tipo...

Nicole coloca dois dedos dentro da boca, então ela sacode a cabeça para o lado com a língua de fora.

A água está martelando a pia e espirrando na minha blusa. Tenho vontade de vomitar.

– Ela sempre me pareceu meio desequilibrada... – diz Laya.

– Totalmente. Como uma daquelas pessoas que fazem coisas insanas sem nem serem famosas.

– É, tipo, famosas só na cabeça delas.

Minha pia está cheia. A água começa a pingar no chão.

Olho para elas. Algo dentro de mim solta faíscas e pega fogo.

– Parem de falar sobre ela desse jeito – eu digo, tentando fazer com que minha voz não saia trêmula. Elas viram para mim como se só agora tivessem percebido que estou aqui. – Parem com isso, porra.

– Hum, oi? – diz Nicole. – Esta é uma conversa particular. Além do mais, vocês por acaso eram amigas?

Ela olha para mim, os lábios fazendo um leve beicinho.

– Sim – eu respondo.

– Ah – diz Laya. – Desculpa.

Por um momento, ela quase parece sincera. Laya e Nicole trocam um olhar rápido e então se dirigem para a porta, sem dizer nada. São melhores amigas, o que significa que nem sempre precisam de palavras para se comunicar. Fico olhando as duas saírem. Sinto um aperto no meu peito e esfrego os olhos. As lágrimas começam a cair, mas cerro os dentes e pisco bastante para que recuem.

Quando eu disse que Delia e eu éramos amigas, não fui totalmente sincera.

Se nós ainda fôssemos amigas, quando vi o nome de Delia piscar no meu telefone dois dias atrás pela primeira vez em um ano, eu teria atendido em vez de ignorar tanto a chamada quanto a mensagem que se seguiu. Eu teria ouvido a voz de Delia e percebido que alguma coisa estava errada. E então, sem me importar com o que Delia dissesse, o que estivesse planejando, eu teria impedido.

3

Um ano, seis meses e quatro dias antes

Era um alívio saber que ela não tinha que explicar. Nem a dor no peito nem o buraco no estômago, de onde ela vinha, nem o quanto não queria falar sobre aquilo. Delia simplesmente entenderia. Era sempre assim.

June imaginou o que Delia diria. Talvez algo do tipo “Fodam-se os pais”, ou “Só gente chata tem uma vida perfeita”. Delia conseguia fazer você sentir que as coisas que não tinha eram coisas que não queria mesmo. Ela invertia o mundo inteiro.

Então era aquilo que June estava esperando, em pé no sol de verão: que Delia consertasse tudo.

Delia inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse pensando em algo. Passou as mãos pelos cabelos, colocando-os atrás das orelhas, depois levantou o short de cintura baixa, estendeu o braço e segurou a mão de June com força, mas ainda assim não disse nada. Ela só sorriu e mexeu as sobrancelhas.

Então começou a correr.

Como estava segurando a mão de June com muita força, e a mão de June estava presa ao braço de June, que estava preso ao corpo de June, ela não teve outra opção a não ser correr junto. Tropeçou no início, a adrenalina fluindo em suas veias enquanto mergulhava em direção ao chão, mas conseguiu se endireitar. Delia estava à sua frente, com o braço estendido para trás, correndo pelo campo vazio, as pernas a impulsionando, puxando June consigo.

– Espera! – implorou June. – Por favor! – Seus calçados não eram os mais apropriados para aquilo. – Perdi um chinelo!

Mas Delia não esperou nem parou.

– Foda-se o chinelo! – gritou Delia.

O que ela poderia fazer? June arrancou o outro chinelo do pé e colocou força nas pernas. Quando fora a última vez que correria o mais rápido que podia?

– Mas aonde a gente está indo? – gritou June.

– A GENTE SÓ ESTÁ CORRENDO – respondeu Delia. Árvores passavam depressa

por elas, parecendo voar.

O buraco no estômago de June se dissolveu, o suor inundou suas costas e seus pulmões pareciam prestes a estourar. Ainda assim continuaram correndo, zonzas e sem fôlego, e os pedaços da vida de June foram caindo um a um pelo caminho, até que ela não era nada além de pernas em movimento, braços, coração e uma mão sendo segurada. Um corpo, tropeçando e cambaleando, quase caindo. A diferença era que ela não ia cair. Delia não deixaria.

4

Quando acaba a aula, encontro Ryan na frente da escola e vamos para a casa dele, como qualquer outro dia. Na minha casa nunca tem ninguém naquele horário e quase sempre tem alguém na casa dele, mas é sempre para lá que vamos, ainda que supostamente devêssemos querer ficar sozinhos.

Ryan pega minha cintura quando entramos. A família dele é rica. Por alguma razão, não percebi isso quando comecei a ir lá. Sabia que a casa era mais legal do que a minha, que a sensação de estar num lugar grande e bonito era muito melhor do que a de estar na minha casa, mas isso não queria dizer muita coisa. Foi Delia quem me explicou na única vez em que estive aqui. Ryan estava longe e não podia ouvir. Ela estava reclinada no encosto do enorme sofá de couro e olhou para mim fixamente, daquela maneira intensa de quando estava bêbada.

– Porra, Ju – ela disse, acariciando a manta do sofá como se fosse um coelhinho. – Por que você não me contou que seu *gatinho* era rico?

As coisas já estavam meio estranhas entre nós àquela altura, então eu não disse “Espera, ele *é*?”, que era o que eu estava pensando. Só dei de ombros, como se aquilo não fosse nada.

Agora estou no sofá e Ryan foi para a cozinha. Eu ainda consigo vê-lo de onde estou.

– Tem certeza de que não quer nada? – Ele abre o congelador. – Você vai se sentir um pouco melhor se comer alguma coisa.

Faço que não com a cabeça. Estou submersa.

Enquanto Ryan coloca algo no micro-ondas, olho para o telefone no meu colo, para o ícone minúsculo na tela – a mensagem de Delia, que eu ainda não ouvi. E sobre a qual nem consigo falar.

O micro-ondas apita. Ryan tira o prato e o leva para o sofá, sentando ao meu lado. Ele coloca o laptop no colo e abre o site Kaninhus, que é a palavra sueca para “casa de coelhinhos”. Tem um cara na Suécia que é dono de dois coelhos e mantém uma webcam no cercadinho do quintal em que eles ficam o dia inteiro. Ryan me apresentou os coelhos quando começamos a sair. “Preciso dizer, de verdade mesmo, que adoro esses coelhinhos”, ele explicou quase constrangido, o

que eu achei muito fofo. Ele me contou que seus amigos achariam aquilo muito esquisito. (Os amigos dele têm um padrão extraordinariamente baixo para a esquisitice.) Na maior parte do tempo, os coelhinhos ficam fuçando por ali, comendo e mexendo o focinho. Conversamos muito sobre eles, como se fossem reais e tivessem esperanças, sonhos e uma vida íntima complicada.

– Oi, Adi. Oi, Alva – ele diz para os coelhos na tela, com um terrível sotaque sueco, que é outra das nossas manias de casal. – Como estão hoje?

Um dos coelhinhos que aparece na tela está comendo, enquanto o outro dorme.

Acho que ele está tentando me distrair, manter minha cabeça longe, como se fosse possível. Ou talvez ele não consiga conversar comigo sobre ela. Eu sei que não consigo.

Penso em como parece errado sentar aqui e ficar olhando para esses coelhos enquanto Delia está morta.

E penso que ela diria: “Estou morta, cacete, não dou a mínima. Podem ficar olhando essas porras de coelhos se quiserem”. E então Delia entortaria o canto da boca do jeito que fazia quando sabia que estava sendo atrevida.

– Como está seu roteiro, Adi? – diz Ryan.

Normalmente eu me uniria a ele, perguntando a Alva sobre seus poemas ou algo assim (porque nós fingimos que os dois são profissionais frustrados em um retiro de criação literária na Suécia). Em vez disso, estou quase explodindo com tudo o que não digo sobre Delia.

Não consigo mais segurar. Minha boca abre e as palavras saem.

– Ouvi dizer que não foi acidente.

Ryan vira lentamente, o sorriso desaparecendo do rosto.

– Espera, tipo, você está dizendo que ela...?

Concordo com a cabeça.

– Que ela se matou.

– Porra. Como?

– Não sei. – Meu coração está acelerado. – Tem mais uma coisa. – Preciso colocar isso para fora. – Ela me ligou dois dias atrás. – Odeio me ouvir dizendo isso. Odeio que seja verdade. – Mas não atendi. Ela deixou uma mensagem de voz. Não escutei na hora porque... – Eu paro. A verdade é que não escutei porque não consegui. Porque tinha me esforçado muito para tirá-la da cabeça e estava preocupada que aquilo faria com que sentisse saudades dela. – Eu ainda

não ouvi.

Ryan expira lentamente.

– Talvez você não precise ouvir. Talvez só piore as coisas.

– Mas como as coisas podem ficar piores do que já estão?

Ele apenas balança a cabeça e olha para baixo, então se inclina para trás e estende os braços daquele jeito que eu adoro, quando sou capaz de sentir qualquer coisa. O que, neste exato momento, não está acontecendo.

Mesmo assim eu me inclino na direção do Ryan, que me abraça forte. Ficamos abraçados até que a porta da frente abre e a mãe dele e a irmã Marissa entram.

– June, querida! – A mãe dele dá um sorriso. – Sentimos sua falta no Natal.

Ela coloca as chaves e a bolsa chique em cima do aparador.

A irmã dele acena para mim enquanto sobe as escadas.

– Marissa me contou o que aconteceu na escola hoje – diz a mãe do Ryan. Ela franze as sobrancelhas. – Que coisa terrível. Vocês conheciam a menina?

Não quero que ela faça um escândalo, e sei que vai fazer se descobrir toda a verdade.

– Eu meio que falava com ela um tempo atrás – digo. – Mas acabamos nos afastando.

– Ah, meu bem, ainda assim é terrível. Sinto muitíssimo.

Ela se aproxima e me dá um abraço. Sei que se ficar me segurando tempo demais vou desabar. De repente, mal estou me aguentando.

Eu me afasto desajeitadamente.

– Preciso ir ao banheiro.

Eu tenho que sair daqui. Posso sentir Ryan me olhando enquanto me retiro.

Assim que estou segura no banheiro, abro a torneira e escorrego até o chão, com as costas apoiadas na porta. Tiro o telefone do bolso e ligo para a caixa postal.

Não posso esperar mais. Prendo a respiração.

Primeiro vem a gravação automática.

– Mensagem recebida terça-feira, trinta e um de dezembro, quinze e cinquenta e nove.

E então a voz de Delia.

– Ei, Ju, sou eu, sua velha amiga. – Soa ao mesmo tempo completamente familiar e como se eu nunca a tivesse ouvido antes. – Me liga, tá? – Ela faz uma

pausa. – Tem uma coisa que preciso contar para você.

E só. A mensagem não passa disso.

De repente, eu sinto a porta pressionando minhas costas. Alguém está tentando entrar.

– Só um segundo – digo em voz alta, trêmula.

Eu coloco o telefone de volta no bolso e levanto com alguma dificuldade. Jogo água no rosto e seco com uma das toalhas perfeitas da família.

Eu supus que haveria algo na voz dela que daria um sentido a tudo, mas Delia soava da maneira de sempre. A voz dela não parecia com a de uma garota que estava se preparando para morrer.

Mas ela estava. Foi no dia anterior; Delia deveria saber. Será que ligou para me contar? Para que eu pudesse impedi-la?

Abro a porta. Marissa está em pé no corredor, sorrindo diante do telefone.

– Desculpe – ela diz, sem olhar para cima. – Pensei que você estivesse com o Ry. Ele foi para o quarto.

Vou até o fim do corredor. Ryan está me esperando na cama, com o edredom xadrez azul amontoado atrás dele.

– Você ouviu? – ele pergunta.

Confirmo com a cabeça.

– Ela disse que precisava me contar uma coisa. E só. Delia sempre gostou de fazer suspense. Agora vai durar para sempre.

Ela teria gostado do comentário. Tento engolir o riso, que se espraia na boca e sai como tosse e soluço. Não vou deixar as lágrimas caírem. Não posso.

– Não entendo – sussurro.

Ryan balança a cabeça e aperta o maxilar.

– Não dá para entender mesmo.

Ele está com cara de quem quer chorar também.

– June?

A voz do Ryan faz com que eu saia do transe. Não dormimos, mas ficamos deitados na cama, abraçados. O sol já se pôs e o quarto está escuro.

Ele segura algo à frente do corpo.

– Seu presente.

É um pequeno globo de neve. Dentro da esfera de vidro há uma cena de esqui.

Quando olho mais de perto, percebo que quem desce a pista é um coelho.

– É Alva – ele diz. – Ou Adi. – Ele sorri. – De férias.

Tento sorrir também, mas minha boca não funciona direito.

– Obrigada – digo. – É perfeito.

Eu penso na carteira de coelho feita sob encomenda no Etsy que tenho lá em casa para dar para ele, e em como fiquei empolgada quando chegou. Em como gastei um bom tempo me perguntando se dar um presente para ele que fazia referência a uma piada interna era *demais*, uma coisa muito *séria*. E em como pensei por um bom tempo se a carteira deveria ter um coelho ou dois.

Eu me lembro da garota que só tinha isso com que se preocupar. Tudo isso parece ter acontecido há um milhão de anos.

Voltamos para o andar de baixo. A cozinha está quente e clara, cheirando a cebola caramelada. Música sai do alto-falante no balcão atrás da pia – um som instrumental alegre, com muita percussão. Marissa está sentada à mesa com o laptop aberto. O irmão mais velho deles, Mac, também está lá, em pé diante da ilha. Uma mistura de pimentões e cebolas chia na frigideira à frente dele.

Mac tem dezenove anos e é diferente do resto da família. Todos eles se enquadram facilmente no mundo – a casa enorme e linda, os alegres jantares em família, os sorrisos fáceis. Para Ryan é assim, embora eu ache que em algum nível ele desejaria que não fosse. É um mundo realmente bom de visitar, mas do qual nunca senti que fazia parte. Às vezes parece que Mac sente a mesma coisa. Ele terminou o ensino médio no ano passado e foi para a Europa com sua banda. Voltou alguns meses atrás e está começando uma empresa com os amigos, algo relacionado a tecnologia e produção de filmes, mas deveria ser segredo. Mora em um apartamento no centro com outros caras, mas vem para cá às vezes para jantar e outras coisas. Sempre tenho a sensação de que ele tem uma vida secreta, fazendo parte do mundo ao qual eu costumava pertencer antes de conhecer Ryan.

– Mamãe está na academia e papai vai trabalhar até mais tarde – diz Mac. – Tem comida aqui se vocês quiserem.

Ele dá a cada um de nós um prato com camarão grelhado, pimentões e cebola. Coloca uma travessa de tortilhas no centro da mesa e as cerca com creme azedo e guacamole. Mac é um bom cozinheiro, mas a ideia de comer parece absurda para mim. Porém, não tão absurda quanto a ideia de que Delia está morta, o que não faz nenhum sentido.

Sento com o prato no colo, mal me movendo.

Delia devorava a vida em mordidas gulosas e apressadas. As coisas nunca foram fáceis para ela – sua família era muito difícil, e talvez isso tenha mexido com ela. Mas não importava quão ruins as coisas fossem: ela nunca teria escolhido abandonar o mundo quando ainda havia a possibilidade das coisas mudarem, e as coisas *sempre* podiam mudar. *Sempre* existe esperança. A Delia que eu conheci sabia disso.

Então o que aconteceu?

Ninguém fala muito durante o jantar. Ryan come as cebolas do meu prato e me dá o guacamole dele. Dou uma garfada. Quando os três acabam, Ryan leva nossos pratos para colocar na lava-louça e Marissa sobe para o quarto. Ficamos apenas eu e Mac. Ele se aproxima do sofá onde estou sentada e se inclina na minha direção.

– Vão fazer uma coisa para ela esta noite – ele diz em voz baixa. – O pessoal da Bryson.

Encaro Mac. Fico me perguntando se ele não está dizendo isso na frente do irmão de propósito. Talvez Ryan tenha contado a ele o que aconteceu lá atrás.

– Onde? – pergunto.

Mac balança a cabeça.

– Desculpa, não sei. Só fiquei sabendo que vão se encontrar no lugar favorito dela. Não tenho a menor ideia do que isso quer dizer.

Eu concordo com a cabeça e quase sorrio, porque sei que lugar é esse.

Dois anos, cinco meses e vinte e quatro dias antes

Quando Delia e June chegaram ao reservatório, os meninos já estavam lá.

Delia pegou o braço dela.

– Não fique nervosa – sussurrou. – Você pode mudar de ideia quando quiser.

Ela falava naquele tom de voz doce e gentil que só usava com June e seu gato.

Mas June fez que não com a cabeça.

– Quero acabar com isso de uma vez por todas.

Era o verão depois do oitavo ano, e ela tinha decidido que já era hora.

Delia riu com desdém.

– Bem, essa é uma maneira de encarar a coisa.

Elas continuaram andando na direção da água. June já conseguia ouvir os outros agora – o som de risadas, o tilintar de garrafas, a música saindo do celular de alguém. De acordo com Delia, eles iam para lá quase todas as noites durante as férias de verão. Eram todos da Bryson, a escola para a qual Delia teria ido se não tivesse convencido sua mãe a não alterar seu endereço na escola, mesmo depois de terem mudado para a casa do novo marido dela.

– Os caras da Bryson são mais gostosos – Delia havia lhe dito uma vez. – Mais skatistas que jogadores de futebol. É melhor não estudar com eles, porque assim você não tem que encontrar nenhum de manhã com a cara cheia de espinhas recém-espremidas, ou que suportar os peidos depois do café, o tipo de coisa que não te deixa opção a não ser tachar um cara de nojento para sempre.

Quando June mencionara que não queria começar o ensino médio sem nunca ter beijado ninguém, Delia primeiro fizera uma brincadeira sobre as duas se beijarem, depois riu e disse:

– Bom, é só você pegar algum dos meninos da Bryson então.

Como se não fosse nada. Delia com frequência dizia coisas com tanta confiança que fazia com que suas ideias e opiniões parecessem fatos. Ela mesma, naturalmente, tinha beijado muitos caras. Onze, de acordo com sua lista.

Elas prosseguiram na direção da pequena e trêmula fogueira de acampamento. Sem dizer nada, Delia tirou a cerveja da mão de um dos garotos, então se afastou para sentar em uma pedra. Ela sempre ficava longe do fogo. Era a única coisa de que sentia medo.

– Oi, De – disse o garoto sem se virar. Tinha um cabelo comprido e sedoso e usava uma camiseta listrada.

– Oi, meninos – disse Delia. – Esta aqui é a June. – Ela virou para a amiga e lhe entregou a cerveja. – Não lembro o nome de nenhum deles, mas isso não importa.

Delia sorriu. Estava fazendo aquele lance de “Não dou a mínima para você” que os meninos pareciam adorar. June segurou a cerveja com força para evitar que as mãos tremessem. Fingiu dar um gole e olhou para eles.

Eram quatro: um sem camisa com músculos rijos, dois de camiseta preta que pareciam estilosos e durões, e aquele cuja cerveja ela estava segurando. June ficou observando enquanto ele tirava o cabelo do rosto. Tinha uma tatuagem no punho, onde ficaria o relógio, de um oito ou uma figura parecida. O garoto a pegou olhando. À luz do fogo, ela achou ter visto um mínimo traço de sorriso.

– Fala pra gente com sinceridade, June – disse o Sem Camisa. – Delia está pagando você para andar com ela?

June hesitou por um segundo.

– Não. Sou a amiga imaginária dela.

Ela nem mesmo sabia o que ia dizer antes de as palavras saltarem para fora. Quando estava perto de Delia, era uma versão diferente, melhor e mais inteligente de si mesma. Como se realmente fosse alguém que a outra tivesse inventado.

Os garotos riram. Por um segundo, June se sentiu mal. Talvez não fosse legal da parte dela se juntar à brincadeira dos garotos. Mas Delia também riu, parecendo orgulhosa, e colocou o braço no ombro de June.

– Então como é que a gente consegue ver você? – perguntou o Sem Camisa.

– Ela deve ter uma imaginação muito poderosa – disse o Camiseta Listrada. – E suja.

Ele estava olhando diretamente para June naquele momento. Ela sentiu o rosto queimar e ficou feliz por já estar escuro. Gostava da voz dele, sexy mas brincalhona, como se estivesse dizendo aquilo e fazendo uma piada sobre

alguém que diria aquilo ao mesmo tempo.

June olhou de relance para Delia, que olhava de um para o outro e fez que sim com a cabeça, de maneira quase imperceptível. *Ele*. Alguns minutos depois, quando os garotos convidaram as duas para sentar, Delia deu um jeito para que June e o Camiseta Listrada ficassem um ao lado do outro. E então, um minuto depois, Delia caminhou na direção da água.

– Ei! – ela gritou. – Venham atrás se tiverem coragem.

Todos ficaram olhando enquanto ela tirava a roupa, ficando apenas de calcinha e sutiã, e depois subia nas pedras mais altas e se atirava no reservatório.

– É melhor a gente ir ver se ela morreu – disse o Sem Camisa, mesmo que pudessem ouvi-la brincando na água e gritando para que entrassem também.

O Sem Camisa levantou, assim como os dois de preto. O Camiseta Listrada ficou para trás.

– Na próxima vez que você beber água da torneira na sua casa – disse o Sem Camisa –, lembra que meu pau esteve nela.

Ele pulou da borda, e os outros também.

June e o Camiseta Listrada ficaram sozinhos, exatamente como Delia planejava. Ele se inclinou para a frente, colocando os cotovelos sobre os joelhos. Ela conseguiu ver a tatuagem dele outra vez. Estava coberta com filme plástico. Pela maneira como o Camiseta Listrada estava inclinado, era como se quisesse que ela visse. Ele esfregou a região do pulso.

– Fiz há poucos dias – disse. – Ainda está coçando.

– Significa algo?

– Sim – ele respondeu.

June ficou sem saber se deveria fazer mais perguntas ou não. Pegou um graveto bem fino e colocou uma das pontas no fogo. Desejou muito, muito, que Delia ainda estivesse ao lado dela, em vez de na água. Seu coração estava acelerado. Sentia-se pequena e assustada, mas sabia o que tinha que fazer. Era agora ou nunca. Fechou os olhos, imaginando que Delia aprovava. *Ele*. Ela o tinha dado para June, e se o Camiseta Listrada realmente era ou não dela para dar para alguém não importava. Delia dissera que estava tudo bem. Então estava.

June respirou fundo, então virou para o Camiseta Listrada e agarrou a gola da camiseta. Em um movimento rápido ela o puxou em sua direção, até que seus lábios estavam se tocando.

Por um segundo aterrador, ele simplesmente ficou ali parado, com os lábios frouxos. A boca dele era fria e tinha gosto de cerveja. Ela pensou nos peixes no fundo do reservatório, que às vezes mordiscavam seus dedos do pé quando ia nadar. Provavelmente a sensação de beijar um deles seria a mesma. Mas meio segundo depois o Camiseta Listrada começou a beijá-la também, então colocou a língua sobre os lábios dela. Ela abriu a boca e deixou-a entrar.

É meu primeiro beijo, ela pensou. Estou dando meu primeiro beijo agora.

Mas não pareceu uma coisa sofisticada, legal ou mesmo gostosa. Era estranho e, para falar a verdade, meio nojento. Mas June já estava fazendo, então continuou. De repente, deu-se conta de algo. Agora e para o resto de sua vida, não importava quantos beijos desse, não importava em quem ou o que significassem, aquele viera antes de todos, ali no escuro, com um cara cujo nome ela nem sabia.

O Camiseta Listrada estendeu a mão e a colocou em um dos seios dela. Parecia pequena, de uma forma assustadora, como a de uma criança. June pensou que queria que ele parasse, queria desfazer aquilo. Mas não tinha certeza de que atitudede tomar.

Um instante mais tarde, Delia e os garotos estavam de volta, escalando as rochas, molhados e tremendo. June e o Camiseta Listrada se separaram quando eles chegaram perto.

O Sem Camisa disse:

– Opa, peraí – e começou a se afastar.

Mas Delia ficou parada ali, torcendo o cabelo. Olhava fixamente para June, que achou que ia chorar.

– Vem cá, De – um dos garotos disse. – Acho que nosso amigo e sua amiga imaginária querem um pouco de privacidade.

– Oi, Delia – disse June.

Ela tentou parecer casual, mas esperava que a amiga de algum modo percebesse tudo o que não estava dizendo. Percebesse o que estava errado. E consertasse.

Delia levou o mindinho até a boca e passou-o de um lado para o outro do lábio. Estava olhando diretamente para June.

June levantou a mão e coçou a orelha. Era um código.

Um segundo depois, Delia olhou de relance para o telefone, então olhou para

cima de novo, com uma expressão estranha no rosto.

– Ah, merda – ela disse. – Temos que ir para casa agora. Foi mal, June, mas minha mãe vai me matar se a gente chegar tarde.

Delia fez uma representação muito boa de alguém que precisava ir, embora June soubesse que estava inventando tudo aquilo.

– Que droga – disse o Sem Camisa.

– Pais, cara – disse um dos outros.

June levantou com dificuldade.

– Vejo você aqui outro dia? – o Camiseta Listrada perguntou a June.

Ela assentiu, mas sem nenhuma convicção, sem sequer olhar para ele.

Elas se afastaram em silêncio. Delia segurou a mão de June durante todo o trajeto de volta. Nunca mais tocaram no assunto.

6

Quando chego em casa, o apartamento está escuro, mas posso ouvir a tv alta no quarto da minha mãe. Já passa das nove e ela não está trabalhando esta noite, o que significa que está bêbada. O que se pode dizer quanto a isso? Há muito tempo eu me acostumei com como as coisas são. De maneira geral, tento não pensar nisso. Mas, enquanto subo as escadas estreitas, por uma fração de segundo me permito imaginar como seria se pudesse bater na porta do quarto dela e contar o que aconteceu. Imagino ela me abraçando como a mãe do Ryan fez. Imagino que ela diz que tudo vai ficar bem. Sinto alguma coisa, talvez saudade. Afasto tudo balançando a cabeça. Minha mãe não faria isso. E, mesmo se fizesse, eu não acreditaria que estaria sendo sincera.

Entro no meu quarto, ajoelho e começo a tirar coisas das gavetas. Sinto calma, um tipo estranho e remoto de calma, como se não estivesse aqui.

Quando disse ao Ryan que vinha para casa, ele tentou me convencer a passar a noite lá.

– Meus pais não vão se importar. Com tudo o que aconteceu...

A voz dele era doce, e, muito embora eu mal conseguisse sentir qualquer coisa, sabia que em um momento diferente, se tudo aquilo não tivesse acontecido, ficaria feliz por estar me convidando. Uma parte de mim desejava muito que eu pudesse sentar no sofá da sala, onde tudo dava a sensação de segurança, calor e conforto, e fazer a lição de casa diante daquela tv enorme. O pai dele chegaria, faria trocadilhos sem graça e colocaria no jornal. Então Marissa faria pipoca com aquela manteiga em spray esquisita que ela adora, todos ficaríamos juntos e eu fingiria que nada tinha acontecido.

– Acho que preciso ficar sozinha por um tempo – eu disse, e Ryan pareceu entender, ou pelo menos pensar que entendia.

Ele me levou até o meu carro e ficou lá parado, olhando enquanto eu me afastava. *Sozinha*. Eu me senti estranha por mentir para ele. Mas que escolha eu tinha?

No quarto, eu tiro a roupa. Pego uma meia-calça de lã preta, visto e ponho o jeans por cima. Calço minhas botas de couro cinza-escuro. Estou me esforçando

muito para não pensar em nada, não pensar em aonde estou indo e por quê.

Remexo as gavetas até encontrar o que estou procurando. O suéter – macio, verde-escuro, com delicados toques dourados. Era de Delia. Eu não o uso há um ano. Ela deu para mim quando as coisas ainda estavam boas entre a gente. “Faz eu parecer doente”, Delia tinha dito, jogando-o em mim. “Me ajuda.” Delia sempre fazia coisas assim, generosas, então agia como se fosse nada. Como se você estivesse fazendo um favor a ela por aceitar qualquer coisa que lhe desse.

É, de longe, o suéter mais legal que eu tenho. Eu o visto e coloco a jaqueta sobre ele, além de um cachecol preto tão grande quanto um cobertor, porque é janeiro e sei que vai estar frio no reservatório.

Eu estaciono em uma pequena área aberta ao lado da estrada e saio. Faz anos desde a última vez em que estive aqui, mas ainda sei o caminho de cor. Há um carro na frente do buraco no portão que leva ao reservatório, e balanço a cabeça em desaprovação. Eles deveriam estacionar longe daqui. Isso é invasão. Ninguém pode saber que tem alguém aqui.

Passo espremida pelo buraco na cerca e desço a estreita trilha de terra. Meu estômago revira repetidamente. Ouço murmúrios baixos. À medida que me aproximo, eles se tornam palavras.

– Não dá para fazer uma fogueira, cara – diz um garoto. – Está muito vento!

– Sai fora – diz outro garoto. – Fui escoteiro. Sei os truques.

– Ah, é? – Os outros riem. – Eles dão um distintivo para quem sabe enrolar um *beck*?

Consigo vê-los agora, um pequeno grupo reunido num círculo em torno da fogueira apagada. Alguém está curvado, acendendo um isqueiro sobre uma pilha de galhos. Eles queimam devagar, as fitas finas de fumaça ondulando para cima.

Meus olhos começam a se ajustar. À luz da enorme lua, consigo perceber jaquetas, chapéus e luvas, e a respiração saindo em forma de vapor no ar gelado.

Eu me aproximo por trás deles, o coração batendo rápido. Não pertenço a este lugar, aqui, entre seus amigos.

– Oi – digo. Algumas pessoas viram.

Abro caminho para entrar no círculo ao lado de um cara musculoso e de uma garota alta com cabelo curto e escuro e lábios tão vermelhos que consigo vê-los sob o luar.

Alguém aparece com uma garrafa de vodca barata.

– À Delia – diz um dos caras. – A garota bebia pra caralho.

– À Delia – repetem os outros.

Despejam um pouco do conteúdo da garrafa no chão. Sinto uma onda profunda de tristeza – é isso, esta é a despedida dela, algumas pessoas reunidas em uma noite fria de janeiro, derramando bebida barata sobre a terra congelada. Eles passam a garrafa, dando longos goles do que sobrou. Quem eram eles para Delia? Quão bem a conheciam? Quanto se importavam?

Quando a garrafa chega em mim, eu a seguro longe do rosto para não ter que sentir o cheiro. Não sei como começar, mas sei que essa pode ser minha única chance para ter respostas e que preciso começar por algum lugar.

– Ela estava com algum tipo de problema?

Minha voz soa estranha e oca.

Um cara vira para mim.

– Do que você está falando?

– Delia estava metida em alguma encrenca? – pergunto.

– Quem é você?

– Uma amiga – respondo, sentindo-me uma mentirosa. – Meu nome é June.

Silêncio.

– Delia não estava *metida* em encrenca – diz o cara. – Ela *era* a encrenca.

Ele parece satisfeito consigo mesmo, como se pensasse que tinha sido uma frase muito inteligente. Eu o odeio, seja lá quem ele for.

Alguém dá uma risada. Eu continuo:

– Mas alguma coisa devia estar muito errada. Para ela...

– Bom, é óbvio – diz outro cara. – Pessoas que estão bem não costumam se matar.

– Mas não que ela fosse dizer o que era.

– Se você realmente a conhecesse, saberia disso. – Alguém tira a garrafa das minhas mãos. – Delia não contava sobre a vida dela para ninguém.

Ela contava, quero gritar. Sempre me contava.

– Escutem – outra voz diz.

É uma garota delicada, com um sotaque ligeiramente sulista. Antes que ela possa dizer qualquer outra coisa, uma luz forte percorre as árvores, iluminando os rostos um a um. Portas de carro batem com força e o foco de duas lanternas

brilha na noite.

– Merda – alguém diz. – Polícia.

– O bagulho do Tig? – um dos caras pergunta.

Bagulho do Tig?

Ouve-se outra voz então, grave e baixa.

– Não está comigo, felizmente.

De repente, cada um dispara em uma direção diferente. A adrenalina corre nas minhas veias, mas eu me forço a ficar bem ali. Eis algo que eu sei que nenhum deles sabe e que a própria Delia nunca entendeu: se sair correndo, eles vão perseguir você; se ficar e lutar, pode perder. Por isso, às vezes, quando em perigo, a resposta é se curvar sobre você mesmo e esperar. Dou alguns passos silenciosos na direção do reservatório. Subo na grande pedra e me agacho.

É tão tranquilo, com todo o tumulto atrás de mim e o reflexo da lua na superfície plana da água.

Viro e olho para a estrada. As portas do carro de polícia estão abertas, deixando a luz escapar. Vejo a silhueta de um policial levantar uma garrafa no ar. Alguém foi idiota o bastante para levá-la consigo.

Eu fico ali por muito tempo, enquanto nomes são anotados e multas são entregues. Uma pessoa é colocada na viatura, e todos os outros vão embora em seu próprio carro ou de carona.

E então estou sozinha de novo. Com medo. Dessa vez, nem sei o porquê. Começo a voltar para a estrada. Tropeço em uma raiz e cambaleio para a frente, mas consigo me recompor a tempo. Meu coração está disparado. Não tenho certeza se por quase ter caído ou por alguma outra coisa. Continuo andando, em silêncio e com cuidado. Posso ouvir minha respiração, o vento e as batidas do meu coração.

Então, passos.

Mais alguém está aqui. Um foco de luz passa por perto.

Quero virar e correr, mas sei que, se fizer isso, serei ouvida. Eu me forço a respirar. Seja lá quem for, deve ter vindo para a homenagem a Delia. Ainda assim, coloco a mão no bolso e seguro minhas chaves de forma que as pontas escapam pelas laterais dos dedos. A luz passa perto outra vez e para em mim.

– Ei! – grita uma voz masculina em tom baixo. Os passos começam a ficar mais próximos. – Por favor – ele diz. – Espere.

Está perto. Coloca o telefone perto do rosto, que brilha. Queixo grande, boca fina, nariz pequeno. Sei quem ele é.

Eu o vi com Delia alguns meses atrás, no estacionamento da escola. Lembro-me de ficar olhando os dois, curiosa sobre esse cara que não fazia seu tipo. Ele lutava, não era alto, mas tinha os ombros largos e era robusto, como um buldogue. De alguma forma, parecia saudável. Delia tinha saltado por trás, abraçando seus ombros e prendendo suas pernas na cintura dele. O garoto correu pelo estacionamento, rápido como se ela não pesasse nada.

– Sou Jeremiah – ele diz. – Conheço você.

– A gente estuda na mesma escola – digo, porque às vezes, quando encontro pessoas da North Orchard em outros lugares, elas não me reconhecem.

Jeremiah balança a cabeça.

– Não de lá. De uma fotografia que ficava no quarto dela. Vocês duas estão de chapéu. Delia falava sobre você. Seu nome é June.

– Mas nós...

Sei exatamente de que fotografia ele está falando, porque tenho uma cópia. A minha está no fundo do guarda-roupa. Faz muito tempo que não olho para ela.

– Que pena que você chegou atrasado. Para a reunião de homenagem, quero dizer. Tinha um pessoal aqui antes. – Tento acalmar meu coração, que ainda está agitado. – Mas a polícia apareceu.

– Eu sei, estava aqui.

– Não vi você.

– Não vim aqui para beber com aquelas pessoas. – Ele faz uma pausa. – Vim atrás de respostas.

Alguma coisa aparece na voz dele e me atinge no meio do peito.

– Eu também – digo. – Estou tentando descobrir por que ela fez isso.

O vento assobia. Fecho o casaco.

– Ela não se matou, June.

Eu dou um passo para trás.

Jeremiah se inclina para a frente.

– Delia foi assassinada.

Um pulso de energia, branco e quente, atravessa meu corpo. Olho fixamente para o rosto dele, parcialmente iluminado pela enorme lua amarela.

– Do que você está falando?

– Ela sempre andava com as pessoas erradas. Não tinha medo de nada nem de ninguém. Mesmo quando talvez devesse ter. Delia nunca se mataria, e se parece que foi assim... – Ele faz uma pausa. – Então talvez seja porque alguém quis que parecesse.

Olho à minha volta, procurando algum ponto de apoio. Não encontro nada além de ar.

– Então tenho que descobrir quem – ele conclui. – Porque ninguém mais vai fazer isso.

– Se alguém... Quero dizer... Temos que ir à polícia.

– Eu já fui. Eles não me deram a menor bola. Fingiram me escutar por aproximadamente dois minutos, então me entregaram alguns folhetos sobre a dor da perda e o luto e me mandaram embora. – Jeremiah se inclina para a frente de novo. – Temos que descobrir isso sozinhos.

As palavras dele me atingem em cheio.

– Temos?

– Você é a única outra pessoa que se importa o bastante para fazer as perguntas certas.

Fico em silêncio. Não tenho a menor ideia do que pensar. Mal consigo respirar.

– Ela não teria feito isso consigo mesma, o que estão falando que ela fez – Jeremiah diz.

– Mas o que estão falando? Nem isso eu sei.

Ele fica em silêncio por muito tempo.

– Vem comigo – diz. – Tem uma coisa que preciso mostrar a você.

Sigo Jeremiah. *O que estou fazendo?*

Eu me sinto como se estivesse em um sonho. *Esse cara está louco de tristeza. É melhor eu ir embora agora*, penso. Mas sei que não vou fazer isso.

Destravo meu carro, entro e travo de novo.

Jeremiah pisca os faróis duas vezes e então sai lentamente. Saio também.

Vamos descendo pelas ruas estreitas e tortuosas. Subindo a Beacon, descendo a McKenna e entrando na Red Bridge, cheia de árvores. Estamos indo direto para a casa de Delia, mas, em vez de parar na frente, Jeremiah vira abruptamente para a direita, sobe uma pequena colina e para na área sem saída que dá para a floresta. Ele estaciona. Eu paro logo atrás.

Por um momento, fico sentada na escuridão silenciosa. A única fonte de luz é o círculo amarelo da varanda da casa de alguém. Fecho os olhos bem apertados. Pressiono a mão contra o peito. Não chego nem perto da casa de Delia há um ano. Costumava vir aqui quase todo dia. Era mais meu lar do que minha própria casa.

Abro a porta e saio. Jeremiah está me esperando. Quero que as lembranças fiquem longe. Não consigo lidar com elas agora.

– É ali na floresta – ele diz em voz baixa.

Mas meus joelhos travam e sou golpeada por outra onda de medo, consciente do quanto não quero ir até lá. O que ele pretende me mostrar? E se for algo que não vou aguentar ver?

Jeremiah liga a lanterna do telefone e o ergue. Sem dizer nada, ele pisa na grama entre as casas e desaparece entre as árvores.

Eu vou atrás. Em poucos minutos, estamos cercados pela escuridão. As folhas estalam embaixo de nossos pés. Estou respirando pesado. Para dentro, para fora, para dentro. E é aí que sinto o cheiro estranho que não consigo compreender. Fraco no início, mas, quando nos aproximamos mais das árvores, ele me acerta como um murro no rosto. Madeira, folhas e borracha queimadas, plástico derretido, gasolina. Cubro a boca e o nariz com o cachecol. Mas não adianta, o cheiro é muito forte.

– Que droga é essa? – questiono.

Estamos no limite do quintal de Delia agora. Jeremiah joga a luz do telefone sobre os restos de uma estrutura na grama. Não consigo distinguir o que é.

– Estão falando que ela foi assim – ele diz.

– Como ela...

Eu paro. De repente eu me lembro. Este é o lugar em que ficava o barracão do padraço de Delia. “Ele usa para beber e se masturbar”, Delia tinha me dito uma vez. Agora percebo que estou olhando para o que sobrou dele – metade de uma parede, uma armação de metal e uma pilha de coisas queimadas.

Jeremiah vira para mim.

– Estão falando que foi assim que Delia se matou. Colocando fogo em si mesma ali.

Eu engasgo. Sinto um gosto estranho na boca. Minhas pernas começam a tremer.

– Estão dizendo que ela se encharcou com fluido do isqueiro, depois jogou na lenha também e acendeu. *Bum!*

Posso sentir o calor subindo. As imagens passam rapidamente na minha cabeça: o fogo ao redor, Delia presa, assustada, gritando e pedindo socorro. É demais. Fecho os olhos.

E agora é real. Não consigo respirar. Delia, que era tão durona e corajosa, que dizia o que quisesse para qualquer um, que fazia qualquer coisa e ia a qualquer lugar, tinha medo de uma coisa. As lembranças voltam, inundando a minha mente. Penso nela se encolhendo e se afastando da fogueira na noite em que confessou tudo. Lembro uma vez que surtou com um cara que estava brincando com um isqueiro perto dela. Eu me lembro do seu olhar quando fui dormir em sua casa e ela me contou que às vezes tinha pesadelos horríveis com chamas. “Se eu tiver um quando você estiver aqui”, ela disse, apertando minhas mãos com força, “você tem que me prometer que vai me acordar.”

Delia só tinha medo de uma coisa. E era isso.

– Ela não fez isso – digo.

Naquele momento, sei que o que estou dizendo é verdade.

Jeremiah assente com a cabeça. Ele vira para mim no escuro.

– Então agora você entende. E eu preciso da sua ajuda.

...

Estamos ao lado do meu carro agora, Jeremiah e eu. Estou muito perto de perder o controle.

– Talvez a gente possa ir à polícia – digo. – Podemos contar para eles.

Estou desesperada, tentando me agarrar a qualquer coisa.

– A polícia já veio aqui. Não faz sentido ir até eles até que possamos dizer algo que ainda não sabem.

– Mas por onde a gente começaria? Eu não... Faz muito tempo que não convivo com ela, não sei nada sobre...

– Tenho uma ideia. – Jeremiah vira para o outro lado, levanta a mão enluvada e põe o dedo sobre a janela. – Fiz uma coisa algumas semanas atrás de que não me orgulho. – Ele desenha um círculo na condensação sobre o vidro. – Delia recebia muitos telefonemas quando estávamos juntos, mas nem sempre atendia. Acho que talvez eu ficasse com um pouco de ciúme. Sabe, ela nem sempre era a namorada mais fácil do mundo. – As palavras saem de sua boca mais depressa agora. – Em geral Delia levava o telefone consigo quando ia ao banheiro, mas, umas duas semanas atrás, ela esqueceu, acho. O telefone estava tocando a tarde toda. Então, não sei, eu realmente não queria, mas... eu atendi. O cara do outro lado da linha disse: “Não adianta tentar me evitar, eu conheço os seus amigos e os lugares por onde você anda. Vou encontrar você”. Ele parecia um doido pelo tom de voz. Eu perguntei quem ele era e o que queria, mas o cara desligou. Olhei o nome dele no telefone e era “Tigrão”. Quando Delia voltou do banheiro, eu não disse nada. Sabia que ela ia ficar brava comigo por bisbilhotar se eu perguntasse, e não queria isso. Sou um tremendo idiota. Deveria ter falado alguma coisa. Teria sido melhor que ela tivesse ficado brava do que... – Jeremiah faz uma pausa. Ele ainda está desenhando o círculo no vidro, então o apaga com o punho e levanta a cabeça. – Se precisamos de um ponto de partida, acho que é ele.

Não digo nada. Mas, de repente, percebo algo:

Tigrão. Tig.

Prendo a respiração inconscientemente.

O bagulho do Tig?

Não tá comigo, felizmente.

As peças se juntam, como pedacinhos de memória tomando forma.

– O que foi? – pergunta Jeremiah. Ele está me encarando, com a mandíbula

rígida e a cabeça levemente tombada para o lado.

Era sobre isso que eles estavam falando lá no reservatório.

Abro a boca para contar, mas um pensamento me impede. Posso confiar nele? Nesse cara com quem nunca falei antes, que passou a noite escondido no escuro, observando, que atendeu ao telefone de Delia e nunca contou a ela que fizera isso?

– Nada – digo.

Eu aperto os lábios. O que significa bagulho do Tig? É o tipo de coisa que caras como os do reservatório levam para uma noite de farra. É o tipo de coisa que uma pessoa ia querer esconder da polícia.

E, no momento em que compreendo isso, compreendo algo mais: quem é Tig...

8

Antes do sol nascer, eu já estava lá, sentada em meu carro no estacionamento da Bryson. Não dormi. Durante cinco horas dirigi, pensando em Delia. Foi como durante o recesso, só que dessa vez tive a companhia de imagens horríveis das quais não conseguia escapar. Sempre que piscava, via o barracão carbonizado desmoronando. Sempre que respirava, sentia aquele fedor. Liguei o rádio bem alto e me forcei a cantar junto. A gritar junto. Foi o que tive que fazer para não chorar.

Agora estou sentada, aninhada em meu casaco e cachecol, observando o céu mudar de escuro para cinza, e em seguida para um azul-claro frio. Às sete e vinte, saio e ando até a frente da escola, onde espero os alunos chegarem. Se este fosse um dia comum, eu estaria nervosa por saber o que estou prestes a fazer. Normalmente seria terrível ter que falar com tantas pessoas que não conheço, para pedir alguma coisa. Pelo jeito, existem coisas muito piores.

Finalmente, eles começam a aparecer – duas garotas altas com botas felpudas e casaco, um garoto baixinho com uma mochila grande nas costas, três caras enormes com jaqueta do time de futebol americano.

Eu não tenho certeza de quem estou procurando. Mal consegui vê-los ontem à noite. Mas o tipo de Delia nunca é difícil de localizar.

Aparece uma menina toda de preto com cabelo escuro e curto. Eu me aproximo dela.

– Você conhecia Delia Cole? – pergunto.

– Quem?

A menina inclina a cabeça para o lado, confusa. Sorri ligeiramente. Pergunto outra vez. Ela faz que não.

Falo com um garoto com um skate, com duas meninas enroladas em um único cachecol enorme, com um menino de moicano e com mais uma dúzia de pessoas. Todos dizem “não”, mas isso não importa, porque há alguém que a conhece em algum lugar aqui, e não vou desistir até encontrar.

Três garotos estão andando na minha direção. Dois são altos e magricelos, um é mais baixo e atarracado. Estão vestidos de preto, verde e cinza. Sinto um frio

na barriga.

Dou a volta e me coloco atrás deles. Os garotos não me notam. Estão conversando. Eu escuto.

– ...ter que ir ao tribunal – diz um deles.

– Nem acredito que você está aqui hoje.

– Minha mãe pagou minha fiança às duas da manhã. Aí apareceu no meu quarto às seis e me mandou levantar para vir para escola.

– Osso.

– É. – O primeiro garoto grunhe. – Obrigado pelo apoio.

– Bom, foi você quem deu a vodca para eles. O que achou que iam fazer? Um drinque?

Eram os caras da noite passada.

Aumento o passo e fico ao lado deles.

– Oi!

Eles viram para mim. Um deles abre um sorriso leve e me olha rapidamente de cima a baixo, como os garotos costumam fazer. Sinto o cabelo esvoaçando. Nunca pensei muita coisa sobre a minha aparência – altura média, curvilínea, olhos e nariz comuns, cabelo loiro-escuro até abaixo do queixo.

Delia sempre insistiu que eu era mais atraente do que percebia. “Todo mundo que te olha vê alguma coisa que você não vê”, ela costumava me dizer. Mas era o tipo de pessoa que diria isso de qualquer maneira – na verdade, que *pensaria* isso de qualquer maneira, por amor. Pela maneira como olham para mim, talvez os garotos estejam vendo alguma coisa agora. Eles parecem contentes por eu estar ali, até que digo:

– Vocês são amigos de Delia.

Então, a expressão no rosto deles muda.

Os garotos começam a andar um pouco mais rápido. Talvez se lembrem de que era eu quem estava fazendo todas aquelas perguntas que ninguém queria responder. Acompanho o passo deles.

– Vi vocês ontem à noite – digo.

– E daí? – diz o mais alto deles. Ele para e olha direto para mim.

Tem o cabelo escuro preso em um coque samurai, rosto liso, queixo forte e lábios cheios. De perto, sinto o cheiro azedo do álcool. Eu me lembro deles no reservatório, bebendo, rindo.

– Tigrão? – eu pergunto, caso seja um deles.

Eles ficam todos em silêncio por um momento.

– O que é isso? – o Coque Samurai pergunta.

Eu faço uma pausa.

– Estou procurando o Tigrão.

– Do desenho? – Coque Samurai pergunta lentamente.

– Dá uma olhada perto da casa do Ursinho Pooh – diz um dos outros, rindo com malícia. Ele tem uma aparência desleixada e está com o cachecol puxado sobre o rosto meio sujo.

Aperto os dentes e me forço a retribuir o sorriso.

– Estou procurando uma pessoa – digo. – Pensei que vocês o conhecessem.

Sujinho e Coque Samurai se entreolham.

– Acho que não – diz Sujinho. Mas ele está mentindo. Seu tom de voz é grave e baixo. Eu o reconheço. Foi ele quem disse que Delia era encrenca.

Sinto as palmas das mãos começarem a suar. Tenho uma ideia.

– Preciso do contato dele – digo. – Era sempre Delia quem falava com o cara, para nós duas. Não sei mais aonde ir agora. Preciso de... – faço uma pausa – ajuda.

Eles me encaram, cautelosos.

Coloco a mão no bolso. Tem uma nota de vinte que guardo para emergências. Eu a retiro e empurro para a frente de maneira desajeitada.

– Pelo seu incômodo – digo.

Coque Samurai e Sujinho se entreolham de novo, então percebo que foi uma jogada errada. Agora eles vão ser ainda mais cautelosos.

– Desculpa não poder ajudar – diz o Sujinho. – Até mais.

Sujinho e Coque Samurai viram e começam a andar na direção da escola. O mais baixo dos três hesita. Ele tem ombros mais largos e seu rosto parece mais jovem, mais delicado. Talvez perceba pela minha voz que estou desesperada. Talvez realmente precise do dinheiro. Olha para os amigos, que notaram que ele não está com eles e estão parados observando a alguns metros de distância. Então estende a mão e pega o dinheiro.

– Escuta – o garoto diz baixinho, enfiando a mão na mala de lona e tirando um lápis mastigado e um caderninho verde. Há um pequeno adesivo na capa, de uma garota fofinha com um guarda-chuva. Ele abre o caderno e começa a escrever. –

Vai ter uma festa hoje à noite na casa dele. Se estiver precisando de algo, pode conseguir lá. – O garoto me olha fixamente. – Mas é melhor não mencionar Delia.

Eu me forço a respirar lentamente, tentando evitar que minha voz saia trêmula.

– Por que isso?

– Nem sempre eles se davam bem.

– Ah – eu digo. – Delia nunca falou...

O garoto dá de ombros.

– Não sei qual é o lance. Acho que ela roubou alguma coisa dele, pouco tempo atrás. Se você mencionar o nome dela, o cara pode aumentar o preço. Ele é esse tipo de idiota.

– Valeu pela dica.

– Não conte que eu falei isso. Nem sobre a festa.

– Pode deixar – eu digo. – Nem mesmo sei seu nome.

Ele morde o lábio enquanto me passa o pedaço de papel dobrado. No pulso, tem algo que eu já vi antes, algo que me leva a uma noite com Delia há muito tempo – um símbolo do infinito desenhado em preto. Eu me lembro de quando aquela tatuagem era recente e eu a vi pela primeira vez ao lado de uma fogueira. Lembro como estava assustada, de um jeito muito diferente de agora. Um calor se espalha em meu rosto. Quando levanto os olhos, ele está me encarando.

– Não – diz Infinito. Ele olha diretamente nos meus olhos e sorri. Será que se lembra de mim? – Você não sabe.

Abro o papel. Tem um endereço: Pinegrove Industrial Park, prédio sete. E minha nota de vinte dentro.

Levanto os olhos. Ele está me encarando.

– Fica em Macktin, perto da água.

– Obrigada – digo.

Infinito dá de ombros.

– Boa sorte. – Ele vai embora, então vira para mim. – Tome cuidado. Ele... nem sempre é um cara agradável.

– Eu dou conta – digo, levantando os ombros para aparentar mais confiança do que realmente sinto.

Ele meio que acena antes de voltar para os amigos. Começo a longa e gelada jornada de volta para o carro.

Em que Delia estava metida?

Dois anos, quatro meses e dezessete dias antes

Delia e June estão deitadas de costas sobre a grama, os dedos de uma entrelaçados nos da outra, olhando fixamente para o céu.

– Imagina flutuar lá para cima – disse Delia. O tom de voz dela era sonhador e melancólico, o que só acontecia quando estava chapada, o que de fato estava. – Se um dia eu tivesse a oportunidade de ir para o espaço – ela continuou –, definitivamente iria.

June riu. Fechou os olhos. Não queria sequer olhar para o céu.

– Sério. Iria num segundo. Tudo aqui embaixo é sem sentido...

June não estava chapada. Ela estava sóbria como sempre. Odiava a ideia de tanto vazio, acima delas, ao redor delas, em todo lugar.

– Nada ruim aconteceu lá fora ainda – Delia concluiu. – É tudo novinho em folha. – Ela inspirou profundamente, como se estivesse sugando o céu. – Se eu for, você vai comigo.

Sem sequer querer, June também inspirou fundo. Ela sentiu os sentimentos de Delia entrando em seu corpo com a respiração.

Quando June abriu os olhos de novo, viu somente escuridão macia e possibilidades infinitas. Era lindo.

É noite outra vez e estou sozinha, dirigindo pelas ruas empoeiradas de Macktin, onde nunca estive antes. É um lugar estranho e desabitado, cheio de prédios industriais, a maioria dos quais parece deserta.

Entro no estacionamento. O prédio à frente, de tijolos vermelhos, é grande e parece uma prisão. O medo que venho tentando bloquear começa a borbulhar novamente. Talvez este não seja o lugar certo. Talvez Infinito estivesse tirando uma com a minha cara. Sei cuidar de mim mesma, mas não sou idiota. Devia ter pedido para Ryan vir também. Ou pelo menos contado aonde eu estava indo.

Só que eu não podia fazer isso, não podia mesmo. Saio do carro e lembro que contar para ele não teria feito sentido, só o deixaria preocupado. Hoje, no começo da tarde, mencionei a ideia de que alguém poderia ter feito algo a Delia. Ryan fez que não com a cabeça, franzindo a testa. “A coisa toda é muito, muito triste, mas isso não significa que haja um mistério envolvido”, disse ele. Ryan colocou a mão em meu rosto delicadamente e falou como se eu fosse alguém que exigisse cuidados. Ele nunca tinha usado aquele tom comigo antes, e fez com que eu me sentisse constrangida. Para ele, sou durona. Ryan gosta disso. Eu também. “Ela era uma garota tão errada quanto as coisas que fazia. Antes de qualquer outra coisa, foi por isso que você deixou de ser amiga dela. Você mesma disse isso.”

Ele estava certo. Eu *tinha* dito aquilo. Talvez meio que pensasse aquilo na época. Mas não era toda a verdade.

Não falei mais nada. É até melhor eu estar sozinha, pela mesma razão que me faz pensar se não é burrice: eu não intimido ninguém. Não sou uma ameaça. As pessoas às vezes me contam coisas sem ter essa intenção.

Talvez alguém faça isso hoje à noite.

Estou na frente da porta agora. Um tijolo a segura aberta. Eu entro.

Lâmpadas marcam o caminho por um corredor comprido. No fim, há um pedaço de papel com a seguinte mensagem: CAOS, POR AQUI em cima de uma seta cor-de-rosa brilhante apontando para cima. Subo e subo até que, com as coxas queimando, finalmente chego ao último andar. Há outra porta lá. Sinto o coração

bater nas orelhas, nas têmporas e na garganta.

Abro a porta e dou de cara com um enorme salão.

É assustadoramente lindo. Nunca estive em um lugar assim.

Há somente algumas pessoas aqui, mas o lugar poderia receber centenas. Dúzias de minúsculas lâmpadas estão penduradas no teto e centenas de velas grossas e brancas estão agrupadas no chão de concreto. A música é uma batida alta e etérea que faz meu peito chacoalhar. O ar cheira a gesso e cera.

Em um dos cantos do salão há uma cozinha moderna, cheia de laqueados e cromados. As pessoas se servem das fileiras de garrafas de bebida na ilha.

Começo a andar na direção delas, mas sinto uma mão segurando forte meu ombro. Eu viro e vejo um homem de terno. Tem a cabeça grande e arredondada e os dentes da frente espaçados.

– Qual é a senha? – ele pergunta com um rosnado.

Senha?

– Eu... – Penso rápido. – Minhas amigas já chegaram. – Aponto o queixo na direção de duas meninas que estão passando. Elas são alguns anos mais velhas do que eu e estão de vestido curto com transparência e sapatos de salto alto. Ainda estou de jeans e com o suéter da Delia. – Acho que se esqueceram de...

O sujeito balança a cabeça.

– Ninguém entra sem senha. Vou ter que pedir para você ir embora.

Mas não posso ir. A ideia de alguém me obrigar a sair me enche de coragem. “Você é a coisinha mais doce do mundo”, Delia disse certa vez, “até que alguém diga que não pode fazer algo.”

Limpo a garganta.

– Cuidado com o que diz. Tig está me esperando, e se você não me deixar entrar vai...

O sujeito coloca as mãos nos quadris e endurece o queixo. E então começa a rir alto, como se aquela fosse a piada mais engraçada que já ouviu na vida.

– Só estou brincando. – Ele me olha fixamente. Suas pupilas estão enormes. – É o terno, né? Faz todo mundo pensar que eu é que mando aqui. – Ele pisca e vai embora. – Bom divertimento!

Sinto o alívio me inundar, porque estou dentro. Em seguida, sou atingida por um pavor gelado, porque estou *dentro*. Aperto os dentes com força. É hora de fazer isso.

Sigo em frente. Sou a mais nova aqui, ainda que por pouco. Todo mundo parece estar usando algum tipo de fantasia – meias arrastão coloridas nos braços, cartolas, smokings, vestidos brilhantes e minúsculos. Delia teria amado este lugar. Na verdade, talvez ela o conhecesse.

Estou perto da cozinha agora. As pessoas colocam uma bebida clara em copinhos coloridos e os levam aos lábios.

Olho o resto do salão. Há enormes esculturas brancas em toda parte, cabeças de três metros de altura, uma dançarina sem braços, dois corpos entrelaçados. No fundo fica uma parede inteira de janelas, que dão para prédios escuros e para uma lua branca e fria que parece esculpida também.

– Para mim? – diz uma voz feminina.

Eu me viro. Há duas garotas em pé ao meu lado: uma alta e magra com uma gargantilha de brilhante enorme e outra mais baixa, com delineador verde. Gargantilha segura um saquinho plástico, do qual tira dois comprimidos e entrega um para Delineador Verde, que ergue as sobrancelhas perfeitas.

– É – diz Gargantilha. – É o melhor que ele tem.

As duas colocam o comprimido na ponta da língua e o engolem a seco.

Olho para o saco vazio, como se eu quisesse o que estava nele.

– Oi, vocês sabem onde posso encontrar o Tig?

Delineador Verde olha para mim e então aponta para uma porta nos fundos do salão.

– Onde mais ele estaria?

Me forço a inspirar e expirar lentamente. Atravesso o salão. Eu passo por um casal, balançando bem devagar ao ritmo da música. Passo por três garotas rindo.

É aqui.

Olho para dentro. A porta leva a outro salão, muito menor. No centro há uma enorme e antiquada cama feita de madeira escura, coberta com um edredom. No centro dela está um cara sentado de pernas cruzadas com as mangas da camisa dobradas até os cotovelos.

Tig.

Uma garota de cabelo comprido e platinado está sentada no colo dele. Ela se inclina para a frente e encosta os lábios nos seus. Dou um passo para trás. Tig levanta a cabeça e se afasta do beijo.

– Entra. – Sua voz é aguda e ele parece esbaforido. Ele me chama com o dedo.

Sigo em frente.

O rosto de Tig é magro, iluminado por baixo pela pequena luminária de vitral sobre a mesinha de cabeceira. Tem a cabeça raspada e a cara lisa. Poderia ter qualquer idade.

Ele se recosta, acariciando as costas da garota como se ela fosse um gato. A camisa está parcialmente desabotoada. As bordas de uma tatuagem sinuosa aparecem na clavícula.

– Pois não, princesa?

– Preciso de algo – digo, com minha língua no céu da boca. O medo faz meu estômago se remexer.

Tig inclina a cabeça para o lado.

– O que você está procurando?

– Algo... divertido – digo.

Ele estreita os olhos e torce a boca.

– Não conheço você. Veio com quem?

– Ninguém.

Tig lambe os lábios e sorri, mas seus olhos continuam iguais.

– Então que porra você está fazendo na minha casa?

Outra onda de medo me atinge, mas sustento o olhar.

– Estou aqui porque...

Porque quero saber se você matou minha amiga.

– Porque fiquei sabendo que tinha uma festa.

– Ficou sabendo porra nenhuma. – Ele balança a cabeça. – Me conta logo ou vaza daqui.

Uma carga de eletricidade percorre minha espinha. Penso em Infinito e na minha promessa, na minha amiga morta e em como ninguém mais pode feri-la. Penso no fato de que alguém a matou. Então fecho os punhos.

– Delia me mandou.

Tig levanta uma sobrancelha muito de leve.

– Ah, uma mensagem do além, então. – Ele sussurra algo para a garota que está em seu colo. Ela sai da cama, alisa a minúscula saia branca e vai para a porta. O sorriso dele desaparece gradualmente. – Pode me poupar das suas mentiras. O que você quer?

Talvez o fantasma de Delia esteja realmente aqui, porque ela não teria medo

desse cara nem por um segundo, e de repente tampouco eu tenho.

– Quero saber o que ela roubou de você – digo. Mas, na verdade, quero apenas fazê-lo falar.

– Quer dizer que ela falou sobre isso, é?

Ele aperta a mandíbula.

– Ela me contou muitas coisas.

– Bom, então você sabe muito mais do que eu.

Alguma coisa no ambiente muda.

– O que ela pegou de você? E o que você fez para tentar recuperar isso?

– Ora, ora – Tig diz. – Você está aqui para vingar sua pobre amiga morta? – Ele faz um biquinho. – Que meigo.

Alguma coisa dentro de mim explode. Abro a boca e não consigo parar.

– Eu sei onde você mora e o que você faz. Se aprontou alguma para Delia...

– Você está me ameaçando? – Os olhos dele não parecem certos disso. Percebo então que está chapado com uma variedade de coisas, provavelmente. – Seria uma grande besteira.

Quero virar e correr. Solto o ar pelo nariz e não me mexo.

– Não estou ameaçando – digo. – Estou apresentando alguns fatos.

– Bom, então vou apresentar alguns fatos também. Você não devia se meter no que não lhe diz respeito. Mas você tem coragem, e eu gosto disso em uma garota. – Ele faz uma pausa. – Então vou fazer um favor a você e contar uma coisinha sobre sua amiga. Ela estava metida em uma coisa muito fodida, da qual nem eu queria fazer parte, e isso significa muito. Mas não *fiz* nada contra ela, se é isso que você quer saber. Ela só me disse que precisava de proteção.

– De quem Delia precisava se proteger?

Tig dá de ombros e seus lábios se abrem num sorriso lento.

– Com base no que aconteceu, eu diria que dela mesma.

Tig levanta da cama, revelando-se alto e musculoso. Ele abre a gaveta da mesinha de cabeceira e tira um pequeno frasco de comprimidos de lá. Anda na minha direção, caindo, levantando e caindo de novo. Dou um passo para trás. Tig agarra o meu pulso. Sua mão é forte e quente demais. Ele põe algo na minha mão e então me solta.

– O que é isso?

Estou segurando um pequeno comprimido branco.

– Uma lembrancinha – ele diz. – Agora está na hora de ir embora dessa festa.

Ele fica em pé parado, com as mãos nos quadris estreitos. Percebo que não há o que eu possa fazer. Tig não vai me contar mais nada.

Com o corpo ainda agitado, volto para o salão principal. Alguém está me observando – uma garota com cabelo escuro e curto. Por um segundo, penso que parece conhecida. Ela acena.

– Agora vá – Tig diz. Ele está em pé atrás de mim. – Não vou pedir tão educadamente da próxima vez.

Jogo o comprimido no chão de concreto e o esmago sob a sola da bota. Estou furiosa, irritadiça e muito assustada. Não consigo entender o que acabou de acontecer. Não sei no que pensar ou em que acreditar.

Paro à porta e olho para a festa uma última vez. A música está diferente agora. As pessoas dançam com os braços no ar. Uma menina em um minúsculo vestido dourado se agacha onde deixei o comprimido, tentando aproveitar o pó.

Começo a descer os degraus, dois de cada vez. A multidão subindo aumenta à medida que me aproximo do térreo. Meus olhos estão começando a embaçar, e os rostos se misturam. Lá em cima, alguém aumenta o volume da música.

Vim aqui procurando respostas, mas agora estou cheia de perguntas. Só há uma coisa que eu sei: se Delia achava que precisava de proteção, isso significa que não foi uma surpresa.

Significa que, seja lá o que tenha acontecido, ela sabia que ia acontecer.

Cinco anos, três meses e oito dias antes

Mais tarde, Delia explicaria a June que um melhor amigo era como o amor verdadeiro: quando encontra o seu, você simplesmente sabe. Mas, na terceira semana do sexto ano, quando a aluna nova, Delia, que parecia ser muito descolada, convidara June para dormir em sua casa, ela ficou surpresa, feliz e nervosa ao mesmo tempo. Imaginou se Delia não teria se enganado, pensando que June era alguma outra pessoa quando a convidara. Mas talvez Delia apenas não tivera a oportunidade de fazer amigos mais populares.

June estava desesperadamente solitária. Passava seus fins de semana sozinha, lendo e arrumando a bagunça de sua mãe. Tinha gostado da aluna nova, com seus brincos turquesa e seu sorriso enorme. Adorava que estivesse cagando e andando para absolutamente tudo. Então, apesar de June nunca ter dormido na casa de uma colega e da ideia deixá-la nervosa, ela concordou.

Na noite marcada, o padrasto de Delia ia trabalhar até tarde. A mãe deixou que pedissem pizza e coca e comessem no quarto.

– Meu padrasto é diabético – disse Delia, tomando a coca. – Então a gente só tem refrigerante zero aqui, que é *um veneno*. Minha própria mãe está tentando me envenenar.

Delia não sentou enquanto comiam. Ela ficou andando pelo quarto, apontando para as coisas como uma guia turística em um museu – uma pintura minúscula de uma cena de inverno que Delia tinha encontrado em um brechó, um frasco de comprimidos com o nome de sua mãe (no qual Delia guardava balas de hortelã), uma haste de cereja em que ela havia dado um nó usando somente a língua (fora a única vez em que ela tivera sucesso ao fazer aquilo, então guardara a prova). June nunca tinha visto um quarto como aquele, cheio de coisas interessantes. Era como se Delia esperasse ser visitada por amigos para lhes mostrar as coisas.

Pouco depois das dez, o padrasto da menina chegou e começou a gritar com a mãe no quarto deles. A porta estava fechada, mas mesmo assim elas podiam ouvir as coisas que ele berrava de maneira descontrolada e enlouquecida. Foi

então que Delia disse que era hora de escapar.

Ela saiu pela janela e pulou na grama. June estava assustada, mas foi atrás. Elas deram a volta no quarteirão algumas vezes. Deixaram dentes-de-leão nas caixas de correio das pessoas. Espiaram através da janela do vizinho fofo de Delia, que era um pouco mais velho. Viram-no tirando a roupa, mas quando chegou na cueca ele fechou as cortinas.

– Droga! – disse Delia. E então sorriu. – Tenho uma ideia.

Mesmo naquele momento, June não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Delia colocou as mãos para trás e abriu o sutiã, então colocou os braços para dentro, retorceu-se e de repente estava com ele nas mãos. June olhou para o sutiã sob a luz que vinha das janelas das casas. Era preto e tinha bojo. Um sutiã de verdade, porque Delia tinha peitos de verdade. Ela ensinou a outra a fazer o mesmo. June ficou constrangida, porque o dela mal era um sutiã. Mais parecia uma blusinha. Mas Delia não pareceu notar ou se importar.

– E agora? – perguntou June, sem fôlego e alegre.

– Agora a gente marca nosso território – disse Delia. Ela segurou a mão da amiga e as duas passaram agachadas pela frente da casa, então abriram a caixa de correio vermelha da família do garoto e jogaram os sutiãs lá dentro.

– Pronto – disse Delia. – Agora temos um segredo.

June assentiu, como se compreendesse. Mas não compreendia, até que Delia explicou:

– Ter segredos une as pessoas e as torna amigas de verdade – ela disse.

June se sentiu alegre diante da ideia de que Delia *queria* estar unida a ela.

As duas voltaram escondidas para a varanda de Delia. Embora não pegasse bem, June contou a Delia que aquela provavelmente fora a primeira coisa que ela havia feito e que não deveria fazer. Talvez em toda a sua vida. Delia apenas sorriu.

– Acho que você precisa andar mais comigo – ela disse. – Vamos mudar isso.

Elas subiram as escadas nas pontas dos pés, e Delia trancou a porta do quarto depois que entraram, com certo estardalhaço. Ela se inclinou para a frente e abaixou o tom de voz até um sussurro:

– Meu padrasto é um babaca. Sempre deixo a porta trancada, por precaução.

June sentiu um vazio na barriga.

– Por quê?

– Caso ele tente algo.

– Ele já tentou?

Delia deu de ombros e fez que não com a cabeça.

– Mas se tentar... – Ela abriu uma gaveta e tirou um canivete fechado. – Estou pronta para ele. – June abriu a boca em um pequeno O, chocada. Então Delia pressionou o botão prateado na base e um pente de plástico saltou. Antes que June tivesse tempo de ficar plenamente constrangida, Delia começou a rir. A risada dela era espontânea e alegre. Ela não estava rindo de June, e sim convidando a amiga a se juntar à brincadeira.

– Você precisava ter visto sua cara – disse Delia. Ela balançou a cabeça. – Ficou tão chocada, foi incrível. – Ela colocou o braço no ombro de June. – Mas meu padrasto é mesmo um merda. Minha família, de maneira geral, é péssima, para falar a verdade. E a sua?

– Só tenho minha mãe – disse June. – Ela é bem idiota também.

E então, por algum motivo – talvez porque June tinha gostado do som do riso de Delia ou porque não conseguia sequer se lembrar de um momento em que havia sido honesta com alguém, ou apenas porque já era tarde e ficava mais difícil segurar as coisas –, June começou a falar. Falou sobre como sua mãe ficava fora na maioria das noites, mesmo quando não estava trabalhando; sobre como chegava no começo da manhã, derrubando as coisas e fedendo a álcool; sobre seu pai, com quem ela havia encontrado somente duas vezes; sobre quando sua mãe caiu e torceu o pulso depois de tropeçar na mochila de June e pôs a culpa nela, e sobre como June se sentiu realmente culpada, ainda que sentisse o cheiro no hálito da mãe.

June falou e falou, sentindo as palavras saindo de sua boca como se fosse uma torneira aberta. Por fim, quando terminou, ela foi atingida por uma onda de constrangimento terrível por ter revelado tanto para uma pessoa quase desconhecida. Por provavelmente ter arruinado uma nova amizade quando ela estava apenas começando.

– Desculpa – June murmurou. Seu rosto queimava de vergonha e insatisfação. De repente, ela se sentia carente e fraca.

Quando levantou os olhos, viu que Delia estava olhando para ela, com a cabeça inclinada. Ela não parecia entediada, assustada ou como se pensasse que June era esquisita. Apenas sorriu daquela maneira que a fazia parecer muito

sábia.

– Que loucura a nossa família ser tão complicada e, mesmo assim, nós duas sermos tão sensacionais, né?

June sentiu algo se erguer dentro dela. *Nós duas.*

Elas escovaram os dentes e colocaram o pijama. Delia pegou três copos de água (“Eu preciso de dois, caso sonhe com um incêndio”, dissera) e elas deitaram uma ao lado da outra na enorme cama. Delia penteou o cabelo de June. Insistira em fazer aquilo, porque seu próprio cabelo tinha cachos muito espessos e quebrariam os dentes do pente, de modo que ela ainda não o tinha usado. June se sentiu como se embriagada de felicidade e alívio. Agora que aquela garota era sua amiga, tudo ia ficar bem. Ela não seria mais tão solitária. Não estaria sozinha. Aquela garota ia mudar tudo.

12

O buraco no meu estômago é enorme. Poderia abarcar meu quarto, a casa e o mundo todo.

Abandonei Delia, e agora ela está morta.

A tristeza me atinge, tão intensamente que mal consigo respirar. Abro o armário. Enfio a mão lá no fundo e tato em busca da fotografia. Eu a pego e me afundo na cama.

A moldura é de *glitter* cor-de-rosa e tem dois ursinhos esmaltados na parte de cima, segurando um coração entre eles. Delia me deu de presente no verão, depois do sexto ano. Era uma brincadeira, mas não era. A foto mostrava nós duas olhando por baixo de chapéus de sol ridículos que Delia havia comprado. Lá estou eu – cabelo loiro, rosto esquecível – e ao meu lado está ela – cabelo escuro cacheado ocupando metade da foto, pele morena, nariz grande, queixo forte, boca enorme se abrindo no maior sorriso do mundo. Delia sempre insistia que a aparência dela era meio maluca. “Não bonita”, ela dizia. “Sexy.” Estava parcialmente errada, porque quando sorria daquele jeito era a pessoa mais bonita do mundo.

Quando nos afastamos, eu ficava dizendo para mim mesma que era uma coisa temporária. Um dia tudo voltaria ao normal. Sempre tive certeza disso.

Finalmente as lágrimas começam a cair. Nunca vamos ter a oportunidade de fazer as pazes. Nunca vou poder me desculpar. Nunca mais vou lhe contar qualquer coisa. Ela se foi.

Eu coloco o porta-retratos no colo e tiro o telefone do bolso. Acesso a caixa de mensagens para poder ouvir a voz dela e as últimas palavras que ela me disse.

– Ei, Ju, sou eu, sua velha amiga.

Tive tantas oportunidades de consertar as coisas entre nós. E não aproveitei. Independente do que estivesse acontecendo na vida dela, *eu poderia mantê-la segura.*

– Ei, Dé – eu sussurro sobre a voz dela. Preciso dizer essas palavras, mesmo que não importe mais. – Sei que faz tempo que a gente não se fala e que aconteceu um monte de merda, mas realmente sinto sua falta.

Meu peito está tão apertado que sinto que meu coração poderia explodir.

– Tem uma coisa que preciso contar para você – ela diz.

As lágrimas ainda estão caindo, uma quantidade impossível delas. Continuo falando.

– Lamento muito tudo o que aconteceu, eu deveria...

Em seguida eu paro, porque a mensagem acabou, mas de algum modo não – ainda há uns sons vindo do telefone, o que é muito estranho. Parece uma briga, então eu ouço a voz de Delia outra vez. Só que ela não está falando comigo, e sim com alguém no fundo.

– Eu vou contar – Delia diz. Há certo tom de provocação na voz, mas no fundo parece algo mais sombrio. – Vou contar o que você fez.

Encosto o ouvido no telefone. Tem alguém gritando no fundo. É uma voz masculina. Não consigo entender as palavras, mas identifico o tom feroz e assustador: raiva. Prendo a respiração e meu corpo fica gelado. Então a mensagem termina de verdade.

A adrenalina corre pelas minhas veias. Não estou mais chorando. O que acho que acabei de ouvir... não é possível. Não pode ser.

Toco a mensagem de novo, e de novo surge a voz de Delia. A briga. *Vou contar. Vou contar o que você fez.* E então a voz ao fundo, de homem, a raiva.

O sangue está pulsando em meus ouvidos. Não tenho dúvida. Eu sei quem é a pessoa ao fundo.

É Ryan.

Minhas mãos estão tremendo e mal consigo respirar. Olho a hora. Passa da uma da manhã. Ele deve estar dormindo.

O telefone soa quatro vezes e a ligação cai na caixa postal. Desligo e ligo de novo. Toca e toca.

Por fim, ele atende.

– Humm... alô?

Imagino o rosto dele pressionado contra o travesseiro, uma perna nua fora do edredom, porque é assim que ele sempre dorme. Eu o imagino gritando com Delia um dia antes de ela morrer.

– Preciso falar com você.

Minha voz soa estranha, nem um pouco parecida comigo.

– Está tudo bem? Que horas são? – Eu o imagino sentando na cama agora e coçando o peito. Imagino seu coração vagaroso e sonolento começando a bater mais forte. – Aconteceu alguma coisa?

Sim, acho que aconteceu algo muito, muito ruim. Mas o que eu digo é:

– Você pode me encontrar?

Preciso fazer isso cara a cara.

Ryan hesita apenas uma fração de segundo. Eu o imagino pensando que é tarde e que ele tem que acordar cedo no dia seguinte para a natação.

– Claro – diz, como eu sabia que ele diria. Porque uma coisa que sei sobre Ryan é que sempre faz o que se espera dele. Mas, pensando bem, talvez eu esteja errada sobre isso.

– Quer que eu vá até aí?

– Não – digo. – Encontro você na sua casa.

13

Quinze minutos mais tarde, estou parando perto da casa dele e meu corpo inteiro formiga. As janelas estão escuras, mas a luz da porta dianteira está acesa. Lá está Ryan, em pé no caminho que leva à porta, esfregando as mãos no frio.

Piso na grama, amassando os pequenos cristais de gelo sob meus pés. Mal consigo ver o rosto dele.

– Você está bem, linda? – Ryan pergunta, a respiração quente condensando no ar frio. Ele não costuma me chamar assim. – O que aconteceu?

Ryan começa a me puxar de encontro a ele. Por um segundo, quase deixo que faça isso. Eu me envergonho do quanto quero ser abraçada, sentir um corpo junto ao meu, assegurando que tudo, ou alguma coisa que seja, vai ficar bem.

Dou um passo para trás e ergo as mãos.

– Você estava com Delia – digo.

É a primeira vez que digo o nome dela para Ryan em um ano.

– Como assim? – A voz dele mal chega a um sussurro. – Você teve um pesadelo ou algo assim?

Faço que não com a cabeça. Mal consigo fazer as palavras saírem.

– Você estava com ela na vida real, na véspera de Ano-Novo.

– Você está me assustando, June. Do que está falando?

Eu tiro o telefone do bolso e ligo para a caixa de mensagens.

– Escuta.

Mensagem recebida... A voz de Delia. *Ei, Ju, sou eu, sua velha amiga...* Olho o tempo de chamada avançar. Aos nove segundos, ela para de falar comigo. Sinto Ryan olhando para mim. Não levanto os olhos.

– O que é isso?

– Espera – eu digo.

Com quarenta e dois segundos, as vozes começam. Delia: *Vou contar*. Então, a gritaria. Só quando a mensagem finalmente termina e eu desligo o celular Ryan levanta os olhos.

– Não estou entendendo – ele diz em voz baixa.

– Essa foi a mensagem que ela me deixou um dia antes de morrer. A voz ao

fundo é sua.

Sou fria. Dura. Ele nunca me ouviu usar esse tom de voz antes.

Eu me pergunto como é que Ryan vai tentar explicar. Tenho medo de ouvir o que pode dizer em seguida. Também tenho medo de não ouvir.

Ele fica lá, imóvel, em absoluto silêncio. Gostaria de poder ver a expressão em seu rosto.

Por fim, solta um longo e pesado suspiro, jogando fumaça branca no ar.

– Por favor, me diz que você não está falando sério – ele pede, usando aquele tom delicado e preocupado outra vez.

– Estou falando muito sério.

– Essa gritaria aleatória no fundo que mal dá para entender? Você acha que sou *eu*?

Ele não parece irritado, apenas magoado e sinceramente confuso. Começo a me sentir confusa também.

Lá em casa eu tinha tanta certeza. Aquilo tinha me enchido de forças. Mas aqui fora, na noite fria...

– Não sou eu – Ryan diz. – Você dormiu alguma coisa desde ontem de manhã? Tem comido? Não estou tentando minimizar isso tudo, também estou muito chateado. Juro.

Ele faz uma pausa e ergue os olhos, como se estivesse esperando que eu pensasse no que está dizendo.

E a verdade é que eu não tenho dormido muito. Mal comi. Mas como posso comer quando Delia está morta? Como posso dormir quando quem quer que tenha feito isso a ela está solto?

– Eu estava em Vermont esse dia – Ryan diz. – Não tinha voltado das férias ainda.

Ryan quase parece lamentar ter que dizer isso, fazendo-me encarar o fato de que estou completamente errada. De repente, percebo que estou mesmo.

Com toda a adrenalina percorrendo minhas veias, eu me esqueci completamente da viagem dele. E da sequência de eventos. E de todo o resto, de como o mundo funciona e do que faz sentido. Seguro o telefone no ouvido e ouço a mensagem de novo. Desta vez, o som dos gritos parece... nada. Ninguém que eu conheça. Poderia ser qualquer um.

– Ah, meu Deus – eu digo.

Minha voz sai tão baixa que eu mal me escuto. Eu me sinto tão envergonhada por vir até aqui às pressas no meio da noite. Por tirar Ryan de sua cama confortável e da sua linda casa, por acusá-lo de sabe-se lá o quê. Sinto vergonha de tê-lo arrastado para a escuridão.

– Eu sinto muito, muito.

– O que aconteceu é terrível, chocante demais – Ryan diz. – Você não tem do que se desculpar. Mas admitir para você mesma que ela... que o que aconteceu realmente aconteceu... não torna você ou qualquer outra pessoa culpada. – Ele segura meus ombros. – Ela era uma garota muito complicada. Cometeu um erro terrível e se matou. Se ela brigou com algum cara antes de fazer o que fez, isso não muda nada. Então, por favor, prometa que vai parar com isso, antes que enlouqueça.

Eu olho fixamente para Ryan, para aquele seu lindo rosto ali fora no escuro.

Eu quero prometer, e entendo por que ele pensa desse jeito. Mas Ryan não a conhecia como eu. Só posso começar a imaginar como tudo isto deve parecer para ele. Ryan é calmo e racional, e é disso que eu gosto – talvez, agora eu percebo, seja isso que eu *ame* – nele. Ryan não tem acesso a uma parte do mundo a que talvez eu tenha, a um tipo de escuridão de que venho tentando me livrar, com alguma dificuldade.

– Promete? – ele insiste.

Forço as lágrimas de volta para dentro. Elas ficam ali, queimando. Não quero chorar na frente dele, de jeito nenhum. Perto de Ryan sou outra pessoa – eu mesma, mas melhor, de uma maneira diferente do que era com Delia. A versão de mim que ele vê é sempre forte e destemida, pelo menos por fora. Com exceção daquele período estranho no começo, nosso relacionamento nunca teve drama. Mas existe um medo recolhido dentro de mim. Estou sempre preocupada que vá terminar. Mantenho isso enterrado bem fundo, de modo que a superfície permanece brilhante, limpa e pura. Não que seja novidade para mim, mas em pé aqui fora, sob o céu negro, entendo inteiramente o quanto preciso que isso não mude. Amei Delia, e ainda a amo. Mas não posso arrastar Ryan para isso mais do que já fiz. Ele não pertence a esse mundo. Não vou trazê-lo para cá.

– Ok – eu digo. – Vou parar.

Fico feliz por estar escuro e por ele não poder ver que estou mentindo.

Ryan me abraça outra vez e me pergunta se eu quero entrar.

– Levo você escondida para o meu quarto – ele diz. – Você pode ficar a noite toda.

Recuso, agradeço e desejo um bom treino na manhã seguinte, confirmando que nos veremos à noite.

– Você tem certeza? – ele pergunta. – Está bem mesmo?

Confirmo com a cabeça.

– Estou cansada mesmo – digo. – Acho que preciso dormir.

Ele concorda, como se eu finalmente estivesse dizendo algo que fazia sentido.

Volto para o meu carro e vou para casa, onde ouço a mensagem repetidamente.

Então não é a voz de Ryan. Mas Delia sabia de alguma coisa que alguém não queria que soubesse, com toda a certeza. E ela ameaçou contar. Então de quem era o segredo? E o que essa pessoa ou essas pessoas estariam dispostas a fazer para impedi-la de contar?

Manhã. Sábado. A luz oblíqua do sol de inverno entra pela janela. Posso ouvir minha mãe fazendo barulho lá embaixo. Mal me lembro de ter ido para a cama, mas em algum momento tarde da noite, depois de ouvir a mensagem mais algumas dúzias de vezes, peguei no sono e dormi pesado, sem sonhar. Sento e meu coração bate mais forte. Ryan estava certo em relação a uma coisa: eu precisava dormir. Não me sinto muito melhor, mas estou mais disposta e mais afiada – a nuvem foi embora. Estou ainda mais determinada, se é que isso é possível. O caminho pode ser duro, mas vai me ajudar a ignorar todo o resto.

Levanto da cama, pego a toalha e sigo pelo corredor até o banheiro. Ligo o chuveiro e fico em pé, tremendo de frio, esperando a água esquentar. Não tomava banho desde a noite de quarta-feira e agora me sinto aliviada.

De volta ao quarto, eu me visto rapidamente – jeans escuros, botas cinza, camiseta preta. E o suéter de Delia outra vez. Penso em ligar para Ryan para me desculpar novamente pela noite passada, ou apenas dizer oi e fingir que tudo está normal, o que seria ainda melhor. Mas não sei se tenho coragem. Quando olho o telefone, percebo que já passa das onze. O treino deve ter terminado e ele deve estar comendo com os colegas. Então ligo para Jeremiah, feliz por ter guardado o número dele duas noites atrás, muito embora não tivesse certeza de que queria fazer isso. Quero ver se ele descobriu alguma coisa nova e talvez conte sobre Tig e o que descobri naquela festa. Mas cai na caixa postal.

– Aqui é Jeremiah Fiske. Não posso atender agora. Por favor, deixe uma mensagem e eu retorno assim que puder.

Ele parece tão formal, como se estivesse esperando um telefonema sobre um emprego num banco.

– Oi – digo. – É a June. Me liga.

Então algo me vem à cabeça e eu ligo outra vez. Fecho os olhos, realmente me concentrando na voz dele dessa vez.

Tento imaginá-lo irritado.

Eu desligo e ouço a mensagem de Delia novamente, avançando na primeira parte, porque não consigo suportá-la me pedindo algo tão simples e pequeno que

não pude dar para ela. Paro no segundo quarenta e dois da ligação. A gritaria. Mas é impossível dizer quem é a outra pessoa.

E agora?

Desço. Minha mãe levanta a cabeça quando entro na cozinha. Cheira a café queimado, e ela está jogando os restos de ovos mexidos na pia. Ela sempre faz isso, como se esquecesse de que não temos um triturador e que ovos mexidos não são líquidos. Eu costumava me dar ao trabalho de lhe dizer isso. Agora não digo mais.

Ela trabalha no turno da noite de uma casa de repouso, o que significa que voltou há poucas horas. Ainda não dormiu. Tem alguma coisa na cabeça dela sobre a qual vai querer conversar. Sei pela maneira como está se movendo e pela expressão em seu rosto quando vira um pouco para me olhar. Sou uma estranha especialista quando se trata de ler minha mãe, como se ela fosse um sinal de rádio cuja frequência sempre posso sintonizar, mesmo quando não quero.

– Você acordou tarde – ela diz. Seu tom não é de acusação.

Ela às vezes se sente mal por não estar muito presente, então tenta compensar dando broncas que acha que os pais dariam. Mas não é isso agora.

Eu dou de ombros.

O pacote de pão está no balcão, então coloco duas fatias na torradeira e pego a manteiga de amendoim. Há uma maçã na fruteira e eu começo a comê-la. Percebo que estou morrendo de fome.

– Essa menina da sua escola que morreu...

Ela quer que eu pegue a deixa.

Tento manter o rosto inexpressivo.

Ela continua:

– Alguém no trabalho estava falando sobre ela, uma das enfermeiras da noite. Disse que estudava na escola do sobrinho dela, que é a sua escola. – Minha mãe estende a mão para o bule de café. – Delia. Você a conhecia. – Ela coloca o que sobrou na caneca, põe açúcar demais, mistura e lambe a colher. – Ela vinha aqui às vezes.

Minha mãe encosta na pia e leva a caneca até os lábios. Está tentando fazer com que eu olhe para ela. Tiro as torradas antes do tempo. Passo uma camada grossa de manteiga de amendoim nelas.

Ela ainda está olhando para mim, esperando uma resposta.

– É – digo.

Dou uma enorme mordida na torrada e mantenho a boca fechada, como se colada.

Ela assente, mais ou menos satisfeita consigo mesma, como se lembrar do nome da única amiga de verdade que sua filha teve fosse algum feito impressionante do qual se orgulhar. Então ela abaixa o rosto.

– Que droga – ela diz. – Isso que aconteceu.

Minha mãe me olha fixamente agora, e eu a encaro sem querer. Parece algo tão pessoal. Afasto o olhar rapidamente. Sei que está tentando, essa é a questão. Em circunstâncias diferentes, acho que eu poderia ficar muito triste pensando que aquilo era o melhor que ela podia fazer. Mas não tenho espaço para isso agora.

– É ruim mesmo – eu digo.

Depois disso, nós duas ficamos em silêncio. Minha mãe mistura o café de novo, batendo ruidosamente a colher contra a borda da caneca.

Meu telefone vibra, e sei que nós duas ficamos aliviadas com isso. Acho que vai ser uma mensagem de Ryan, ou então Jeremiah. Mas é de Krista.

Não te vi ontem. Tudo bem?

É estranho, porque não somos o tipo de amigas que fica escrevendo pra ver se a outra está bem. Quero dizer, mal somos amigas. Antes que eu possa responder, chega outra mensagem:

Quer me encontrar para conversar melhor?

Levanto a cabeça e olho para minha mãe. Ela olha de relance para mim, então para os armários. Quer saber se vou dizer alguma coisa se ela fizer o que sei que quer fazer. Leio a mensagem outra vez e fico surpresa ao pensar na resposta. Acho que preciso falar com alguém. E, neste exato momento, não tenho muitas opções.

Krista está sentada de pernas cruzadas sobre o capô de seu carro quando chego ao estacionamento do Birdies. Está usando um casaco grande e fofo, mas não usa luvas, e seu nariz está vermelho do frio.

É estranho encontrá-la fora da escola, porque, com exceção da festa de Ano-Novo, isso nunca aconteceu. Ela me vê e acena. Quando me aproximo, Krista não diz oi, apenas desliza para o lado para liberar espaço para nós duas sobre o capô. Então respira fundo e começa a falar rápido, como se estivesse planejando o que ia dizer antes de eu chegar.

– Sempre tive um pouco de inveja de vocês. Deve parecer estranho dizer isso agora, pensando bem. Eu não estou me queixando de Rader nem nada assim. Ele é ótimo, claro, mas o que a gente tem não é como o que vocês tiveram. Vocês sempre pareceram... tão perfeitamente afinadas, conectadas de alguma maneira cósmica. Quando estavam juntas, digo.

– O quê? – eu digo.

Levo um segundo para entender. Faz tanto tempo desde a última vez que alguém pensou isso... Krista achava que eu e Delia tínhamos sido um casal.

Eu faço que não com a cabeça.

– Éramos amigas.

Tenho o cuidado de não usar a palavra “só”, porque me lembro do que Delia sempre dizia: “Amigos não são só, namorados são. Amigos são a coisa mais importante”.

– Sério mesmo? – diz Krista. – Mas vocês estavam sempre... grudadas.

Dou de ombros.

Delia e eu sempre fomos de ficar nos tocando. Mas não era sexual, muito embora às vezes as pessoas, especialmente os garotos, quisessem ver dessa forma. Eu me lembro de uma festa em que ela estava mexendo no meu cabelo, fazendo e desfazendo tranças. Um cara ficava encarando a gente e praticamente babando, como se estivesse assistindo a um filme pornô. “É tranquilizante, como tricotar”, ela explicara. Meu cabelo era mais comprido na época. Delia pegara minha trança e enrolara em seu pescoço. “Olha, fiz um cachecol...” O garoto só dissera: “Delícia”. Delia bufara e revirara os olhos, depois simplesmente o ignorara, embora ele tivesse tentado chamar a atenção dela pelo resto da noite. Delia não estava tentando impressioná-lo. Só queria me fazer rir.

Olho para Krista.

– É sério – digo. – A gente era assim.

Krista faz que sim com a cabeça. Parece que de repente percebe alguma coisa.
– Bem, então acho que o lance com Buzzy não tem futuro.

– Quem?

– Buzzy, a garota da festa que queria seu número. Aquela que eu estava tentando arrumar para você. Foi por isso que convidei você para a festa. – Krista solta uma risada meio constrangida e esfrega o nariz. – É uma pena. Buzzy é a melhor.

Ficamos lá sentadas em silêncio. Vir aqui foi uma má ideia, eu penso. Busquei conforto onde não poderia ser encontrado. Delia não o encontrou, e eu não o mereço. Então começo a levantar do capô.

– Foi pela Buzzy que descobri o que realmente aconteceu – Krista diz lentamente.

Eu paro. Minha pulsação acelera.

– Buzzy conhecia Delia?

Krista balança a cabeça.

– Não, mas uma garota com quem a Buzzy ficou por, tipo, um minuto, a que eu esperava que você a ajudasse esquecer, era a nova melhor amiga de Delia ou algo assim. Buzzy está bem triste pela ex. Tipo, quer dar uma força para ela, um ombro para chorar e tudo o mais, embora a garota não pareça muito a fim. Pelo menos, foi isso que o Rader me contou. Eu não sei...

Krista continua falando. Vejo sua boca se movendo, mas não estou mais escutando. Duas palavras piscam no meu cérebro. *Melhor amiga*. De alguma forma, nunca tinha me ocorrido que Delia tivesse uma. Além de mim, quero dizer. Especialmente não depois do que vi.

– Suicídio é uma merda – Krista está dizendo. – Foi por isso que mandei a mensagem. Não vi você na escola, e ontem à noite Buzzy contou o que aconteceu com Delia. Um primo do meu pai se matou também. Meu pai ficou bem chateado por um tempo. Então, se tiver qualquer coisa que eu possa fazer...

E o que eu estou pensando é: para Delia, os garotos eram um divertimento, uma distração, mas sua melhor amiga era a pessoa com quem realmente falava. Ela era seu coração, a guardiã de seus segredos, tudo. Seja lá o que existe para saber, a melhor amiga de Delia sabe.

– Krista – eu digo lentamente. – Acho que talvez haja uma coisa que você pode fazer...

Mesmo chorando Ashling é bonita.

Debaixo das manchas vermelhas, sua pele é lisa como porcelana. Embora inchados, os olhos são grandes e azuis. Aqui estou eu, observando a dor sair em forma de ranho, lágrimas e gemidos abafados. Meu estômago aperta e tento evitar que minha mente flutue como sempre faz quando as coisas são demais para mim. Passo um lenço de papel atrás do outro para Ashling, enquanto Krista se inclina sobre ela e dá palmadinhas em seu braço.

– Ah, querida – Krista diz.

Finalmente, o oceano que sai de seus olhos se transforma em riacho, depois em um pequeno filete de água. Ashling sorri para mim, a boca apertada, os lábios perfeitos tremendo. Ela estende os braços e aperta minhas mãos.

– Que bom que Buzzy passou meu número. É bom poder conversar com outra pessoa que a amava. – Ela balança a cabeça. – Não. Que a *ama*. No presente.

Ashling termina de enxugar as lágrimas. Há um sentimento despontando através da dormência agora, e sinto cócegas no estômago. É um alívio que ela tivesse alguém em sua vida até o fim, uma melhor amiga que realmente se importava. Mas, bem lá no fundo, há a minúscula ponta de outra coisa, e não quero admitir nem para mim mesma o que é: ciúme. É repugnante, eu entendo. Mas não há tempo para *nada* disso agora, porque estou aqui com uma única finalidade: preciso descobrir o que Ashling sabe. E, para isso, preciso contar a verdade.

Mas como se conta algo assim para alguém?

Sem pensar.

– Você acha que é possível... que Delia não... tenha realmente se matado?

Ashling arregala os olhos já grandes. Ela parece uma boneca.

– Você quer dizer que sente como se o espírito dela ainda estivesse por aí? – Ashling diz. Sua voz é baixa e seu sotaque é levemente sulista. Ela assente e dá um sorrisinho. – Também sinto isso.

– Não. Veja bem, o que estou tentando dizer é: talvez alguma outra pessoa tenha feito isso. Matado Delia. E não ela mesma.

Pronto. As palavras saíram. Agora não posso mais recolhê-las. Eu me apoio.

Com o canto do olho, vejo Krista se inclinar para a frente, como se dissesse “Putá merda!”. Ashling está apertando a boca.

– Desculpa. Eu não queria dizer dessa forma, mas não sei se existe outra maneira de dizer.

– De onde você tirou essa ideia? – ela pergunta, soando enojada.

E então eu lhe conto tudo, desde o encontro para homenagear Delia, quando conheci Jeremiah e depois vi o barracão queimado, até a mensagem de voz que ela queria me deixar e aquela que deixou sem querer, minha visita a Tig e a necessidade que Delia sentia de proteção. Eu lhe conto tudo até aquele exato momento em que estamos as três sentadas na cafeteria, com Ashling balançando a cabeça lentamente e Krista olhando para nós duas como se estivesse assistindo ao melhor episódio de sua série favorita.

– Delia não era uma vítima – Ashling diz com a voz macia. – Ela viveu a vida em seus próprios termos e morreu assim também. – Os olhos de Ashling se enchem outra vez, mas debaixo da tristeza há algo mais. Ela parece irritada. – Quem é você para dizer o contrário?

Nunca me ocorreu que alguém ia *querer* acreditar que sua melhor amiga tinha se matado, achando que, de algum modo, seria preferível à alternativa. Mas se ela se importa com Delia tanto quanto parece, não posso parar aqui. Tenho que continuar.

– Sei que é completamente insano imaginar que alguém poderia ter... – Paro e tento me acalmar, para que realmente me escute. Conheço aquele olhar, já o vi antes em minha mãe: o olhar de um animal selvagem. É preciso cuidado para que não morda ou fuja. – Você viu Delia ou falou com ela no dia em que morreu? Por acaso mencionou alguém que fosse...

– Eu falei com ela por, tipo, três segundos. Mas Delia não disse muita coisa. Ela ainda estava sob os efeitos de um monte de remédios da noite anterior. Ligou para dizer que estava se sentindo mal pra cacete e ia voltar a dormir. Só isso.

– Ok – eu digo. – Mas é que o Jeremiah disse...

Ashling bufa e me interrompe de novo.

– Você vai mesmo acreditar no que aquele idiota disse? – Ela balança a cabeça. – Ele não sabia nada sobre Delia. Nunca teve a menor ideia do que estava acontecendo. – Ela fecha a boca e balança a cabeça outra vez. – Ele é tão idiota

que nem sabia que a namorada o estava passando para trás. Mas, se você quiser acreditar no que ele diz... bem, a escolha é sua, garota. Não tem nada a ver comigo, com *minha* melhor amiga, ou com o que *aconteceu*. Ela se sentia muito triste. Estava usando drogas. A vida dela em casa tinha piorado ainda mais. Se você fosse amiga dela, já saberia disso, e não estaria questionando nada. O que *aconteceu* foi: ela fez uma escolha. Só Delia poderia fazer.

Ashling se levanta. Sua expressão é de quem vai chorar de novo, mas então ela aperta os olhos e endurece o queixo.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, ela vira e começa a andar em direção à porta.

– Espera! – eu grito. Todo o meu corpo está formigando. Eu me levanto e vou atrás dela. – Você disse que Delia estava passando Jeremiah para trás.

Ashling pisca.

– E...?

– Com quem?

Ashling levanta uma sobrancelha e sorri por um segundo.

– Isso era problema dela – diz, então dá de ombros, abre a porta e vai embora.

Fico ali parada enquanto os pensamentos giram na minha cabeça, posicionando-se de diferentes formas e então mudando outra vez.

Sinto a mão de Krista em meu ombro.

– Você acha mesmo que foi assassinato? – ela diz em voz baixa.

Mas eu não me viro. Mal noto sua presença ali. Estou pensando em Jeremiah sozinho no escuro, corpulento, com sua cara de escoteiro. Estou pensando em como Delia o traía sem que ele soubesse, de acordo com Ashling. Mas e se ela estiver errada? E se, de alguma forma, ele descobriu?

O cabelo de Ryan está molhado do banho, e o odor químico de cloro continua na sua pele. Posso sentir seu cheiro da cama, onde estou sentada agora, de pernas cruzadas, observando suas costas nuas. Horas se passaram. Depois que Ashling foi embora, deixei Krista. Precisava ficar sozinha. Passei o resto do dia dirigindo e pensando, revendo tudo várias vezes na minha cabeça.

Agora aqui estou, tentando fingir que está tudo normal, quando nada está.

– Você tem certeza de que quer ir? – Ryan pergunta. Ele abre o armário e pega uma camiseta verde com CALÇA escrito na frente. É a favorita dele. Ele a veste e depois coloca uma camisa da mesma cor por cima, como eu sabia que faria. Alguns dias atrás, antes de tudo acontecer, teria ficado estranhamente satisfeita por ter previsto isso. Há um conforto em saber esse tipo de coisa sobre outra pessoa.

Ele vira enquanto abotoa a camisa.

– É só que geralmente... – Ele faz uma pausa. – As festas de Hanny nunca foram seu tipo de programa.

Ele está sendo educado, atenuando o comentário.

Max Hannigan é da turma dos atletas populares, uma das quais Ryan faz parte. Ele é alto, rico e tem um queixo gigantesco. Delia uma vez disse que ele parecia alguém que estupraria a namorada, do tipo que só iria parar porque o pau dele não ficaria duro. Ela sempre dizia coisas desse tipo, e eu dava risada mesmo sem querer. Ainda penso nisso às vezes quando vejo o garoto.

Os pais dele têm uma casa enorme com piscina e estão sempre fora da cidade. Eles ou não sabem ou não se importam com o fato do filho aproveitar esses momentos para convidar cinquenta pessoas para secar o estoque de bebidas da casa. Já nos encontramos inúmeras vezes fora da escola, mas ele sempre age como se nunca tivesse me visto antes na vida.

Ryan vem até a cama. Ele se inclina e me beija de leve.

Sinto uma pontada de culpa. Porque a verdade, que eu não posso contar para ele, é que só quero ir a essa festa por causa de Jeremiah. E sua mensagem de meia hora atrás.

Descobri algo. Preciso te mostrar hoje à noite, ele escreveu.

Não que eu tenha medo de Jeremiah agora. Desde esta manhã, nada mudou na verdade... Mas tenho uma sensação lá no fundo de que é melhor não encontrá-lo sozinha. Por ora, vou confiar nisso.

– Vai ser bom me distrair um pouco – digo a Ryan.

Quando ele sai do quarto e vai ao banheiro para colocar o pingo de gel que pensa que não sei que usa, pego meu celular e respondo a mensagem.

Hanny está dando uma festa. Nos encontramos lá às 9?

Jeremiah faz parte daquela turma também. Um segundo depois, ele responde: Vejo você lá.

Levanto a cabeça e olho para Ryan, de volta ao quarto agora.

– Vamos então? – ele pergunta.

Me assusta pensar como é fácil quebrar uma promessa.

– Sim – digo. – Vai ser divertido.

As festas de Hanny não são divertidas. São como as festas cheias de coadjuvantes dos filmes de adolescentes. Sei que estou vendo somente a superfície quando olho para essas pessoas. Todo mundo tem problemas, mas quando entro na enorme sala de estar ocupada por pessoas rindo em uníssono, os dentes brancos brilhando sob a iluminação planejada, é fácil imaginar que ninguém aqui jamais se sentiu sozinho, triste ou assustado por um segundo que seja.

Começo a suar sob o suéter de Delia. Ryan se inclina e sussurra em meu ouvido:

– A gente pode vazar daqui quando você quiser. Sabe disso, né?

Eu me viro para ele e faço que sim com a cabeça. Mais uma vez penso como é estranho Ryan me tratar como se eu fosse muito frágil e a qualquer momento pudesse quebrar. Tendo em vista as circunstâncias, faz sentido. Mas ele nunca agiu dessa maneira antes, nem um pouco. Embora eu suponha que seja porque nunca sentiu que tinha razão para fazê-lo. De maneira intencional, nunca lhe dei motivo para isso.

Ele pega a minha mão e me leva para o meio da multidão.

– Fisker – um cara chama. É assim que alguns amigos de Ryan o chamam. Mais à frente está um cara cujo apelido é Rolly. Ele dá um abraço no meu namorado.

– Oi, June, bom te ver – ele diz. Rolly fala comigo como se eu fosse a mãe de alguém.

– Oi! – Não consigo ficar de conversa fiada nem nos meus melhores momentos, muito menos agora. – Vou procurar o banheiro – eu digo a Ryan. – Não precisa me esperar, acho você depois.

Nossos olhos se encontram apenas por um segundo antes de eu me afastar.

Eu o localizo quase imediatamente. Jeremiah está em pé perto da porta, com as mãos nos bolsos, passando os olhos pela sala. Quando nossos olhos se encontram, sinto meu estômago se retorcer, mas nem sei o porquê.

Jeremiah faz um sinal para que eu o siga lá para fora. Procuro Ryan. Ele está na cozinha, pegando uma cerveja. Vou em direção a Jeremiah, sentindo que algumas garotas estão me observando. Elas viram para cochichar quando eu passo. Penso ouvir o nome de Delia, e a palavra “suicídio”.

Do lado de fora, os sons são abafados pelas janelas grandes e espessas. A festa mal está começando. Duas meninas que eu reconheço da escola correm pelo gramado, desabando uma sobre a outra. O ar está limpo e frio, e alguns flocos de neve caem.

Jeremiah tira algo do bolso e levanta: um celular. A imagem de fundo é uma foto de uma mão – esmalte amarelo em um dedo do meio levantado, três tiras finas de couro em volta do pulso. É a mão de Delia. E aquele é o telefone dela. Na frente da mão está um teclado numérico. DIGITE O CÓDIGO, está escrito em cima.

Olho fixamente para Jeremiah, sentindo a desconfiança no estômago.

– Onde você conseguiu isso?

– Fui até a casa dela esta tarde – ele responde. – O celular estava no meio do mato, como se alguém tivesse jogado lá. Deve haver algo aqui que possa ajudar a gente. Dá para descobrir com quem ela estava conversando, para quem mandava mensagens. Mas não consigo acessar.

Pego o telefone. Eu o segurei um milhão de vezes antes – para ler mensagens, responder como se fosse ela, ou ouvir seu padrasto gritar quando ela não aguentava mais.

– Levei em uma assistência técnica não autorizada no centro – Jeremiah continua. – O cara disse que consegue apagar todos os dados se eu quiser usar o aparelho, mas só isso. Não tem como destravar. – Ele está olhando para mim

agora, curioso e intenso. – Por acaso você sabe a senha? Melhores amigas contam esse tipo de coisa umas para as outras às vezes...

Os flocos brancos começam a cair mais rápido, como se agora estivessemos voando a toda a velocidade no espaço.

– Não – eu digo. – Foi mal. – Sustento o olhar para ele. – Como eu disse, a gente não se falava há muito tempo.

Ele assente, e eu o observo guardar o celular no bolso direito de seu casaco cinza e vermelho.

Jeremiah esfrega as mãos.

– Está frio pra cacete aqui. – Ele olha ao redor. – E você? Alguma novidade?

Faço que não com a cabeça.

Ouçõ risadas. Um cara e uma garota estão se aproximando da casa.

– Sem problemas – diz Jeremiah.

A garota empina o traseiro e balança os quadris.

Tento manter o rosto inexpressivo. Consigo ver a parte de cima do celular saindo do bolso de Jeremiah.

A garota tropeça e dá um grito. O cara passa os braços ao redor dela para evitar que caia. Ela se enrola toda nele.

– Vamos entrar? – digo.

Jeremiah olha para mim e balança a enorme cabeça quadrada de escoteiro.

– Não estou a fim de festa.

Olho para o bolso dele outra vez.

– A gente devia fazer um brinde – digo. – Para Delia. – Ele hesita. – Um brinde de verdade, entre pessoas que realmente se importam.

Estou pensando naquela reunião no reservatório e sei que ele também está.

– Ok – Jeremiah diz.

Lá dentro, a música está alta. As pessoas estão reunidas em grupos de duas ou três. Em algumas horas, as coisas vão começar a ficar ridículas. Eu vejo Ryan na sala, então levo Jeremiah para a cozinha. Sinto olhos sobre nós.

Acho que ouço alguém dizer “a garota que morreu” e depois “fogo”.

A mesa da cozinha está coberta de coisas – copos, garrafas, alguns drinques pela metade, sacos de batata frita. Pego dois copos plásticos vermelhos de uma pilha e uma garrafa de vodca. Acho uma pequena jarra com cerejas, que eu

também pego.

À nossa direita, três caras estão tomando cerveja em grandes goles. Sirvo uma dose de vodca para Jeremiah. Ele pega uma garrafa de dois litros de coca e enche o resto do copo. Sua mão enorme esmaga a garrafa.

Encho meu copo só com vodca, até o topo.

– Pega leve aí – diz um cara do meu lado. Ele está usando uma polo verde-limão, com a gola levantada. – Deixa um pouco para gente.

Ele está sorrindo.

– Não se preocupa – eu digo.

Jeremiah está me observando. Pesco uma cereja da jarra e então a passo para Jeremiah, que faz o mesmo.

– Vai tomar pura? – ele pergunta.

– É mais eficiente – respondo, erguendo o meu copo. – A Delia.

– A Delia – ele diz. – Que merecia muito mais do que teve.

Encostamos nossos copos plásticos. Levo o meu à boca. O cheiro é repugnante. A vodca molha meus lábios, e eu tento não respirar. Mantenho a boca fechada, sem deixar nada entrar, duas vezes. Afasto o copo e finjo uma reação.

Então jogo a cereja para dentro da boca.

Jeremiah ainda está me olhando. Deixo as sobrancelhas caírem só um pouquinho e os cantos da boca se erguerem, como se o sorriso lento do álcool tivesse me atingido rápido.

Ele desvia o olhar para longe. Aproveito para jogar metade da vodca num copo com um líquido marrom com um pretzel intumescido boiando.

– Você acredita no céu? – pergunta Jeremiah.

Atrás de mim, alguém dá risada.

– Não tenho certeza – digo. Não tenho certeza se quero lhe dar a resposta verdadeira, que é não. Não quero e não posso. Tenho inveja de quem pode.

– Eu acredito – diz Jeremiah. Há desespero na voz dele. Talvez acredite mesmo, talvez só deseje acreditar. – Acho que Delia está lá.

Confirmo com a cabeça. Levo o copo aos lábios outra vez, finjo tomar outro gole e então jogo mais um pouco de vodca no outro copo sem que ele perceba.

– Tenho rezado muito, sabe? Por ela. Sei que Delia não era religiosa e que talvez isso signifique que ela não tenha acabado no céu mesmo que ele exista...

Uma garota com uma blusa rosa de alcinha estende o braço por trás dele e pega um saco de batatas fritas que estava na mesa. O cotovelo dela esbarra no bolso onde está o celular.

– Opa – ela diz. – Desculpa.

– Mas não acredito que isso seja verdade. Acho que ela vai chegar lá de qualquer maneira. Tenho rezado para que esteja melhor do que antes, independente de onde. – O queixo dele está rígido e os olhos parecem escuros e brilhantes. Jeremiah toma outro gole da bebida, esmagando o copo em sua mão enorme. – Espero que o culpado receba o que merece.

Olho para ele. Seu tom mudou. Há algo crescendo dentro dele, uma raiva feroz finalmente escapando.

Outra gargalhada atrás de mim. Jeremiah levanta a cabeça.

Ergo o copo mais uma vez.

– À justiça – digo.

Estou balançando um pouco agora, dobrando os joelhos e deixando meu peso me levar para a frente e para os lados. Finjo dar outro gole e deixo um pouquinho de vodka escorrer pelo queixo.

Mas Jeremiah não brinda desta vez. Está prestando atenção em alguém atrás de mim. O cara de polo verde está do outro lado da sala agora, conversando com amigos – uma loira baixi-nha e um garoto alto e magro. Ele ergue a garrafa de vodka. Bebe, então diz, com a voz jovial e alta dos bêbados:

– E então ela pulou. Trepou com os peixes no fundo do reservatório e se afogou. Pelo menos, foi isso que eu ouvi.

Ele está sorrindo. Dá de ombros. Ri.

Jeremiah coloca o copo com força sobre a mesa e com um movimento rápido atravessa a sala, agarra o rapaz pelo colarinho e o puxa para mais perto. Polo Verde se debate, mas Jeremiah é muito forte.

Todos viram para olhar, animados. Atravesso a multidão.

– Solta ele – digo. – Isso não ajuda em nada.

Jeremiah puxa o cara para mais perto ainda, apertando com força o colarinho. O rosto do outro garoto fica vermelho e brilhante. Ele está ofegante, a camisa o sufoca.

– *Solta ele* – repito.

Por um momento, Jeremiah só o segura, os narizes se tocam.

– Não foi isso que aconteceu – ele sussurra finalmente, então solta Polo Verde, que cambaleia para trás, com os olhos arregalados.

Jeremiah abre caminho entre a multidão e sai pela porta da frente.

– Psicopata – diz o cara de polo em voz baixa depois que ele saiu.

Alcanço Jeremiah nos degraus da entrada.

– Eu não... – ele começa a dizer. – Eu só... – Lágrimas enormes rolam por seu rosto agora. – Não deveria ter acontecido desse jeito.

Meu coração fica apertado. Não gosto do que estou prestes a fazer, mas sei que preciso aproveitar a chance.

– Você está certo – digo. Eu me inclino e coloco os braços em volta dele como se estivesse bêbada, solta e com o corpo mole. – De-fi-ni-ti-va-men-te não deveria ter acontecido.

Estou falando enrolado, agindo como se estivesse tão acabada quanto se tivesse bebido tudo o que fingi beber. Deixo minhas pernas balançarem, caio para a frente e me apoio no corpo quente e enorme de Jeremiah. Ele é firme e forte, como se nada pudesse derrubá-lo, e me segura.

Deslizo a mão para dentro de seu bolso.

Estou no andar de cima, no quarto dos pais de Max, acho. Cheira a amaciante e perfume de um homem mais velho. Fecho a porta e confiro duas vezes se ela está bem trancada. Só então pego o telefone de Delia, com seu “foda-se” final no fundo de tela. Digito a senha: 5-0-1-3-5.

Ela usava a mesma para tudo, porque, de cabeça para baixo, forma SEIOS. E, num instante, o telefone destrava.

Percorro suas mensagens mais recentes. Há uma da mãe logo de cara. Feliz Ano-Novo! Já estamos voltando. Até logo, querida! Meu coração sobe para a garganta, diante da sinceridade esperançosa daquela mensagem, cujo tom nem de longe combinava com o relacionamento que elas tinham. Mas a mãe de Delia era assim, sempre tentando fingir que as coisas eram diferentes do que eram quando tinha vontade, como se, ao mentir para ambas, criasse uma realidade diferente.

Há uma mensagem de Jeremiah enviada na mesma manhã. Está uma chatice aqui com os amigos dos meus pais. Queria que você estivesse comigo, mas sei que ia odiar. Espero que esteja se sentindo melhor. Tentei ligar. Tento de novo mais tarde.

A próxima também é dele, enviada exatamente à meia-noite. Feliz Ano-Novo!

Continuo passando as mensagens – há mais algumas de Ano-Novo de pessoas que reconheço da época em que éramos amigas e que ela via às vezes. Mas então encontro algo diferente: uma mensagem recebida naquele mesmo dia, 31 de dezembro, às cinco para as quatro.

e aí, linda, pronta para começar o ano-novo com fogos de artifício do lado de fora de sua casa?

A mensagem é de alguém cujo número está salvo como “FDP”.

Logo abaixo está a resposta dela, a última mensagem na conversa:

Porta destrancada.

Meu coração começa a bater forte, porque *esse* deve ser o cara com quem Delia estava traindo Jeremiah. Meu coração bate ainda mais rápido quando percebo algo. Eu pego o celular e acesso o registro de chamadas perdidas. Delia me ligou às três e cinquenta e nove, quatro minutos depois de receber a outra mensagem, o que significa que FDP estava lá dentro e *era quem estava gritando no fundo*.

Essa era a pessoa com quem Delia estava e cujo segredo havia ameaçado

contar. Talvez, apenas talvez, essa tenha sido a pessoa que a impediu.

Alguém mexe na maçaneta.

– Ei! – grita uma voz. – O que você está fazendo? Abre essa porta. Ninguém pode entrar aí.

Hanny.

– Desculpa! – eu grito. Tento manter a voz enrolada, como se estivesse bêbada.
– Só um segundo.

Salvo o número do FDP no meu celular o mais rápido que consigo. E então vou para baixo, para a letra J, só para ver. Ainda estou lá: JU JUNE JUNIE JUNITA.

Bam-bam-bam. A porta chacoalha.

– Abre a porta. Vou matar vocês de verdade se estiverem transando na cama dos meus pais. Cara, estou falando muito sério!

Mas estou em transe agora e não consigo parar. Quem sabe quando terei outra oportunidade como esta de novo? Abro as fotos dela, dizendo a mim mesma que tenho que fazer isso. Talvez haja uma do FDP ou outra pista. *Estou* procurando essas coisas, mas também quero dar uma olhada em Delia e em sua vida. Estou ávida por pedacinhos dela, qualquer coisa que conseguir.

Só que não há muitas fotos aqui, são todas de meses atrás – uma mão segurando um sorvete de casquinha, um bolso, um cachorro, o cara que fica no balcão da 7-Eleven olhando a bunda das adolescentes, ainda que tenha uns cinquenta anos. Mas então... eu perco o fôlego. Porque há uma foto de nós duas. Delia está segurando um tufo do meu cabelo ao lado do rosto, então parece que está saindo da cabeça dela, e eu estou fazendo o mesmo com um tufo do seu. Nossos olhos brilham, nossas bocas estão vermelho-cereja. Eu nunca tinha visto essa foto antes. Onde foi isso? Quando?

De repente, eu me lembro de tudo. Da sensação daquela noite, da impressão de que qualquer coisa poderia acontecer naquele momento. O momento em que o flash disparou.

BAM-BAM-BAM.

Coloco os dois celulares no bolso rapidamente. Abro a porta, apoio meu corpo contra o batente e deixo as palavras saírem enroladas:

– Desculpa, eu estava tentando achar o banheiro...

Levanto os olhos e vejo o rosto zangado de Max Hannigan, sua cabeça quadrada e dura como um bloco de cimento. Ao lado dele está Ryan.

– June – ele diz. – Eu estava procurando você. – Ele se inclina e me cheira. – Você está bêbada.

Só bebi na frente dele uma vez, há um ano.

– Jeremiah... – digo. – A gente... fez um brinde.

Quando desço, encontro Jeremiah muito bêbado. Eu poderia enfiar o dedo no nariz dele sem que notasse, então devolver o celular é fácil. Ele não tem consciência de nada – minha mão em seu bolso, o sofá onde está estendido, o fato de que está desmaiando no meio de uma festa. Eu me pergunto onde estão os amigos dele, se é que ele tem algum, porque o que mais explicaria estar aqui sozinho três dias depois de sua namorada ter morrido e eu ser a única pessoa a pensar em tirar as chaves dele, já que não tem condições de dirigir? Fico triste por ele, mas me livro rapidamente do sentimento. Não me sobrou nenhuma tristeza.

Peço a Ryan que busque um copo de água. Pego o celular e ligo para FDP. Meu coração dispara enquanto o telefone chama e chama. Cai na caixa. Não deixo mensagem.

Não muito tempo depois nós três nos amontoamos no carro de Ryan. Ele concordou em levar Jeremiah, que está jogado no banco de trás, recostado na porta. Ryan olha fixo para a frente.

E tudo em que consigo pensar é no FDP. No que ele fez, em quem é e em como vou descobrir tudo isso.

Cinco anos, um mês e dois dias antes

Delia disse que era seu diário. Quando June desenrolou o rolinho de papel, com sete centímetros de largura e quarenta e cinco de comprimento, ficou imediatamente confusa. Lista de coisas a fazer estava impresso no topo, em roxo. Delia tinha riscado o “a fazer” e escrito “feitas”. Embaixo daquilo havia uma lista de nomes, mais ou menos meia dúzia.

– Não entendi – disse June.

– Bem, esse é o único diário que vou ter. Todo o resto, você pode me ajudar a lembrar. – Ela sorriu. – Esses são os garotos que beijei. Escrevi com letra bem pequena porque imagino que vá haver muitos mais deles, já que vou guardar essa lista por toda a minha vida. – Ela apontou para o primeiro nome, Fraser Holmes. – Estávamos no primeiro ano. Depois ele tentou enfiar o dedo no meu nariz, o tarado.

June nunca tinha beijado ninguém, embora pouco tempo antes tivesse deixado um garoto bonitinho no ônibus tomar um gole de sua garrafa de água. Aquilo significou *alguma coisa* na época, com a boca dele encostando onde a dela havia estado e tudo o mais. Mas naquele momento, ali com Delia, que era sua mais nova amiga, que tinha a mesma idade que ela e que já tinha beijado – June contou rapidamente – cinco garotos, June sentiu como aquilo era uma tolice.

– Você beijou bastante – ela disse, como um elogio.

Delia riu.

– Bom, não sei bem se os primeiros contam. Mas eu acho que sim...

June olhou para os lábios de Delia, brilhando por causa do *gloss* de manga. Era engraçado que você não pudesse simplesmente olhar para uma boca, ou pelo menos para a maioria das bocas, e dizer se ela tinha sido muito beijada. Mas, em Delia, dava para perceber isso.

Delia deu de ombros e então continuou:

– Por que será que as coisas mais importantes envolvem a boca? Beijar, contar segredos, comer bolo...

– Você não tem medo de que sua mãe ou outra pessoa encontre essa lista?

Ela balançou a cabeça.

– Tenho um esconderijo muito bom. O que é uma sorte, porque o babaca ia me matar se descobrisse. Como se o que *eu* faço fosse da conta dele. – Delia inclinou a cabeça e mordeu os lábios muito beijados. – Um monte de gente acha que seu corpo é da conta delas, especialmente se você é garota. Não é a mesma coisa com os garotos. Mas seu corpo *não é* da conta delas... a menos que você tenha um cafetão ou, tipo, vá a um cirurgião plástico. Ou a um cirurgião plástico cafetão. Então, meio que acaba sendo.

Delia colocou a língua para fora. Só fazia alguns meses que eram amigas, mas June tinha aprendido que aquela era uma atitude típica dela. Delia dizia algo real e verdadeiro, e em seguida algo ridículo. E o mundo de repente parecia maior e menor, mais sério e menos sério. Então June sentiria que era incrivelmente sortuda por ter encontrado aquela garota.

– Mostrar esta lista para você é um momento importante da nossa amizade – continuou Delia. – É como quando alguém está namorando e dá para o outro a chave de casa, então os dois sabem que é amor verdadeiro. – Delia fez uma pausa, depois sorriu. – Só que, é claro, a gente sempre soube que era...

Enquanto estou em pé ao sol da manhã de domingo, percebo que a madeira queimada é a coisa mais preta que já vi. Eu me forço a desviar o olhar para a casa. Procuro ver se há sinais de movimento lá dentro, mesmo sabendo que não – é manhã de domingo e, se estiverem na cidade, a mãe e o padrasto de Delia foram à igreja.

Não estou pronta. Mas se esperar até que esteja nunca farei o que preciso. Faço uma contagem regressiva: três, dois, um. Finjo que Delia está aqui comigo, segurando a minha mão e me puxando para a frente. Então corro.

Eu atravesso o quintal e vou até os degraus do fundo, que levam para a varanda. Abro a porta de tela com o coração batendo rápido. Lá está a fileira de pedras. Localizo a cinza, a antepenúltima na fileira. A chave brilha à luz do sol. Eu a ergo e ela está onde sempre esteve, onde tem estado há anos, escura e terrivelmente fria entre meus dedos.

Eu a pego e coloco na fechadura. E então lá estou eu, dentro da cozinha de Delia pela primeira vez em um ano.

O cheiro me atinge, exatamente o mesmo de sempre. Como aromatizador de ambientes e tinta nova, muito embora a casa não tenha sido pintada há muito tempo e o cheiro seja impossível descrever. “É como um cenário de um programa de TV dos anos 1980”, Delia dizia. O piso é de linóleo, as paredes são amarelas e os armários são de algum tipo de madeira falsa que aparentemente é mais cara que a real. Delia contou que seu padrasto tinha comentado que era tudo “top de linha”. Ela o imitava dizendo isso com a voz de um gângster dos anos 1920. “Top de linha, meus amigos!”

Subo correndo as escadas com carpete creme e sigo pelo corredor. Sou atingida por um milhão de lembranças ao mesmo tempo e mal consigo respirar. Expiro com força e coloco tudo para fora. *Não há tempo para isso.*

No final do corredor há uma cordinha pendurada no teto. Estendo a mão e puxo. As escadas do sótão descem devagar, esticando-se como pernas outrora dobradas.

Vem um cheiro úmido e bolorento. Então começo a subir. Entro no sótão, com

o coração batendo rápido. Puxo outra corda presa ao teto. Uma lâmpada amarela acende.

Atravesso o espaço cheio de placas de madeira até um amontoado de caixas de papelão e um velho baú, com o verniz preto descascando. Ele continua aqui, como sempre esteve. Preciso saber quem é o FDP, e a resposta pode estar ali dentro.

Eu o abro.

O que vejo na minha frente são três garrafas vazias de vodca, dois maços de cigarro vazios, quatro tubos de óxido nitroso roubados por alguém que trabalha em uma cafeteria. Há embalagens de preservativos e dois frascos vazios de xarope para tosse. Mas nada disso é o que estou procurando. Não. Estou atrás de um rolinho de papel azul-claro, gasto depois de anos sendo enrolado e desenrolado. O nome no alto é Fraser Holmes, e o último nome... é o que espero descobrir.

Reviro o baú rapidamente, tocando cada um dos itens ali. Há um saleiro que ela roubou de um restaurante sem motivo nenhum, um monte de olhos arregalados de brinquedo, um saco plástico minúsculo com lábios vermelhos minúsculos na frente e uma dúzia de outros itens variados. Só que nenhum rolo de papel. Verifico três vezes. Não está ali. No fundo da caixa, encontro algo em que não tinha reparado de início: um envelope, endereçado com a caligrafia de Delia, irregular como a de uma criança. E o destinatário sou eu.

Prendo a respiração. Quando ela escreveu isto? E por que não mandou?

Coloco a carta no bolso do casaco e fecho o baú. Atravesso o sótão, desço a escada e a empurro de volta.

Eu olho a hora. A mãe e o padrasto de Delia ainda vão demorar uns vinte minutos para voltar. Vou até o quarto dela, o lugar onde passamos tantas horas juntas, de onde saímos e para onde voltamos sem ninguém perceber, onde quase morremos de rir, onde contamos todos os nossos segredos.

Giro a maçaneta. A porta abre e fico paralisada. O quarto dela está completamente vazio. As paredes estão nuas, os lençóis e travesseiros foram retirados da cama, a escrivaninha está limpa e o chão não tem uma única mancha. Abro as gavetas da cômoda e não tem nada em nenhuma delas. *Ela morreu há quatro dias.*

Sinto raiva, sem ter certeza de quem. Eu me pergunto se foi o padrasto quem

fez isso, com a justificativa de que seria mais fácil para a esposa não ter que ver as coisas da filha. Como se limpar o quarto fosse como se ela nunca tivesse existido.

Onde estão todas as coisas da minha amiga? Preciso vê-las. São os únicos pedaços dela que restaram.

Na garagem, encontro uma pilha de sacos de lixo bem cheios. Aqui estão as roupas de Delia – um suéter roxo que ela sempre usava e deixava um dos ombros à mostra, uma calça jeans com buracos enormes nos bolsos de trás, um casaco de couro marrom que ela amava. Eu me inclino, e seu cheiro sobe no ar. Tenho um desejo repentino e intenso de pegar todas aquelas coisas, levá-las embora e guardá-las, para o caso de... De quê? Para o caso dela voltar dos mortos? O segundo saco contém mais roupas, mas outros guardam livros com fadas, dragões e princesas na capa. Há um jogo de cama completo, seus travesseiros, um edredom. O último saco é de lixo – folhas amassadas de papel-toalha, lenços de papel, uma embalagem vazia de fio dental, algodão manchado de delineador. No fundo há um bastãozinho plástico. Um teste de gravidez.

Putá merda.

Com o coração disparado, pego o bastão e viro, então vejo duas listras cor-de-rosa. Positivo.

Será que Delia...? De novo?

Olho o celular. Tenho cinco minutos ou menos antes que voltem para casa. Fecho os sacos e coloco todos de volta no lugar. Ando pela casa apagando todas as luzes.

Então sigo para os fundos, saio, tranco a porta e vou embora.

Um ano, três meses e dezessete dias antes

Se June fosse qualquer outra pessoa na Terra, não teria notado qualquer coisa de errado. Mas ela era incapaz de não reparar nos menores detalhes relacionados à amiga – aquilo vinha de forma natural. Quando Delia estava por perto, era como se os limites do corpo de June desaparecessem. A outra a envolvia por completo. No auge, a sensação era do mais delicioso alívio, ter alguém lá dentro com ela, em seu cérebro e em seu coração, enchendo-os. Alguém para fazer com que se sentisse menos sozinha. Mas, outras vezes, era assustador ter que compartilhar seu espaço interior com alguém cuja luz brilhava intensamente, mas se apagava de repente e com muita facilidade. E a luz de Delia andava crepitando.

Na semana anterior, Delia tinha chegado bêbada à escola duas vezes. Ela guardava uma garrafa de água cheia de vodca na mochila e bebericava a todo instante. Um dia, June mencionou, muito delicadamente, que ela talvez pudesse dar uma maneirada.

– Não sou sua mãe, June – Delia disse, com um tom de voz áspero. – E você não é a minha.

Era a primeira vez que falava da mãe de June daquele jeito. A garota tinha se sentido... não sabia bem como. Não exatamente na defensiva, mas magoada, o que era uma tolice quando pensava a respeito, porque tudo o que Delia sabia sobre sua mãe era a própria June quem tinha contado. Além disso, Delia estava certa: elas *eram* diferentes, mas talvez fosse por causa da própria mãe que June estava tão preocupada com a amiga. Mas, por mais atrapalhada que ficasse, pelo menos a mãe de June era coerente. Com Delia, por outro lado, nunca se sabia o que ia acontecer, especialmente nos últimos tempos. Ela podia ser aquela pessoa fulgurante e charmosa que todos adoravam. No entanto, cada vez mais, era uma garota sombria que às vezes assustava June. Por mais que pensasse que a conhecia, ela não sabia dizer quão fundo aquilo ia. Havia um buraco negro gigantesco dentro de Delia, para o qual ela queria arrastar June. A garota permitiria que a amiga fizesse aquilo. Não seria capaz de evitar. Se não fosse

muito, muito cuidadosa, Delia ia absorvê-la. June tinha aprendido na escola sobre fagocitose, quando as amebas faziam a mesma coisa. Era como elas se alimentavam. Como sobreviviam.

June precisava sobreviver também. Durante muito tempo aquilo tinha significado que precisava da amiga. No entanto, sentada na cozinha dela, olhando fixamente para ela, June não sabia muito bem do que precisava.

Sabia apenas que alguma coisa estava acontecendo com Delia. Podia sentir a luz crepitando em seu próprio peito.

Delia mordeu uma semente de girassol, cuspiu a casca e comeu o resto. Então ergueu os olhos pensativamente e disse, como se aquilo tivesse acabado de lhe ocorrer:

– Eu ia me matar se engravidasse.

Ela mordeu outra semente, com casca e tudo, e engoliu. June parou, deixando uma semente para fora de seus lábios. Pausou um segundo antes de engoli-la por completo, e ela ficou sentindo o sal na língua.

– Não é verdade – disse June.

Ela tinha tentado manter o tom de voz tão leve quanto o de Delia, embora aquela conversa fizesse seu coração bater mais forte. Pensou em fazer uma piada, tipo “Você ia se matar se ficasse gorda”. Mas havia alguma coisa no tom de voz de Delia que June não conseguia nomear.

Delia levantou os olhos e sorriu.

– Tá bom, talvez não. Mas com certeza mataria o bebê.

Delia observou a amiga com uma sobrancelha levantada. June sabia que estava esperando sua reação.

– Ainda não seria um bebê. Quer dizer, não no começo. – Ela pegou outra semente e a quebrou. – Seria só uma gosma.

Mesmo enquanto dizia essas palavras, June sabia que era mais complicado do que aquilo. Delia não acreditava realmente no que havia dito de maneira tão casual.

– Acho que você está certa. – Delia colocou outra semente na boca e a rachou ao meio, então cuspiu as cascas na mão. Ela grudou uma na ponta do dedo, de forma que ficou parecendo uma unha postiça. Então, sem levantar os olhos, ela disse: – Eu fiz um aborto esta manhã.

Delia pôs a outra metade da casca sobre o dedo médio e estendeu a mão para

olhar. Não levantou a cabeça.

– Eu também – disse June. – Meu terceiro esta semana.

Achava que Delia estava tentando tirar uma com a sua cara, como sempre fazia. June costumava cair nessas brincadeiras o tempo todo. Mas aquele dia não.

Olhou com atenção para o rosto da amiga, buscando algum sinal de um sorrisinho que se transformaria em uma risada maliciosa. Só que ele não estava lá. June fechou a boca e engoliu em seco, uma onda de ansiedade chegando ao estômago.

– Espera, é sério? Você está bem?

June pensou que tinha caído no papo da amiga. Sabia que não era verdade. Não gostava daquelas brincadeiras. Ia fazer o que a amiga esperava para acabar com aquilo. Ainda assim, Delia não sorriu.

– Claro. Não foi nada demais.

Ela deu de ombros, como que para comprovar o que dizia. June finalmente se deu conta de que ela estava falando sério.

Ela encarou Delia, e pareceu que o chão estava se movendo. A expressão em seu rosto era a de alguém que June talvez não conhecesse de verdade. Então o mundo se alinhou outra vez e tudo voltou ao lugar num estalo de dedos. A cabeça de June se encheu com um milhão de perguntas que ela sabia que não ia fazer.

– Doeu? – ela disse, finalmente.

Delia deu de ombros.

– Não mais do que a trepada que causou tudo.

June abriu a boca, chocada, o coração batendo forte. Delia estava dizendo que...?

Ela olhou para o rosto de June, balançou a cabeça e soltou uma risada fria.

– Não fui *estuprada*, porra – disse Delia. – Doeu porque não foi *bom*.

– Ah – disse June.

– Porque eu não estava tão a fim. E aí a camisinha estourou.

– Certo.

– Foi com aquele cara da festa de Sammy na semana passada. Foi um puta rolê chato, você não perdeu nada. O cara era tão ruim com as mãos, parecia que eram novas e ele ainda não tinha lido o manual de instruções. O hálito dele cheirava

a... – Delia começou a se animar. – Lembra aquela vez que uma garota esquisita mostrou que o piercing no umbigo dela tinha infeccionado, e a gente quase vomitou por causa do cheiro? Então, o hálito dele era de quem tinha chupado o umbigo daquela mina. Ainda bem que abortei. Ia ser um bebê bem fedido. Eu ia sentir o cheiro de bunda suja quando ele ainda estivesse na barriga.

June tentou sorrir, mas não conseguiu. Estava se sentindo mal. Delia voltou para as sementes de girassol, mastigando pensativa. Parecia aliviada, como se um peso tivesse sido tirado de suas costas. Agora quem o carregava era June. Delia pegou as casquinhas e grudou em cada uma das unhas com cuspe. Quando terminou, levantou as mãos e examinou.

Estou de volta ao carro, com o coração disparado e uma carta da minha melhor amiga, que está morta, no colo. Assim que me distancio o bastante, eu encosto.

Rasgo o envelope. A data na carta é de um ano atrás, algo que me desaponta, mas de certa forma também alivia.

Querida June,

Oiê. Sou eu, a Delia. É uma maneira estranha de começar uma carta, não acha? E não é uma coisa estranha eu estar escrevendo uma carta para colocar no correio? É como uma mensagem de celular, só que mais comprida, ou talvez como um e-mail, com a diferença de que tem uma árvore envolvida. É. Isto está soando estranho. Mas acho que essa é a razão de tudo isto... as coisas ficaram muito estranhas nas últimas semanas. E não sei o que fazer para que mudem.

Eu queria ter começado com um pedido de desculpas pelas coisas terem ficado estranhas. Você já deve ter contado quantas vezes eu usei uma variação de “estranho” nesta carta: cinco (seis se você contar essa última, e, tipo, quinze se você contar as que eu escrevi com tinta invisível). Eu te amo (você sabe disso). Você é minha melhor amiga (você sabe disso também). Se você acha que eu fiz alguma coisa, queria que você conversasse comigo a respeito. Porque a gente costumava conversar sobre tudo. Embora ultimamente eu mesma não tenha te contado umas coisas.

Então aqui vai: Ryan não é o cara certo para você. E não estou dizendo isso porque ele é chato e normal demais, ou porque estou com ciúme por ele estar tirando você de mim (isso também hahaha, mas não é o principal). Na real é porque o cara se revelou um verdadeiro babaca. Ele tem me ligado ultimamente. Atendi da primeira vez porque achei que era você usando o celular dele, mas não era. E Ryan não estava ligando para falar sobre você. Ele quer... Parece estranho escrever isso em uma carta, mas vamos apenas dizer que quando as coisas ficaram bem esquisitas na outra noite, em parte foi por culpa minha. Mas a maior parte foi culpa dele. Sei que você não vai gostar disso, mas espero que

acredite em mim, porque eu juro que é verdade, e não estava bêbada demais para julgar (nós bebemos a mesma quantidade, mas, menina, você tem a resistência de uma mosquinha e eu tenho a resistência do cara grandalhão e peludo em quem a mosquinha pousou). Quando você saiu do quarto, ele tentou continuar o jogo. Venho planejando contar isso para você e pensei que teríamos uma oportunidade de discutir tudo depois daquela noite, mas não conversamos desde então, não da maneira de antes. Talvez uma parte de mim tenha ficado magoada por você supor imediatamente que a culpa era minha. Quando não era.

Não sei se vou ter ou não coragem de mandar esta carta. Acho que, se você está lendo, é porque tive. E, se você não está lendo, então escrevi para mim mesma. Oi, Delia, você está linda hoje, meu bem.

Mas, sério, June, você tem que acreditar em mim. Eu nunca, nunca, nunca mentiria para você.

Sua amiga,

De

Deixo a carta cair no colo. Meu coração está acelerado. Não sei o que pensar ou como entender aquilo. Só sei que preciso de respostas e que, das duas pessoas no mundo que as têm, apenas uma ainda está viva para eu perguntar.

Eu observo o rosto de Ryan enquanto seus olhos se movem pela página. Fico tendo que me lembrar de respirar.

– Não tenho certeza do que devo procurar aqui.

Ele recosta na parede ao lado de sua cama e cruza as pernas na altura do tornozelo.

Ryan sabe que o estou encarando. Percebo que tenta manter o rosto tranquilo, mas posso ver em seus olhos o momento em que lê seu nome.

– Que droga é essa? – ele pergunta. “Droga”, quando ele geralmente diz “porra”. – Você não... acredita nisto, acredita?

Ele levanta os olhos.

O mundo está girando rápido demais, e tenho medo de sair voando. Sinto ânsia

de vômito. Minha cabeça confirma.

– Mas como? Delia era doida! Quando ela mandou isso?

– Ela não mandou – digo.

– Então como você está com essa carta?

Ele inclina a cabeça para o lado.

Não respondo. Não vou contar a ele de jeito nenhum. Porra nenhuma. Droga nenhuma, se preferir.

Ryan insiste.

– Desde o começo eu soube que aquela garota era louca. Tentei ser amigo de Delia por sua causa, mas nunca gostei dela. Sempre fingiu que vocês tinham algum tipo de relacionamento especial, além de uma simples amizade. Você tem ideia de quão louca ela era? Sabe que *Delia* deu em cima de *mim* naquela noite? E depois também? – As palavras saem em uma correria frenética agora, como se ele estivesse com medo de parar de falar. – Esta carta é uma fantasia. O que ela desejava que tivesse acontecido, acho. Ela deu em cima de mim tantas vezes que perdi as contas. Nunca contei porque não quis te magoar. Vocês já não estavam se falando muito, então achei que não fazia sentido. Tipo, quem quer saber que uma amiga, mesmo que tenha se afastado, fazia algo assim? Mas é verdade. – Ele abaixa a voz. – Você sabe que eu não faria isso...

– Não tenho certeza de mais nada – digo.

E então uma expressão se forma no rosto dele, de pura mágoa. Eu me pergunto se estou cometendo um erro terrível.

Ryan levanta.

– Não acredito que não confia em mim. – Ele balança a cabeça. Parece que está começando a entrar em pânico. Nunca o vi desse jeito. – Tenho que ir. Eu... Não consigo mais ficar aqui.

Ele se vira e vai em direção à porta. Sigo Ryan para fora do quarto e paro no alto das escadas. Ele desce devagar, como se estivesse esperando que eu fosse atrás. Mas fico lá parada até ouvir o som baixo da porta dos fundos se fechando.

Meu coração bate contra as paredes da caixa torácica. Não sei o que fazer agora. Mas entendo que estou escolhendo Delia mesmo que ela não esteja mais aqui, como deveria ter feito lá atrás. Posso sentir os laços que sempre nos mantiveram juntas voltando. Sinto todo o meu corpo ligado ao seu, muito embora não seja nada mais do que fumaça e cinzas agora.

A mãe de Ryan está na cozinha. Seu cabelo está puxado para trás em um coque, ela tem um brinco enorme de diamante em cada uma das orelhas e usa calça de ginástica e regata. Eu me pergunto o que ouviu. Sigo em direção à porta, para o carro. Quando me vê, ela sorri.

– Ah, ótimo. Você pode me ajudar. – Ela aponta para o liquidificador sobre a bancada da cozinha. Tem manga picada dentro do copo. – Estou tentando algo novo. Sabe como é, resoluções de Ano-Novo e essas coisas. Pode me dizer se estiver horrível. – Ela me dá as costas e vai até a geladeira. Pega um pote com mirtilos, algumas framboesas e espinafre. – Quero que se sinta à vontade aqui, como se fosse parte da família. – Ela vai jogando coisas dentro do liquidificador enquanto fala. – Sabe, eu e meu marido achamos... achamos que você é maravilhosa. – Ela vira e sorri, depois aperta um botão na base do liquidificador. Então continua, por cima do ruído, sem virar: – Não pude evitar ouvir vocês brigando.

Olho para a porta. Quero sair correndo.

O liquidificador para.

– Não sei o que disseram, mas deu para notar que estavam brigando. Desculpa, eu não estava tentando bisbilhotar. – Ela tira o copo da base do liquidificador, pega dois copos no armário e enche cada um deles com uma coisa roxa, empurrando um na minha direção. – Sei que manter um relacionamento é duro, e às vezes a pessoa com quem você está pode agir como um idiota. Meu marido certamente faz isso! – Ela solta uma risadinha. – E tenho certeza de que eu também faço. Mas sei o quanto Ryan gosta de você. Acho que é isso que eu queria dizer. Ele vai me matar se souber que eu me intrometi, mas... – Ela abaixa a voz. – Sei que meu filho leva o relacionamento de vocês a sério, então espero que ele lhe diga isso às vezes. Ryan não voltaria para casa mais cedo por qualquer pessoa.

– Desculpe, como é?

– Ah, não precisa se desculpar. Nós sentimos a falta do Ryan, mas é claro que entendemos. E tivemos dezesseis festas de Ano-Novo com ele, então uma sem não é grande coisa, certo? Quando é amor verdadeiro, o relacionamento *tem* que vir em primeiro lugar.

– Espera – eu digo. – Eu...

– Por favor, não fique brava com ele. Ryan não contou nenhum detalhe. Tudo

o que disse foi que vocês dois precisavam discutir algumas coisas e ele queria fazer isso antes da virada. Sério, foi só isso. – Ela sorri de novo. – Quem sabe no ano que vem todos estaremos juntos?

– Ryan voltou antes... – digo lentamente.

Uma onda de adrenalina atravessa meu corpo.

– Essa é a questão, Ryan não faria isso por alguém que não fosse muito especial para ele! – Ela sorri enquanto assente com a cabeça, como se eu finalmente estivesse entendendo. – Espero que tudo dê certo!

Minha mão está tremendo quando nossos copos se encostam.

Ryan voltou das férias antes. Disse para os pais que era para me ver. Mas não era.

O que ele estava fazendo então?

A mãe dele ainda está olhando para mim, sorrindo e fazendo que sim com a cabeça.

– Sabe, meu marido e eu começamos a namorar quando ainda estávamos no colégio. Parece loucura, mas é verdade.

Mexo a cabeça sem força, concordando.

– Desculpa, mas de repente não estou me sentindo muito bem. A senhora se importa se eu for para o quarto do Ryan?

Nem espero a resposta.

De volta ao andar de cima, tiro o celular do bolso. Percorro os contatos até FDP e ligo. Começa a chamar, mas meu coração está latejando nos meus tímpanos, então mal consigo ouvir.

Toca uma vez, duas vezes...

Por alguns segundos, o quarto de Ryan continua silencioso. E o que pode acontecer e me aterroriza ainda não aconteceu. Então ouço o zumbido abafado de um telefone vibrando.

Eu reviro o quarto dele.

Não está na cama, não está na mesa de cabeceira, não está na escrivaninha. Os toques acabam e entra a caixa postal. Ligo outra vez. Procuro nas primeiras gavetas da cômoda, cheias de suéteres, camisetas, cuecas. Vou descendo. Estou mais perto agora. Ligo de novo. *Bzz. Bzz. Bzz.* Abro com força a última gaveta. Enfio a mão entre as calças jeans e lá no fundo meus dedos tocam algo duro. Retiro um celular preto antigo. Meu número aparece brilhando na tela.

Pego o telefone e vou até o registro de chamadas. Além das minhas chamadas recentes, não há nada além de ligações e mensagens para ela. E duas ligações recebidas de Delia: no dia 29 de dezembro e um dia antes de sua morte.

Eu ouço outro zumbido, mas dessa vez está vindo do meu próprio celular. Olho a tela. Mensagens do Ryan. Desculpe por explodir daquele jeito. Fiquei chateado por vc não confiar em mim, mas sei pelo que está passando. Quer me encontrar na lanchonete? Estou a fim de umas panquecas...

Devolvo o telefone à gaveta e desço as escadas correndo. Sigo para a porta da frente.

– June? Você está bem? – ouço a mãe dele chamar.

Eu não paro. Desço os degraus da entrada. Com as mãos tremendo, abro o carro, entro e saio dirigindo.

E então, finalmente, solto um grito silencioso, quando aquilo que está no fundo da minha cabeça, os pensamentos que morro de medo de ter, começa a vir à tona.

Um ano, dois meses e seis dias antes

– Digam xis – falou Ryan

– Não tão rápido, cretino – disse Delia.

Ela se jogou em cima dele e tentou agarrar o celular. Ryan segurou-o atrás das costas. June ficou vendo do sofá os dois disputarem o celular, sentindo um calor reconfortante por dentro.

– Do que você está rindo? – perguntou Ryan.

June tocou a boca, cujos cantos estavam contraídos, e percebeu que ele estava falando com ela. Não sabia por que estava sorrindo. Supôs que deveria ser porque tudo estava indo bem, o que a deixava feliz. (E talvez um pouquinho por causa da bebida.)

Eles tinham planejado aquilo semanas antes, assim que haviam descoberto que os pais de Ryan estariam fora da cidade. Deveriam estar em quatro: June e Ryan, com quem Delia nunca tinha passado muito tempo antes, e o novo namorado dela, que June não conhecera. O nome dele era Sloan e era baterista de uma banda de que Delia gostava. Ela o conhecera depois de um show. A primeira coisa que ele dissera para Delia fora: “Se há um número infinito de universos paralelos, então em pelo menos um deles já estamos trepando”.

– Eu curti – Delia tinha dito a June. – Sem dúvida. Quero dizer, é uma frase quente, instigante. Acontece que ele a tinha roubado de um amigo muito mais inteligente. – Mas Delia argumentara que ele era tão gostoso que aquilo não fazia diferença, pelo menos no momento. – Ele não está aqui para ser interessante.

June tinha visto muitas fotos de Sloan, incluindo uma de seu pau, porque Delia fazia aquele tipo de coisa, mostrava um monte de fotos com um *nude* no meio, como se não fosse nada.

– E tem esta do cachorro do Sloan, e do colega de quarto cuja barba tem pulgas, e do pau do Sloan.

Ela era muito boa em aparentar indiferença.

June tinha esperança de esquecer o que Sloan tinha entre as pernas quando o conhecesse pessoalmente, mas ela *nunca* chegou a conhecê-lo, porque uma hora e meia antes, em vez de chegar com o cara, Delia aparecera com uma garrafa de vodca barata pela metade, um pote de cerejas e uma história sobre como tinha dado um pé na bunda daquele babaca no caminho (devagar, porque ele estava dando carona para ela).

– Mais vodca pra gente – Delia tinha dito e piscado, então brindou e tomou um longo gole bem ali, nos degraus da entrada.

Mas, enquanto observava Delia se enchendo de vodca, June teve uma sensação de profundo pavor no estômago. A sensação de que alguma coisa *ruim* ia acontecer naquela noite.

Delia andava bebendo e, quando estavam só as duas, ficava sombria. Elas sempre tinham visto o mundo como “nós contra eles”, mas enquanto costumava ser de uma maneira “porque ninguém mais realmente entende”, agora era “porque todas as outras pessoas e o resto do mundo são uma bosta”. O álcool era o combustível que levava o foguete Delia cada vez mais para baixo, rumo à completa escuridão. June não *queria* ver as coisas daquele jeito, mas os sentimentos de Delia a envolviam e penetravam nela até se tornarem indistinguíveis dos seus próprios.

Quando haviam planejado a noite, June esperara, até mesmo contara com a possibilidade de que, com Sloan lá, o eu brilhante, engraçado e carismático de Delia viria à tona. Perto dos caras com quem estava transando ou com quem um dia poderia vir a transar geralmente mantinha seu melhor humor. Mas, sem ele lá, quem sabia o que poderia acontecer? Como seria com apenas os três?

A princípio a resposta foi: *muito constrangedor*. Ryan ficava quieto, o que não era comum nele, e Delia falava muito, como às vezes fazia quando bebia demais. June estava feliz por ela não ter afundado imediatamente em um poço de escuridão, mas Delia ficava mencionando piadas internas ou lembranças sobre as quais não conversavam fazia anos. Era como se ela quisesse se certificar de que Ryan soubesse como as duas eram unidas e que se alguém fosse sobrar não seria ela. Então Delia começou a dizer como Sloan era chato, mas que ia sentir saudades de *determinadas coisas*, em seguida olhou para June significativamente e piscou.

– Ela sabe o que eu quero dizer – Delia tinha dito.

June ficou constrangida, porque era óbvio do que Delia estava falando. June não queria que Ryan imaginasse que ela havia contado a Delia coisas muito, muito confidenciais sobre *ele*, o que, de fato, não tinha feito. Embora alguns meses antes ela provavelmente teria contado. Mas as coisas haviam mudado e, naquele momento, June estava estranhamente grata por aquilo.

Então June, que nunca bebia, decidiu naquela noite clara e fria que ia beber, só daquela vez, porque estava tudo muito difícil. E porque Delia já estava meio bêbeda e Ryan tinha um copo na mão também.

– Pode me servir, garçõete – June havia dito assim que decidira se juntar a eles.

Se Delia ficou surpresa – o que deve ter acontecido, porque como não se surpreenderia? –, não demonstrou na frente de Ryan.

A primeira dose queimou a garganta e fez com que ela tossisse. Delia deu-lhe um pouco da calda das cerejas para acompanhar a dose, mas não adiantou muito. Imediatamente, June sentiu a barriga esquentar e a sensação subir pela nuca. A segunda dose não foi tão ruim. Alguns minutos mais tarde as coisas não pareciam mais tão constrangedoras; aquele sentimento iminente de *destruição* tinha desaparecido. Depois da dose seguinte, ela se perguntou por que estivera preocupada – com Delia e sua escuridão e as coisas estranhas que tinham acontecido entre elas, com Ryan e a possibilidade de que a deixasse, com sua mãe, a escola, a vida. Qualquer coisa, na verdade.

Agora, olhando para a Delia brincalhona que tentava roubar o celular de Ryan, vendo o namorado sorrindo para ela, June sentiu uma onda de puro prazer e alegria. Percebeu que tinha sido muito melhor terem ficado só os três. O que estava acontecendo bem ali era melhor do que qualquer outra coisa que já tinha acontecido. Aquele talvez fosse o momento mais feliz de sua vida até então. O que, pensando bem, era meio ridículo.

June deu uma risadinha.

– Ela está rindo porque percebeu que sua melhor amiga é mais esperta que seu namorado – Delia disse, então arrancou o telefone das mãos dele, jogou-o no sofá e se sentou em cima dele.

– Mais ou menos isso – June disse.

Ela sorriu ainda mais para suas duas pessoas favoritas em todo o planeta e recostou-se no sofá. Delia começou a servir mais vodka nas canecas que estavam

usando.

– Não sei se eu... – June começou a dizer.

Ela se sentia perfeitamente bem agora; não queria estragar aquilo. Talvez sua cabeça já estivesse girando um pouco.

– Shh, shh, shh – Delia disse. – Escuta o papai.

Delia apontou para a frase O MELHOR PAI DO MUNDO gravada em sua caneca, em seguida entregou a da amiga.

June bebeu sua dose. Não tinha gosto de absolutamente nada.

Ryan estava em pé ao lado do sofá, tomando goles de uma cerveja que tinha aparecido em sua mão. Por um segundo, June se perguntou se ele estava se sentindo deixado de fora e pensou em ir dar um abraço nele ou lhe dizer para sentar com elas. Começou a levantar, mas Delia agarrou seu braço e puxou-a para baixo.

– Ok, *agora* tira a foto – ela disse.

June olhou para Ryan. Ele não era o tipo de pessoa que recebia ordens. Sabia o quanto ele ficava aborrecido quando sua irmã mais nova, Marissa, tentava lhe dizer o que fazer. Mas, naquele momento, Ryan apenas sorriu e concordou com a cabeça. Delia jogou o celular para ele e então se apertou contra June. Ela agarrou uma parte do longo cabelo loiro da amiga, passando-o pela própria testa e atrás da orelha.

– Como eu fico loira? – perguntou.

Ela estava fazendo aquele sotaque engraçado que só usava quando estavam sozinhas. “Loira” soava como “loi-rra”. June sentiu o rosto morno de Delia no seu. O cotovelo da amiga raspava no seu peito, mas ela mal conseguia sentir.

June pegou um punhado dos cachos de Delia e os colocou atrás de sua própria orelha. Experimentar o cabelo uma da outra era algo que faziam havia anos.

– *Clic* – disse Ryan em voz alta. E tirou a foto. Em seguida, colocou o telefone sobre a mesa. – Vocês são como crianças brincando de cabelereiro – ele disse.

June percebeu que ela e Delia ainda estavam espremidas juntas. Era muito bom ter uma amiga com quem podia ser tão carinhosa. Elas sempre tinham se aninhado quando assistiam a um filme e costumavam andar abraçadas. “Ninguém abraça você em casa”, Delia havia dito alguns anos antes. “E sempre que sou abraçada, é assustador. Mas tem uma substância química com um nome que eu não consigo lembrar que explica por que é tão bom abraçar alguém que

você ama.”

June tinha esquecido que Ryan nunca vira as duas juntas. Sentiu, por um segundo, um minúsculo constrangimento, pensando que ele poderia achar aquilo esquisito.

Mas, quando olhou para Ryan, ele estava sorrindo. Ela pensou em como aquele sorriso era sexy. Parecia de verdade, e não um mero mostrar de dentes. Ryan era fofo e agia como os namorados dos programas de tv e dos filmes – os bonzinhos –, o que sempre a fazia pensar em como era diferente dos outros garotos que tinham gostado dela, e em como ela própria se sentia diferente perto dele. Mas havia algo naquele sorriso, naquele momento, que nunca tinha visto antes. June pensou que talvez fosse porque ele estava bêbado. Ou porque ela estivesse.

As coisas continuaram assim por um tempo, entre bebidas e risos, cada momento se fundindo no seguinte. Mas então, em algum momento, Delia sentou com as costas retas, estendeu os braços sobre a cabeça e disse, como se tivesse acabado de pensar naquilo:

– Ei, eu tenho um jogo legal pra gente jogar.

Mais tarde, June pensaria naquele momento, na maneira casual como Delia havia feito a sugestão. Ela imaginaria quão bêbada Delia estava, e se tinha consciência do que poderia acontecer em seguida. June poderia percorrer aquelas lembranças para sempre, mas nunca entenderia. Nunca teria certeza, aquilo ela tinha aprendido. Não se podia ter certeza de coisa alguma.

– E como é? – perguntou Ryan.

– Bem, primeiro todo mundo senta, então cada um pega um travesseiro. Aí... Você tem baralho e dados?

Ryan assentiu e foi até a gaveta embaixo da tv onde sua família guardava jogos, porque eles eram aquele tipo de gente.

– Ótimo – disse Delia. – Agora, todo mundo – June pensou que era engraçado como Delia dizia “todo mundo”, como se eles estivessem em muitos – precisa ter de quatro a seis cartas, ou seja, cinco, porque esse é o único número no meio. A menos que vocês queiram rasgar as cartas. Vocês querem? – Ela virou para June e levantou a mão, então sussurrou alto, de brincadeira, para que Ryan pudesse ouvir: – Estou inventando isso tudo. Me dá uma ajuda.

– Ah, espera – disse June, tentando parecer sóbria e séria, o que era realmente difícil naquele momento. – Você se esqueceu da parte sobre os sapatos.

– Sapatos? – repetiu Delia. – Ah, é mesmo, que tonta que eu sou.

– Ryan – disse June –, você senta no sofá e tira os sapatos. Então... – Ela não conseguia pensar em nada engraçado para dizer, porque seu cérebro estava trabalhando muito lentamente, com todo o álcool. – Tome uma dose! – Ela apontou para o namorado. – Você aí! Senhor? Tome! Uma! Dose!

Agora June estava gritando sem qualquer motivo. Ela *queria* que ele tomasse uma dose? Ryan estava olhando para ela, parecendo se divertir. E então ele tomou. Depois piscou para ela, algo que nunca havia feito antes. June nem tinha ideia de que ele piscava, mas achou que Ryan era bom naquilo!

Então o jogo começou a evoluir. Mais tarde, June ia se esforçar bastante para entender qual deles levava a situação por aquele caminho tão peculiar.

Decidiram que era um jogo de beber, uma combinação de verdade ou desafio, jogo da garrafa e *strip poker*, com alguns outros elementos de outras brincadeiras também. As regras não estavam muito claras. Eles nem sabiam se elas existiam.

Jogavam cartas no centro da mesa e todo mundo tinha que beber. Ryan dançou como um *stripper* e tirou a camisa, enquanto Delia ria histericamente.

– Você tinha razão – ela disse em voz alta, enxugando as lágrimas do rosto. – Ele não é chato.

Ryan fingiu ficar ofendido.

– Você tinha razão – ele disse para June. – Ela não é *totalmente* esquisita.

– Ah, é sim – Delia disse, mexendo as sobrancelhas.

– Pode ser – disse Ryan. – Mas de um jeito legal.

O jogo continuou. Eles beberam mais. Delia serviu uma dose diretamente na boca de June. Ryan falou sacanagens para um abacaxi. June tentou tirar o sutiã sem tirar a camisa e de algum jeito acabou caindo sobre o sofá com metade dele em cima da cabeça.

E então eles jogaram Twister! E dançaram! E ficaram um em cima do outro no sofá! Era tão estranho e divertido! Mas, no momento em que ela viu os lábios de Ryan e de Delia se encontrarem, o que, de alguma forma, era parte da brincadeira, June soube que a coisa toda tinha sido um erro terrível. Mesmo entorpecida pelo álcool, ela sentiu uma onda quente de pânico dentro de si.

E de repente ficou muito enjoada.

June levantou, com as pernas tremendo como gelatina. Ela tinha que sair dali.

Não estava se sentindo nada bem. Aquela sensação talvez fosse a pior que já havia tido em toda a sua vida.

– Tenho que ir ao banheiro – ela disse. Sua voz mal saiu, e eles não a ouviram.

Ela não queria vomitar ali no chão. Afastou-se sem virar para trás, para não ter que olhar para eles. Seu rosto estava pegando fogo. Estava suando, mas também sentia frio. As paredes ficavam se mexendo, e June tentava se segurar nelas. Então a sala toda balançou como uma montanha-russa. De alguma maneira, ela conseguiu chegar ao banheiro. As luzes estavam fortes, e quando ela acidentalmente olhou no espelho viu algum tipo de monstro com cabelo emaranhado, rosto inchado e calda de cereja no queixo, como se fosse um cavanhaque. Não quis mais olhar no espelho, então apagou a luz e sentou no chão, encostando o rosto na porcelana fria da base da pia. Esperou o vômito sair, o que não aconteceu. *Será que beber e não vomitar é algo genérico*, pensou, então ficou meio impressionada consigo mesma por ter usado “genérico” naquele momento. Somente alguns segundos mais tarde percebeu que não era aquilo que ela queria dizer, mas não foi capaz de pensar na palavra certa. Então June pensou em sua mãe, e em Ryan e Delia na sala, e começou a chorar.

Quando parou, percebeu que ainda estava no banheiro. Onde eles estavam? Por que ela estava sozinha? Talvez tivesse pegado no sono, porque a próxima coisa que viu foi Ryan acendendo a luz, segurando um copo de água e esfregando as costas dela, enquanto dizia:

– Ei, você está bem?

Por um segundo, ela esqueceu o que tinha levado àquela situação. Mas lá estava Ryan, esfregando suas costas. E lá estava Delia, sua melhor amiga. Eles tinham sumido por um bom tempo. E ela permanecera sozinha enquanto isso.

– Ei, Dé – June começou a dizer. Ela queria lhe perguntar alguma coisa, precisava dizer algo muito importante, mas naquele momento não conseguia lembrar o que era. – Dé? – June disse de novo.

Ela tentou olhar nos olhos da amiga, mas Delia não olhou para ela.

Não tenho ideia de aonde estou indo, mas sei que preciso sair daqui. Piso no acelerador e a velocidade vai aumentando rápido. Seguro o volante com toda a força. Que porra é essa?

Repasso tudo em minha cabeça, tentando reunir aquilo que sei: um pouco mais de um ano atrás, Delia me escreveu uma carta, mas nunca a enviou. Ryan tem um telefone secreto que só usava para falar com ela. Ele mandou uma mensagem do lado de fora da casa de Delia um dia antes de ela morrer, e não era o tipo de mensagem que se mandava para uma amiga. Ryan estava lá quando Delia ligou, gritando no fundo. No dia seguinte, ela morreu. Havia um teste positivo de gravidez no lixo. Minha cabeça liga os pontos, criando uma forma. Quando olho para ela, sinto ânsia de vômito.

Meu celular está no suporte de copo, zumbindo. O nome de Ryan aparece na tela.

Entro no estacionamento de um parque. O céu está branco e cinza. Um pai e um menino pequeno passeiam com um cachorro. Dois meninos com casaco de inverno estão correndo. Os flocos de neve se desfazem antes de chegar ao chão. Meu corpo está pegando fogo.

O telefone toca apenas uma vez antes de ele atender.

– Jeremiah – digo, com a voz estranha. – Preciso falar com você.

– June? – ele pergunta. – Você está bem?

Imagino seu enorme rosto quadrado, seus olhos pálidos e injetados. Mal consigo fazer as palavras saírem.

– Delia estava grávida?

– Não, meu Deus, definitivamente não – ele diz depressa. – Por que está me perguntando isso?

– Mas como você sabe? – insisto. – Como pode ter tanta certeza?

– Porque nós... – Ele abaixa a voz. – Só dormimos juntos duas vezes, e usamos proteção. – Ele faz uma pausa. – Acho que sempre pensei que ia esperar até casar ou algo assim, então me sentia culpado, porque... eu não sei. Então, a menos que ela estivesse me traindo... – Jeremiah abaixa a voz de novo. – Mas

ela não teria feito isso...

Qualquer um que a conhecesse saberia que ela teria, sim, feito isso. Ao que parece, de fato fez. Ele está mentindo para mim? Ou para si mesmo?

– Encontrei um teste de gravidez – digo. – Na casa dela. – Paro, com o coração a mil. – No lixo, quero dizer – acrescento rapidamente. – Deu positivo.

Ele fica em silêncio por muito tempo. Por fim, diz:

– Quem era o pai? Como isso pode ter acontecido?

Então eu continuo. Conto sobre o telefone secreto de Ryan e as ligações para Delia.

– Espera, você está falando de Fisker? – pergunta Jeremiah. – Ele não... – Jeremiah faz uma pausa. – Não estou entendendo. Ele não é seu namorado?

O menininho sobe no balanço do playground frio e cinzento. O pai fica atrás dele, empurrando.

– Era. Acho que não é mais...

Ao me ouvir dizer essas palavras, percebo que acabou. Depois de todo esse tempo pensando e me preocupando, agarrando-me com força. Num piscar de olhos, não há mais lugar onde segurar.

Quando ele finalmente fala outra vez, sua voz é um sussurro:

– Tenho que ir.

Ele desliga. Fico lá sentada, olhando para o menino e o pai. Ele está rindo agora, voando no balanço.

Um momento mais tarde o celular toca outra vez. Não reconheço o número. Eu atendo.

– Oiê.

É uma voz baixa de garota, com sotaque sulista.

Ashling.

– Escuta, antes de você dizer qualquer coisa, desculpa. Foi por isso que liguei. Desculpa por ter sido... como fui. Estava tentando proteger Delia ou sei lá o que, foi burrice. Não é fácil para nenhuma de nós duas. Eu quis ligar e dizer isso. – Ela respira fundo. – Então liguei. – Ela faz uma pausa. – Também queria me certificar de que você não estava mais pensando naquelas loucuras que disse sobre Delia no outro dia... sobre o que aconteceu com ela.

Sei que Ashling não vai querer ouvir isso, mas também sei que não tenho escolha a não ser contar.

– É mais complicado do que eu pensava. Descobri com quem ela estava traindo Jeremiah...

– É mesmo? – Ashling diz. Há algo em sua voz que eu não consigo reconhecer. – Com quem?

– Meu namorado.

Ela faz uma pausa e solta o ar.

– Que droga.

– E acho... – Mal consigo dizer, mas tenho que fazê-lo. – Acho que ela estava grávida. Não acredito que estou dizendo isso, mas talvez fosse dele. E se Ryan descobriu? E se ela o ameaçou e ele ficou bravo...

– Ok, June, espera um pouco. Sério. Não é o que você pensa.

Não digo nada.

– Onde você está? – ela pergunta, e eu respondo. – Não sai daí, me espera. Tenho uma coisa para você.

A carta à minha frente fora escrita por Delia, essa parte estava clara. São as palavras que não consigo entender. Eu as leio outra vez, outra vez e outra vez.

Queridíssima Ash,

Acho que a esta altura você sabe o que aconteceu. Espero que não esteja muito triste.

Só não quero mais fazer isso. “Isso” quer dizer “qualquer coisa”. Todos vamos morrer algum dia, certo? Decidi que o meu é hoje.

Te amo muito.

De

– Estava na minha caixa de correio esta manhã – Ashling me diz.

– Um bilhete suicida – digo.

Ashling confirma com a cabeça.

– Ela não teria... Ela estava... – Minha voz fica trêmula. – *Ela tinha medo de fogo.* – Assim que digo isso, percebo como minha lógica tem sido absurda esse tempo todo. O medo de fogo não provava que ela não conseguiria ter feito aquilo. Era *exatamente o motivo pelo qual teria feito.* – Isto não é... Eu...

– Olha, se alguma parte de você quer achar que ela não se matou para que não se sinta culpada pensando que poderia ter impedido o que aconteceu... não é por aí, tá? Não tem nada a ver com você. Não se sinta mal por não ter atendido o telefone. Se soubesse o que ela planejava, é claro que você teria tentado impedir. Mas não teria feito nenhuma diferença. Delia ia fazer o que queria fazer. Como sempre...

Balanço a cabeça, porque não me sobraram palavras. Sei que as coisas poderiam ter sido diferentes. Meu Deus, como eu queria que tivessem sido.

Ashling me dá um abraço.

– Fica bem, June – ela diz.

E então vai embora. Fico sentada lá, chorando. As lágrimas rolam depressa pelo meu rosto. Eu as imagino enchendo o carro todo, gota por gota, até me afogar nelas.

Só mais tarde, quando finalmente estou dirigindo de volta para casa, percebo algo estranho: Ashling disse que, se eu soubesse o que ia acontecer, teria atendido o telefone. Mas nunca contei a ela que Delia tinha me ligado. Ela disse que falou por três segundos com Delia e só. Então... como sabia?

Quando chego em casa, o sol já se pôs e as árvores são recortes de papel preto contra um céu cinza-escuro. Tudo o que consigo ver é o rosto de Delia. Tudo em que consigo pensar é em como seus últimos dias devem ter sido, escrevendo aquela carta para Ashling, ligando para mim, planejando tudo. Penso em seus últimos momentos, derramando a gasolina, acendendo o fósforo.

Saio do carro e bato a porta com força atrás de mim.

No mesmo instante, ouço alguém gritando:

– JUNE! Escute, por favor!

Ryan. Ele estava esperando por mim. Ouço os passos, cada vez mais rápidos. Meu coração bate depressa. Ryan está correndo agora. Começo a correr também. Tem alguma coisa muito errada.

À porta, seguro as chaves com força, os dedos congelados se atrapalhando. Estou tremendo. Ryan chega cada vez mais perto. Por fim, a chave entra. Eu a giro e entro no corredor escuro de casa.

– JUNE! – ele me chama. – Preciso falar com você.

Eu bato a porta atrás de mim e passo a tranca.

Os gritos de Ryan são abafados pela porta. Encosto o ouvido na madeira.

Ouço o que parece ser “louco” e “Jeremiah”. E então quatro palavras, perfeitamente claras:

– Acho que foi ele.

Todo o meu corpo está formigando. Acendo a luz de fora e espio pelo olho mágico. O rosto de Ryan está coberto de algo espesso e escuro. Levo um segundo para perceber o que é aquilo: sangue. Escorre em listras pelo rosto e o queixo. Seu nariz está sangrando. Seus olhos parecem desesperados.

Ele pega o celular. Um segundo depois, o meu toca.

– Por favor! – Ryan grita do outro lado da porta.

Não atendo. Vejo-o digitar. Uma mensagem chega.

Me escuta, por favor. vim aqui te avisar.

Um segundo depois, outra...

Jeremiah veio falar comigo.

Pim. Pim. Pim.

disse que eu engravidei Delia. estava completamente insano.
disse que por minha causa o bebê está morto.
ela estava grávida? se estava e se o bebê morreu.
é por causa dele. Jeremiah matou Delia.

ela não estava grávida de mim, não tem como.
June, não estou mentindo. ele é louco.
ele estava com ciúme, gritando.
tem alguma coisa errada com ele.

Consigo sentir o pânico de Ryan através da porta. Com que rapidez as coisas mudam. Com que rapidez o inimaginável se torna real.

Por que eu acreditaria em você?
Você já mentiu.
Estava com ela. Descobri tudo.

Pim. Pim. Pim.

Por um momento, ele apenas olha fixamente para a tela. Seus ombros caem.
ok, ok, eu estava na casa dela.

Eu já sei disso, mas ainda assim as palavras parecem um soco.
quando eu estava de férias,
ela me ligou e disse que não estaria por aqui mais pra frente.
essa foi a frase que ela usou.
ela disse que se eu voltasse cedo poderíamos...
eu voltei, mas quando cheguei na casa dela não foi como pensei que seria.
ela parecia estar chapada, agindo de maneira muito estranha.

De repente, num estalo, eu entendo algo que ele não entende e nunca vai entender: *Ela estava ferrando com ele. Fez isso por mim.*

Esse era o segredo. Ela ia me dizer o que Ryan tinha feito, mas apenas se eu atendesse o celular ou ligasse de volta. Só se eu merecesse saber...

Estou chorando agora, mas não sei por quem. Por Delia? Por mim mesma? Por nós duas? Pensei que a conhecia tão bem, que ela nunca se mataria. Mas o que eu sei sobre qualquer coisa?

Escolhi Ryan, e escolhi errado. Delia está morta. Falhei com ela.

Ryan limpa o rosto, espalhando o sangue.

então nós ouvimos o aviso na escola.
pensei que ela tinha se matado, que era louca.
não tenho mais tanta certeza.

Apesar de todas as minhas dúvidas, tenho certeza de uma coisa: Ryan não a machucou. Ele é um mentiroso e um idiota. Mas não foi ele. De qualquer maneira, não o quero mais aqui.

Vai embora.

– Escuta! – Ouço a voz abafada de Ryan através da porta. – Por favor! Acho que não é seguro ficar perto do Jeremiah. Ele está escondendo alguma coisa, eu sei!

Vai embora.

agora.

só vai.

Ele hesita, esfrega o rosto, respira fundo. Então, finalmente, começa a se afastar.

Fico sozinha com meus pensamentos e percebo algo: todo esse tempo estive tentando resolver um mistério, mas era o mistério errado. O maior mistério, o verdadeiro, é: como vou seguir em frente sem ela?

Poucos minutos depois, Ryan me manda mais uma mensagem.

O que você acha que aconteceu com a mão de Jeremiah?

Um ano, dois meses e seis dias antes

June ainda estava na cama quando viu o nome da amiga no telefone. Eram quatro e trinta e seis da tarde de domingo. Se fosse qualquer outro domingo até pouco tempo antes, elas estariam juntas. Tinham uma tradição de domingo, que durara anos: a Igreja do Bolo.

Quando a mãe e o padrasto da amiga estavam na igreja de verdade, June ia até a casa dela, que fazia alguma coisa ridícula. A adoração que Delia tinha por cozinhar não tinha nada a ver com ela, o que, na verdade, fazia com que aquilo tivesse tudo a ver com ela. “Não sou nada se não completamente incoerente”, Delia dizia. Ela fazia as coisas mais lindas e decadentes para June – um bolo muito alto para o ducentésimo sexagésimo quarto dia depois de seu aniversário, ou *cupcakes* gordos de chocolate com espessas camadas de glacê, que Delia insistia em chamar de “muffins com cobertura” para fazê-los soar como algo que se podia comer no café da manhã. Certa vez, Delia fizera um bolo com o rosto de June em cima. As duas se aninhavam no quarto e comiam o que ela tinha feito, ou a massa crua do que tivesse decidido não assar. Elas ficavam alvoroçadas com tanto açúcar. Assistiam a filmes idiotas, ou liam e conversavam, não importava sobre o quê. O ritual fazia June sentir como se fosse parte de uma daquelas famílias que almoçavam juntas todo domingo. Havia algo *saudável* naquilo, e alguma parte estranha de June, que sequer tinha percebido que ela se importava com a saúde, gostava do ritual.

Mas os meses anteriores tinham sido diferentes. Não somente porque June tinha começado a sair com Ryan e Delia estava com Sloan. Quando chegava o domingo, Delia estava sempre de ressaca ou estendida na cama. Nunca conseguiria fazer um bolo maluco com as sete cores do arco-íris. No entanto, June ainda ia lá às vezes. Delia ligava no final da tarde e a chamava. Quando estava de bom humor, o que não andava acontecendo, ela dizia: “Você é a única que me ama o bastante para vir me salvaaaaar”. June levava pacotes de batatas fritas e revistas toscas e tentava fingir que tudo estava normal.

Mas as coisas não estavam normais. Um espaço tinha se aberto. Aquilo fazia June se sentir triste e estranhamente aliviada, embora não soubesse dizer o porquê.

Naquele domingo de outubro em especial, quando o nome da amiga apareceu na tela do celular, era June quem estava de ressaca. Era June quem ainda estava na cama. E era June quem precisava ser salva. Ela não sabia quem poderia salvá-la, mas tinha certeza de que não seria Delia. Não depois da noite anterior.

June tinha acordado na cama de Ryan, que estava ao lado dela no chão.

– Escuta... – ele começou a dizer assim que June abriu os olhos. Estava vigiando ela? Esperando que acordasse? Ryan começou a se embolar. – Espero que você saiba que nada... quero dizer, a gente estava muito bêbado e normalmente eu não... – Ele mal conseguia formar uma sentença. De qualquer forma, a cabeça dela estava doendo muito para que pudesse entender qualquer coisa. – Ontem à noite foi...

June queria apenas que ele parasse de falar. Não tinha nem começado a pensar sobre o que tinha e o que não tinha acontecido. Sua memória estava nebulosa e voltava em flashes.

– Ontem à noite foi uma loucura – disse June, parando por aí.

O pânico já estava alcançando sua garganta. Ryan sugeriu que ela ficasse e se ofereceu para preparar o café da manhã, mas June disse que precisava ir para casa.

– Minha mãe deve estar imaginando onde eu estou – ela disse. Os dois sabiam que aquilo não era verdade.

Então June foi embora. Enquanto dirigia, muito devagar para não vomitar dentro do carro, os pensamentos penetravam como vermes em seu cérebro. Pensamentos muito desagradáveis sobre Delia e seu namorado. O que estava acontecendo?

June nunca tinha sentido ciúme de sua melhor amiga antes – nenhuma vez, nem mesmo por um segundo. Ela sabia que algumas melhores amigas eram competitivas, mas sempre tinha suposto que a relação delas era menos pura do que a que tinha com Delia, menos *reais* de alguma maneira. Porque a questão era: quando Delia era engraçada, encantadora e brilhante, e as pessoas notavam aquilo, June sentia *orgulho*. Quando alguém desejava a amiga – e muitos desejavam –, June pensava que aquilo era uma prova de seu bom gosto. Só era

capaz de se imaginar com ciúmes de Delia se *ela* parecesse amar outra pessoa mais do que amava June, e aquilo era impossível.

Pelo menos era o que sempre pensara, ou melhor, *soubera*, bem lá no fundo.

Mas, no carro, June sentiu algo quente e doentio em si, completamente novo. Era mesmo ciúme. Estava *irritada* com a maneira como Delia tinha agido, mostrando-se daquele jeito para Ryan. Era claro que tinha sido de propósito. Delia era inteligente demais para que *qualquer coisa* acontecesse por acaso.

Supostamente, Ryan deveria estar fora de alcance. Ele era de June, não era? Ela nunca tinha pensado nele daquele jeito, mas agora não conseguia evitar. Odiou-se por aquilo, mas era errado se sentir daquele jeito? A *maioria* das garotas não se sentia assim em relação ao namorado? Talvez fosse normal. E, mesmo que não fosse, ela não sabia como fazer para se sentir de outra maneira.

June parou no caminho de casa e comprou um sanduíche de queijo, porque era o que Delia comia quando estava de ressaca, mas ela mal conseguiu comer um quarto antes de vomitar. Então ela foi para a cama, com a adrenalina bombando. Sentiu como se estivesse morrendo, ou quisesse morrer. *Estou de ressaca*, disse para si mesma. Mas não conseguia se convencer de que não era algo pior.

Por fim, encolhida sob as cobertas, repassou os acontecimentos da noite outra vez, aquilo que conseguia lembrar. Recordou que estava nervosa e optara pela postura do “foda-se”, muito embora em geral fosse muito cuidadosa e preocupada. Então tomara sua primeira dose. E depois a segunda, e a terceira e muito mais. Quase todo o resto estava confuso, e a maior parte do que conseguia lembrar eram flashes – um jogo bem idiota, Delia e Ryan, lábio com lábio, o banheiro, salgadinhos de queijo, água, o rosto de Delia, a amiga desviando o olhar.

Mas houve um momento que se destacou até mais do que o beijo. Delia lhe ensinando um truque para beber. “Abra a parte de trás da sua garganta”, ela tinha dito. “Qualquer coisa vai deslizar direto para baixo. Depois que você aprende a fazer, não engasga mais.” Então, June lembrou com estranha clareza da amiga dando um sorriso malicioso para Ryan. “Eu domino essa técnica”, ela dissera, então piscara.

Como Ryan reagira? Dera risada? Retribuíra o sorriso? June tentou construir a imagem, mas não conseguiu. A única coisa clara era o rosto da amiga iluminado e os olhos brilhando como quando estava toda acesa, olhando para algo que

desejava.

Aquele momento passou repetidas vezes em sua cabeça. June não conseguia parar.

Ela ficou na cama. Pegou um livro, mas era impossível ler, então tentou colocar música, mas o som lhe deu dor de cabeça. Ela ficou lá, tentando não pensar em absolutamente nada.

Era isso o que estava fazendo quando o telefone começou a tocar. E foi aí que, pela primeira vez em sua amizade, June viu o nome da melhor amiga na tela do telefone e não atendeu.

Disse a si mesma que ligaria mais tarde, porque não estava se sentindo bem e falar ao telefone ia fazer com que sua cabeça doesse. Mas ela sabia que algo significativo estava mudando – já tinha mudado, aliás – e que Delia também sabia, o que talvez fosse o mais importante. Era como se a amiga estivesse dentro de sua cabeça às vezes. June não podia imaginar qualquer coisa acontecendo entre elas sem que Delia imediatamente percebesse. Mas talvez fosse outra coisa. Talvez ela já não permitisse acesso a cada parte de si mesma... Com aquele pensamento, por mais que odiasse admitir, June sentiu um peso enorme, que estivera amarrado a seu corpo fazia tanto tempo, ser retirado. O telefone tocou e tocou, e June ficou olhando para ele até que a tela escureceu. De repente, simples assim, ela estava livre.

Choro até pegar no sono. Acordo com os olhos inchados e me arrasto até a escola.

Não há nenhum mistério, nenhuma pista para seguir, nada a fazer a não ser sentir saudades dela.

A primeira mensagem de Jeremiah chega quando estou na sala de confirmação de presença, antes de começarem os avisos. Acabei de contar a Krista tudo o que aconteceu. Ela me encara com seus olhos arregalados e redondos. Pego o celular.

– Quem é? – pergunta Krista. – Ryan? Jeremiah?

Desculpe por bater no seu namorado. Fiz aquilo por Delia.

– O que ele disse?

Krista senta na beira da poltrona. Eu preferiria que ela não se mostrasse tão interessada. Estou exausta demais para resistir, então mostro a mensagem.

– Espera, ele não é mais... – ela começa a dizer.

Faço que não com a cabeça. Respondo a mensagem: Ele não é mais meu namorado.

Sinto um aperto no peito. Eu tento me lembrar de que o garoto que eu costumava amar, na verdade, não existe. Eu não conhecia quem o Ryan era de verdade. Mas isso não é nenhum consolo.

Recebo outra mensagem alguns segundos depois: Isso é bom. Como você está?

Eu respondo: Podemos nos encontrar depois da escola?

Preciso vê-lo para contar o que Ashling me mostrou. Jeremiah merece saber.

– Esse cara é estranho. – Krista ainda está me encarando, com um sorrisinho no rosto. – Você acha que tem alguma chance de Ryan estar certo? De Jeremiah ter feito alguma coisa?

– Não – eu digo. – Contei o que aconteceu.

Krista dá de ombros.

– Ok, mas vamos pensar por um segundo que ele *fez* alguma coisa. Você acha que seria porque é louco e estava em um estado mental alterado, então nem sabe o que fez, por isso pediu sua ajuda? Talvez ele tenha dupla personalidade. Ou estava muito doido. Ou esteja em um processo forte de negação... Não sei. Eu estou tentando pensar em quais seriam as razões, como se fosse um filme ou sei

lá o quê...

Odeio o entusiasmo de Krista. Dou as costas para ela e olho o celular.

Os avisos começam e terminam. Espero outra mensagem, mas ela não vem. Eu me pergunto se Jeremiah sabe que não confiei muito nele a princípio. Sinto uma pontada de culpa por isso. Por outro lado, tinha bons motivos para estar um pouco desconfiada.

Sinto as perguntas de Krista entrando em minha cabeça e se espalhando como um fungo. Tenho me dedicado tanto a entender tudo que sinto como se meu cérebro não conseguisse parar. *Por que* Jeremiah estaria procurando o assassino da namorada se tivesse sido ele quem a matou? Bem, talvez não fosse isso que ele estava fazendo, afinal. Talvez durante todo esse tempo estivesse tentando responder a uma pergunta diferente – não quem a matou, mas com quem o estava traindo. E precisava de mim para ajudá-lo.

Faço que não com a cabeça. É só o meu cérebro continuando a buscar uma solução. É só o meu cérebro com receio de aceitar a tristeza que está por vir. Jeremiah não fez nada. Mesmo que Ryan tenha dito...

Balanço a cabeça.

Por que confiaria em Ryan? Por que o ouviria de novo?

No momento em que estou saindo da sala, Jeremiah responde a mensagem.

Não posso.

O dia todo meu cérebro não para. Jeremiah. Ryan. Jeremiah. Ashling. Não sei em quem confiar. Talvez em nenhum deles. Nem em mim mesma.

Na hora do almoço, recebo uma mensagem de Ryan. Por uma fração de segundo, meu corpo tem a velha reação – uma animação, um estalo de alegria. Que em seguida desaparece.

Não fui à aula hoje. Você pensou no que eu disse??? Viu Jeremiah? Devemos chamar a polícia?

Parece maluco que ele ainda pense que vamos tomar uma decisão juntos, como, até alguns dias atrás, tomávamos.

Respondo: Não. Definitivamente não.

No fim do dia, vejo Jeremiah no corredor. Eu o observo, movendo-se devagar, completamente sozinho, a dor irradiando dele como se fosse um fedor. Consigo sentir de onde estou. E, num instante, a dúvida desaparece.

Eu o chamo, mas ele não se vira. Um momento depois, ele desaparece em uma sala de aula.

Mando uma mensagem para ele: Preciso falar com você.

Nenhuma resposta.

Cinco minutos antes do último sinal, dou um jeito de sair da aula. Vou até o estacionamento. Lembro qual é o carro dele – uma perua verde com um adesivo da Universidade de Massachusetts no para-choque. Eu o encontro e fico lá parada, esperando. Ouço o sinal tocar à distância e, alguns segundos depois, o som de centenas de alunos saindo da escola.

Eu me viro e olho pela janela do carro. Há um tubo de pomada para queimadura no banco do passageiro, um frasco de analgésico, faixas e gaze. Eu me lembro da mensagem de Ryan. *O que você acha que aconteceu com a mão de Jeremiah?*

Tento visualizá-la mentalmente. Devo tê-la visto, não? Talvez uma delas estivesse sempre escondida, por uma luva, atrás do corpo, no bolso... É loucura. Sei o que aconteceu com Delia, tenho a resposta agora. É hora de parar a investigação, parar de remoer tudo isso, parar de resistir, de encarar a realidade.

Fecho os olhos e abro. Quando levanto a cabeça, lá está ele, andando desajeitado em direção ao carro, com a mão esquerda enfiada no bolso do casaco.

Sinto um frio na barriga.

Sei que é ridículo, mas me escondo para Jeremiah não me ver. Passo abaixada entre os carros até alcançar o meu, a três fileiras dali. Entro e fico olhando pela janela. Há muita gente ao redor dele, mas seu rosto está inexpressivo, como se fosse um sonâmbulo ou estivesse em transe.

Quando Jeremiah dá a partida, também dou. Quando ele sai do estacionamento, eu o sigo.

Ele percorre a Oak Avenue e sobe a Two Bridge Place. Olha de relance pelo retrovisor algumas vezes, mas não acho que consiga me ver...

Jeremiah avança pelo estacionamento de uma loja de conveniência, desce do carro e entra. Estaciono algumas vagas adiante. Eu me pergunto se deveria ir mais longe ainda, para o caso de ele sair e ver meu carro, mas então uma enorme van branca aparece e estaciona entre nós. Ótimo.

Eu o sigo até lá dentro, direto para a seção de farmácia. A loja está quase vazia. Paro na frente dos desodorantes. Ouço-o falar com a farmacêutica, uma mulher de cabelos grisalhos com um rosto jovem e liso.

– Dói muito – ele diz. – Pensei que a esta altura já teria parado. Não sei o que fazer.

– Formou bolha na pele? – ela pergunta.

– Sim.

– Me deixa ver...

Um silêncio rápido e então ela solta um suspiro baixo.

– Você precisa ir ao médico para tratar isso – ela diz. – Quando aconteceu?

– Alguns dias atrás.

Jeremiah está de costas para mim. Eu me aproximo mais. Então vejo sua mão: está em carne viva, vermelha, cheia de bolhas e com pus. Levo a mão à boca e sinto o estômago revirando. *É uma queimadura.*

– O que aconteceu? – a farmacêutica pergunta.

Jeremiah responde após um segundo.

– Foi um acidente – diz.

Meu coração está batendo tão rápido que não consigo respirar.

Ela balança a cabeça.

– Você precisa mesmo ir ao médico. Não pode tratar sozinho.

– Está certo, mas até lá o que eu poderia usar? – ele pergunta.

A farmacêutica o acompanha até as prateleiras de primeiros socorros. Viro de costas quando eles passam. Tenho a sensação de que vou desmaiar.

Eles param a alguns metros de mim, que me encaminho rapidamente para a porta enquanto os pensamentos começam a se encaixar:

Jeremiah com ciúmes das ligações que Delia recebia.

Jeremiah atendendo o celular da namorada.

Jeremiah “encontrando” o celular dela e tentando destravá-lo.

Jeremiah quase batendo no cara na festa.

Jeremiah batendo em Ryan.

Jeremiah sozinho no mato, observando todo mundo.

Delia morreu em um incêndio.

E Jeremiah está com uma das mãos queimadas.

É demais para mim. Não consigo respirar. Meu coração bate forte e rápido.

A meio caminho do carro, meu celular toca. Ignoro a ligação. Ele toca de novo. Olho para a tela. Ashling.

Passos. Jeremiah passa por mim. *Merda.* Ele para por um momento e fica lá

em pé como se estivesse pensando em algo. Está entre mim e meu carro agora. Será que me viu?

Viro e corro, dando a volta pelo prédio e indo na direção das lixeiras nos fundos. Encosto na parede, ofegando. Meu celular toca uma terceira vez. Ashling de novo. Eu atendo.

– Onde você está? – ela diz. – Vim procurar você na escola. Quis me certificar de que estava bem.

– Escuta – eu digo. – Jeremiah... A mão dele está queimada...

Não consigo ouvir a resposta de Ashling por causa do som de um carro parando atrás de mim.

– Alô? – eu digo. – Ashling? – Ela não responde. – Você me ouviu?

Dou um passo para trás e de repente sinto um par de braços fortes agarrando minha cintura. Tento virar, mas colocam um capuz na minha cabeça e então tudo fica escuro.

Começo a gritar.

Um fluxo de adrenalina percorre a minha espinha. Ponho a mão no rosto e sinto um pano, tão grosso que mal consigo sentir meus dedos através dele. Meus braços são torcidos nas costas e meus pulsos, amarrados. Continuo gritando, mas o som é abafado pelo tecido cobrindo minha boca e meu nariz.

Sinto que sou levantada do chão. Chuto e a ponta da minha bota acerta algo duro, então meu joelho afunda em carne. Ouço uma bufada aguda, mas nenhuma palavra. Sou colocada de barriga para baixo sobre uma superfície plana e fria. O assoalho de uma van, talvez. Meus tornozelos são amarrados firmemente. Eu ainda estou gritando e sinto a garganta raspar e os olhos lacrimejarem com o esforço. *Que porra é essa?*

O capuz é levantado temporariamente. Sinto um hálito quente no rosto e ouço uma voz tão baixa que mal a distingo dos meus batimentos cardíacos:

– Se você quer mesmo descobrir o que aconteceu com a Delia, não resista.

Estamos nos movendo em alta velocidade. A música *dance* está tão alta que engole o som dos meus gritos. Sinto um metal frio de encontro à pele das minhas costas, onde a blusa e o casaco levantaram. Só consigo distinguir uma luz cintilando através do capuz no meu rosto.

– JEREMIAH? – grito, sem saber se estou certa. – RYAN? TIG?

Torço os braços, chuto e tento mexer os pulsos e os tornozelos, mas fui bem amarrada.

Seja lá quem matou Delia, está me levando para algum lugar para poder me matar também.

Com esse pensamento, meu coração explode, mas me forço a ficar imóvel. Respiro fundo, devagar, depois de novo. Agora não é o momento de me debater. Preciso ficar quieta, encolhida. Economizar minhas forças. Uma hora a van vai parar e vão vir aqui. Preciso estar pronta. Seja lá quem matou Delia, não vai me derrubar sem luta.

Poucos minutos depois, o veículo para. Balanço para a frente e para trás. Desligam a música. Ouço vozes falando baixo e duas portas de carro batendo.

A porta traseira da van é aberta. O capuz que estava sobre meu rosto é retirado. Há uma explosão de ar fresco. Pisco ao sol de fim de tarde diante de duas figuras mascaradas. Ambas altas e vestindo preto. Ninguém fala, mas uma das pessoas avança e desamarra minhas pernas. A outra faz o mesmo com meus braços. Olho ao redor, tentando reconhecer tudo o que posso: estamos à beira de um bosque. Não tenho a menor ideia de onde estamos. Pode ser qualquer lugar.

Me pegam pelos braços e me levam para a frente. Aperto os dentes com força. Estou esperando a hora certa. Duas pessoas, e eu sei que não consigo enfrentá-las. Mas posso correr. Sou rápida para cacete.

Respiro fundo. Esmago as folhas mortas com meus pés. Não me dou ao trabalho de fazer perguntas. Sinto os músculos de minhas pernas enrijecendo. Estou pronta para sair correndo. E então...

...em pé ali, bem à minha frente, está Delia.

Meu coração para, recomeça a bater e para. Ela está me encarando. Com seus

olhos brilhantes.

– Ah, meu Deus – sussurro. Sinto uma enchente de felicidade, alívio e em seguida puro pavor. Não tenho a menor ideia do que está acontecendo.

– Oi, Ju – diz Delia, com a voz calma.

O vento bate no meu rosto. Estou voando no espaço, voltando a toda a velocidade para me chocar contra a terra.

– Ah, meu Deus – repito. – Estou louca? É um fantasma? Um sonho?

Meus olhos se enchem de lágrimas, e as maçãs do meu rosto ficam molhadas.

Por um momento, Delia apenas olha fixamente para mim. Então ela abre os braços e eu me lanço para a frente, afundando em seu peito. Todo o meu corpo está tremendo. Ela me abraça. Sinto o coração encher meu peito.

– Você está sempre tirando as conclusões erradas – Delia diz em meu ouvido.

Sons escapam de meus lábios. Não sei se estou chorando ou rindo agora.

– Ei – ela diz, com a voz muito baixa. – *Shhh*, June, está tudo bem.

Ela fala aquilo com o mesmo tom de voz de antes, com o tom de voz da minha melhor amiga.

Fecho os olhos. Um momento depois, ela me solta. Então se afasta e desvia o olhar. O sol está se pondo. Logo não vou mais conseguir vê-la.

– Então agora você sabe que ninguém me matou. – Sua voz mudou. – Você pode voltar à sua vida.

Sua vida. Tudo fora deste momento parece com algo que eu inventei. Somente isto é real.

– E você? – pergunto.

Olho para as duas figuras mascaradas, que ainda nos observam. Quero perguntar se ela está bem, mas estão perto demais e nos ouviriam.

Mas de repente, eu sei o que fazer. Coloco meu dedo mindinho na boca e passo sobre o lábio inferior. É o nosso código – faz anos. Costumávamos usá-lo em festas quando alguma de nós não conseguia se livrar de um cara. *Você precisa ser salva?* Sinto um estalo de conexão quando nossos olhos se encontram. Ela se lembra.

Mas Delia não responde da maneira que deveria, coçando a orelha ou mordendo o lábio. Ela diz em voz alta:

– Não, não preciso. – E então: – Já fui salva.

A resposta dela não oferece alívio. Às vezes, as pessoas que mais precisam ser

salvas não têm a menor ideia disso.

Delia balança a cabeça, como se estivesse lendo minha mente. Então estende os braços e segura minhas mãos.

– É sério, June, vai para casa – ela diz. – Me esquece.

A ideia de que eu conseguiria fazer isso é completamente insana. Mas talvez não mais do que o fato de que, por um tempo, realmente tentei.

– O que está acontecendo? Preciso saber se você está bem.

De repente, tenho a sensação de que o tempo não passou, como se o último ano nunca tivesse acontecido.

Delia tomba a cabeça para o lado e sua expressão muda, endurecendo.

– Você ficou bem sem saber de mim por bastante tempo. Por que agora se importa tanto?

– Eu não estava *bem*. Estava... – Mas não tenho uma resposta para ela, ou pelo menos não uma boa. – Sinto muito, muito mesmo. – Levanto a cabeça para Delia. Nossos olhos se encontram. Percebo que ela compreende tudo. Como sempre fez. Eu tinha me esquecido da nossa conexão. – Seja lá qual for o problema, me deixa ajudar. Por favor!

– Tem certeza? – Ela está tentando esconder a esperança na voz. – Uma vez envolvida, uma vez que saiba o que aconteceu, não vai poder voltar atrás.

Ela olha bem nos meus olhos.

– Tenho certeza – digo.

Seus lábios se abrem num sorriso radiante e lindo. Ela se volta para as duas pessoas que ainda estão em pé logo atrás.

– June vem com a gente – diz. – Podem tirar as máscaras agora.

A mais baixa tira a máscara primeiro. Olho para o rosto dela – traços perfeitos, olhos grandes, cabelo curtinho, linda.

– Ashling?

– E aí? – ela diz.

– Espera. Você...

Sabia o tempo todo, estava mentindo, ajudou Delia a fazer isso, ainda é a melhor amiga dela...

Ashling respira fundo.

– Claro – diz.

Então ela dá o braço para Delia, puxa-a para perto e a beija na boca de um jeito

muito mais do que amigável. Antes que eu possa processar isso, sinto uma mão em meu ombro.

Eu me viro. O sol começa a se pôr, mas ainda consigo perceber as linhas do rosto dele – sobrancelhas escuras, nariz forte, boca larga. Deve ter minha idade, ou talvez seja alguns anos mais velho.

– Desculpe pelo que aconteceu antes. – Seu tom de voz é suave e baixo. – Eu disse a Ash que poderíamos simplesmente pedir a você que entrasse na van, mas ela insistiu...

Olho para ela, que dá de ombros. Viro de novo para o cara.

– É... – Não sei o que dizer. Só fico olhando para ele. O ar está gelado, mas meu corpo permanece quente. – Tudo bem.

Ele se aproxima de mim, inclinando-se para a frente. Por uma fração de segundo, parece que vai me beijar, mas em vez disso sussurra no meu ouvido, tão baixinho que só eu consigo ouvi-lo:

– Tem certeza de que sabe onde está se metendo?

Ele está me observando de perto. Meu coração bate forte.

– Só sei que não vou mais deixar Delia, não importa o que aconteça. – Pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto completamente certa e livre. – Isso basta.

Ele recua. Não consigo mais ver seu rosto.

– Bem, então vamos – diz.

Ele começa a voltar para a van, Ashling e Delia já estão lá. Hesito por um segundo, então viro e o sigo.

Delia

O fogo tem fome. Foi isso que eu aprendi. Sempre soube, na verdade. É uma fera insaciável, devorando tudo em seu caminho. De algum modo, nasceu dentro de mim e está me sufocando. Na maior parte do tempo, mal posso respirar.

Não consigo me lembrar de quando foi a última vez que não senti minhas entranhas vibrando, quentes, nauseadas. Ashling e o resto deles não conseguem extinguir isso. Mas agora o fogo em minhas vísceras está encolhendo. Se eu abrir a boca, chamas não vão sair de meus lábios. Ela está aqui, ela está aqui, ela está aqui. É uma surpresa, mas eu sabia disso o tempo todo. Bem lá no fundo. Sei que sabia.

Acender aquele fósforo foi bom. Ir àquela festa. Conhecê-los, bolar o plano. Foi uma sensação incrível do caralho. Mas isto é diferente. Minha June voltou.

Quero rodopiar rindo, cair de tanto girar, levantar, fazer de novo. Porra, sou como um bebê agora. Eu me sinto renovada e feliz. Mas sei que é somente parte do que está acontecendo. Há camadas. Esta é apenas uma delas. Não posso ser criança, sou a porra do adulto aqui, então mantenho meu rosto calmo e imóvel. Sinto Ashling olhando para mim, querendo saber o que estou pensando. Então faço o que sempre faço quando sinto que está tentando entrar no meu cérebro e preciso pará-la – eu me viro e a beijo com força. Os lábios dela são macios. Ashling está sempre cheirosa, esse é o lance dela. Mesmo quando não tomamos banho e não escovamos os dentes há dois dias e o álcool sai pelos poros. Ela tenta enfiar a língua na minha boca, mas não quero que faça isso. Não agora, pelo menos.

Viro para ver o que June está fazendo, para ter certeza de que ainda está vindo. Ela hesita, posso sentir isso. Ninguém mais repararia, mas eu a *conheço*, por isso sei o que isso significa.

Fecho os olhos por um momento, o fogo nas entranhas fazendo todo o corpo vibrar. Não consigo suportar.

Por favor, Deus, deixe que venha conosco, deixe que venha comigo, porra.

Depois de tudo isso... Por favor.

Eu abro os olhos. Ela está andando na nossa direção, na direção da van. Meu coração se acalma, então começa a acelerar e se acalma de novo. O fogo sibila, soltando cachos de uma fumaça cinza e suave.

Começou.

June

É estranho como rapidamente tudo pode mudar, e então a sensação é de que tudo sempre foi como agora. Eu sempre estive aqui, no banco dianteiro desta van, com Delia perto de mim. Sempre me senti confusa e assustada, mas impossivelmente feliz, de uma maneira que não encontro palavras para descrever. Isso tudo é completamente maluco, mas se há alguém que faria isso, seja lá o que for, é Delia. As regras não se aplicam a ela, as regras humanas, as regras científicas.

Delia se vira para mim.

– Precisamos parar e pegar uma coisa no caminho. – Sinto sua mão morna em meu braço. – Tudo bem, June?

Quero perguntar “Onde vamos parar?”, “No caminho para onde?”. Mas apenas concordo com a cabeça, porque não importa. Iria a qualquer lugar com ela. Sei que meu cérebro logo terá formulado um número infinito de outras perguntas. Por ora, tudo o que sinto é felicidade e a sensação de estar sendo segurada com firmeza, com todos os meus espaços vazios preenchidos.

...

Não dirigimos por muito tempo antes de eu reconhecer onde estamos. As construções são baixas e de aspecto industrial, e os campos planos estão vazios. É Macktin. Estamos indo para a casa de Tig.

Paramos no limite do terreno. O cara desce sem dizer uma palavra. Ficamos só nós três. Delia se vira para mim.

– Acho que você já conhece minha namorada. – Seu tom de voz é leve, como se tivéssemos nos encontrado por acaso em uma festa.

– Claro... – eu digo.

Minha namorada. Delia nunca teve uma namorada antes, ou pelo menos não desde que a conheci. Ela nunca expressou qualquer interesse por garotas, nem mesmo como amigas, a não ser por mim. Eu me pergunto quando as coisas

mudaram, se é que mudaram, ou se ela sempre soube. Talvez haja alguma coisa naquela garota em especial.

Delia está me observando, com um sorrisinho malicioso nos lábios, como se soubesse no que estou pensando.

– Não fique brava com ela, está bem? Nós não sabíamos se podíamos confiar em você. Precisávamos ter certeza de que seria capaz de... manter este segredo. E os outros.

Sinto um frio no estômago. Nós.

– Entendi – digo. Só que, é claro, não estou entendendo nada. De repente percebo algo. Viro para Ashling. – Quando você disse que Jeremiah era idiota porque não percebeu com quem Delia estava...

Não termino minha sentença. Não é preciso. Ashling estava se referindo a si mesma.

Ela olha para mim e tomba a cabeça.

– Então, o que você achou? Da minha atuação, quero dizer. Seja honesta. Plausível? Exagerada?

– Você é realmente boa em chorar – digo.

Ashling dá um sorriso forçado.

– É minha especialidade.

E então nós apenas ficamos lá sentadas em silêncio. É constrangedor. Respiro fundo.

– Como vocês se conheceram?

Fazer uma pergunta normal em uma situação tão bizarra parece ridículo.

– Em uma festa – diz Delia.

Ashling aponta para o edifício.

– Uma das festas de Tig. – Ela faz uma pausa. – Sei que você não deve ter gostado da experiência, mas juro que geralmente elas são bastante divertidas.

Uma imagem surge em minha mente: a casa de Tig, a garota alta de cabelo escuro e curto, acenando para mim como se me conhecesse.

– Era você – eu digo lentamente. E então de repente me lembro de outra coisa: quando eu estava fazendo perguntas no reservatório, uma garota começou a me responder com um leve sotaque sulista... – E na fogueira...

– Era. – Ela assente com a cabeça. – Estava garantindo que tudo corresse bem para a minha garota aqui e que ninguém tivesse... – ela faz uma pausa – ideias

erradas.

– E quanto a Tig? – Vejo mentalmente os olhos vazios e mortos dele, recordando sua energia latente. – Ele sabia?

Delia faz que não com a cabeça.

– Não dá para confiar naquele cara nem por um segundo, porra!

– Mesmo assim você trepou com ele – diz Ashling.

Ela está tentando fazer graça, mas o tom é de ciúme.

– Para chegar perto o suficiente do que eu queria – diz Delia.

Elas já tinham conversado sobre aquilo antes.

Olho para Delia. Do que será que precisara? Alguma coisa que ele vendia? Ou ela a roubara dele? E o que *era* exatamente?

Ashling se inclina e a beija novamente. Vejo-a deslizar a língua entre os lábios de sua namorada. Não consigo desviar o olhar. Mas não é porque Ashling é uma garota, não é isso que me impressiona. É o fato de Ashling amar Delia de verdade. Dá para dizer pela maneira como segura carinhosamente a cabeça dela, pela maneira como sorri por trás do beijo. O amor irradia dela. Só não tenho certeza se Delia a ama também.

A porta abre. Elas se separam.

O cara entra no carro com um saco de papel pardo na mão. Joga-o sobre o colo de Delia sem dizer uma palavra.

– Para casa? – Ashling diz.

– Para casa – concorda Delia.

E Ashling começa a dirigir.

A casa é pequena e moderna. Através das grandes janelas, chega uma luz alaranjada e acolhedora. Atrás há um terreno plano sob o enorme céu cinzento. Ashling desliga o carro.

Minhas pernas estão tremendo quando desço. Nós entramos.

É lindo aqui – tudo novo, como em uma fotografia de revista de design. Da entrada, posso olhar diretamente para a sala de estar e a cozinha. Há paredes de madeira leve e um sofá grande em L. A parede do fundo é quase toda de vidro e dá para um gramado, árvores e um rio.

Eu me pergunto de quem é aquela casa.

Eles estão se movimentando agora, como pessoas que sabem seu papel e seu

lugar. Como uma família. O cara guarda nossos casacos no armário. Delia vai ao armário da cozinha e pega canecas.

– Ev! – Ashling grita para uma porta. – Voltamos!

Um momento depois, um cara aparece correndo.

– Ela veio – ele diz, então cruza os braços e me olha de cima a baixo.

Eu o encaro. Ele é alguns centímetros mais baixo que eu. Tem o cabelo escuro e usa jeans pretos e uma camiseta vermelho-clara com um grupo de números zero e um na frente. Código binário. Seus braços são curtos e as mãos, grandes, como se fosse um filhote de cachorro que ainda não acabou de crescer. Usa uma pulseira de couro.

– Sou Evan – ele diz, estendendo a mão de um jeito desajeitado, mas doce. Retribuo. Seu aperto é forte e morno. – Sei tudo sobre você.

Eu me pergunto o que ele sabe exatamente. Mas suponho que esteja falando de coisas boas, na maior parte, porque quando nossos olhos se encontram um sorriso se abre em seu rosto.

E então ficamos todos parados, sem ninguém dizer absolutamente nada. Sei que deve ser por minha causa. Se eu não estivesse aqui, sobre o que estariam conversando? O que estariam fazendo? Como Delia os conheceu? Eles a ajudaram a fazer o que quer que tenha feito? Tenho um milhão de perguntas, mas, quando olho para Delia, parada em um canto, para o rosto dela e seu sorriso, o fato de que está *aqui* é resposta suficiente para mim por enquanto.

Delia se aproxima de mim e segura minha mão.

– Nós temos que colocar a conversa em dia, acho – diz.

Posso sentir todos eles, o cara alto, Evan e especialmente Ashling nos observando enquanto ela me conduz para fora da sala.

Estamos em um quarto agora, todo em madeira caiada, com uma enorme cama quase rente ao chão, coberta com lençóis amarrotados em um tom de pêssego claro. O lugar cheira a Delia, mas a alguma outra pessoa também. Ashling, suponho. Há copos de água em um dos lados da cama e uma lata de coca zero no outro. Calças jeans e um sutiã estão jogados sobre a cômoda, e há um par de tênis cinza ao lado da porta.

Levanto os olhos. Delia estava me observando enquanto eu olhava para tudo.

– Então aqui estou eu – ela diz. – Com uma aparência ótima para uma garota

morta, hein?

Ela sorri, e eu tento retribuir. Tudo parece tão frágil, eu estar aqui, o fato de terem me deixado vir. Não quero estragar tudo, mas as perguntas estão borbulhando outra vez.

Delia ainda olha fixamente para o meu rosto.

– Vá em frente – ela diz –, pergunte. Não tem problema.

Eu a encaro. Minha boca abre. Duas palavras saem:

– Por quê?

Delia faz que sim com a cabeça e então respira bem fundo.

– Eu não conseguia continuar vivendo daquele jeito – diz simplesmente.

De que jeito? Sinto vergonha por não saber. Se eu a tivesse ajudado já saberia.

– Meu padrasto – ela diz. Meu estômago aperta. Ela sempre o chamava de outras coisas quando se referia a ele: William, Willy, Saco de Bosta, Escroto. – Ele... nunca foi muito legal com a minha mãe. Você lembra. Mas piorou. Começaram a aparecer machucados. – Delia aperta os dentes. – As coisas que eu ouvia à noite. Odiava o cara por fazer aquilo com ela, e odiava minha mãe por deixar que ele fizesse. – Ela balança a cabeça. – Ela ficou grávida, sabia?

Levo a mão aos lábios. Eu me lembro de dormir lá, dos sons deles brigando. Penso no bastão de plástico, nas duas linhas cor-de-rosa.

– Achei que era você – digo.

– Como assim?

A voz dela sai baixa, confusa.

Antes que eu possa me impedir de falar, estou contando para ela. Não consigo me segurar. Não sei se me lembro de como fazer isso.

– Eu... entrei escondida na sua casa, procurando respostas. Encontrei o teste no lixo. Pensei que você estivesse grávida.

Ela sorri bem de leve.

– Alguém viu você?

Faço que não com a cabeça.

– Ótimo – Delia diz. – Obrigada por ter feito isso por mim. – Ela abaixa os olhos. – Mas a verdade não está naquela casa. Nunca estive. – Delia faz uma pausa. – Fico querendo tornar a gravidez a desculpa dela, como se os hormônios a tivessem tornado incapaz de pensar claramente, como se por culpa deles não acreditasse em mim. Só que não acho que seja isso.

– Acreditar em você a respeito do quê?

Ela dá um sorriso amargo.

– Lembra há um milhão de anos, quando eu costumava dizer que queria que ele me estuprasse para que minha mãe se separasse dele? – O sorriso desaparece.

– Acho que a superestimei.

Meus olhos ficam vermelhos. Acho que vou vomitar.

– Meu Deus.

Delia fecha os olhos, então as palavras saem atropeladas, com pressa.

– Ele foi ao meu quarto para “conversar” antes do Natal. Pensei que ia me encher o saco por ficar fora até tão tarde e deixar minha mãe preocupada. – Sinto meu estômago na garganta. Estou fora de meu corpo agora. – Ele sentou na minha cama. Chegou tão perto que dava para sentir seu cheiro. O hálito dele era horrível, como se tivesse bebido todo o uísque do mundo e vomitado, depois bebido de novo. Eu conseguia ver os poros no nariz dele, os pelinhos crescendo em cada um, de tão perto que ele estava. Começou a dizer que se sentia mal por nós dois nunca termos nos aproximado, mas que agora, com o bebê chegando, íamos ser uma família de verdade. A parte mais louca foi que, a princípio, eu realmente... – Ela endurece o queixo. – Só estranhei que ele estivesse sendo *simpático*. Mesmo que o hálito me desse enjoo e que eu não o quisesse na minha cama, pensei que talvez quisesse resolver as coisas entre a gente, e que, de alguma maneira, pela primeira vez na vida... Eu nem sei. Mas então comecei a ter uma sensação esquisita de que alguma coisa ruim ia acontecer naquela noite. E estava certa...

– Não.

Ouçõ a palavra sair da minha boca em um sussurro, um pequeno sopro de ar que não faz nada, não significa nada. Sou tão útil aqui quanto uma lufada. Eu não posso ajudá-la.

– Antes mesmo de entender o que estava acontecendo, ele estava em cima de mim. Era tão pesado. Tentei empurrar seu corpo, mas não consegui. Não podia respirar. Senti o pau dele, Ju. – Ela respira fundo e endireita o corpo. – Estava pressionando a lateral da minha coxa através das calças. Ele respirava pesado no meu rosto, murmurando alguma coisa. – Ela fecha os olhos enquanto fala, as duas mãos fechadas em punhos, com força. – Ele era tão pesado, então começou a desabotoar a camisa e levantou minha camisola. Ele ficava dizendo: “*Só quero*

sentir sua pele, é isso, só isso”. E eu ficava tentando empurrar aquele gordo de bosta...

O rosto dela está vermelho. Estendo o braço e agarro sua mão. Delia a segura com força.

– Mas eu fugi. Meti a boca no peito dele e mordi *com toda a força*. Ainda lembro o gosto, salgado como carne. E a sensação, como morder couro. – Ela balança a cabeça. – Ele *gemeu*, June. Como se tivesse gostado. Mas eu não soltei, fiquei segurando como um *Pit bull*. Eu o mordi até sentir gosto de sangue. – Ela está olhando direto para mim, os olhos brilhando. – Foi aí que ele recuou. Levantou e cambaleou para trás, então olhou para mim. Não vou esquecer isso pelo resto da porra da minha vida. Ele *sorriu* como se estivesse *flertando* comigo, como se achasse que estava sendo *charmoso*. “Você gosta de jogo bruto?”, ele perguntou. “Eu também. Vai ter mais da próxima vez”, ele disse. *Da próxima vez*. Então ele saiu do meu quarto.

Perco a capacidade de formar sentenças, de falar. Sinto alguma coisa quente na minha barriga, fervendo, prestes a derramar.

– A princípio, nem parecia real. Eu estava entorpecida, não sentia absolutamente nada, mas olhei para minha mão e estava tremendo.

– Onde estava sua mãe? – pergunto finalmente. Minha voz sai num sussurro.

– Dormindo. Desde que tinha engravidado, dormia o tempo todo. Não queria que ela acordasse. Não acho que acreditaria em mim. Não sei. Fiquei sem ideia do que fazer... Então levantei e saí. Dirigi sozinha a noite toda e dormi dentro do carro.

– Não – eu digo. Quero voltar no tempo e encontrá-la, tirá-la do carro e levá-la para algum lugar seguro, mantê-la comigo. Quero ir até a casa dela e matar o desgraçado.

– Voltei de manhã e ainda não sabia o que ia dizer ou fazer. Pensei em ir embora para sempre, mas não tinha dinheiro e não sabia muito bem onde poderia arranjar. Então pensei em falar com minha mãe. Entrei e a porra da casa cheirava a ovo. A gente aprende uma coisa nova todo dia, e naquele dia eu aprendi que o estuprador filho da puta sabia fazer omelete. – Delia olha para mim e balança a cabeça. – Minha mãe estava sentada à mesa, ela sorria *orgulhosa*, como se tivesse ganho na loteria, porque o babaca do marido dela, que nunca tinha feito café da manhã em todo o tempo em que tinham vivido juntos, tinha jogado uns

ovos dentro de uma frigideira. Ela estava com um sorriso arreganhado quando entrei em casa. “Olha, o William está fazendo o café da manhã. Não é uma delícia?”, ela disse, da forma mais patética possível. Como se aquilo fosse a melhor coisa que tinha acontecido na porra da vida dela. “Você adora omelete”, ela disse, esperançosa. Como se eu fosse uma criancinha e ela precisasse me lembrar das coisas de que gostava. Como se fôssemos todos nos sentar para um café da manhã familiar. Tinha planejado contar o que o escroto do marido dela tinha tentado fazer comigo, mas quando a vi sentada ali não consegui. Pensei: *Tudo bem, deixe que tenha esse momento antes de eu contar.* – Delia levanta a cabeça e olha para mim. – É estranho olhar para uma pessoa e saber que você está prestes a contar alguma coisa que vai mudar tudo para ela. Odiei aquilo, ter esse tipo do poder. Podia sentir William me observando. Ele estava calado, mas eu podia sentir seus olhos, e sentia como se estivessem me tocando. Lembrei a sensação de seu pau contra mim e quis vomitar. Não tenho a menor ideia de como minha mãe conseguiu passar por aquele café da manhã de maneira tão inconsciente, como se fosse um dia qualquer.

Ela respira fundo. Eu não tenho ideia de como processar isso, de como eu ou qualquer outra pessoa conseguiria.

Delia olha para baixo. Por muito tempo fica em silêncio. Quando volta a olhar para mim, há lágrimas em seus olhos.

– Depois do café da manhã, William foi lá para cima. Pensei por um segundo que idiota ele era me deixando sozinha com ela. Então sentei com a minha mãe e contei o que tinha acontecido. Quando terminei, ela não disse nada, e eu realmente pensei que tinha acreditado em mim. Pensei ter visto aquilo nos seus olhos. Talvez a princípio ela tenha acreditado. Quer dizer, ela é minha mãe. – A voz de Delia começa a ficar trêmula e os olhos estão prestes a transbordar. – Ela deveria acreditar em mim, certo? Mas ou não acreditou ou não se permitiu acreditar. Seu rosto mudou. Minha mãe pareceu confusa, depois brava, depois confusa novamente e disse: “Delia, por que você está *mentiiindooo*?”. – Delia estica a palavra, com uma voz aguda e ofegante. – Ela disse que ele tinha contado o que eu estava aprontando. Meu padrasto tinha inventado que eu estava usando drogas e agindo de maneira estranha, e que tentara impedir que eu saísse de carro na noite anterior, mas não conseguira. Ela disse que eu não podia mais agir daquela maneira, ou eles teriam que pensar seriamente em *me mandar*

embora. Foi isso que ela disse, como se fossem me despachar para algum centro de detenção juvenil. – Delia balança a cabeça lentamente. – Eu subi depois daquilo. William estava no corredor. Ele *sorriu* e disse que tinha ouvido as histórias que eu havia inventado. Falou que era melhor eu não fazer aquilo de novo, ou não ia gostar do desfecho. Então, William olhou para mim e disse: “Para falar a verdade, talvez você goste sim”. E foi isso. Eu sabia que precisava sair dali.

Continuo olhando fixamente para ela enquanto absorvo tudo aquilo. Sinto como se estivesse em um nevoeiro, talvez em choque. Não sei o que dizer, o que sentir, nada. Eu me inclino para a frente e dou um abraço nela. Puxo-a para mim, e Delia me segura. Sinto seu calor através da camisa fina. Ela descansa o rosto em meu ombro.

– Ah, meu Deus – digo. – Eu estou tão... eu queria...

Eu paro. Quero lhe dizer que queria que ela tivesse me ligado naquela noite, em vez de dirigir sozinha no escuro. Quero lhe dizer que, quando ela não sabia mais aonde ir, eu poderia ter estado lá, poderia ter aparecido, então a teria levado embora. Mas mencionar isso parece tão inútil, tão egoísta.

Somente quando nos separamos e nossos olhos se encontram, percebo que Delia está lendo minha mente. Ela sabe exatamente o que eu não estou dizendo.

– Pensei em ligar para você – ela diz. – Foi a primeira coisa que me ocorreu, mas não sabia se...

Ela para.

Nem precisa terminar – suas palavras me acertam como um murro no estômago.

– Sinto muito – digo. Sou inútil. Não sou nada. – E a polícia?

Delia faz que não com a cabeça.

– Cadê as evidências? E em quem você acha que eles iam acreditar? No cirurgião respeitado ou em sua enteada complicada? Mais tarde ele me disse que, se eu contasse para alguém, ia me fazer ser presa por drogas de alguma maneira. Ele poderia arranjar isso, sei que poderia. Conhece todo mundo na cidade.

– Ninguém podia ajudar você? E seus outros amigos, Jeremiah ou...

Estou desesperada agora, tentando mudar o passado imutável. Ela não tinha mais ninguém. Deveria ter podido contar comigo.

Delia faz que não com a cabeça de novo.

– Jeremiah é um doce, mas bem burro. E meus amigos... você viu o tipo de pessoas que são. Achavam que eu era divertida nas festas. Gostavam do quanto que eu conseguia beber, de como era engraçada e meio maluquinha. Mas não se importavam de verdade comigo. – Ela olha para mim. – Você é a única que realmente se importa.

Eu me sinto envergonhada, de verdade. Pelo que fiz. Pela maneira como a abandonei.

– E quanto a eles? – digo, fazendo um sinal na direção da sala, de onde posso ouvir vozes conversando baixo.

– Bom, eles também agora.

– Eles sabem?

– É claro. Estou aqui por causa deles.

– Eles ajudaram você a...

– Arranjaram tudo.

– Já tinham feito isto antes?

Ela fica em silêncio. Dá de ombros, mas sorri bem de leve. Sei o que aquilo quer dizer: sim.

Fecho os olhos. Quero lhe dizer o quanto sinto, como estou horrorizada, como não consigo acreditar que tudo isso estava acontecendo enquanto eu estava lá, sem saber, na casa de Ryan, vendo-o comer burritos caros. Quero dizer a ela que nunca vou me perdoar por não estar lá quando deveria estar. Mas as palavras estão presas ao nó na minha garganta. E, em vez disso, o que eu digo é:

– Não posso acreditar que ele vai sair dessa numa boa.

– Ah, não se preocupe – Delia diz. Eu reconheço algo na expressão dela naquele momento e sinto algo se elevar no meu peito. O espaço escuro e assustado está se enchendo de luz. Já a vi fazer aquela cara um milhão de vezes, em tardes tristes, quando a vida parecia sombria e cinzenta. Aquela é a expressão de quando tem um plano. – Ele não vai sair numa boa.

Delia

Na tela à nossa frente, Dastorio chegou ao reino e está prestes a colocar um encantamento na princesa com o pirulito feito de LSD. O filme é tão idiota quanto parece, mas eu o vi duas vezes por dia, todos os dias desde que morri. Não sei o porquê. Temos laptops e internet. Mas é difícil me envolver com o mundo real agora, com o mundo fora daquele que criei. Talvez eu não queira fazer isso. E ninguém pode me obrigar.

De qualquer forma, não estou prestando atenção. Informações sobre o ambiente estão sendo arremessadas na minha direção – cheiros, imagens, sons, a tv brilhando, o vento soprando através das copas das árvores e quebrando galhos, o cheiro dos corpos, alguém quente e familiar que não estava aqui antes, mas agora está.

Estamos todos sentados no sofá. Ashling passa as pontas dos dedos na parte interna do meu braço, do pulso até o cotovelo. Estamos jogando um jogo infantil que consiste em fechar os olhos e tentar parar a outra pessoa o mais perto possível da dobra do seu cotovelo.

– Para – eu sussurro, quando ela está bem ali na área de pele mais fina.

Ashling pressiona minha veia e enterra as unhas em mim. Como sempre, ela não para. Porque também faz parte do jogo.

Eu me lembro de todas essas brincadeiras, cujo único sentido é o contato, um desejo febril e desesperado. Você anseia por aquilo sem saber. Ainda não transou, não sabe como é, só quer que alguém, qualquer pessoa, toque em você. É tão difícil pedir aquilo de que precisa. É tão embaraçoso sentir necessidade de certas coisas. Mas com Ashling tem sido fácil. Ela não me pede nada. Só oferece, oferece e oferece, e eu recebo, recebo, recebo. Não tem fim para o quanto ela pode dar e eu posso consumir. Se quisesse morder uma parte dela, mastigar e engolir, Ashling deixaria.

Às vezes, na cama, afagando sua pele, sou inundada por um sentimento feroz que não compreendo. É como raiva, mas não exatamente. Sinto mais fome do

que calor. Quero marcá-la, quero afundar meus dentes em sua pele perfeita e macia e arruiná-la. Quase fiz isso, em um ponto perto de sua cintura. Consegui me controlar antes de arrancar sangue, mas por muito pouco.

Ela gostou. Quer que eu seja um animal selvagem, para rasgá-la toda. Não sabe como seria fácil para mim fazer isso. Ashling tentou me abraçar depois, me envolveu com seus braços finos e me puxou para seu peito. Acho que pensava que parte daquilo era pelo que tinha acontecido com meu padrasto. Mas sei que estava errada a esse respeito.

Agora, no sofá, fingindo assistir ao filme, olho para Ashling e ela sorri, com aquele olhar grudento e sonhador. Posso sentir June nos observando. Será que ela sabe quão pouco me importa a criatura estonteante ao meu lado? Quão pouco qualquer outra coisa importa?

Evan vira para June e aponta para a tela.

– Você já viu algum dos outros filmes dele?

Ela faz que não com a cabeça.

– São ótimos – ele diz. – Acho que você ia gostar.

Posso ouvir a necessidade na voz dele. Tem uma queda por ela. É patético, mas uma gracinha. Sinto um lampejo de ciúme, mas é só instinto.

Recosto no sofá e meu olhar perde o foco. Deixo o tempo passar.

O filme está quase no fim. June está desconfortável – posso sentir seu incômodo dentro de mim. Ela está se perguntando o que acontece agora ou o que vai acontecer em seguida, e quem são essas pessoas. Perguntas flutuam em sua cabecinha. Preciso que não se assuste. Que acredite que está tudo bem. Preciso transmitir segurança para ela, embora eu mesma esteja aterrorizada.

Tudo o que parece robusto na verdade é feito do vidro mais fino. Tudo o que parece sólido poderia, a qualquer momento, rachar até virar nada. É tão difícil viver acreditando nisso, mas é *verdade*. É tão melhor mentir para si mesmo, mas não posso. *Sei* com que rapidez as coisas podem desaparecer e como pode ser difícil fazer com que voltem. É preciso fechar a boca com tanta força que mal dá para suportar, então moer a areia entre os dentes enquanto sua boca queima, depois esperar que derreta e cuspir o vidro. Para em seguida construir tudo outra vez.

Respira, Delia, porra.

Tenho que lembrar que estou no controle. Tenho que parar de temer. Logo vou

ter que pedir algo a ela. É a próxima etapa. Mas não posso falar nisso agora, ainda não.

O filme termina. Sebastian levanta e pega uma caixa de biscoitos, que é o que ele sempre faz. Come uma caixa inteira por dia, enfiando-a garganta abaixo, porque tem um espaço vazio enorme dentro de si, como todos nós, acho. Está constantemente com fome. O que ele realmente quer? Sebastian se alimenta de açúcar, mas, em vez de crescer para os lados, cresce para cima, em direção ao céu, muito embora já seja alto como um maldito prédio e tenha dezoito anos, ou pelo menos é o que sua carteira de identidade diz. Mas a carteira de identidade de todos eles diz coisas diferentes e mentirosas. Logo terei uma só minha. Por ora, não tenho nada. Não sou ninguém. E gosto disso.

Evan faz chá de hortelã, esmagando as folhas com a colher após colocar mel. O que eu quero é uma bebida, sentir o repuxo ácido da tequila contra a minha língua, descendo e queimando pela minha garganta, esquentando meu rosto. O que eu quero é sentir minha barriga se aquecer de dentro para fora, e o calor se espalhar por toda a parte. Não vou beber agora. Nem na frente dela. Ashling e eu podemos tomar uma mais tarde, sozinhas no quarto. Ela conseguiu uma garrafa boa de gim. Ashling o despeja em minha garganta, uma dose por vez. Não gosto de bebida cara. É suave demais. É melhor quando dói um pouco.

– Da próxima vez, pegue uma porcaria – eu disse.

Ela pareceu magoada, mas não é como se ela tivesse pago pela garrafa.

Ashling a roubou de trás de um bar quando entramos para usar o banheiro. Ela rouba coisas, coisas que quer e que não quer. A echarpe de seda amarrada à bolsa de uma mulher e o batom chique que estava lá dentro, que Ashling joga fora antes de experimentar. Celulares, brincos. É disso que ela tem fome – qualquer coisa que não lhe pertença. Talvez seja por isso que gosta tanto de mim.

Por ora, apenas coisas puras e agradáveis estão acontecendo. Sei que June gosta disso. Mas os olhos dela estão se movimentando rápido, do jeito que fazem quando ela está nervosa, procurando sinais de perigo mesmo que inconscientemente. Ela tem tanto medo o tempo todo que nem sabe como é não ter. Seb está olhando para ela. June não repara, o que é engraçado, porque repara em todas as outras coisas com seus olhos redondos, enormes e rápidos de coelhinha. Mas uma coisa que ela nunca percebe é a frequência com que as pessoas olham para ela. June acha que é invisível, que não é pega pelo radar, mas

ela sempre é. Pelo menos pelos que valem a pena. Ela nunca perceberia se eu não estivesse lá para lhe mostrar. Ashling e Evan começaram a conversar sobre o filme. Tudo está tão alto em minha cabeça agora, em meu coração. Tenho que fechar os olhos, reduzir a velocidade e bloquear o exterior para não ter que ouvi-los.

June segura a caneca com as duas mãos e se acalma. Ela sorri, prestando atenção neles. Evan está se esforçando para impressioná-la. Continua dizendo como gosta dos outros filmes do diretor, do simbolismo e da maneira como usa as cores. Ashling está gozando dele porque disse “obra cinematográfica” em vez de “filme”. Evan finge estar irritado.

– Filme é um termo muito genérico. Você sabe de onde vem a palavra? Significa “pele fina” ou “membrana”.

– Ah, é muito *genérico*, Evie? – Ashling diz. – É isso que é?

Ela cutuca a lateral do corpo dele. Evan revira os olhos, como se Ashling fosse burra. Sei que ele adora quando ela o provoca. Na verdade, adora quando qualquer garota faz isso. Estamos todos famintos por aquilo por que estamos famintos. Para Evan é qualquer atenção de qualquer mulher, mas especialmente de Ashling. Dez meses atrás, antes de eu conhecer os dois, Ashling transou com Evan, só para não ficar chato. Apesar de ela ser lésbica – definitivamente lésbica. Mas Ashling já tinha dormido com caras piores por motivos muito piores. Evan era virgem e estava meio deprimido, caindo em um buraco sem fundo. Naquela época, era um supernerd, por dentro (e ainda é) e por fora (agora melhorou um pouco). Ela fez um favor a ele, porque sentia uma pena imensa e achou que podia ajudar. De fato, ajudou.

Agora Evan diz que Ashling é como sua irmã mais velha, o que é bem pervertido considerando que ele obviamente ainda quer transar com ela. Mas Evan só diz isso para tentar fingir que não está profundamente apaixonado por ela, muito embora todos saibamos que está.

June olha para eles e sorri, envolvendo-se aos poucos, como se fosse uma coelhinha saindo de debaixo do sofá.

– E aí, Ju? – Evan diz. – De que lado você está?

June olha alternadamente para Ashling e para Evan.

– Sinto muito – ela diz. – Vou ficar do lado de Ashling desta vez.

June sorri. Sorriu também. Sei que ela só fala assim quando está comigo.

Seb está observando em silêncio, como geralmente faz. Mas ele não tem o olhar passivo de sempre no rosto. Seus olhos deslizam sobre a pele dela com *interesse*. Nunca o vi olhar para alguém desse jeito. Pessoas maravilhosas e estonteantes se jogam em cima dele, de todos os sexos e de todos os tamanhos, aonde quer que vá, mas ele nunca se abala: está pouco se fodendo. Ou foden-do alguém. Ele nunca transa. E nunca sorri. Seb não está sorrindo agora. Mas é a primeira vez que o vejo olhar assim para alguém.

Tem alguma coisa aí, eu penso.

June não repara, como sempre. Somente quando eu lhe mostrava é que ela entendia. Fui eu quem vi Ryan nos observando enquanto íamos encontrar um cara cujo nome nem lembro e que ia nos levar a um lugar que eu também não lembro onde era. Ele estava olhando fixamente para nós, para ela, os olhos seguindo cada movimento seu. Estendi o braço e dei um tapa na bunda. “O que foi isso?”, June perguntou. Indiquei com a cabeça o lugar em que Ryan ainda estava olhando, de boca aberta. “É o que ele quer fazer”, eu disse. Pensei que não passaria de uma brincadeira entre nós duas, que ela não ia gostar dele. O garoto não era ninguém. Um manequim, uma escultura feita de carne moída. Mas eu a ouvi prender a respiração, o que me surpreendeu pra cacete. “Espera, você está falando do Ryan Fiske?” Ela estava corando, ainda que de leve. Pensei naquele momento e durante muito tempo depois porque àquela altura da nossa amizade eu pensava que a conhecia tão bem que não poderia me surpreender. Isso sempre pode acontecer, não importa as pessoas envolvidas. Tudo o que aconteceu entre nós depois disso me surpreendeu também.

Pensando nele agora – em sua cara de batata, em sua beleza insossa que não merecia ser considerada, no que eu fiz pelos motivos errados, como ele quase nos destruiu –, sinto minhas mãos se fecharem em punhos, como se cada uma delas fosse um saco daqueles que se fecha com cordinhas e alguém as estivesse puxando. Minhas unhas se cravam na palma da mão e dói. É duro parar. Sei o que fazer agora, sei como consertar isso, o que tem que acontecer.

– Ei, June – eu digo. Ela levanta a cabeça e sorri. – Vem até a cozinha comigo.

Ela levanta rapidamente. Como é fácil voltar a essa situação, a nós duas contra todo o mundo. Posso sentir Ashling observando, com ciúme, mas tentando esconder.

– Mais bate-papos secretos? – ela diz, tentando soar natural e brincalhona.

Posso sentir os olhos de Seb em June, como se a pele dela fosse a minha. E pela primeira vez, realmente a primeira vez, não conto para ela.

June

– Que pena que ele se revelou um bosta – Delia me diz na cozinha.

Quando ela percebe a expressão de confusão no meu rosto, dá uma daquelas gargalhadas que sempre me fizeram ter orgulho de qualquer coisa que eu tivesse feito, mesmo se fosse apenas ficar ali parada, sem entender nada.

– Então já superou? – ela diz. – O pobre Cara de Bife.

Então percebo que ela está falando sobre Ryan, mesmo que não o tivesse chamado daquele jeito desde antes de tudo acontecer, antes que fosse qualquer coisa para mim, enquanto ela era tudo. Delia o chamou de Cara de Bife e o apelido de alguma forma pareceu bastante adequado na época, quando eu não o conhecia e não sabia como realmente era. O apelido acabou pegando e era assim que o chamávamos quando *nós duas* éramos a coisa mais importante, quilômetros e quilômetros à frente do “nós” que envolvia Ryan e eu. Quando estava com ele, com certa frequência, mesmo depois que Delia e eu já não estávamos mais nos falando, eu o olhava do nada e pensava “Cara de Bife”, como se ela estivesse em pé ao meu lado, sussurrando na minha orelha. Uma vez, sem querer, acabei rindo.

Quero dizer a mim mesma que o esqueci, porque tudo isso importa muito mais do que ele jamais importou. Mas acho que, em algum nível, guardei todos os meus pensamentos a respeito lá no fundo. Às vezes, ser capaz de ignorar coisas que eu gostaria desesperadamente que não fossem verdade, pelo menos por um tempo, parece uma habilidade minha... Se é que se pode chamar assim.

– Já vai tarde, Cara de Bife. – Eu forço a saída dessas palavras. Tento soar tão natural quanto ela. Agora que estamos falando sobre ele, sinto uma agitação em meu peito, sufocando o meu coração. Cretino.

Ela se inclina para trás, olhando para mim, então coloca as mãos quentes no meu rosto, uma de cada lado, de um jeito bem delicado.

– Eu deveria ter contado antes o bosta que ele era.

Penso no Ryan que eu acreditava conhecer, em sobre como sempre senti que as

coisas eram frágeis, mas ao mesmo tempo, em algum nível, achava que só pensava nisso por causa da minha família. Era confortável demais pensar assim: significava que eu não tinha que encarar minhas preocupações. Mas talvez eu devesse.

– Por que você não me contou? Por que não... – começo dizer.

E então paro. Balanço a cabeça. Sei a resposta. Eu o escolhi. Não merecia saber.

– Quando soube que ia desaparecer e que seria minha última oportunidade, eu tentei – ela diz.

Eu confirmo com a cabeça.

Estou igualmente envergonhada e agradecida. Então penso em Ryan e em seu rosto bonito. Em como me sentia quando seus braços me apertavam. Sou atingida com força pela repentina percepção de que nada do que passei com ele foi real. Levanto a cabeça e olho para Delia. Ela me encara intensamente, os olhos brilhando, lindos.

– Ele não merece isso – ela diz. Com os polegares, puxa delicadamente os cantos da minha boca para cima. – Nem pense naquele bosta.

Mas tem algo que ainda está me inquietando. Sinto as palavras deslizarem para fora de minha boca antes que eu possa impedir.

– Aquela noite em que as coisas ficaram... estranhas – eu digo. – Na casa dele, com o jogo e tudo o mais... – Balanço a cabeça. Depois de tudo o que aconteceu, como posso perguntar isso? É como se tivesse acontecido há mil anos, parece uma história sobre outras pessoas. – Desculpa – eu digo. – Esquece.

– Não, tudo bem – Delia diz. – Você quer saber o que aconteceu quando saiu da sala.

Eu me percebo mexendo a cabeça afirmativamente. Pensei nisso tantas vezes, imaginei tantas vezes, tarde da noite quando eu não queria. Às vezes, quando eu sentia falta dela; às vezes, quando sentia falta dele. Pensava a respeito porque não conseguia evitar. Imaginei que nunca saberia a verdade.

Há algo nos olhos dela que eu nunca vi antes.

– É isso – ela diz. – A coisa toda.

Delia parece não sei bem o que, acho que assustada talvez. As mãos dela estão no meu rosto de novo, tão quentes, as palmas tão macias. Acho que posso sentir sua pulsação, ou talvez seja a minha. Suas pupilas estão enormes sob a luz fraca

da cozinha. E então ela se inclina para a frente lentamente, na minha direção. Ela vai contar o que aconteceu, o que Ryan fez, como ela reagiu.

E então seus lábios estão sobre os meus.

Isso nunca aconteceu antes. Ou aconteceu um milhão vezes, um bilhão de vezes, repetidamente, desde que nos conhecemos? Não, é a primeira vez. Ela me segura ali, nossos lábios colados, os dela tão quentes e tão macios. Nossos corações batem forte, e não sei dizer qual é qual. Sinto as palmas das mãos em meu rosto, seus lábios nos meus, seu coração dentro do meu peito.

– Eu fui o Ryan – ela diz, em voz baixa. – E você foi eu. – Então, recua. – Veja – seus olhos ainda estavam travados nos meus –, não foi grande coisa. – Não consigo falar, não consigo me mexer. Ela ameaça dar um sorriso. E então a ameaça se concretiza. Delia se inclina para a frente outra vez e me dá um beijinho no rosto. – Na real, não foi nada, June – ela sussurra.

Então, Delia se vira e volta devagar para a sala. Eu fico lá parada, com as pernas tremendo e o coração acelerado. Levo alguns bons minutos antes de poder respirar, antes de conseguir me mexer.

Delia

Terminações nervosas disparando nos buracos do cérebro disparando dentro do espaço dentro do tempo. Aqui. Aqui. Aqui. Fogo. Fogo. Fogo. Fogo. Fogo. Fogo. Pegue minha lista e acrescento o nome dela no fim, rasgo-a em mil pedaços. Às vezes, até eu me surpreendo comigo mesma.

June

Por meio segundo, eu não sou nada, ninguém, apenas uma boca quente aberta e uma sede feroz. Estou acordada, com o rosto pressionado contra um travesseiro alto.

Tudo volta à minha mente depressa – quem eu sou e onde estou, como cheguei aqui. *As pessoas com quem estou:* Delia, que era minha, depois não era, depois morreu e agora está viva, viva, viva. Estou no sofá do lugar para onde ela me trouxe. Onde tanta coisa aconteceu, coisas sobre as quais eu nem sei o que pensar.

Eu me sento.

Posso ver a cozinha de onde estou no sofá, iluminada por uma pequena lâmpada vermelha. Ando até ela. A casa está em silêncio. Procuro nos armários até encontrar um copo, abro a torneira e bebo água gelada várias vezes, até não ter mais sede. Agora me sinto inteiramente acordada.

De repente, estou morrendo de fome, muito embora não tenha certeza de como isso é possível. Na noite passada, tudo aconteceu. E nada aconteceu. Eu tinha tantas perguntas, mas sentia que não podia fazer nenhuma delas.

Então nós assistimos a filmes como se fosse normal e ficamos juntos. *Delia e eu conversamos na cozinha.* E isso eu não consegui, não consigo, nem começar a processar.

Mais tarde o cara simpático, Evan, fez uma enorme travessa de espaguete. Eu estava com fome novamente, e me sentei com eles à enorme mesa de madeira maciça. Comi como uma fera. Não pude evitar. Em determinado momento, levantei os olhos e vi o cara alto, cujo nome é Sebastian, olhando para mim, com o rosto inexpressivo, como descobri que quase sempre está. Ele nunca sorri. Eu me perguntei o que haveria sob aquela ausência de sorriso e me senti envergonhada.

Por volta das nove horas mandei uma mensagem para minha mãe e disse que ia dormir na casa de Ryan, uma vez que foi o único lugar em que consegui

pensar. Mentir que vou ficar na casa de um cara para poder estar com minha melhor amiga... não deixei de perceber a ironia. Nem quando Delia me disse que eu teria que ir à escola de manhã.

– As pessoas vão reparar se você desaparecer. Vão começar a se perguntar, vão procurar você...

Eu disse que com certeza não depois de um único dia. E minha mãe não ia mesmo se importar com isso.

Mas Delia balançou a cabeça.

– Não é só isso. Você precisa desenterrar as sementes que plantou e matar as raízes...

Ela sabia que eu ia tentar descobrir o que havia acontecido com ela. Ashling tinha estado em todos os lugares em que eu estive e em alguns em que eu não estive.

– As pessoas estão desconfiadas – Delia disse. – Não podem continuar assim.

Então prometi que acertaria tudo.

E agora aqui estou eu, em pé na cozinha no meio da noite, com fome e acordada. Vou até a geladeira e a abro, mas então paro, porque ao lado dela no balcão está o saco que pegaram na casa de Tig.

Penso em todas as perguntas que não fiz, que não pude fazer.

Quem são essas pessoas? O que elas estão fazendo aqui? De onde vem o dinheiro? Quando estavam todos acordados, quando Delia estava acordada, era mais fácil engolir as perguntas. Mas agora que estou sozinha a alegria cegante desapareceu aos poucos. *Preciso* de respostas.

Talvez haja algumas neste saco... De repente, eu me vejo estendendo a mão, segurando-o, erguendo-o. Sei que deveria parar – de agora em diante, qualquer coisa que eu descobrir sobre Delia deveria ser porque ela quer que eu saiba, porque me contou –, mas não paro. O saco é leve; o papel estala como folhas secas quando o abro. Lá dentro vejo um monte de pequenos sacos plásticos, dúzias e dúzias deles, cheios de minúsculos cristais amarelados, com pequenos *cupcakes* cor-de-rosa impressos na frente. Minha pulsação acelera.

Eu sei o que é isso.

Eu me lembro, perto do fim, quando nossa amizade estava mudando, Delia às vezes usava isso nas festas, amassando e inalando através de um canudinho. Ela ficava acordada durante horas, ligada, com a mandíbula travada. “Não é nem

divertido”, ela dizia. Depois ficava exausta, perturbada, triste. Então por que está com isto agora? E com essa quantidade toda?

Fico ali parada, o coração batendo forte, sem ter certeza do que fazer e do que pensar.

Então ouço – um som baixo e gutural, como o grito de um animal. A princípio, eu me pergunto se imaginei aquilo, tão estranho e tão baixo. Mas um segundo mais tarde, ouço outra vez, e é definitivamente humano. Coloco o saco de papel de volta no lugar onde o encontrei e começo a percorrer o corredor na direção do som. Juro que, a princípio, tudo em que estou pensando é que alguém pode estar ferido, precisando de minha ajuda.

Somente quando estou na frente dos quartos percebo o que estou realmente ouvindo. Não é dor. Ou não é só dor. E não vem de uma pessoa, mas de duas – *Ashling e Delia*.

Sinto uma facada de solidão abrindo um enorme buraco no meu peito. Há uma porta e eu estou do lado de fora dela. Sozinha.

Ouçó sussurros, mas não consigo entender as palavras.

Então surgem mais sons, animais, mais altos agora. Sinto o rosto esquentar. Tento me mover. Não consigo. Estou congelada, derretendo e em seguida pegando fogo. Fecho os olhos e sinto o sangue em meu rosto e em todos os outros lugares.

Por um momento, é como se eu estivesse naquele quarto com elas. Vejo as bocas juntas, pele deslizando sobre pele, um punho segurando o cabelo de Ashling, a língua rápida de Delia.

Aperto meus lábios com a ponta dos dedos. Fecho os olhos. Lembro qual é a sensação.

Paro.

Silêncio. A explosão de uma risada que não reconheço. E então uma que sei a quem pertence. Seca, rápida e alta. *Pop--pop-pop*. Selvagem, afoita, espalhando-se como estilhaços. Vozes abafadas. Então o som de passos vindo na direção da porta. A porta diante da qual estou parada.

Corro pelo corredor, me jogo sobre o sofá e puxo as cobertas. Viro, ajeito o corpo e fecho os olhos.

Então Delia entra na sala. Delia. Conheço o som macio dos pés descalços dela sobre o assoalho, como as batidas do meu coração, que espero que ela não possa

ouvir.

Tento permanecer perfeitamente imóvel. Ouço um armário abrir, um barulho de copo, a torneira. Então ouço os goles e imagino a água descendo pela garganta dela. Ouço a porta da geladeira abrindo e fechando. Então passos outra vez, cada vez mais perto. Ela está em pé ao meu lado. Por um momento, há silêncio. Minhas pálpebras se contraem.

Delia se inclina para a frente. Seu hálito é acre, talvez por causa do gim.

– Você poderia simplesmente ter pedido – ela diz, delicadamente. Meu rosto se incendia novamente. Pedido o quê? Para escutá-las? Delia sabe que eu estava lá. Não tenho nenhuma ideia de como explicar, como começar. – E para de fingir que está dormindo.

Ela cutuca minhas costelas. Abro os olhos. Seu nariz está a centímetros do meu.

– Não sei para que você pensou que isso serve, mas está errada – ela diz.

Percebo que não tenho a menor ideia do que ela está falando. Até olhar para baixo e ver o que está segurando: o saco que veio da casa de Tig.

– Se vai xeretar, pelo menos feche o saco do jeito que estava, June.

– Desculpa – começo a dizer. – Eu não deveria...

Ela estende a mão e coloca o indicador sobre meus lábios.

– *Shhh*. Dizem que todo mundo ganha o que merece. Mas a questão é que isso não é *verdade*. O mundo não é justo... – Ela está tão perto agora. – A menos que o transforme. Você precisa confiar em mim. Gostaria de pensar que, depois de tudo, conquistei pelo menos isso. Nós vamos acertar as coisas que estão erradas. *É por isso* que estamos com esse pacote. E você pode ajudar. – Ela faz uma pausa e se inclina para trás, olhando para mim. – *Está dentro?*

Tenho tantas perguntas. Mas, à medida que aparecem na minha cabeça uma por uma, percebo que nenhuma delas é importante.

Lá fora é solidão, solidão, solidão, flutuando no espaço, sem ter onde me agarrar.

Dentro é aqui nesta casa.

Você está dentro?

Lá fora é escuro e irreal. Lá fora nem sequer existe.

Dentro é aqui com ela.

Delia, que está olhando firme para meu rosto, mordendo o lábio inferior.

Prendendo a respiração, acho.

Você está dentro?

Ela pergunta como se eu tivesse escolha.

Sinto minha cabeça se movendo quase à minha revelia. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo. Seja lá o que venha, seja lá o que aconteça depois deste momento, seja lá o que for.

Estou dentro.

Delia

Querido Deus, o sol está bonito esta manhã, e seus raios quentes e brilhantes entram através das cortinas. Ele tem me acordado todo dia desde que cheguei. Brilha naquela altura estranha do inverno, diretamente nos meus olhos. No começo eu ficava com raiva, como se aquela fera ensolarada estivesse querendo me foder. Agora sou movida a energia solar, estou sendo carregada pela luz. *Vai, vai, vai, vai.*

Eu pulo da cama. Abro a janela. Sinto que o ar está fresco e limpo.

– Levanta – sussurro no ouvido de Ashling. – Levanta, levanta, levanta.

E então, embora eu saiba que ela ainda está dormindo e que odeia não ver ninguém quando acorda, saio correndo para o corredor.

June está sentada no balcão da cozinha, tomando um copo de suco. Ela ainda não me viu. Fico lá parada e a observo.

Parece nervosa, e eu sei que é por causa do que tem que fazer quando chegar à escola. Não é nem pelo que vai acontecer mais tarde, porque isso eu ainda não expliquei para ela. Não, por ora é só a escola. June só precisa fazer o que eu mandei para manter nós todos e tudo isto a salvo.

Ela termina o suco e olha ao redor. Seus olhos encontram os meus. June sorri. Juro que é como se o maldito sol irradiasse dela.

Eu me lembro de como era antes, quando chegar até o fim do dia era um tremendo esforço, uma luta, um trabalho árduo. Agora as horas passam rápido pra cacete.

June

A noite passada parece ter sido há mil anos, como se fosse algo que eu inventei, um sonho que tive. Agora, entrando na escola, sinto um nó no estômago que não consigo nem começar a desfazer. Estou aqui há dez minutos e já estou pronta para ir embora, para voltar para casa. Com isso, quero dizer voltar para Delia. Mais do que qualquer coisa, não quero colocar tudo a perder.

Coloco a mão no bolso e toco a carta. Ela está lá, segura e confortável, dobrada, desdobrada e redobrada para parecer que a li um milhão de vezes, o que eu teria feito se fosse real.

O mundo inteiro está diferente agora que eu sei. Por mais assustada que eu esteja, também tenho que lembrar a mim mesma para não sorrir. O odor da morte de minha amiga ainda está no ar, flutuando pelo corredor, umedecendo tudo. Estou tão afastada disso agora. Ela está morta, mas está viva. Eu estou aqui, mas não estou.

Ninguém importa. Vejo Laya, dois alunos do terceiro ano que eu conheço, Hanny, outro amigo de Ryan da festa. Um após o outro, esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita. Olho para eles e penso: *Nenhum de vocês sabe*. Olho para eles e penso: *Não dou a mínima para qualquer um de vocês*. E então eu sorrio, porque percebo que isso é algo que Delia pensaria, sendo canalizado direto para o meu cérebro.

Esqueci como isso acontecia, como era fácil pensar como ela quando estava perto. Como era divertido. Como é.

Mas agora estou em uma missão especial para Delia.

– Você precisa desfazer isso, June – ela me disse.

E então me explicou como.

Entro na sala de confirmação de presença. Krista está lá me esperando, com a enorme bolsa laranja em cima da mesa. Sento ao lado dela e tento controlar meu rosto. Viro lentamente.

Krista aperta os olhos e olha para mim.

– Você está com a mesma roupa de ontem – ela diz. É verdade, são os mesmos jeans, camiseta cinza e suéter verde. Dormi com essa roupa também. – E está com uma aparência horrorosa.

Eu dou de ombros.

– Mas pelo menos está aqui, e isso é bom – ela diz.

– Recebi uma carta pelo correio – explico. – Escrita por Delia, no dia em que morreu.

Eu não preciso contar nada a Krista. Ela não tem a menor importância, mas estou praticando.

– Tá brincando! E o que diz?

Krista nem tenta esconder a excitação na voz.

– Que ela sente muito e que me ama.

– Que droga – diz Krista, balançando a cabeça. – Acho que é isso então. – Ela dá de ombros. – Quer ir na casa do Rader comigo mais tarde? Prometo que não vou tentar arranjar ninguém para você desta vez.

Olho para Krista, sua língua passando sobre os dentes amarelos, sobre suas gengivas enormes, e me vem à cabeça que não gosto dela. Nem um pouco. Penso na casa de Rader, penso na fumaça e naquela festa triste. Penso em como, se não tivesse encontrado Delia viva, provavelmente aceitaria. Diria que sim porque não teria outra opção.

– Não, obrigada – digo.

– Não, obrigada? – Krista olha para mim. – Por quê? Você tem outros planos ou algo assim?

Levanto e percebo que, embora as atividades da sala de confirmação de presença ainda não tenham terminado, não faz diferença. Caminho na direção da porta e, quando ouço Krista me chamar, não me dou ao trabalho de olhar para trás.

Ryan é o primeiro a sair quando o sinal toca. Está com um lábio inchado e um olho escuro, mas mesmo arrebatado ele ainda parece bonito. Fico irritada por ter reparado nisso. Quando me vê, ele sorri quase timidamente. O idiota estende os braços para mim, como se eu fosse deixar que me abraçasse. Como se fosse deixar que me tocasse de novo.

– É bom te ver – ele diz.

Uma aluna do segundo ano passa por nós com uma amiga. Elas cochicham algo e viram para olhar para nós. Ali em pé, em frente a ele, eu me sinto menos forte do que antes. Quero acabar com aquilo de uma vez por todas.

– Ela se matou – digo. – Eu estava errada.

Estendo a carta dobrada. Ele apenas olha para ela.

– Não se preocupe. Ela nem menciona você.

Ele recua. Merece isso.

Observo seus olhos movendo-se pela página rapidamente.

– Meu Deus – Ryan diz. – É tão maluco... tudo isso. Quero dizer... Não posso...

Ele ainda está segurando a carta.

– Não diga nada. De qualquer forma, eu não acreditaria.

Sinto uma pontinha de culpa, porque eu sei que ela ainda está viva. Vou protegê-la. Ele não, nunca vai.

– Mas a mão do Jeremiah... – Ryan diz. – Acho que está queimada. Ele estava agindo de maneira tão estranha e... me encheu de porrada. Acho que a gente deveria... quer dizer, não sei.

Tento manter o rosto calmo e imóvel.

– Deixa o cara em paz. – Minha voz está firme. Eu estou no comando. – Jeremiah tem vivido um inferno. Você tentou transar com a namorada dele. Já fez o suficiente.

Ryan olha para a carta de novo. Sinto a adrenalina correr pelas minhas veias.

– Ok – ele diz.

Ryan fica em silêncio, derrotado. Vai fazer o que eu lhe disser para fazer.

Foda-se a culpa, *estou gostando disso*.

Ele torce os lábios.

– Bom, acho que é isso então.

Ryan hesita, então me devolve a carta. Mas não me olha nos olhos. Só preciso de uma fração de segundo para perceber o motivo: ele está quase chorando. Então, eu compreendo algo: ele realmente se importava com ela. Talvez ainda mais do que admite para si mesmo. Talvez até a *amasse*. Parece óbvio agora.

– Sim, é isso – digo.

– Eu... – ele começa. O velho Cara de Bife.

Eu balanço a cabeça.

– Tchau – eu digo.

– June... – ele diz. – Espera...

Olho para trás, para o rosto dele, uma última vez.

E à medida que me afasto, percebo que algumas daquelas lágrimas nos olhos dele talvez sejam para mim.

Levo quase o resto do dia para encontrar Jeremiah. Treino meus olhos para procurar suas costas gigantes, sua enorme cabeça quadrada. Eu o acho no fim do corredor, movendo-se lentamente. Esta parte vai ser a mais difícil de todas.

– Jeremiah! – grito.

Ele parece estar tão, tão cansado.

– Como você está? – pergunto.

Sinto um aperto no coração quando ele não responde, só balança a cabeça. É duro imaginar que desconfiei dele. Jeremiah só amava alguém para quem não era páreo, queria uma garota que nunca poderia ter. Eu o vejo de maneira clara agora, com aquele tipo de dor que faz o mundo todo parecer irreal. A dor que eu estava sentindo até ontem, antes de se transformar em surpresa, em pura alegria, em uma fulgurante possibilidade. Passa como um raio pela minha cabeça a ideia de contar toda a verdade para que se sinta melhor, como aconteceu comigo. Mas não posso.

Eu tiro a carta do bolso. Preciso acabar com isso.

– Uma carta – digo. – Ela me mandou antes de morrer. Acabei de receber.

Estendo o papel na direção dele. Jeremiah o pega com a mão direita, mantendo a queimada no bolso. Não consigo ver seu rosto enquanto lê.

Quando acaba, ele dobra a carta e me devolve. Eu sequer olho de relance para ela. Memorizei as palavras de Delia, as palavras que Ashling escreveu para ela. “Imito sua letra melhor do que ela mesma”, Ashling dissera com um sorriso maroto. “Posso copiar qualquer uma.”

Lamento que tenha que ser desse jeito, June. Por favor, não se sinta culpada, não há nada que ninguém pudesse ter feito. Eu te amo e tive a sorte de conhecer você, é isso o que levo comigo. Por favor, encontre Jeremiah e diga para ele que o amo e sei o quanto me amou. Se despeça dele por mim.

Jeremiah está me olhando. Pego a carta. Ao nosso redor, os alunos vão para a

aula.

– Eu estava errado – ele diz. Sua voz sai grossa e áspera, como se não a usasse há algum tempo. – Sobre um monte de coisas. Tenho pensado muito, não faço nada além de pensar, pensar e pensar... – Ele está acelerado agora. – Eu não consigo dormir, então fico a noite toda pensando. Finalmente estou entendendo algumas coisas. Como isto: se você fosse realmente amiga dela, nunca teria deixado de ser. – Ele me encara. É como se esperasse um contra-argumento meu, mas não falo nada. Jeremiah continua. – Ela falava sobre vocês como se ainda fossem muito próximas, sabe? Durante muito tempo, não conseguia entender por que ainda não tínhamos nos conhecido, por que ela nunca quis me apresentar sua suposta *melhor amiga*. Mas percebi que você não era amiga coisa nenhuma.

Eu não achava que houvesse qualquer coisa que ele pudesse dizer que me magoasse, mas estava errada. Delia me perdoou. Não posso esquecer. E é por ela que estou fazendo isto.

– Estou tentando ser uma boa amiga agora – digo, mantendo a voz suave e baixa. – E isso significa honrar sua memória e aceitar o que aconteceu. Não vou ficar procurando um mistério onde não há um.

Ele olha para mim, assentindo. Por um momento, penso que estamos nos entendendo. Então seus olhos brilham.

– Você mesma escreveu esta carta ou ele ajudou?

Jeremiah inclina a cabeça para o lado.

– Do que você está falando?

– Acha que eu não sei como é fácil forjar a letra de outra pessoa? – Jeremiah balança a cabeça. – Porra, June. Por que você está se esforçando tanto para acobertar o cara, hein?

Sinto um frio no estômago.

– Acobertar quem? – pergunto.

– Ah, fala sério. Ryan, claro.

De repente, eu me sinto enjoada e sem chão.

– Não estou fazendo isso. Ele não tem culpa.

Minha voz soa fraca. E, muito embora seja a verdade, de alguma forma essas palavras não soam bem.

Jeremiah tira a mão do bolso e aponta para a queimadura enfaixada a respeito da qual ele sequer sabe que eu sei.

– Bem, alguém fez. E sei o quanto doeu.

Eu não deveria estender o assunto, mas não consigo.

– O que aconteceu com sua mão?

– Eu coloquei fogo nela – ele diz, sem qualquer mudança de tom ou de expressão. – Depois que descobri como Delia morreu. Quis saber o que ela sentiu. E advinha só. Dói demais.

Ele sorri. Parece desequilibrado.

De repente, compreendo algo. O tempo todo eu estava *certa* sobre ter cautela em relação a ele, mas pelos motivos errados. Jeremiah estava montado em sua dor, canalizando seu luto para algo perigoso. E só piorava.

Jeremiah está apontando para sua mão, não está mais sorrindo.

– Eu vou descobrir quem fez Delia sentir isso. E se foi seu namorado, ou seu ex – ele faz uma pausa –, ele vai ganhar o que merece.

Dito isso, ele se vira e vai embora.

Entro em pânico.

– Para! – eu grito atrás dele. – Ryan não *fez* nada. Foi Delia quem fez isso consigo mesma. É horrível, mas é a verdade...

Ele já está longe no corredor e não olha para trás. Sinto-me tonta e sem fôlego. Tudo está fora de controle. Não tenho a mínima ideia de como fazer isso parar.

Uma hora mais tarde as aulas acabam. Ainda estou trêmula e enjoada, tão distante de uma resposta quanto antes. Ando na direção do estacionamento revivendo tudo aquilo diversas vezes na minha mente. Delia pediu que consertasse tudo. Ela me disse o que fazer, mas não consegui. Estraguei tudo. Não tenho ideia de como proceder.

– Ah, fala sério, não pode ser tão ruim assim, pode? – Levanto os olhos. Sebastian está em pé no estacionamento, a três metros de mim. É estranho vê-lo aqui. – Não é como se alguém tivesse *morrido*. – Ele não está sorrindo, porque nunca está, mas seu tom é de brincadeira. É o que acho, pelo menos. – Me mandaram vir buscar você.

Ele faz um sinal para o carro verde-escuro, que eu reconheço do estacionamento da casa. Vou até ele.

– Eu tenho carro – digo.

Sebastian dá de ombros.

– Ela me falou para vir buscar você, então eu vim. Não discuti.

Ela. Delia.

Ele me encara. Eu o encaro de volta, passando os olhos por seu corpo e pelos longos músculos. Noto a maneira como segura os ombros e as mãos. Vejo seu rosto, as curvas e os ângulos. Sebastian não sabe por que mandaram que me buscasse, mas, de repente, eu acho que sei. E, apesar de tudo, não posso deixar de sorrir.

Delia está fazendo o que sempre fez, a mesma coisa de quando dei meu primeiro beijo há tantos anos no reservatório, a mesma coisa que fazia com frequência com caras que conhecíamos nas festas em casa de amigos. Ela está me dando Sebastian de presente. Posso ouvir a voz dela na minha cabeça: *Conheço seu tipo melhor do que você*. Agora, parada ali, cara a cara com Sebastian, percebo que é claro que ela está *certa*. Só tem um detalhe: não acho que Sebastian esteja disponível para “doação”, ou pelo menos não para mim.

Olho para cima e para Sebastian outra vez. Ele está prestando atenção em alguém atrás de mim.

– Então esse é ele, hein?

Ele faz um movimento com a cabeça.

Eu me viro. Ryan está olhando para mim.

– Como você sabe?

Sebastian balança a cabeça.

– É óbvio pela maneira como está te olhando. Foi você quem arranhou aquele olho preto para ele?

Não consigo dizer se está brincando.

Eu nego com a cabeça.

Quando Ryan percebe que estou olhando, ele acena.

Eu me viro.

– Sujeito bonitão – diz Sebastian, assentindo. – Tem uma boa... estrutura óssea.

– Sempre pensei a mesma coisa – digo. – Espero que a surra não tenha arruinado isso.

Sebastian faz que sim com a cabeça, muito sério, mas então seu rosto se abre num sorriso de verdade, que fica brilhando ali por menos de um segundo e então desaparece.

– Você acha que ele está com ciúme?

Sebastian ainda está olhando para Ryan, que ainda está olhando para nós.

Faço que não com a cabeça.

– Duvido.

Sebastian dá um passo para a frente.

– Acha que a gente devia fazer com que ficasse?

Sebastian tem um olhar desconcertante no rosto, diferente de tudo o que já vi antes: desafiador, malicioso, um pouquinho malvado. De repente, de uma vez, tão rápido que nem percebo o que está acontecendo, ele pega minha cintura e me puxa para perto. Quando nossos olhos se encontram, tenho a nítida sensação de que há algo incontrolável dentro dele. Perto desse jeito, posso sentir os músculos de seu peito contra o meu peito, a dureza de sua barriga contra a minha. Não entendo o que está acontecendo. Ele parece estar se inclinando para a frente, como se prestes a me beijar. Chega mais perto e mais perto, nossos lábios quase se tocando. Eu me lembro do hálito dela, dos lábios dela. Sinto a respiração dele contra o rosto e o coração batendo forte em meu peito.

– Odeio pessoas assim – Sebastian diz sem se afastar. – Mentirosas, que quebram o coração de outras pessoas. – Ele olha por cima do meu ombro e então me solta. – A gente precisa ir.

Eu dou um passo para trás, tropeço e quase caio. Mas, de algum modo, minhas pernas conseguem me manter em pé.

– Certo – digo.

Por um momento, esqueci de tudo. Todo o resto da vida, as coisas malucas que aconteceram e ainda podem estar acontecendo, como estraguei as coisas com Jeremiah, como vai ser difícil consertar isso. Só tenho consciência de meu coração batendo forte e da sensação das mãos de Sebastian em mim, como se estivesse pegando fogo e adquirindo uma pulsação própria.

– Está destrancado – ele diz.

Estamos no carro. Sebastian estende a mão, liga o rádio e passa pelas estações. Então desliga e respira fundo.

– Pena que seu namorado é um idiota – ele diz. – É uma droga quando alguém se revela totalmente diferente do que você pensa.

Eu dou de ombros.

– Agora percebo que talvez eu não o conhecesse de verdade.

Sebastian faz uma pausa.

– Ele conhecia você?

Há algo em sua voz que me faz parar. Meu coração acelera. Sebastian não está apenas puxando assunto, está *perguntando* de verdade. Como se ele se importasse de fato com a resposta.

– Não, acho que não. Eu... nunca fui realmente honesta com ele sobre muitas coisas.

Estou pensando na minha vida, na minha mãe, em como me sentia em relação a Delia, em tudo isso.

– Sobre o que vocês conversavam? – Sebastian pergunta.

Balanço a cabeça.

– Sobre coelhinhos, na maioria das vezes. – Viro para ele, que está erguendo as sobrancelhas. – A gente gostava de ver uma transmissão ao vivo de um casal de coelhos. Inventamos uma vida para cada um deles e... Na época pareceu que seria divertido, e realmente foi. Mas não era além de outras coisas, era no lugar

de.

– Para evitar falar sobre o que estivesse realmente acontecendo?

– Talvez, não sei. Sempre que as coisas da vida real apareciam, questões familiares e tal, eu meio que maquiava as partes difíceis. A vida dele não é... como a minha.

É estranho conversar desse jeito, de verdade, com alguém que não conheço.

Sebastian assente, como se compreendesse perfeitamente.

– Então você mcdonaldizava o cara?

Eu viro na direção dele. Árvores sem folhas passam depressa pela janela.

– Não tenho a menor ideia do que isso quer dizer.

– Eu inventei – Sebastian diz, dando um sorriso quase imperceptível. – É quando você dá a alguém a versão totalmente processada e falsa de uma coisa para que seja mais fácil de engolir. Seu irmão se juntou a um culto e não permitem que ele fale com qualquer pessoa de fora? Você diz: “Meu irmão e eu não estamos mantendo muito contato”. Seu pai viciado em drogas não pagou o aluguel outra vez e vocês vão ser despejados? “Estamos pensando em nos mudar para um lugar um pouco mais conveniente.” Um membro de gangue de trinta anos tentou estuprar sua irmã de doze, então você teve que matar o cara e... Bem, você entendeu a ideia.

Eu me percebo mexendo a cabeça afirmativamente. Penso no que disse a Ryan sobre a minha mãe: “Nós não somos muito chegadas, cada uma meio que fica na sua”. Eu dizia a mim mesma que fazia aquilo por nós dois, para não encher o saco dele com todo o drama. Mas talvez fosse algo egoísta. Eu fingia que era alguém diferente. A sensação era boa.

– Conseguir escolher quem você é... – Sebastian diz. – É um privilégio.

Ele me observa de canto de olho.

Penso em Ryan e em como mesmo quando ele achava que estava sendo profundo estava dizendo coisas que tinha ouvido em outros lugares. Tudo o que sabia vinha de livros e filmes. Sua vida era fácil demais. Até Delia “morrer”, nunca tínhamos discutido de verdade. Nas poucas ocasiões em que eu disse qualquer coisa sobre a situação da minha família, tive a estranha sensação de que ele *gostava* da situação complicada, sentia que ter uma namorada assim lhe dava alguma vantagem. Como ele nunca soube fazer as perguntas certas, eu quase não lhe contava nada.

– Enfim... – Sebastian diz, apertando os lábios e mudando o tom de voz. – Como foi tudo? As coisas que você tinha que fazer na escola, quero dizer. Falar com todo mundo.

Ele fala deliberadamente devagar.

Não quero responder, mas sei que não dá para esconder, é importante demais. Então lhe conto tudo: sobre Jeremiah, sua acusação, seu olhar louco etc.

– Não acredito que ele vá parar – digo. – Vai continuar investigando.

Sinto minha garganta fechar. Dizer as palavras não foi um alívio. Tudo o que tenho tentado esquecer está de volta.

Eu me viro para ele. O rosto de Sebastian não deixa qualquer emoção transparecer.

– Não se preocupe – ele diz. Sua voz está calma e constante. Tranquilizadora. – Sempre há... falhas técnicas.

Sempre.

– Você já fez isso antes? – Meu medo me dá coragem. – Quantas vezes?

Sebastian respira fundo e então faz uma pausa, como se não soubesse se vai falar ou não. Ele abre a boca. Fecha. Abre de novo.

– Três.

Uma palavra monossilábica e de repente compreendo o que está me contando. Delia não é a única deles que “morreu”. Ashling, Evan e ele mesmo também. Três.

– Todos vocês... – começo a dizer.

Eles tiveram uma vida antes daquela. E a deixaram para trás.

– Esquece – Sebastian diz, com a voz firme. E então, com a voz mais baixa, quase para si mesmo. – Eu não podia ter contado.

– Não vou contar para ninguém – digo. – Prometo.

Sebastian balança a cabeça.

– Não é seguro.

Ele não diz mais nada. Eu me recosto no banco do carro. Onde estão as famílias? O que tinha de tão ruim na vida deles que precisaram abandoná-las? Do que estão fugindo? Para onde estão indo? Olho as árvores pela janela, com um redemoinho de perguntas na cabeça. Alguns minutos depois, chegamos na casa.

Delia

Logo de cara, sei que tem alguma coisa errada. Mesmo antes de vê-la, tenho aquela sensação de quem percebe o canário morto dentro da mina de carvão, bem lá no fundo, onde carrego a escuridão. Estou olhando pela janela quando os dois chegam. Quando ela desce do carro, noto na maneira como se move – movimentos rápidos, como um animal pequeno, olhos arregalados. A princípio penso que tem a ver com Sebastian, alto e esbelto, com as mãos nos bolsos. *Cara, se você a magoar, vou te cortar como se fosse a porra de uma árvore*, penso. Então percebo que não tem nada a ver com ele. Quando ela se aproxima o bastante, posso sentir o cheiro, o medo azedo que irradia de sua pele doce. Percebo que é de *mim*.

Isso me deixa doente.

Ela entra e diz que precisa me contar algo ruim. Morde o lábio e cobre a boca pequena, que está trêmula. E então uma história sobre Jeremiah sai em um turbilhão.

– Estraguei tudo – ela diz. – Não consegui convencer Jeremiah. Sinto muito. Não sei o que ele vai fazer agora.

E então só quero rir. De Jeremiah e de sua enorme cara de bobo, pensando na ideia de que poderia assustar alguém. É a porra de um gatinho em corpo de buldogue. Não passou de uma coisa quente para abraçar durante o inverno. Um brinquedo. Ouvindo sobre a mão queimada, o voto passional de acertar o que tinham me feito, quase sinto algo por ele, mas não sinto. Jeremiah é do bem, fofo, inofensivo, mas até mesmo esse tipo de gente pode causar estragos. Trombando nas coisas no escuro, derrubando tudo, cometendo grandes erros. E ele assustou minha June.

– É uma pena que não possamos deixar Jeremiah ir para cima de Ryan, né? – eu digo. – Ou o contrário. Para um anular o outro.

June olha para mim, com a doce boca aberta.

– Estou brincando – digo.

Ela me olha como se não tivesse tanta certeza daquilo. Garota esperta.

Os pensamentos dispararam na minha cabeça. São mil, um milhão, um bilhão no espaço de tempo que leva entre minha expressão de desapontamento e eu abrir a boca.

– Não se preocupe, June. Prometo que vamos dar um jeito.

Pronto. Vejo que ela está começando a relaxar. Sabe que vou cuidar daquilo. Que vou cuidar dela. *Ótimo.*

Mantenho o rosto calmo. Mas a verdade é que agora sou eu quem está assustada pra cacete.

Porque chegou a hora. Preciso de uma coisa. *Muito.* Se ela não fizer isso, nada do que tem que acontecer vai acontecer. *Você está dentro?* June disse que estava. Eu *sei* que ela está. Mas preciso ter certeza.

Então abro a boca e pergunto.

June

Eu disse sim.

Sempre vou dizer sim.

De agora em diante, não importa o que ela peça. Essa vai ser minha resposta.

Como poderia ser diferente?

Além disso, ele merece, e pior.

Respiro fundo uma última vez e seguro. Então aperto a campainha. Eu a ouço soar, então ela para. Por um momento, nenhum som. A casa toda está silenciosa como se não houvesse ninguém lá dentro. “William não faz cirurgias às terças”, Delia havia dito. “E minha mãe foi passar uns dias com a irmã dela. Ele vai estar lá. Sozinho.” O carro dele está na garagem. Talvez esteja dormindo. Talvez não atenda a porta.

Então ouço uma voz.

– Só um minuto!

Cinco... quatro... três... dois... um... Está acontecendo.

A porta abre e lá está William, grandalhão, com o peitoral largo em uma camisa vermelho-escura. Seus lábios são grossos e sem cor. Estão secos. Delia sempre disse que muita gente o acha bonito. “As pacientes estão sempre querendo dar para ele. O câncer provavelmente as deixa loucas.”

– Pois não? – ele diz, levantando as mãos e esfregando os lacrimosos olhos azuis. – Posso ajudar?

Eu penso nas palavras de Delia, em sua voz trêmula. Não parecia ela mesma quando disse “William merece estar na cadeia, mas nunca vai se encrencar pelo que fez...”.

Eu me encho de uma raiva que borbulha dentro de mim. Quero pegar um dos vasos de flores nos degraus e bater na cabeça dele várias vezes, até seus dentes caírem, seu rosto arrebentar e não ter sobrado mais nada de seu crânio além de estilhaços de ossos.

Em vez disso, o que eu faço é sorrir, corajosa e triste:

– Oi, sr. Grosswell – digo. – Sou a June. Amiga de Delia. Quero dizer, era. Eu vinha bastante aqui.

Preciso me acalmar e falar devagar. Pareço nervosa. “Sou a única evidência”, disse ela. “E estou morta.”

Ele pisca. Ainda parece confuso, como se não tivesse a mínima ideia de quem eu sou ou de quem é Delia, então eu vejo sua expressão mudar lentamente, como se não processasse as coisas na velocidade normal.

– Sim – ele diz. – É claro.

– Estou aqui porque... – Faço uma pausa. – Fazia algum tempo que eu não via a Delia. Me sinto muito mal sobre tudo e...

Recitei aquilo inúmeras vezes quando ensaiamos. Ele precisa acreditar que não tenho a menor ideia do que aconteceu, do que tentou fazer. Precisa acreditar que não está correndo nenhum perigo. Como Delia quando achou que estava segura em seu próprio quarto, em sua própria casa, *ele vai estar errado pra cacete*.

– Estamos fazendo uma montagem de fotos lá na escola – continuo. – E eu estava querendo saber se o senhor tem algum álbum em que eu pudesse dar uma olhada, para pegar algumas fotos emprestadas. Tipo, de quando ela era mais nova.

William fica lá parado. É impossível ler seu rosto, completamente inexpressivo.

– Eu me lembro de você. Costumava vir aqui o tempo todo. – Ele faz uma pausa e fecha os olhos, depois volta a abrir. – Mas parou.

Confirmo com a cabeça, sentindo o coração a mil.

– Nós nos afastamos. Eu queria ter sido uma amiga melhor para ela.

Ele parece aliviado?

– Você não pode se culpar. Estava muito difícil para ela, especialmente no fim.

– Ele balança a cabeça. *Por sua causa*, penso. *Por sua causa*, seu monte de merda. – Por favor, entre.

Eu entro. William fecha a porta atrás de mim.

Ele me leva para a sala de estar, atravessando o macio carpete bege.

– A mãe dela guarda alguns álbuns aqui – diz.

Tenho que enfiar as mãos nos bolsos para evitar que formem punhos, que o alcancem, que o matem. Ele abre um armário grande de madeira. Bem no fundo tem um álbum, com uma capa de couro falso descascando. William o coloca

sobre a mesinha, ao lado de um livro de fotografias de natureza e de uma pilha de jornais. Ele levanta os olhos, então olha para mim.

– A mãe dela tem todas no computador. Acho que não vai se importar se você levar estas. Ela ficaria feliz em... – Ele faz uma pausa. Aperta os lábios e engole em seco. – Ficaria contente em saber que vai haver uma homenagem, acho. Para o funeral ela quis que fosse só a família. Disse que não vai conseguir olhar as fotos por um tempo, então...

William olha para mim, como se estivesse prestes a terminar a sentença, mas então começa a andar na direção da porta. *Não, não, não.* Ele precisa ficar aqui comigo, precisa me ver olhando as fotos. Para me dar a chance de fazer o que vim fazer.

– Se precisar de alguma coisa é só chamar – ele diz. – Vou estar...

William faz um gesto na direção da cozinha.

E agora?

Eu pego o álbum e o coloco em meu colo. Lá está Delia, com sete ou oito anos, sem os dentes da frente, em pé em uma bicicleta. Delia tomando sorvete. Delia segurando uma tartaruga. Delia com apenas algumas horas de idade, os olhos ainda fechados. Eu já tinha visto aquela foto muitas vezes antes. “Você consegue acreditar em como eu era *pequena?*”, Delia sempre dizia, em um tom de voz surpreso, como se não acreditasse que podia realmente ser ela, como se nem todo mundo tivesse sido um bebê no começo da vida.

Pego mais algumas fotos. Então levanto e vou até a cozinha.

Você é nossa melhor chance, June. Ele vai se lembrar de você. Vai deixar que entre.

Lá está William na mesa da cozinha, com a *Revista Mundial de Cirurgia Oncológica* na mão esquerda e uma enorme caneca azul na direita.

A coca zero. Ele bebe litros em uma caneca, porque acha que torna a coisa toda mais masculina. Seu eu colocar ali dentro, ele não vai notar.

Ponho a mão no bolso e faço o saquinho deslizar para a palma da minha mão. Ashling fez eu repetir aquilo dúzias de vezes. Ela é perita em fazer desaparecer e reaparecer coisas. “Você faz mágica”, eu disse. “Tenho prática”, ela retrucou, e sorriu para Delia. Eu soube que estava perdendo alguma coisa.

William levanta a cabeça.

– Encontrou o que procurava?

– Hum... tem umas muito boas lá – digo, levantando as que escolhi.

Olho fixamente para a caneca, para o esmalte azul-escuro com adornos verdes, para o líquido borbulhante marrom e os cubos de gelo. Cinco segundos, é do que eu preciso. Quatro, se eu for rápida.

– Pode me dar um copo de água, por favor?

– Sim, é claro, desculpe. Foi grosseria minha não oferecer.

Ele levanta e vai pegar um copo. É a minha chance. Meu coração está a mil.

Eu me aproximo da mesa, fingindo estar interessada na revista dele. Minha mão está sobre a caneca, o saquinho na palma. Estou transpirando de tão assustada, e de repente sinto o pacote escorregar e cair dentro da bebida, com o lado do *cupcake* virado para cima.

Merda.

– Quer gelo?

William está diante do congelador, de costas para mim.

Minha mão está tremendo.

– Sim, por favor.

Minha voz também. Ele vai perceber. Vai virar e ver o que estou fazendo. E aí?

Ele coloca alguns cubos em um copo. Enfio a mão na caneca, fisgo o saquinho e o coloco rapidamente no meu bolso. Os cubos de gelo fazem barulho. William está voltando com minha água. Há umas gotas de coca zero sobre a mesa. Enxugo depressa com minha manga.

Ele está perto de mim agora. Sinto meu rosto ficar vermelho. Coloco a mão de volta no bolso. Está me encarando, com o copo gelado na mão enorme.

Ah, meu Deus, ele viu. Preciso me afastar. Tenho que sair correndo.

– Sabe – ele diz lentamente –, acho que pode ter alguns álbuns mais velhos no porão. Quer dar uma olhada neles também?

Estou segura. Por enquanto.

Eu me lembro do que Delia me disse uma vez, sobre como ele não permitia que sua mãe deixasse as coisas delas espalhadas pela casa. “Isso era da sua antiga vida”, William dizia. “Você não deve pensar mais nela.” Delia dizia que a pior parte era que sua mãe sequer reagia. Apenas concordava.

Ele me dá um sorriso amigável e caloroso. Meu estômago revira.

– Vamos lá embaixo dar uma olhada.

William pega a caneca e dá um gole.

De repente a última coisa que eu quero é descer aquelas escadas com ele. William pode fazer comigo o que tentou com Delia. Será que meus dentes são tão afiados quanto os dela? Que minhas mãos são tão rápidas? Não importa. Porque, se eu não for, ele vai se safar. E isso é que eu realmente não quero.

– Boa ideia – digo.

Ele abre a porta e estende o braço.

– Você primeiro.

Não tem espaço, então tenho que me apertar para passar. Nossos peitos roçam. Lá embaixo, ele acende uma luz. Não há janelas. Cheira a tapete novo e terra. Há estantes baratas cobrindo as paredes, um pequeno sofá de couro, uma enorme TV que parece nova, e uma pilha de caixas de papelão em um canto.

– Acho que os álbuns estão em uma dessas caixas no fundo – ele diz. – Fique à vontade para procurar.

Ele faz um gesto com a mão, tipo, “vá em frente”. Então eu me abaixo, ciente de que os olhos dele estão nas minhas costas, na minha bunda. Sinto nojo. Preciso fazer isso, resolver esse negócio. Mas como?

Pego uma caixa. Posso levantá-la, mas é pesada. Tenho uma ideia. Tento puxá-la e solto um *ummmmmph* de leve. Paro e finjo que estou tentando novamente.

Viro para ele, com um olhar encabulado.

– Hum... Isto é meio constrangedor, mas esta caixa é tão pesada. Será que você poderia... hum...

– Ah, é claro – ele diz, com um sorrisinho indulgente. – Desculpe, eu deveria ter me oferecido. – Ele estende a caneca na minha direção. – Você se importaria de...

Delia prometeu que William nunca saberia que a culpada era eu, porque ele tem um monte de inimigos. Todos os residentes que despediu, outras pessoas que irritou no trabalho, o pai de uma garota que não conseguiu salvar... poderia ser qualquer um deles. Mas, por um segundo, quase tenho esperança de que ele saiba. Quero que olhe para trás, para este momento, e se lembre de como sorriu para mim, então se sinta a porra de um idiota.

Pego a caneca da mão dele. *Não, William, eu não me importo de maneira alguma.*

Mas você vai se importar.

Ele levanta a primeira caixa. Tiro o saquinho melecado de refrigerante do meu

bolso, abro-o e espalho os cristais amarelos na bebida. Enfio o dedo e mexo até eles se dissolverem. Limpo a mão no jeans.

Enquanto isso, William mexeu três, quatro caixas. Ele está grunhindo, suando um pouco.

– Ahá! – diz. Ele se curva e puxa uma caixa que estava bem no fundo. Tem a palavra ÁLBUNS escrita em verde. Ele vira para mim, com o rosto lustroso. Está sorrindo, satisfeito consigo mesmo. Por movimentar algumas caixas enquanto sua enteada está morta. Quero vomitar. Quero esmurrá-lo.

– Pronto – diz William, colocando a caixa sobre o sofá. – Estão aqui.

– Obrigada – digo. Devolvo a caneca e sorrio também.

Abro a caixa e tiro um álbum. Observo enquanto ele leva a caneca aos lábios e toma o primeiro gole.

“Antes de plantar o material do Tig no carro dele”, Delia disse, “temos que plantar no corpo dele...”

Ele acena para o pequeno sofá.

– Pode sentar, se quiser.

Toma outro gole.

Estou alerta, com uma pressa louca, como se *eu* estivesse tomando uma caneca cheia de metanfetamina.

Ele está em pé perto de mim, me encarando. Tento não sorrir enquanto ele engole de uma vez o resto da bebida. William põe a caneca vazia sobre o braço do sofá. Então vai até o quartinho ao lado. Bate a mão em um interruptor e uma forte luz amarela ilumina uma geladeira branca que parece nova. Ele abre a porta. Olho de relance lá dentro e vejo garrafas de vidro marrom. Ele tira duas, então volta para o sofá, senta e estende uma garrafa na minha direção.

– Tecnicamente, eu não deveria beber cerveja por causa do diabetes. Mas acho que você também não poderia – ele diz. – Certo? Não conto para ninguém se você não contar.

Ele está sorrindo de novo. Quero pegar aquela garrafa e quebrá-la no nariz dele. Imagino o barulho, o vidro rachando, o sangue escorrendo pelos lábios ressecados e grossos dele.

– Obrigada – digo.

Os dedos dele roçam nos meus quando me passa a garrafa.

O álbum pesa sobre meu colo. A cerveja está fria na minha mão. Posso sentir o

hálito dele. Está perto de mim agora. Eu me pergunto por quanto tempo mais tenho que ficar aqui. Olho para uma foto de Delia com cinco ou seis anos. Seu cabelo é escuro e cacheado, o sorriso é largo, os dois braços estão jogados para cima como se gritasse “Surpresa!”.

William está olhando por cima do meu ombro.

– Nossa, você vê uma foto como essa... É tão terrível pensar em como a história termina. – Ele parece verdadeiramente triste, tão inconsolável que por um segundo eu quase poderia acreditar que ele é um ser humano real com sentimentos reais. – Quero dizer, a gente se pergunta o que foi que aconteceu.

Você sabe exatamente o que aconteceu, seu bosta, penso.

– Nunca fomos muito próximos. Quer dizer, acho que ela meio que se ressentia de mim por estar com a mãe dela, por não ser o pai dela...

Por tentar estuprá-la.

– A gente não concordava em um monte de coisas. Mas eu sempre senti que ela era como uma filha para mim, mesmo se não se sentisse da mesma maneira. Ela era da família...

Não sei quem ele está tentando convencer, a mim ou a si mesmo, mas não consigo ficar ouvindo. Sou atingida, de repente, por uma lembrança, algo que havia esquecido. Na metade do oitavo ano, eu estava dormindo na casa da Delia e fui buscar um copo de água no meio da noite. William estava na cozinha. Eu estava usando apenas uma camisola de Delia, vermelha com estrelas pretas. Minhas pernas estavam de fora e, embora fosse mais comprida do que os vestidos que muitas garotas usam para ir à escola, de repente me senti nua. Era a primeira vez que ficávamos sozinhos. Eu me lembro dele sorrindo para mim e dizendo algo como “Legal ver você aqui”. Lembro que ri, muito constrangida, e disse acanhada que só tinha ido pegar água.

Ele deu de ombros e então, por algum motivo, piscou. E eu pensei que talvez ele fosse um cara legal, que podia ser um padrasto melhor do que Delia dizia. Mas havia algo no fundo do meu estômago, uma pequena pedra dura.

Os copos ficavam em uma prateleira alta, e eu senti a camisola subindo quando tentei pegar um. Corei e tentei puxá-la para baixo. Fui até a pia e abri a torneira. Eu estava arrepiada. Quando virei, ele estava encostado no balcão, olhando diretamente para mim, com as mãos nos bolsos. Eu queria pegar alguma coisa para comer também, mas de repente não sentia mais fome. Só queria sair

dali. Como agora.

– Acho que já tenho o suficiente – digo e me levanto. Pisco como se estivesse segurando as lágrimas.

– Não quer nenhuma dessas? – ele pergunta.

– Não – digo rapidamente. – Acho que as de lá de cima já bastam.

– Posso mostrar mais coisas – ele diz. – Estamos nos livrando delas. Coisas velhas, roupas e não sei mais o quê. A mãe dela quis que eu cuidasse disso, achou que seria muito difícil para ela. Está tudo na garagem. Talvez você queira levar algumas lembranças, ou...

Ele parece desesperado. Não quer que eu vá. Sua esposa está fora, sua enteada está *morta*. O filho da puta quer que eu fique aqui com ele, rememorando, tomando uma cerveja.

– Não – digo. – Obrigada. Já vou indo... – Aponto para as escadas. Mal consigo olhar para ele. – Pode deixar que sei como sair.

– Que bom que você veio – ele diz. Sua voz parece abafada e estranha. Quase como se fosse gritar, mas não vou ficar para ver.

Eu ando devagar até chegar ao topo das escadas. Olho para trás e vejo que o álbum está no colo dele agora. William está olhando para baixo e, juro por Deus, faz carinho em uma das fotos.

Coloco a garrafa em cima da mesa e saio daquela casa. De volta ao ar limpo e fresco, respiro profundamente, contente por estar longe dele.

Imagino-o ainda no porão com todas aquelas fotografias. Fazendo sabe-se lá o que com elas agora, com a droga se espalhando em seu corpo.

Ele merece estar na cadeia pelo que fez a Delia. Em breve, isso talvez aconteça.

Delia

Estou perto da porta, andando de um lado para o outro, tentando não surtar. Pulo na ponta dos pés, chuto alto, corro no lugar. Estou queimando.

– Senta aqui comigo – Ashling diz. – Quer chá? Uma bebida?

Ela vem por trás de mim, coloca as mãos sobre meus ombros e tenta massageá-los. Não quero fazer “ugh” tão alto, mas faço e escapo das mãos dela. Ashling fica carente quando está com ciúme, pegajosa. Não gosto nada disso.

Ela para, volta para o sofá e coloca suas pernas compridas embaixo do corpo. Suas bochechas estão rosadas. Está magoada, mas tentando fingir que não. “Você não me assusta”, ela disse quando a conheci. “Você não é complicada demais para mim. Posso lidar com você.” Ela disse isso como se tivesse orgulho. Deixei que acreditasse.

– Com o que você ainda está preocupada? Seb escreveu. Ela voltou para o carro. Foi perfeito. Está acontecendo. O pavio foi aceso... – A voz dela soa tensa e sua doce boca de frutas vermelhas está fazendo um biquinho.

Está acontecendo.

Vou até ela, sento e a beijo com vontade.

– Foi mal, bebê – digo. Não acho que tenha sido. Mas é mais fácil desse jeito. Ela pode ficar insana quando está com ciúme ou insegura. Já vi o que acontece. Não quero lidar com isso agora.

Ashling resiste por um segundo, em seguida me enlaça com seus braços finos e me faz um carinho com o nariz. Eu me forço a ficar imóvel, embora seja fisicamente impossível para mim.

Lembro a mim mesma que eu devo a ela, sempre deverei. Recordo daquela noite na festa de Tig, completamente louca por causa de sei lá o quê, o rosto dela parecendo um líquido em constante mutação, olhos de mercúrio dançando lentamente para a frente e para trás. As palavras rolaram para fora de minha boca. Não tinha ideia do que ia dizer, só ouvi aquelas palavras, surpresa com o fato de que eu ainda conseguisse formar frases que qualquer pessoa pudesse

entender. “A porra do meu padrasto”, eu disse. “Foi isso que aconteceu”, eu disse. Pensei que a surpreenderia. Era o que eu queria. Mas seu queixo não caiu. Ela assentiu, como se compreendesse. E, mesmo louca como eu estava, percebi que aqueles olhos enormes e lindos já tinham visto umas merdas bem feias.

O que ela disse na época foi: “Talvez eu possa ajudar”. Mas não explicou na ocasião. Pensei que estava se referindo àquela noite, que ia me trazer água e mais dos comprimidos que eu tinha tomado, porque ainda não estava pronta para parar.

Não fazia ideia do que ela realmente queria dizer. Mesmo mais tarde, quando me explicou, mal consegui entender. Ashling me deu tudo, sempre preciso me lembrar disso. Não posso esquecer nunca.

Então agora, sentada aqui neste sofá quando tudo o que quero é ficar na porta esperando pela minha June, eu me forço a encostar meus lábios nos de Ashling.

Ela é como um peixinho dourado ou um filhote de cachorro. Só se lembra da última coisa que você fez para ela. O beijo é o que conta agora. Mas Ashling tem um núcleo de fios elétricos quentes. Não dá para sacanear com ela – com nenhum deles.

Afago suas costas e me inclino para ela. Fecho os olhos e sinto a adrenalina zumbindo até que ouço o carro parar lá fora. Voo até o teto e grudo lá como uma bexiga cheia de gás hélio. *POP!*

– Eles chegaram! – diz Evan, correndo para a sala de estar. Está empolgado também, mas por motivos diferentes. Porque está orgulhoso do que fez.

Alguns segundos depois, eles entram. Sebastian acena com a cabeça de leve. Os olhos de June estão brilhando mais do que de costume. Seu rosto está corado.

– Ele é nojento – ela diz. – Eu mal conseguia ficar no mesmo ambiente que ele, pensando no que... Queria matar o filho da puta.

Queria matar o filho da puta.

Inspira, expira. O tempo para. Mantenho o rosto imóvel. Inspira, expira, inspira, expira. Entra e sai. Ufff. O tempo recomeça.

Tenho uma sensação de alívio e alegria. Sinto um arrepio.

– Obrigada, June – digo. – Obrigada, obrigada, obrigada.

Ela balança a cabeça.

– Eu... meu Deus. – Ela estende uma pilha de fotos. – Peguei estas para você, se quiser. Quero dizer, eu tive que pegar, mas se você quiser guardar aqui...

Olho para as fotos de quando eu era criança. Minha mãe e eu, nossa antiga casa, tudo de antes. Não sinto nada. Eu as recebo mesmo assim e coloco sobre a mesa.

Mas já estou pronta para a próxima etapa. Agora é hora de contar a ela sobre o que mais me empolga: o presente.

Sebastian lança um olhar rápido para June, mais uma vez, diferente de qualquer um que eu já tenha visto.

– Posso contar para ela? – diz Evan. Ele está fazendo que sim com a cabeça e sorrindo. – Me deixa contar.

Foi Evan quem teve a ideia. Quando eu o conheci, achei que era doce e inocente demais. Aprendi mais tarde que aquele era apenas seu exterior. Porque, por dentro, Evan havia reunido toda a maldade que tinha sido direcionada contra ele e guardado. Evan deixou tudo preso entre os dentes, condensando e endurecendo. Por trás de seu sorriso fofo, ele é um pequeno demônio. E, embora não me assuste, há momentos em que me pergunto se não deveria.

Acontece que Evan também é um gênio dos computadores. Ele pode hackear, mexer com pixels e outras coisas para as quais estou pouco me fodendo, mas que são úteis se o objetivo é gerar caos, como com frequência é o dele. A ideia era dele. A execução também. Mas fui eu quem disse que deveríamos fazer algo por ela e fui eu quem escolhi o alvo. É um presente, embrulhado com fita dourada. Para ela e para mim. Para nós.

– Pode contar – digo para Evan. Estou em dívida com ele.

– Enquanto você estava ferrando com o William, também estávamos ferrando com alguém. Por você – ele diz.

Uma expressão engraçada aparece no rosto de June.

– Quem?

– Ryan.

Ela abre a boca em um pequeno O.

– Cuidamos uns dos outros – Evan diz, que é a coisa perfeita para se dizer, mesmo que ele não saiba disso. – Além disso, é divertido.

Eu conheço minha June. Sei quão desesperadamente ela sempre quis ser parte de um “nós”. Mesmo quando éramos apenas ela e eu. E agora há mais. *Você pode ser parte desse “nós”*, penso, mas não digo.

– E o que vocês fizeram? – ela pergunta.

– Você se lembra de como Ryan sempre curtiu pornografia com animais, tipo, aquelas coisas bem escabrosas, mas ficava bem constrangido com isso e não queria que ninguém soubesse? – eu digo.

– Espera, o quê? – June parece tão confusa que é adorável. – Do que você está falando? Ele nunca mexeu com isso.

– Ah, é? – diz Evan. – Ele *nunca* mexeu com isso?

Evan levanta uma sobrancelha espessa como uma lagarta. Há uma enorme espinha inflamada no canto.

June balança a cabeça. Ela ainda não entende. Posso sentir a empolgação de Evan no ar. Ele está a ponto de explodir, de deixar sair tudo. Olha para mim, que concordo com a cabeça. *Vá em frente, seu monstrinho insano.*

A voz dele sai aguda, guinchada, sem espaço entre as palavras. Ele só fala-fala-fala-fala-fala, como se estivesse louco de anfetamina. No fundo, talvez esteja. Ferrar com as pessoas é sua droga.

– Bom, então como é que ele *acidentalmente* colocou um link no Twitter do seu fórum clandestino favorito, onde vem postando há dois anos, especialmente certo tipo de... Como vou dizer isto? Fotografias de animais *muito amigáveis*, aí deletou uma hora mais tarde, quando todas aquelas piranhas populares e fofoqueiras, que antes não teriam se importado de chupar o pau dele, viram o link, clicaram nele e vomitaram o almoço que não tinham comido? E como, a menos que alguém pense que RyRy⁹⁹ não é realmente Ryan Fiske, ele postou recentemente uma fotografia muito, muito suja envolvendo seu rosto e outras partes do corpo, hein? Responde isso, June.

Os olhos de Evan têm a intensidade do demônio. *Pare, não a assuste, seu bostinha*, quero dizer.

June abre e fecha sua doce boca, como um peixe. Quero enfiar meus dedos lá, até o fim de sua garganta, até tocar seu coração. Respiro fundo e mantenho as mãos ao lado do corpo.

– Mas eu não entendo, isso é verdade? – ela diz por fim. – Ele fez todas essas coisas?

– Defina “verdade” – diz Evan. – Porque com certeza é verdade *agora*.

– Como você fez para parecer que ele vinha postando há dois anos? E a fotografia...

– Ah, puxa, isso foi fácil. Uma *criança* poderia ter feito.

Sei que ele está empolgado com a confusão de June. Às vezes o impossível é possível. Nós morremos, somos consumidos pelas chamas, voltamos à vida. Podemos viajar pela porra do tempo, fazendo o aço frio e duro do passado derreter e se dobrar.

– Ah, meu Deus – ela diz, ainda sem sorrir.

Quero que ela sorria. Esperava que sorrisse. Afinal, é *engraçado*. Leva alguns segundos até que vejo sua boca passar por todas as formações possíveis e por fim se acomodar em um pequeno e pouco convincente sorriso. Mas eu a conheço melhor do que ela mesma, e a verdade é que adorou. June é *quase* totalmente boa, mas não é.

– Isso é... isso é... Como vocês...? – Ela balança a cabeça. Por dentro sei que está imaginando o lindo e insosso rosto de Ryan se retorcendo de constrangimento, horrorizado, como merece.

– Evan é um gênio – digo.

Ele dá de ombros e sorri.

O rosto de June se contrai novamente.

– É engraçado, mas... ele merece isso? Quero dizer, tudo o que ele fez foi dar em cima de você. E... quem pode culpar um cara por isso?

Sinto meu olho tremer. Eu me forço a respirar, para dentro, para fora, para dentro, para fora. Ela não gostou. Não entendeu. Eu estava tão empolgada. Me sinto mal. Consigo perceber Ashling olhando para nós. *Para de olhar, porra*.

– Ryan quase nos separou, June – eu digo. Tento manter minha voz calma, embora minhas entranhas estejam fazendo *bzzzzt, bzzzt, bzzzt*. Estou entrando em curto-circuito. – Tem sorte por ter sido tudo o que fizemos.

– Além disso – Evan diz –, já é tarde demais. O boato já se espalhou, carregado por pôneis galopantes. Eu não poderia impedir agora mesmo se quisesse.

O rosto de June está vermelho e brilhante.

– Ele merece – digo. E, na minha cabeça, descrevo exatamente *o que* Ryan merece e *por quê*. Então me forço a sorrir, torcendo os cantos dos lábios para cima. – Não vamos mais pensar nisso. Temos que lidar com outro ex-namorado agora.

Ergo a carta para Jeremiah. Eu mesma a redigi, cheia de detalhes particulares que só ele saberia. Ashling escreveu um pequeno bilhete explicando que eu tinha

enviado para ela e pedido que entregasse.

– Vamos colocar no correio hoje; deve chegar amanhã. Tudo vai ficar bem.

June parece esgotada, com tanta coisa acontecendo tão rápido. Ela precisa de mim para ajudá-la a saber o que pensar. E é isso que eu faço. Assinto lentamente, como se dissesse: “Está tudo bem, está tudo bem”. E finalmente ela assente também. Mantenho meu rosto calmo, escondendo o enorme sorriso que floresce dentro de mim.

Ah, querida June, espere só...

June

Às vezes há tantas coisas para pensar que você simplesmente não consegue pensar em nada. Às vezes, tudo o que se tem a fazer é sentar e esperar. Então nós esperamos.

Pelo quê? Não pergunto. Talvez tenha medo.

Sebastian está sentado à mesa da cozinha digitando em um laptop. Evan e Ashling estão jogando cartas. Delia e eu estamos no sofá. Ela faz e desfaz tranças no meu cabelo, como antes. Meus olhos estão fechados. Faz tanto tempo que ninguém mexe no meu cabelo desse jeito. Delia era a única que fazia isso. É relaxante e me coloca em uma espécie de transe, naquele ponto pouco antes do sono. Então ela dá um puxão com força.

– Um nó – sussurra, como sempre. Mas não é verdade.

Um *bipe-bipe-bipe* baixinho começa a soar. Delia inspira com força. Abro os olhos. Todo mundo levanta a cabeça. Num segundo sei que o que estávamos esperando era isso.

Evan pega um celular na mesa, um dos três que tem à sua frente. Ele toca na tela e assente.

– Muito bem. Willy está se deslocando agora – diz. Ele aponta para a tela onde um ponto vermelho minúsculo está se movendo em um mapa. Olha para mim, porque sou a única que não sabe o que está acontecendo. – Chip de identificação por radiofrequência – explica. – Enquanto você estava lá dentro, Seb colocou um no carro dele.

Eu me viro para Sebastian. Ele faz que sim com a cabeça.

– Está pegando a Ridgefield... – Evan vira para Delia. – Alguma ideia de para onde?

– Para a academia, acho – ela diz.

Ashling dá um sorriso forçado.

– Talvez ele tenha um monte de energia extra e não saiba o que fazer com ela... – Ashling olha para mim, os lábios abrindo-se num sorriso lento. – Como

será que isso aconteceu?

Retribuo o sorriso.

– Ele nunca fica lá muito tempo – diz Delia. – Na maioria das vezes bate uma na sauna, acho.

A voz dela é dura, mas debaixo disso há medo.

De repente não tenho mais medo. Sou forte o bastante por nós duas.

– Bom – diz Sebastian –, vamos nessa.

Poucos minutos depois estamos na van, entrando no estacionamento da Academia Brentwood. Ninguém fala; estão muitíssimos sérios agora. Nós todos estamos.

Nós damos uma volta, andando devagar.

– Ali. – Delia bate a junta dos dedos na janela em frente a um Audi prateado, que eu reconheço. O carro de William.

Ashling estaciona algumas vagas mais para a frente.

– Vamos ficar aqui – Sebastian diz. – Vigianto e criando alguma distração se preciso. Mas não será. Isso não vai levar nem um minuto.

Ashling remove de debaixo do assento uma tira fina de metal e um pé de cabra. Delia puxa o cachecol bem para cima, cobrindo a boca, e coloca o capuz. Ela se olha no espelho. Poderia ser qualquer um. Então Delia, Evan e Ashling saem. O estacionamento está na maior parte vazio. As pessoas que vêm depois do trabalho ainda não chegaram. Meu coração bate forte. Depois disso, não há como voltar. Talvez nunca tenha havido.

Observo através das janelas empoeiradas. O banco de vinil está frio, mas minhas mãos transpiram e grudam nele.

Sebastian estende a mão e a coloca sobre meu ombro.

– Relaxa – Ele se estica em direção ao banco da frente, gira a chave na ignição e em seguida liga o aquecedor e o rádio. Passeia pelas estações até que uma música clássica tranquila aparece, com pianos tilintando. Então ele se recosta e fecha os olhos. – Escuta.

Viro e olho para ele, seu queixo, seus lábios. Sebastian pega minha mão como se fosse completamente normal, como se já tivesse feito isso antes. Ele a aperta. Aperto também. Com a outra mão e os olhos ainda fechados, toca teclas imaginárias de piano sobre a perna.

– Você toca? – pergunto. Meu coração está batendo tão forte.

Ele abre um olho para mim.

– Você deveria estar com os olhos fechados, mas a resposta é sim.

Seu rosto permanece calmo e imóvel enquanto a música aumenta de intensidade.

Ele aperta minha mão outra vez. É tão quente.

Observo enquanto Ashling coloca a tira de metal no espaço entre a janela e o batente e a desliza para baixo. Ela sacode a tira um pouco e um segundo depois a porta do Audi se abre. Há uma explosão aguda – o alarme do carro de William. Mas Evan digita alguma coisa no celular e o som para.

Delia abre a porta da frente. Ela tira o saco de papel pardo do bolso do casaco e o coloca embaixo do banco do motorista. Então fecha e trava a porta. Evan digita algo no celular de novo, talvez armando o alarme novamente.

Ele passa o pé de cabra para Ashling, depois para Delia, que estende a mão num gesto que parece dizer “Fique à vontade”. Evan sorri. É um sorriso doce, quase infantil. Ele levanta seu bracinho como se estivesse prestes a acertar uma bola e acerta com toda a força o plástico grosso da lanterna traseira, várias vezes, até que ela cai no chão aos pedaços.

Ashling beija Delia. Evan apoia uma das pontas do pé de cabra no asfalto e faz uma dancinha ao redor. Então os três começam a voltar. Ashling pega o celular e faz uma ligação.

Sebastian passa o polegar sobre as juntas dos meus dedos.

– Você ainda está olhando, não é? – pergunta, os olhos ainda fechados.

– Talvez. O que estão fazendo? Com quem Ashling está falando?

– Provavelmente com a polícia – diz Sebastian. – Informando sobre o carro com as luzes traseiras quebradas e algo escondido embaixo do banco. Mas é melhor não saber tudo. Você vai descobrir que...

Ashling desliga o telefone e sorri. Então beija Delia outra vez. Finalmente fecho os olhos. Um momento depois, as portas do carro abrem. Sebastian solta minha mão. Ashling e Delia entram na frente, enquanto Evan senta ao meu lado. Por um momento, ninguém diz absolutamente nada. Ashling liga o carro. Delia vira lentamente e olha para mim. Ela sorri, estende a mão e aperta meu joelho. Sei o que aquilo significa: “obrigada”. Meu coração se enche.

Delia vira para a frente e se recosta no banco.

– Tchauzinho, Willy – ela diz. Para todos nós, para si mesma, para ninguém.
Então aumenta o volume do rádio.

June

Meu cérebro leva alguns segundos para perceber o que é aquele som estranho, um grunhido, um ronco... Então eu descubro: é um relincho. Adam Bergan e seus amigos estão relinchando para Ryan.

É o dia seguinte na escola, e tudo está acontecendo.

Em todo o tempo que namoramos, nunca vi Ryan constrangido, nem um pouquinho. Ele circulava facilmente entre diferentes lugares, com a autoconfiança que vem do fato de ser rico, alto, bonito e atlético, com uma família normal que ama você e um nível de autoconfiança que é quase *injusto* alguém possuir, tendo em vista como são poucas as pessoas com todas essas vantagens. Mas agora, na manhã de quarta-feira, parada no corredor da escola, ouço um coro de relinchos. Ryan parece que está prestes a cair morto de tanta vergonha.

Algumas calouras corajosas estão agitando a língua para ele. E então Chris McGimpsey passa galopando: *pocotó, pocotó, pocotó*. Depois ele volta e para bem na frente de Ryan:

– Me come com força, seu peão malvado, eu que-ee-ee-eeeeero!

Com que rapidez as coisas podem mudar; com que rapidez qualquer um pode mudar.

– Vai se ferrar – Ryan diz em um tom que deveria ser leve, então balança a cabeça no que deveria ser um gesto despreocupado. Mas eu não diria que ele se sente assim. Ryan acha que, se negar, só vai colocar mais lenha na fogueira. Mas algumas chamas não precisam de mais lenha, elas podem continuar queimando sozinhas.

– Me ferrar? Não, você não ia gostar disso – Chris diz, impassível. – Sou da espécie errada.

E então ele sai galopando.

Ryan dá de ombros, como se não se importasse. Quando seus olhos encontram os meus, vejo o que há ali: medo, vergonha, confusão, dor. E sinto uma pontada

de culpa.

Mas o que posso fazer? Não pedi por isso e não posso impedir. Além disso, coisas muito piores acontecem com pessoas que não as merecem. Coisas terríveis acontecem todos os dias.

Vou para a sala de confirmação de presença e sento sozinha. Krista tenta chamar minha atenção. Evito seu olhar, coloco os fones de ouvido e não levanto os olhos.

Quando as atividades terminam, meu telefone vibra. É uma mensagem do telefone de Ashling.

bom demais para não mandar. Apaga!!! Bjo D

Junto vem uma fotografia da tela da TV, o noticiário do Canal 7. Lá está a foto de William que aparece no site de seu hospital. Embaixo, uma legenda: RESPEITADO CIRURGIÃO LOCAL PRESO POR POSSE DE METANFETAMINA É SUSPENSO E SAI COM PAGAMENTO DE FIANÇA.

Putá merda. Funcionou.

Nas horas seguintes, eu flutuo. Inglês, Arte. Almoço. Quero sair agora da escola e voltar para a casa. Só estou aqui porque Delia disse que era importante que eu continuasse agindo normalmente. Mas fala sério: será que iria parecer muito suspeito se eu faltasse só um dia? Odeio pensar no que estou perdendo. Quero fazer parte daquilo, ficar lá com eles.

Porque – e meu estômago se revira quando penso isso – quem sabe por quanto tempo mais vão estar por aqui?

Dane-se, vou embora. Delia vai entender.

Estou indo para a porta quando ouço meu nome e viro.

Jeremiah.

– Por que você e Delia deixaram de ser amigas? – Os olhos dele estão vermelhos. Parece não ter dormido desde a última vez que o vi. – Você disse que fazia um tempo que não se falavam, mas nunca disse o *porquê*.

Levando em consideração nossa última conversa, aquela pergunta parece algum tipo de pegadinha. Respondo com cuidado:

– A gente se afastou.

– Não! Tenta outra vez...

Um músculo repuxa em seu queixo.

– Foi isso que aconteceu – digo.

Jeremiah balança a cabeça.

– Foi porque ela trepou com seu namorado.

– Ela não fez isso – digo.

– Ah, ela fez. Deve ter deixado você bem maluca, hein? Sua melhor amiga e seu namorado trepando... Mas minha pergunta é: quando você descobriu?

– Nunca – respondo. – Porque não aconteceu.

– Não se faça de tonta – ele diz. Respiro fundo. Tenho que ficar calma. – Delia e Ryan vinham transando há meses antes de começarmos a namorar. Ela mesma me contou. Era como se tivesse orgulho daquilo, ficava excitada. Mas eu pedi que parasse.

– Ela disse que transava com Ryan?

– Ela contou de um nadador, rico e bonito quando estava bêbada, acho que queria me irritar. Tentei não pensar muito sobre quem era. Eu não *queria* saber quem era. Mas então você me contou sobre ela e Ryan. E as peças se juntaram. Era com ele que Delia estava dormindo. Agora acho que eles nunca pararam...

– Eles nunca começaram! Eu estava errada sobre aquilo. Sempre tiro conclusões precipitadas e...

Balanço a cabeça, sentindo um pequeno furacão dentro do estômago, girando cada vez mais rápido.

Ele insiste.

– O negócio é o seguinte: no início eu achava que você estava acobertando o Ryan. Talvez ela tivesse ficado grávida e ele não quisesse ser pai. O cara tinha perdido o controle, mas você era uma idiota que o amava e não queria que fosse para a prisão. Essa história *meio que* funciona. A não ser pelo fato de que Delia faria um aborto sem pensar nem um segundo. Mas então fiquei refletindo e percebi que é o contrário. – Jeremiah faz uma pausa e então inclina a cabeça. – Porque na verdade, *Ryan* está acobertando *você*.

Mantenho o rosto inexpressivo, mas por dentro todo o meu corpo está formigando. Ele espera que eu reaja. Começa a falar de novo, mais devagar, de maneira quase delicada.

– Quando me contou sobre Ryan, você estava esperando que eu fosse dar uma surra nele, não é? Você me *usou*, June. Força física de graça. Isso é óbvio agora.

Mas a pergunta é: *por que* Ryan ia acobertar você? Ele claramente não se importava contigo tanto assim, ou não estaria te traindo, para início de conversa. Não, ele não dava a *mínima* para você. Agora acho que entendo. Ele te acobertava porque você sabia do segredo dele, essa coisa bizarra dos animais. Você o chantageou e então deixou esse negócio vazar, talvez para mostrar que estava falando sério. Imagino que haja mais. Você é esperta demais para jogar todas as cartas de uma vez...

Encaro Jeremiah. Puta merda. Ele realmente acredita nessa história maluca. Em tudo isso.

– Não foi nada disso que aconteceu – digo. – Você está completamente errado, sobre tudo.

Eu quero contar a ele sobre a carta que vai receber em breve. Mas, é claro, não posso. E agora percebo que não vai ajudar. Não é o bastante; está vindo tarde demais.

– Você pode contar para a polícia – diz Jeremiah. – Tenho certeza de que vão adorar discutir o assunto com você.

E, com isso, Jeremiah vira e vai embora.

Fico ali parada. Enjoada. Minhas entranhas estão pegando fogo. Quero gritar e berrar, dizer que ele está errado. Pedir que pare. Mas não sobrou nada para dizer, nada para fazer. Tudo está prestes a desabar.

Delia

Era uma vez um garoto chamado Trevor. Ele fez algo ruim, mas por razões muito boas. Para as pessoas erradas, essas razões sequer importavam. Estavam *pouco se fodendo*. Assim, em vez de ficar sentado esperando as complicações, em vez de esperar que viessem *matá-lo*, com a ajuda de alguns novos amigos, Trevor se jogou de um penhasco com um carro. E seu corpo afundou cada vez mais na água, indo tão fundo que ninguém jamais conseguiu encontrar.

Trevor amava música, tocava meia dúzia de instrumentos e era DJ. Seus antigos amigos tocaram no funeral e um quarteto de cordas apareceu, assim como um sujeito com uma guitarra. Então, uma urna com seu nome gravado foi enterrada em um buraco no chão. Mas foi apenas simbólico – não havia nada lá. “Está tão vazia quanto meu coração está agora”, disse a mãe dele.

Agora o nome desse garoto é Sebastian.

E hoje ele fez um *remix* em seu laptop.

Cirurgião proeminente, pro-pro-pro-proeminente, cirurgião proeminente. Meta-meta-metanfetamina. A voz do âncora do noticiário foi jogada em um programa de computador, mostrando um vídeo de William abaixando a cabeça na frente da câmera infinitamente. Estamos assistindo sem parar. A melodia que Sebastian criou gruda. Estamos meio tontos de alegria. Ashling dança com os braços levantados, balançando sua bunda perfeita. Dou um tapa nela, que ri. Estamos inebriados de poder e justiça.

– A gente nunca vai enjoar? – digo para nenhum deles, para todos eles.

Não preciso esperar que respondam. Essa é a parte engraçada: estou nervosa com o que vem depois. *Mas as razões são tudo. As razões são o que importa.*

Não precisou de muito para entenderem a próxima parte. Ashling concordou imediatamente e até mesmo quis reivindicar a ideia. Evan também. Sebastian foi mais resistente, então coloquei a situação em termos que ele pudesse entender. O que havia feito não era muito diferente.

– E se o bebê for *uma menina*? – eu disse. – E aí?

Isso foi o bastante.

Mas não precisamos pensar nisso agora. Só estamos pensando no fato de que *não há regras se você não existe*.

A música para.

– DE NOVO! – Ashling diz.

Sebastian quase sorri. Está prestando atenção à porta. Sei que espera June também. Bom, entra na fila, meu chapa. Entra na porra da fila.

E então acontece. Sinto antes de vê-la, a brilhante luz azul dentro do meu peito, iluminando as partes escuras. Ela entra antes do esperado.

– June! – eu grito. Minha voz sai alta e áspera.

Eu poderia dominá-la facilmente, mas não posso fazer isso. Não jogo meus braços nela do jeito que quero fazer, até porque Ashling está prestando atenção.

Quando June se vira, seu rosto diz tudo. Sinto um tremeluzir dentro de mim, algo se acendendo de uma maneira ruim e tão assustadora que nem sempre consigo controlar.

Ela está de pé no meio da sala, respirando fundo.

– Jeremiah acha que... eu matei você.

A voz dela está baixa, oca, aterrorizada. Sinto alívio. Achei que era alguma coisa ruim *de verdade*. Jeremiah é um pombo, um asno, uma mosca. Uma vela minúscula que pode ser apagada facilmente.

– Tudo bem – eu digo. Quero puxá-la para mim, acariciá-la como se fosse um coelhinho.

– Não, você não entende. – Ela me encara, com os olhos arregalados vibrando. Está mais apavorada do que imaginava. Experimento seus sentimentos dentro da minha pele. – Ele diz que vai falar com a polícia. – Eu a puxo para mim. Está tremendo de frio. Deixo o fogo dentro de mim aquecê-la. – Ele está fora de si. Me contou que...

June faz uma pausa, como se não quisesse dizer o que está prestes a dizer.

– O quê?

Agora eu estou assustada também, porque sei o que vem por aí e porque não sei.

– Jeremiah disse que você estava dormindo com Ryan. Disse que saía com um nadador rico e bonito, e que contou isso a ele, e que só podia ser Ryan. É verdade? Que você estava transando com um nadador, quero dizer.

As palavras saem misturadas. Eis a pior parte, aquilo que me apavora: June diz que Jeremiah é louco, só que ela não acha isso de verdade, não completamente. E está assustada não só com a polícia, mas com uma possível investigação. Tem medo de que ele possa estar dizendo a verdade.

A chama dentro de mim cintila, aumenta. Não posso me permitir respirar, o oxigênio só vai alimentá-la. Fecho os olhos. Espero o sangue martelar em meus ouvidos. Meu corpo começar a gritar, a implorar por ar. Já desmaiei por causa disso, por tentar matar de fome o fogo interno. Eu o sinto diminuir, encolher. Quando meus olhos começam a embaçar, finalmente abro a boca outra vez.

– Ele está mentindo – digo, e minha voz soa quase como uma voz comum saindo de uma boca comum. – Você deve saber disso. Talvez esteja apenas querendo irritar você. Deve estar esperando que desabe e revele coisas sem querer. Mas eu vou cuidar disso. Jeremiah não pode ferir você.

Nem me dou ao trabalho de dizer “a gente” desta vez. *Eu* vou fazer isso. Ninguém mais, é minha responsabilidade. Vou fazer o que tenho que fazer.

Coloco as mãos em seu rosto. O fogo volta imediatamente, ganancioso e faminto. Há muito não me sentia tão cruel.

– Vai ficar tudo bem. Eu *prometo*.

Seguro o rosto dela e olho profundamente em seus olhos até sentir que está voltando para mim.

Faço que sim com a cabeça lentamente. Ela assente também. Temos que espairar, fazer alguma outra coisa, ir a algum lugar normal.

– Vamos sair – digo. – Para fazer compras. Preciso de roupas.

Viro para Ashling. Há um saco de dinheiro no armário, muito dinheiro. Certa vez, ela despejou tudo em cima da cama e fez com que eu a comesse ali mesmo. Nós rimos o tempo todo. “Algum pervertido pagaria muito dinheiro por um vídeo disto”, ela disse. “Mas nós obviamente não precisamos.” Então Ashling enfiou uma nota de cinquenta na boca e a comeu, porque estava bêbada e podia fazer isso.

Eles conseguem dinheiro das mais variadas maneiras. As habilidades de Evan são bastante úteis. Temos tanto que quase não significa nada. O dinheiro só é tão útil quanto aquilo que você pode comprar com ele, e por um tempo não havia nada que quisesse. Mas agora há.

Temos que fingir que somos pessoas normais vivendo num mundo comum,

mas melhor. Temos que mostrar a ela como isso tudo é e pode ser bom. Senão, vou perdê-la completamente.

June

Já se passaram três horas desde que voltei para a casa, enjoada e assustada. Agora estamos em um shopping chique a duas horas de distância, brincando de experimentar roupas. É insano e surreal, mas de alguma maneira a esquisitice me acalma. É como qualquer outro dia, a não ser pelo fato de que de repente temos um saco de dinheiro que não sei de onde veio e tivemos que ir para longe para que Delia não seja reconhecida. Visto que ela não existe mais.

Delia faz que sim com a cabeça diante do reflexo de Ashling no espelho.

– Compra – ela diz simplesmente. – Seria um crime não levar.

Ashling está experimentando uma jaqueta de couro marrom-escuro, acinturada e com zíperes de bronze nos lados e no peito. Fica deslumbrante com ela. Ashling vira para o espelho e dá a volta. Olho o preço. Custa quase tanto quanto meu carro, que eu tive que economizar mais de um ano para comprar.

– Então vou levar – Ashling diz. – Não quero me envolver com nenhum *crime*.

Ela coloca a língua para fora. É uma brincadeira, mas alguma coisa parece forçada. Tudo parece, eu penso.

Já há cinco sacolas aos pés de Delia. Jeans, camisas, vestidos, sapatos, botas, sutiãs, tudo. O suficiente para uma nova vida. Ela pagou com dinheiro, deixando pilhas de notas sobre o balcão, sorrindo demais, animada demais. Conheço essa Delia encantadora, que faz amizade com qualquer um e fala rápido. Senti falta dessa garota, mas também tenho medo dela. Pode fazer qualquer coisa. Ela fez. Ela faz.

O provador está coberto por pilhas de roupas, que Delia trouxe de braçada. Estou sentada em um banco perto do espelho. Delia estende a mão e pega um vestido de renda creme. Ela o atira para mim.

– Experimenta esse – Delia diz.

– Não precisa – digo, negando com a cabeça.

– Só por diversão – ela diz.

Está com aquele olhar no rosto e um sorriso adulator, de “Vem aqui fora

brincar”. Sei que não tenho escolha.

Eu tiro o suéter e a camisa, de repente acanhada por ficar sem roupa na frente delas, embora não saiba o motivo. Quando coloco o vestido, é como se estivesse em um roupão. O tecido é macio em contato com a minha pele. Mas o cinto é confuso e não sei como amarrá-lo. Delia me observa, ainda sorrindo. Ela se aproxima, pega o cinto e o passa em um buraquinho do lado do vestido. Puxa as duas extremidades em torno de mim e amarra-as nas costas, com firmeza. Ashling fica olhando. Sinto meu rosto corar.

– Você parece uma camponesa – diz Delia. – Do tipo que poderia fazer um cara como Ryan pensar em parar de transar com vacas.

Sinto um frio no estômago. Tento forçar um riso. Não quero pensar em nada disso agora, então me concentro no vestido.

– Não é? – Delia diz a Ashling.

Ela confirma com a cabeça, distante.

– Vamos levar – Delia diz.

Balanço a cabeça.

– Eu só experimentei por diversão. Não preciso dele. Não é o meu dinheiro. É o de vocês.

– Não é de ninguém – Delia diz. – Mas está conosco e o dividimos. E você também está. Pelo menos olha no espelho.

Viro lentamente para a garota no vestido creme, cuja pele parece rosada e jovem, cujas curvas parecem macias e quentes.

– É seu – Delia diz. – Não discuta comigo. Você sabe que sempre ganho.

Balanço a cabeça.

– Pareço outra pessoa – digo finalmente.

– Então seja outra pessoa por um tempo. – Os lábios dela formam um sorriso.

– Talvez você até goste.

Delia dá de ombros.

A casa parece uma caixinha de joias à noite, iluminada por dentro em laranja e dourado contra um céu escuro. Tiramos as muitas sacolas de Delia do carro, a jaqueta de Ashling e o vestido, que acho que agora é meu.

Entramos.

– Queridos, chegamos! – Delia grita.

– Oi, queridas – Evan responde de dentro da cozinha.

Tem música tocando, trompetes e piano em cima de uma batida. As luzes estão baixas. O balcão da cozinha está coberto de travessas de comida. Há um cheiro doce e quente no ar, como manteiga e alho, e outras coisas que não sei nomear. Sou preenchida por uma onda de felicidade e sinto que tenho sorte por estar aqui. E então vem um aperto no peito, porque não quero que termine nunca.

Mas vai. Em breve. Eles vão partir. Isto vai acabar.

E eu vou ficar sozinha de novo.

Esse pensamento é seguido por todas as outras coisas em que eu estou tentando não pensar: Jeremiah e tudo o que ele disse, o que poderia fazer. Ryan e o que fizeram para ele.

Há um pedaço de chumbo gelado no fundo da minha barriga, e eu sinto que está começando a se espalhar.

Estou aqui agora. Eu me lembro disso. Forço minha concentração nisso. Ou pelo menos tento.

É hora do jantar.

A mesa está posta – pratos brancos sobre a madeira irregular, copos espessos de vidro decorado. Há três velas finas, cintilando no centro. Estou usando o vestido novo, porque Delia me obrigou. Sem sapatos nem meia-calça, porque não tenho. Está frio lá fora, mas quente e aconchegante aqui.

Quando entro na luz amarela da cozinha, usando meu vestido creme, descalça e sem meia, Sebastian olha para mim de cima a baixo, e depois se concentra no meu rosto. Sinto um frio na barriga e um fluxo de energia disparando pela espinha.

Eu sei que Delia arranjou isto, tudo isto, para mim.

– Você está bonita – Sebastian diz.

Eu me sinto corando, envergonhada porque de repente essas três palavras me fizeram feliz. Tento encontrar algo com que me manter ocupada, porque todo mundo está fazendo alguma coisa ao meu redor e não sei o que fazer com as mãos.

Evan e Delia já estão levando a comida para a mesa – uma enorme travessa branca de legumes cozidos, incluindo cenouras brilhantes e batatas crocantes. Uma sopa cremosa, cor de açafrão. Salmão grelhado, salpicado com endro.

Ashling tira uma garrafa de vinho do armário e passa por todos enchendo os copos. Deixo que encha o meu também.

Sebastian está tirando alguma coisa do forno – uma torta de frutas – e colocando para esfriar.

Eles se movem juntos como uma máquina, como um único ser. Não há nada para eu fazer, então endireito os talheres brilhantes.

– A cara está ótima – diz Evan.

– É, obrigada – Ashling diz.

Percebo que Sebastian fez tudo. Olho para ele, para seu rosto sério. Sebastian dá de ombros, mas acho que vejo um esboço de sorriso.

...

Estamos todos em volta da mesa agora. Delia levanta um copo.

– À família – ela diz, e me olha direto nos olhos.

Sebastian começa a se servir e eu enfio meu garfo em uma batata. Dou uma mordida e percebo que o exterior é crocante e o meio é perfeitamente macio. É a coisa mais deliciosa que já comi. Em seguida, provo o salmão e os outros pratos.

Estou faminta. Meu estômago ronca. Não quero deixar cair nada no vestido.

Tomo um gole do vinho para me acalmar. Mas me surpreendo ao descobrir que gosto. O sabor é rico e redondo quando envolve minha língua. Olho para cima e Sebastian está me observando.

Então tomo outro gole, depois outro. Sinto meu rosto ficar vermelho e sorrio. Os outros estão sorrindo também. Estamos todos sorrindo. Felizes e juntos. O mundo fora deste momento, as coisas sobre as quais não quero pensar, nada disso importa.

– Então – Evan diz lentamente –, aquela coisa... – Algo em seu tom de voz me faz sentir como se estivesse esperando o momento certo para dizer aquilo. – Está quase pronta. Mais tardar sexta-feira.

Ashling sorri e Delia olha de relance para mim, em seguida assente.

Tomo outro gole de vinho. Tem um gosto diferente dos outros. Quanto mais tomo, melhor fica.

– Que coisa? – pergunto.

– Algo que a gente está esperando. – Ashling dá de ombros, como se já tivéssemos discutido aquilo. – Para Delia.

Sebastian olha para ela. Não parece inteiramente feliz.

– Podemos terminar tudo agora – diz Evan. – Porque aí já vai ser hora de ir.
Entro levemente em pânico.

– Como assim? – pergunto, tentando sorrir e manter a leveza na voz.

Quero fazer mais perguntas, aquelas que não me permiti, que estão na ponta da minha língua desde o momento em que cheguei a esta casa. Elas estão sendo liberadas pelo vinho e logo surgirão na minha boca. Mas mantenho os lábios fechados. É um momento perfeito. Não quero estragá-lo. Tudo vai acabar rápido demais, então eles irão para onde quer que estejam indo. Mais do que tudo, quero me apegar a este momento para encher meu coração de modo que, quando forem embora e eu ficar sozinha, flutuando no espaço sem ninguém, terei pelo menos esta noite para me manter presa à terra.

– Quem quer mais salmão? – pergunta Sebastian.

Ele está tentando mudar de assunto. Não quer que eu pergunte mais, que eu saiba mais.

Delia olha nos meus olhos. Então pisca.

Mais tarde, estamos no quintal. Sei que faz frio, porque minha respiração está condensando, mas nem sinto. Estou quente, aconchegada, o oposto absoluto de sozinha. É o melhor sentimento do mundo. Talvez eu esteja bêbada.

Evan esfrega as mãos enquanto Sebastian acende o aquecedor externo. Ashling passa a garrafa de vinho para Evan, que toma um gole grande e passa para Delia, que toma um gole grande e passa para mim.

– Não acredito que esta garrafa durou a noite toda – digo.

Ashling me lança um olhar engraçado e solta uma mistura de tosse e risada.

– June, esta é, tipo, a quinta garrafa.

– Hummm – eu digo. – Acho que é isso então.

Sorrio e rio sem querer. Tomo um gole. Tem o mesmo gosto da minha boca. Olho para os outros, com os lábios manchados. Noto que a boca roxa de Sebastian é perfeita.

Ele está torcendo jornais e acrescentando galhos ao aquecedor. Então acende um fósforo e joga lá dentro. Há um estalo e um *swoosh* quando as chamas sobem.

Eu me pergunto se o fogo de Delia parece com esse. Será que foi Sebastian quem o acendeu?

Há cadeiras em torno do fogo. Parece estranho ter assentos de madeira em torno de um fogo tão grande. É fácil pegar fogo, penso. Tantas coisas são tão inflamáveis! É surpreendente que tudo não esteja pegando fogo o tempo todo, considerando como ele se espalha.

Ficamos sentados, aproveitando o calor das chamas. Delia não parece ter medo. Estamos sentados ao redor de uma fogueira grande, bem perto dela.

Sinto como se estivesse flutuando. Olho para as estrelas e sinto o cheiro da fumaça. Imagino que estou subindo, mais, mais, mais através do espaço. Volto a olhar para as pessoas que estão na minha frente, quentes naquela noite fria. Aqui fora, no escuro, sinto como se pudesse dizer qualquer coisa. Todas aquelas perguntas que tenho presas dentro de mim. Posso abrir a boca e deixá-las sair. Vai ficar tudo bem. E eu também.

– Como vocês fizeram?

Todos eles viram para mim.

– Como fizemos o quê? – Delia pergunta lentamente.

Ela me observa olhando o fogo, e eu sei que sabe do que estou falando.

– Quem foi queimado no barracão? – pergunto.

Mesmo agora, sob efeito da escuridão, da fumaça e do vinho, fico surpresa comigo mesma por perguntar isso de maneira despreocupada, dizer as palavras como se não fossem nada. Por muito tempo, eles ficam em silêncio.

E então, finalmente, Delia fala:

– Nunca descobri o nome dela.

O vento sopra e o fogo treme, mas continua queimando forte.

– Ela era mais ou menos da minha altura, tinha mais ou menos minha idade. Morreu de câncer, acho. Ia ser cremada.

– Mas como vocês conseguiram...

O corpo? Ela?

– Foi fácil – Delia diz. Mas, pelo tom da voz dela, de repente acho que não foi nem um pouco fácil. – Contatos no necrotério e suborno. Ah, e um boquete.

Acho que ela está brincando sobre a última parte, mas, quando olho para seu rosto, não sei. Delia quase sorri.

– Conta mais – peço. – Por favor.

Ela suspira e abaixa os olhos.

– Você realmente quer saber de tudo?

– Delia – Sebastian diz.

Ela o ignora.

Confirmo com a cabeça. Delia respira fundo.

– Fomos aonde nos mandaram ir. Um corpo foi carregado na parte traseira da van. Uma garota. Colocamos minhas roupas e meus acessórios nela. Como aquela gargantilha que eu sempre usava, porque titânio não derrete. Toquei a pele dela. Estava com medo de como ia me sentir, mas não senti nada. Nada ruim. Só gratidão.

– E depois?

Estou sussurrando agora.

– Tinha bastante gasolina e o barracão estava cheio de lenha, então o fogo foi enorme... Quando conseguiram tirar o corpo de lá, não tinha sobrado muita coisa dela, muita coisa *de mim*, para fazer uma autópsia.

– E a arcada dentária? O DNA?

Todas as perguntas que vinha elaborando há dias saem no ar frio da noite, entre as chamas e a fumaça. Mal sei o que é a arcada dentária, mas já vi na TV e nos filmes.

Olho para o fogo. Os troncos estalando, encolhendo lentamente.

Delia faz que não com a cabeça.

– Ninguém verifica essas coisas a menos que haja um motivo – ela diz. – E não havia. Eu deixei um bilhete...

Através das chamas, posso ver os olhos de Evan brilhando na escuridão. Os de Ashling também.

– Todos vocês fizeram isso? – pergunto. – O que era tão ruim na vida de vocês que tiveram que deixar para trás, fazendo com que todo mundo que conheciam acreditasse que estavam mortos?

Agora sei que fui longe demais.

– Foram... coisas diferentes – Ashling diz com cuidado, então se cala.

– Eu atirei na minha cabeça... – Evan começa a dizer.

Ele para. Está segurando a garrafa entre os joelhos. Leva-a aos lábios e toma um grande gole.

Sebastian levanta. Sua voz baixa quebra o silêncio.

– Chega – ele diz. – Não é seguro para ela saber tanto.

Estou bêbada, mas mesmo assim sinto aquela vergonha de novo, aquela dor.

“Ela” sou eu. Não sou um deles. Então o ignoro e viro para Delia.

– Ainda não entendo – digo. Minha voz soa engraçada agora. Forçada. – Por que precisaram fazer isso? Por que não fugiram? – De repente estou desesperada, e as palavras simplesmente saem. – Talvez vocês possam voltar, dizer que tudo foi uma brincadeira. E então...

Sei que ela não pode, que não vai. Mas durante os quinze segundos entre o momento em que falo e o momento em que ela replica, eu me permito acreditar que poderia acontecer. Ela poderia ficar comigo, para sempre, e nunca me abandonar.

– E depois? – Delia balança a cabeça. – Se você foge, eles nunca vão parar de procurar. Você existe ainda, está presa à sua vida. Mas se você morre... – A voz dela é macia e doce. Delia se vira para mim e sorri. – Você está livre.

June

Achei que aquele fogo fosse durar para sempre, mas ele acabou encolhendo, virando fumaça e desaparecendo sozinho. Agora estamos aqui dentro, esparramados no sofá, um ao lado do outro. Sebastian, eu, Delia e Ashling, com Evan quase em cima delas. Algum tempo atrás – uma hora? Meia? Cem anos? –, Evan disse “Vou entrar aqui” e tentou se enfiar no espaço entre as duas. É onde está agora, seus olhos fechando lentamente. Ele é tão pequeno que parece uma criança.

Estamos sentados assistindo a algum filme idiota na tv gigantesca. Mais vinho. Desliza tão facilmente pela garganta. Sebastian está sentado distante de mim. Não consigo parar de pensar no que ele disse. *Não é seguro*. Como se eu fosse um perigo para eles. Eu me viro. Delia está me observando enquanto olho para Sebastian. Acho que ela também está bêbada.

– Você pode ter o que quiser – ela diz. – Com a gente, pode ter tudo isto.

Ouçoo um ronco baixinho e olho para o outro lado do sofá. Evan está dormindo encolhido, apoiado em Ashling, que também está dormindo, com o braço por cima do ombro dele.

Sorrio ao vê-los, tão bonitinhos. Olho para Delia, esperando que esteja sorrindo também, mas seu rosto permanece inexpressivo.

Ela estende a mão e afaga o cabelo de Ashling, que faz um “hummm” baixinho.

– Está na hora de ir para a cama – Delia diz.

– Obrigado – Evan diz. Ele sorri, com o rosto enrubescido. Então levanta e sai cambaleando pelo corredor.

Dou risada, assim como Delia. Ela se inclina na minha direção de novo.

– Qualquer coisa que quiser – diz.

Então Delia ajuda Ashling a levantar.

– Boa noite, crianças – ela diz, em voz mais alta, então conduz a sonolenta Ashling para fora da sala. Fico sentada lá, olhando para o céu noturno através

das janelas escuras. Sebastian está ao meu lado, olhando para a frente.

Todo o meu corpo está formigando. Eu me viro para ele e olho seu perfil, seus olhos, o nariz reto, sua boca, que quase nunca sorri. Seus lábios são quase insuportavelmente lindos. De repente fico com raiva, por ele pensar que eu poderia fazer algo que atingisse ou magoasse qualquer um deles. Amo Delia mais do que a vida, e estou começando a amar o resto deles também. É verdade? Ou é o vinho falando? Ou é o meu cérebro derretido pelo vinho? Eu poderia abrir a boca, poderia dizer alguma coisa. Quero fazer isso. Quero dizer que pode confiar em mim, que eu estou aqui. Quero conhecê-lo. Saber quem ele realmente é.

Sebastian continua ao meu lado no sofá, olhando para a frente. Ele estende o braço, pega a garrafa de cima da mesa e a leva até sua linda boca. Bebe por um bom tempo. Então vira para o lado e passa a garrafa para mim. Nossos dedos se roçam. A sala está quente, de uma hora para a outra. Coloco a garrafa no colo.

Abro a boca e respiro fundo. Sebastian está olhando para a frente.

Então, vira e olha para mim.

Delia

Eu quis que eles fizessem isso. Trabalhei para isso acontecer. Um presente meu para June, algo que eu sabia que ela queria e de que precisava. Fecho os olhos. É uma coisa boa. Fui eu quem quis. É uma coisa boa.

Mas agora minhas entranhas estão pegando fogo.

Fecho os olhos e abro um portal para o mundo do outro lado.

Não quero assistir. Por favor, cérebro do caralho, não me faça assistir.

Eu não consigo parar.

Sebastian e June estão se beijando, de leve no início. Mesmo bêbados, são delicados. Um pouco tímidos a princípio, porque querem tanto isso. Ela está pensando: *Não posso acreditar que isto está acontecendo*; ele só está pensando: *Caralho*. Os lábios encostados, macios e doces, ativando as regiões primitivas do cérebro, acendendo os circuitos. É isso que estamos destinados a fazer. É assim que *sobrevivemos*. De outra forma simplesmente *morreríamos*.

Alguém solta um suspiro forte, um gemidinho, mas eles nem sabem quem foi. O som está *encurralado* como um *animal minúsculo* no espaço úmido e quente formado entre seus lábios abertos. Ecoa, viaja para dentro de seus corpos. Uma sacudida. Os braços dele são mais fortes do que ela pensava. As mãos dele deslizam pela curva das costas dela. Sobem por baixo da roupa. A pele dela é quente e macia. Ela enterra o rosto no pescoço dele, respira profundamente. É como uma droga fazendo efeito, o cheiro daquele pescoço. Biologia, ciência, arte, mágica, *pow-pow-pow!* Tudo acelera. Os corações, o sangue nas veias, dentes e línguas, tudo junto agora. *Dói* querer algo tanto assim, não pode ser *parado*. As roupas estão *saindo, derretendo*. Seus corpos colidem, os lugares macios e os lugares duros. As luzes estão apagadas, mas o luar entra pela janela, a pele deles *brilha*. Eles *brilham*, vagamente humanos, e levitam até a cama. Uma tempestade começa em torno deles, bem ali no quarto. *Nuvens, trovões e relâmpagos!* Eles não estão na Terra. As paredes desaparecem. Estão flutuando no espaço, passando rápido pelas estrelas em direção ao nada, ligados apenas um

ao outro. Ele está em cima dela. Ela grita. Os dedos dele em torno da sua garganta. Ela enterra os dentes na pele dele. São animais selvagens. São feras insaciáveis e vão devorar um ao outro. Ele vai devorá-la *e não vai sobrar nada*.

Eu não consigo respirar; não posso suportar isso.

– Amor?

Saio do transe com uma sacudida. Ouço a voz de Ashling, baixa, me chamando. Quando acorda no meio da noite, ela é como uma criancinha assustada. Preciso pegar água para ela. Ando nas pontas dos pés até a cozinha, pego um copo na mesa, lavo e encho na torneira. Tomo um gole da água fria e límpida. Mas não ajuda. Estou com mais sede do que jamais estive. Bebo um copo atrás do outro até meu estômago estar prestes a arrebentar. Só então posso voltar para a cama.

June

Antes de eu sequer abrir os olhos, as lembranças surgem rapidamente: lábios, mãos, pele, suor. Meio que não acredito que fizemos isso. Mas não me arrependo. Só que... Rolo para o lado. A cama está vazia. Estou sozinha, com a boca seca e o coração batendo forte.

De repente, fico assustada, mas nem sei por quê.

Saio no corredor.

– Seb? – sussurro.

Quem o chama assim é Delia, não eu. Sinto-me estranha agora, dizendo o nome dele. O relógio no micro-ondas pisca quatro e seis. Pela janela, o que se vê é puro veludo negro. Noto o brilho de um laptop na mesinha em frente ao sofá, um protetor de tela celestial, correndo rápido entre as estrelas. Está iluminando o rosto de Sebastian. Suas sobrancelhas, aqueles lábios.

Ele está deitado de lado, encolhido. Eu me sento, com as costas contra a barriga dele, e coloco a mão em sua pele nua e quente.

– Oi – sussurro.

Mas ele não se mexe. Por que está aqui? O que está fazendo? Estendo a mão e bato com o dedo no *touchpad* do laptop, embora saiba que não deveria fazer isso. Talvez ainda esteja bêbada. Talvez isso seja uma desculpa. Um site abre. No alto há um banner, uma colagem de foto digital – uma fileira de moleques em um acampamento, um garoto em uma canoa, um bebê e uma mamãe, e... Sebastian? Está mais novo do que agora, tem o cabelo mais comprido com mechas verdes e segura um skate. Está em pé abraçando uma garota que parece com ele, com pernas magras e bronzeadas e um sorriso enorme. Olho as outras fotografias e percebo que está em todas elas, em idades diferentes.

SAUDADES de você, Trevor, está escrito embaixo do banner com uma fonte verde, rebuscada.

E embaixo:

Página em homenagem à memória de Trevor Emerson.

No dia 21 de maio, o mundo ficou mais sombrio, e o céu ganhou um anjo.

O resto da página está cheio de mensagens que as pessoas postaram para ele. Começo a ler.

Sinto sua falta e sempre vou sentir – FM

Não esqueça: pantufas de arco-íris.

Trev era o melhor, todos os que o conheciam o amavam. Ele era gentil, engraçado e bondoso.

Sinto tanta falta desse moleque, mas fico tranquilo de saber que está lá em cima. Manda oi pra minha avó, se encontrar com ela.

O mundo não faz nenhum sentido.

Conheci Trevor em uma festa. Ele era o DJ e eu era a garota bêbada flertando com o DJ...

E continua, página após página de mensagens. Centenas, talvez.

Lá embaixo estão as mais recentes. Uma delas de ontem.

Faz quase dois anos, mas não passa um dia, não passa um minuto, sem que pensemos em você. Todos nós. Te amo. Mamãe.

É como uma facada no peito. Levo a mão aos lábios. Olho para baixo, para seu lindo rosto, dormindo. Não conheço a história, nem mesmo uma parte dela. Penso em todas as pessoas que sentem falta dele. Algumas provavelmente seguiram com a vida, mas outras nunca conseguirão fazer isso.

Eu fecho o laptop e me enfio no espaço entre ele e o sofá, pressionando meu rosto contra suas costas, abraçando-o por trás, segurando-o como se estivesse prestes a voar. É assim que volto a dormir.

Delia

Todo dia, milhares e milhares de pessoas morrem.

Alguns sabem que pode estar chegando – estão doentes ou velhos, ou vivem perigosamente. Alguns não têm a menor ideia.

Acordam e nem pensam que aquele vai ser o dia, porque é igual aos milhares que vieram antes e aos milhares que pensam que virão em seguida.

Mas nenhum virá.

Faíscas voam e um pavio é aceso, queimando até o fim. Então *cabuuuum!*

Eu não sou religiosa. Não sou uma pessoa espiritual. Mas há algo distinto e belo nisso. Dá a sensação de que *significa* alguma coisa. Fecho os olhos e digo adeus àqueles que sabem que está chegando a hora e especialmente àqueles que não sabem.

É o que tenho que fazer. Pensei que pudesse ficar assustada, mas só me sinto excitada.

Então sinto a mão de Ashling em meu seio.

– Beijo – ela diz, grogue. Seus olhos estão semicerrados.

Ela está de ressaca e se aninha em mim. Fecho os olhos, imaginando coisas. Então eu a beijo na boca com força.

– Mais tarde – digo.

Em seguida, eu me inclino e sussurro em seu pescoço. Lembro a ela o que acontece agora, o que hoje significa, todas as coisas que temos que fazer. Ashling não se importa, visto que metade é um segredo nosso. Ela quer mais segredos, apenas entre nós duas. “Segredos ligam as pessoas para sempre”, ela me disse uma vez, como se, de algum modo, fosse possível que eu já não soubesse disso.

June

Estou sozinha outra vez, agora na cama. Na mesa de cabeceira há um copo com água e um frasco de aspirina. Alguém deixou para mim. Quem? Sebastian?

Ontem à noite.

Tudo volta quase de uma só vez, acertando meu rosto como um caminhão: o vinho, o fogo, *o outro fogo*, a conversa com Delia, Sebastian virando para mim e se aproximando. E então eu sozinha. Procurando por ele. O laptop. O que eu vi. Aninhando-me atrás dele. *Seu nome verdadeiro é Trevor.*

Os outros têm nomes verdadeiros também.

Em breve Delia não será mais Delia.

Os sentimentos vêm correndo depois dos pensamentos, um por um. Esta manhã, sinto absolutamente tudo. Meu Deus.

Levanto. O quarto gira, então sento de novo. Respiro. Para dentro, para fora, para dentro, para fora. Estou usando a camiseta de outra pessoa. É grande, cinza e chega até a metade das minhas coxas.

Ouçó uma porta bater. Saio no corredor e entro na cozinha. Sebastian está em pé na frente do fogão, fazendo panquecas. Eu o observo da porta. Um calor sobe pelo meu rosto.

Ele levanta a cabeça. Nossos olhos se encontram.

– Ontem à noite – eu começo, sem ter ideia do que quero dizer. – Foi...

Divertido? Sexy? Estranho, assustador, surpreendente, desajeitado, ridículo?

– Acho que foi meio que um pouco de tudo – ele diz. O que, então eu percebo, é a verdade. – Escuta – ele diz, baixo. – Tem uma coisa que eu preciso contar. Eu não deveria, mas...

A porta do corredor abre e Evan entra, todo amarrotado, com uma camiseta do Super-Homem e calças de pijama com estampa xadrez vermelho e azul. Ele olha para mim, para Sebastian e para mim outra vez.

– Sério? Agora vocês também? – Ele dá um sorriso forçado. – E o resto dos pombinhos, cadê?

Pombinhos. Como Delia diz. Sorrio.

– Saíram cedo para fazer alguma coisa – responde Sebastian.

Ele dá de ombros e então vira a última panqueca sobre uma pilha, depois a divide em dois pratos, que entrega para mim e Evan.

– E você? – pergunto.

Sebastian balança a cabeça.

– Talvez mais tarde. Não estou com fome.

Por alguns instantes, somos só nós três. Eu e Evan devoramos as panquecas enquanto Sebastian beberica o café. Olho no celular e são onze e vinte. Se estivesse na escola, teria aula de Biologia. Estaria fechada em uma bolha, completamente sozinha. Mas isto é a felicidade. Nada fora deste momento importa. Olho para cima e Sebastian está me observando. Eu sorrio. Ele também.

Um carro para na entrada.

Delia

Ashling estaciona e se vira para mim.

– Você tem certeza de que está bem? – ela diz. – Não quer repensar?

Balanço a cabeça e seguro a mão dela.

– Não. Temos que proteger as pessoas que amamos.

– Sim – ela diz, então assente e sorri.

Sei que ela está tentando se controlar, para que eu não surte achando que é fácil para ela. Mas não estou surtada, estou *impressionada*.

Ficamos sentadas ali por um minuto. Para dentro, para fora, para dentro, para fora. O ar em meus pulmões e nos pulmões dela e nos meus pulmões. Posso senti-la tentando sugá-lo, tentando me absorver. E então Ashling leva minha mão até seus lábios e a beija.

– E você não quer mesmo contar para ela primeiro?

O amor escoa. Uma raiva quente, um flash repentino, profundo, no meu estômago, como um fogo mais leve. Ela sabe a resposta. Só está perguntando porque tem ciúme. Porque quer que eu conte primeiro. Ela acha que June vai dizer não, vai surtar e não vai vir. Então Ashling vai me ter toda para si.

Viro para ela. *Nem tente*, digo com os olhos. *Ou vai se arrepender*. Mas com meus lábios digo:

– Tenho certeza, bebê. – E em seguida digo: – Eu te amo.

Porque eu nunca digo isso, e sei que vai fazer com que cale a boca.

Agora o sorriso dela é a coisa mais brilhante que eu já vi. Fere meus olhos. Me deixa doente.

– Ah, meu Deus – ela diz. – Eu também te amo.

Dez minutos mais tarde, dentro de casa, conto a June o que estava planejando contar. Ela pisca, pisca e pisca, com seus olhos de coelho. Está confusa. Está assustada. Isso me deixa nervosa.

– Mas para quê? Pensei que toda a razão do que fizemos era para que aquilo

que precisava acontecer acontecesse. Para ele ir para a cadeia como merece.

– O problema é que caras como ele nunca recebem o que merecem. E nós temos – faço uma pausa – ...temos motivos para acreditar que não vai funcionar. Ele vai se livrar.

– Como você sabe? – ela diz.

Balanço a cabeça.

– Confie em mim. Temos... informações. Então, agora precisamos que saiba que estamos de olho, que *eu* estou de olho. Que ele tem que se comportar como o melhor dos escoteiros de agora em diante ou vai sofrer as consequências.

– Você quer dizer que vai vê-lo também?

Eu confirmo com a cabeça.

– Mas então ele vai saber que você está viva...

– Ele não vai contar para ninguém. Tenho certeza disso.

June balança a cabeça e morde o lábio rosado, a pele intumescendo ao redor de seus pequenos dentes brancos.

– Não entendo. Ele vai contar para sua mãe. Por que não faria isso?

Posso sentir as pequenas engrenagens girando dentro do cérebro dela. Posso senti-las no meu também. Quero abraçá-la, niná-la, puxá-la de encontro ao meu peito, como se fosse um bebê.

– Vamos convencer o cretino a não fazer isso – digo.

– *Como?*

Está na hora de contar o resto.

– Há outras coisas que você não sabe, coisas que ele fez. – Olho para ela significativamente. – William tem segredos.

Nossos olhos se encontram.

– Como o quê?

A voz dela mal chega a ser um sussurro.

Balanço a cabeça. É aqui que eu tenho que parar.

– Você não quer saber. Não vou te sobrecarregar com isso. Mas foi algo terrível e era ilegal.

– Então por que não podemos mandar o cara para a cadeia?

– Porque a justiça não funciona – eu digo. – Não, ela estará mais segura se nós estivermos no controle. O bebê vai estar mais seguro se William souber que estamos vigiando, e sempre estaremos. Temos que proteger as pessoas que

amamos. – Faço uma pausa. Está na hora. É isso aí. Significa tudo. – Mas precisamos da sua ajuda outra vez.

June me encara. Está assentindo. Ela entende.

– Tudo bem – diz.

Nós temos que fazer antes que ela mude de ideia, porque precisamos dela.

– E precisa ser hoje...

O doce rostinho de June fica branco e brilhante. Ela parece um anjo. Ela *é* um anjo. Por um segundo, quase me sinto mal pelo que eu contei a ela. Mas eu lembro a mim mesma que amar alguém não significa contar tudo. Às vezes a coisa mais generosa que se pode fazer é proteger uma pessoa daquilo que não vai ajudá-la. Tomar a decisão e carregá-la consigo, suportar o peso para que não tenha que fazê-lo. Eu sei que ela vai me perdoar.

June

Estamos em pé em um círculo, bem juntos, nossa respiração soltando fumaça no ar gelado.

– Pronta? – diz Evan.

– Pronta – confirmo.

Delia se aproxima e me dá um abraço. Seu cabelo faz cócegas no meu rosto.

– Eu te amo, June.

Quando ela se afasta, sinto a mão de Sebastian nas minhas costas. Ele chega bem perto, para ninguém mais ouvir.

– Não precisa fazer isso – ele sussurra. – Você sabe, né?

O sol começa a descer a ladeira cinzenta do céu. Sinto minha pulsação nos ouvidos. Mas não estou assustada.

– Eu sei – digo.

Quando o horário no meu celular muda de 4:04 para 4:05, percorro a entrada da garagem da grande casa cinza de Delia e subo os degraus de pedra. Aperto o botão com um dedo congelado. A campainha toca e a porta abre.

William tem a aparência de quem não dorme há um mês.

– Oi – digo. Fecho com força as mãos em punhos dentro das mangas. – Desculpe incomodá-lo mais uma vez. Eu fiquei pensando nas fotografias. Você disse que tem mais. Será que ainda posso dar uma olhada? Eu deveria ter feito isso aquele dia, mas estava meio... abalada.

Ele lambe os lábios rachados com a língua seca.

– Eu compreendo esse sentimento – ele diz. – Talvez você tenha ouvido o que aconteceu...

Eu confirmo com a cabeça.

– Eu não fiz o que estão falando que eu fiz.

A voz dele soa grossa e devagar. Acho que tomou alguma coisa por conta própria para relaxar.

– Tudo bem – digo.

Mas eu me pergunto o que ele realmente fez, o que vão usar para chantageá-lo. Pela maneira como Delia falou, eu tenho uma ideia. Talvez nem queira saber mais.

Ele fica parado ali, olhando para o nada. Está em outro lugar. De repente, retoma a consciência.

– Mas, sim, as fotos. Venha.

Ele se afasta para eu entrar, então fecha a porta atrás de mim e a tranca. Quando está de costas à minha frente, destranco a porta.

Ele me leva até o porão. Os álbuns estão fora das caixas, abertos sobre o sofá, como se ele os estivesse olhando.

– Quando é a homenagem na escola? Talvez eu devesse ir. Angela deve se interessar.

– Na semana que vem.

Sento no sofá. Não sei o que fazer. Escolho um álbum e o folheio. Minhas mãos estão suando. Meu coração está a ponto de escapar do peito. William se senta ao meu lado.

Espero que eles venham logo.

E que eu não tenha que esperar muito.

Ouçõ sons no andar de cima, vozes, passos.

William levanta.

– Ouviu isso? – Ele vai até o pé das escadas. – Ei!

Então começa a subir os degraus.

Eu começo a contar.

Um, dois, três.

Olho para uma fotografia de Delia com uns três anos sobre um triciclo. A maneira de sorrir e alguma coisa em seus olhos eram iguais.

Sete, oito, nove.

Quando chego a cinquenta, levanto e subo os degraus também. Não sei o que vou ver quando atravessar a porta. Mas preciso ter coragem.

O mundo não é justo... A menos que você o transforme.

– Minha nossa – ouçõ Evan dizer. – Você é um sujeito bem irritadiço, não?

Entro na cozinha. William está deitado de bruços no chão, bufando e grunhindo como um animal. Há uma caneca azul quebrada e uma poça marrom

de coca zero ao seu lado. Evan está sentado sobre as costas dele, amarrando seus pulsos com uma tira de borracha. Ashling está ajoelhada sobre suas pernas, que já estão amarradas.

Sebastian está em pé, observando em silêncio.

– June! – William grita. Ele levanta o pescoço para olhar para mim. – Chame a polícia!

Seu rosto está vermelho, aterrorizado, enquanto tenta tirá-los de cima dele. Penso no quanto Delia deve ter ficado assustada quando William estava em cima dela.

– Não vou chamar ninguém – digo.

Ele merece isso.

Quando acabam de amarrá-lo, Ashling e Evan se afastam. Os três ficam ali parados olhando para William no chão.

– O que vocês querem? – Ele tenta virar o corpo de lado, chutando, mas não consegue. – Não tem dinheiro na casa e não estou com meu receituário...

Ashling pega uma das cadeiras da cozinha.

– Vamos levantar o cara, rapazes.

Os três o pegam como se ele não pesasse nada. Eles o colocam na cadeira, com os braços para trás. Reparo nas luvas de látex azul bebê que eles estão usando.

– Suas mãos – eu digo.

Evan tira um par do bolso e joga para mim.

– Coloca. A gente limpa suas digitais antes de sair, não se preocupe.

Minhas digitais? Coloco as luvas. O látex é macio. Parece que minhas mãos estão cobertas de talco.

William está ofegante agora, movendo a boca sem dizer nada.

Ela se aproximou tão silenciosamente que nem a ouvi.

– Surpresa! – Delia diz.

– Ah, meu Deus! – grita William.

Ele se lança para a frente. Ashling o segura.

– Vou lá em cima por um segundo – diz Delia. – Vocês ficam aqui.

– Espera! – William grita. Delia desaparece. – Ela está viva? – Seus olhos se enchem de lágrimas. – Como? – Ele vira para nos olhar. – Não tenho a menor ideia do que está acontecendo aqui, mas seja lá o que for, vocês estão cometendo um erro. Não têm que fazer isso...

– Foi você quem cometeu o erro – diz Ashling. – Achou que podia tentar estuprar Delia e nada aconteceria?

– *Sempre* há consequências – diz Evan.

Ele está sorrindo, de um jeito que eu nunca tinha visto. Toda a sua doçura desapareceu.

Sebastian balança a cabeça.

– Cretino do caralho.

– Eu não fiz nada! Nunca faria! Como Delia ainda está viva? Como você está viva?

Delia está de volta. Segura um pequeno frasco de vidro e uma seringa. LEVEMIR está impresso no frasco em letras pretas, e embaixo: INSULINA DETEMIR. Ela põe a agulha no furo minúsculo no alto do frasco, depois puxa o êmbolo até a seringa encher.

– Delia – William diz. – Seja lá o que você pensa que está fazendo, é loucura. Por favor, para.

Ela faz que não com a cabeça.

– Não é loucura. – Delia parece muito calma. – É um remédio. Você toma todo dia.

– Espera – eu digo.

Mas ninguém olha para mim. Respiro fundo. Preciso me acalmar. Tudo o que está acontecendo agora faz parte do plano. O plano para aterrorizá-lo, mostrar que somos poderosos e estamos no comando da situação. Depois disso ele não terá nenhuma dúvida.

– Delia, seja lá qual for a encrenca em que você se meteu, posso ajudar. Vamos conversar.

– É tarde demais para isso – diz ela.

– Você precisa de dinheiro? Posso conseguir a quantia que quiser e mandar para qualquer lugar.

Delia faz que não com a cabeça. Olho para os dois juntos. Uma imagem surge em minha mente: ela lutando sob o peso dele, que sorri, apertando-se contra seu corpo enquanto Delia tenta desesperadamente escapar, enterrando os dentes na pele dele.

– Cala a boca – digo. Eles se viram, surpresos ao me ouvir falar. Eu também fico surpresa. – Não fala nada. Só escuta, seu estuprador de merda.

Delia me olha direto nos olhos. Ela sorri.

– Exatamente, Willy. Agora é hora de você calar a boca.

Delia mantém a agulha levantada. Ashling sobe a camisa dele, revelando sua barriga gorda.

Delia encosta a agulha na pele de William.

– Onde você geralmente aplica? – ela pergunta. – Onde gosta de enfiar?

– Não! – William balança a cabeça, inclinando o corpo para tentar fugir dela. Mas não há para onde ir. Ele está entrando em pânico. Como queríamos. – Ainda dá para voltar atrás.

Olho para Delia.

Por um momento, ninguém se move.

Agora ela vai dizer para ele o que sabe. E o que quer. Eu olho. Espero.

Mas Delia não diz absolutamente nada, apenas enterra a agulha no estômago de William e aperta o êmbolo.

O rosto dele vai do vermelho brilhante ao branco lívido. William volta a se debater. Ashling o empurra para trás, com a mão na garganta dele.

– Não se mexe – ela diz.

– Não machuca o cara – diz Evan. – Ele é como um pêssego gordo e grande. Temos que tomar cuidado, ou não vai dar certo.

– Por favor – William implora.

Delia enche a seringa e injeta nele outra vez. *O que está acontecendo?*

– O que não vai dar certo? – pergunto. – Delia?

– Dizem que, no fim, uma sabedoria calma toma conta das pessoas – Evan diz. – Tem alguma lição de vida pra gente, amigão?

– Merda – sussurro. Estou começando a entender. As luvas. A conversa sobre impressões digitais. – O que está acontecendo?

Evan vira para mim.

– A insulina baixa o açúcar no sangue – ele diz, despreocupadamente. – Isso é importante se você é diabético e seu corpo não produz nenhuma. Mas, se você toma insulina demais e o açúcar no sangue fica baixo demais, o corpo entra em choque e depois em coma. A respiração e a pulsação diminuem. E então... cessam.

– Espera – eu digo. – Vocês estão planejando matá-lo?

Diante daquelas palavras, William solta um grito, mas não parece surpreso.

Levanto os olhos. Fui a última a entender.

Ashling e Evan estão olhando para ele. Sebastian abre a boca como se quisesse dizer algo, mas apenas balança a cabeça e a fecha de novo. Encaro Delia.

– June.

– Você disse que só ia ameaçar o cretino.

Ela balança a cabeça. Por um momento, todo aquele fogo desaparece.

– Por favor, não fique brava comigo.

Delia está olhando no meu olho e falando com a voz tão baixa que mal consigo ouvi-la.

Continuamos nos encarando. Sinto-a alcançar meu coração.

– Você não sabia – diz William. A voz dele está repentinamente muito calma. – Eu entendo. – Eu me viro para ele. Sua boca parece molhada. – Por favor. – Ele suplica com os olhos, desesperado. Tento desviar o olhar, mas não consigo. Sinto como se estivesse vendo dentro de mim, enfiando o dedo nas rachaduras da dúvida e tentando me abrir. – É só pegar um pouco de suco de laranja na geladeira para mim. É tudo de que eu preciso. Então podemos fingir que nada disso aconteceu. Vou esquecer tudo, eu garanto...

– Cala a boca – digo, mas meu tom é hesitante agora. Nem um pouco poderoso. Estou congelando. Eu viro. – Dé? – chamo. Sei que sou fraca e pequena. – Estou assustada.

Ela entrega a seringa para Ashling e se aproxima de mim para me dar um abraço.

– Está tudo bem. Eu prometo.

Ela me puxa para si e sinto seu corpo quente contra o meu.

– Não a escute – William diz.

– Cala essa porra dessa boca – Ashling diz a William. – Calaabocacalabocacalabocacalaabocacalaaboca!

– Desculpa por não ter contado – diz Delia. – Eu não podia. Eu... Mas tem que acontecer. Ele não merece o ar, não merece a vida. O mundo inteiro vai ser melhor quando ele não estiver aqui...

– Eu não fiz nada – diz William. – June, eu não... Ela mentiu. Seja lá o que tenha dito...

Delia vira para William.

– Você pensa que vou deixar você sozinho nesta casa com minha mãe? Com

um bebê? E se for uma menina? Você vai estuprá-la como tentou fazer comigo?

– Não é verdade – ele diz.

– Tenho uma ideia – diz Evan. – E se suas últimas palavras fossem verdadeiras, e não um monte de besteiras? – Evan dá de ombros. – Vamos, Willy. Eu diria que você tem, ah, sei lá... uns dez minutos? Certamente deve haver algo que queira dizer. Nem implorou pelo perdão de sua enteada ainda. Não quer tentar?

– É só pegar alguma coisa para eu comer – diz William. Sua voz já está mais devagar, parecendo sonolenta. – Qualquer coisa com açúcar.

Delia atravessa a sala e desaparece na cozinha. Ouço a porta da geladeira bater com força. Ela volta um segundo mais tarde, segurando um pote de cerejas. Talvez tenha mudado de ideia. Talvez o plano fosse esse o tempo todo.

Ela abre o pote, enfia a mão e tira uma cereja brilhante. Segura-a na frente dos olhos.

– Como isto?

William concorda com a cabeça.

– Sim, exatamente isso. Por favor. Obrigado, Deus. Obrigado, Delia. – Ele abre a boca. Fica esperando a cereja, como um filhote de pássaro. Posso ver a língua se movendo dentro da sua boca. Delia segura a cereja bem em cima dele, então a joga na própria boca e a esmaga com os dentes. Lágrimas escorrem dos olhos dele agora. – Se você me deixar morrer, vai ser presa.

A voz dele está mais baixa agora. Parece mais drogado do que antes.

– Eu não sei – diz Delia. – Acho que estar morta é um excelente álibi.

Ela sorri.

– Vai haver uma investigação – diz William. – Vão descobrir o que aconteceu. Ninguém vai acreditar que foi um acidente.

Delia faz que não com a cabeça.

– Bem, eles não precisam acreditar, porque não vai ser um acidente. Sua enteada se matou, depois você foi preso por seu vício em metanfetamina. Você é um cirurgião proeminente que pôs tudo a perder. Certamente ninguém ficaria chocado com o seu suicídio.

– As drogas – ele diz. – Meu carro. – As palavras dele estão ficando indistintas. – Foi você...

– Olha, você até deixou um bilhete. – Ela tira uma folha de papel do bolso,

desdobra e segura na frente dele. – Esta é sua letra, não é?

É uma longa carta, com as palavras “Querida Angela” escritas no alto.

Delia vai até Ashling e a beija.

– É ótimo estar com alguém tão talentosa – ela diz.

– June, por favor – William pede. – Você pode parar isso. Por favor... me ajude.

Olho para Delia, minha melhor amiga, a quem amo mais do que a vida, então para William babando na cadeira. Ambos estão me encarando agora. Eu não tenho nenhuma dúvida de quem está mentindo e quem não está. Desta vez, é fácil. A questão é: o que acontece em seguida? Penso em Delia, sozinha nesta casa, sozinha no quarto. Penso na mãe dela. Penso no bebê que ainda nem chegou ao mundo.

– Me avisa quando tiver terminado – digo.

E eu me viro e vou para a cozinha. Fico na frente da geladeira, com medo de tocar em alguma coisa, com medo de me mexer, com medo de respirar. Fico só ouvindo as vozes que vêm da sala. Estou tonta. Agacho até o chão e apoio o rosto no piso gelado, tentando não desmaiar. Fecho os olhos. Após um tempo, ouço a voz de Delia acima de mim.

– June, você pode voltar agora.

June

Estamos todos em silêncio. E imóveis. As batidas do meu coração ficam mais lentas, assim como tudo naquele ambiente. Não tenho certeza se estou respirando. Eu me forço a olhar para ele. Pensei que ia parecer adormecido.

Não parece.

Ashling bate uma palma abafada pelas luvas de látex.

– Muito bem – ela diz. – Vamos terminar isto.

De repente, todos estão se movendo outra vez.

Ashling desamarra William e seu corpo cai para a frente na cadeira. Ela pega a seringa que está com Delia e a posiciona na mão dele. Em seguida fecha o punho sobre a seringa, então solta e ela cai no chão.

– Eu cuido do porão – Evan diz. – June, em que você tocou lá embaixo? Só os álbuns?

Não respondo. Não consigo sequer abrir a boca.

– Não se preocupe – ele diz, com um sorrisinho forçado. – Sou muito minucioso.

Então sai.

– Eu cuido das maçanetas – diz Sebastian.

Quero perguntar a eles o que devo fazer agora, mas só fico parada. Estão se movendo, menos eu. Olho para o rosto de William. Ele tampouco se move.

O tempo passa, acho. Evan voltou para a sala.

– Merda – ele diz. – A camisa.

Ele aponta para uma mancha escura nas costas de William.

– A coca que caiu no chão – Sebastian diz.

– Espera aí – diz Delia. Ela corre para o andar de cima e volta alguns segundos depois com uma camisa azul bebê, como suas luvas. – Ele adorava esta.

Ela parece quase carinhosa ao dizer isso.

Delia estende as mãos e desabotoa a camisa dele. Evan e Sebastian o seguram levantado enquanto a peça manchada é trocada. O peito dele está pálido e parece

macio e úmido, com pelos pretos em volta dos mamilos. A barriga é mole.

Eles jogam a camisa enrolada em um saco de lixo. Enfiam os braços dele dentro da nova camisa e abotoam com muita, muita delicadeza. Minha amiga a alisa.

– Pronto – ela diz.

Não estou mais aqui. Estou em outro mundo agora. Sinto o movimento ao meu redor e, então, Delia se aproximando de mim. Ela tira uma das luvas e a coloca no bolso. Então estende o braço e segura minha mão, mas não consigo senti-la através da minha própria luva. Delia aperta.

– Está na hora de ir – ela diz.

Eles andam até a porta dos fundos, com muito cuidado. Vou atrás. Abrem a porta e entram na varanda protegida por tela. Eu os sigo. O sol está começando a se pôr. O mundo parece irreal sob aquela luz. Evan segura a porta da varanda aberta e um a um passamos por ela e descemos os degraus. Sou a última. Viro para trás e olho para a varanda, para as pedras decorativas no chão, para a casa onde passei muitos dias com Delia, tantas noites. E então olho para a frente.

Que porra nós fizemos?

Delia

Minha mãe sempre quis que eu o amasse. “Ele é da família!”, ela dizia, suplicante, desesperada. Eu não conseguia, não conseguia... menos ainda depois de cada merda que ele fazia.

Mas ele pagou por seus pecados agora. Foi seu sacrifício que me deu aquilo de que preciso. Fiquei olhando para ele, os olhos fechando, o rosto ficando mole, babando, desamparado, dócil como um bebê. Por um momento, senti pena. Quando ele flutuou para longe, deixando apenas um monte de carne para trás, senti repentinamente algo, talvez fosse amor. Talvez eu o ame agora. Só um pouquinho.

Quando ninguém estava olhando, eu me inclinei sobre ele e dei um beijo de despedida.

June

Caminhamos de volta pela floresta, depressa e em silêncio. Nada é real. Estou flutuando, enjoada.

Através da névoa, sinto algo quente cutucando a base do crânio. Um ovo minúsculo de pensamento que ainda não chocou. O pensamento está preso dentro, arranhando e arranhando a casca para sair.

– Vamos – diz Delia.

Percebo que ela ainda está segurando minha mão.

Ácidos quentes formam redemoinhos em meu estômago, e eu me pergunto se vou vomitar. Tento respirar, mas meus pulmões se esqueceram do que fazer. Tenho que lutar para o ar entrar.

Continuamos andando, agora pela rua, na direção do reservatório.

Ninguém está falando quando chegamos nos carros de Ashling e de Sebastian. O ar ao meu redor vibra. Não podemos desfazer aquilo. Nunca poderemos.

– Você volta com a gente – diz Delia.

– Volta?

Estou presa em uma névoa. Luto para sair. Ouço as palavras.

– Para casa – ela responde.

Delia sorri para mim. Evan, Ashling, Sebastian. Todos sorriem. Quem são estas pessoas? Quem é Sebastian? Quem é Delia? Que porra nós fizemos?

– Preciso ir para casa – eu digo.

– Mas sua casa é comigo – Delia diz em voz baixa.

– É melhor não ficar sozinha agora – diz Sebastian.

– Quero ir pra casa – digo. Imagino minha cama, minha casa triste e escura, minha mãe.

Delia olha para mim. Não consigo olhar para ela agora.

Ashling e Evan se entreolham.

– Ela não pode ir – diz Evan.

Ashling balança a cabeça.

– Mais tarde – ela diz.

Sebastian vira para mim. Coloca as mãos em meus ombros e me vira para ele.

– Os pensamentos que vão aparecer não são bons. Você não pode ficar sozinha com eles.

Sebastian para, e eu absorvo aquelas palavras. Ele já fez isso antes.

– Fizemos uma coisa boa – diz, com um aperto de leve.

– June – Delia começa –, por favor.

Não sei o que estou pensando ou o que estou sentindo agora.

– Tenho que ir – digo. Eu me forço a olhar para ela. – Lamento muito por tudo o que aconteceu. – Ouço a frieza em minha voz. Estou falando sério, mas não consigo fazer com que o tom combine. Ele não acusa nada além de medo absoluto. – Fico feliz por você ter saído de lá.

– Não acho mesmo que você deva ir agora – diz Delia, cada palavra tão lenta e cuidadosa. A luz está diminuindo. Mal consigo vê-la. O momento se estende ao infinito.

Mas faço que não com a cabeça. Eu me liberto.

– Desculpa – digo.

Evan está me olhando. Ele começa a vir na minha direção para dizer alguma coisa.

– Não – Delia o impede. – Agora não.

Então Sebastian me leva até seu carro e me coloca no banco da frente. Os outros ainda estão fora, parados na frente do carro de Ashling. Acho que Evan está gritando, mas não consigo entender o quê. Ashling dá um beijo em Delia, que não se move. Fico olhando para eles até que Sebastian dá a partida e nós saímos.

O sol está se pondo. Olho a rua, as árvores e os carros à nossa frente.

Ele para na frente da minha casa. Está balançando a cabeça.

– Eu disse que você não precisava se envolver – ele comenta em voz baixa. – Não disse?

Sebastian beija meu rosto de leve. Seus lábios estão incandescentes. Ainda posso sentir o calor deles quando tiro a chave do bolso e entro.

Delia

Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar.
Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar.
Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar.
Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar.
Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar.
Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar.
Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar.
Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar. Ela não deveria me deixar.
Ela não deveria me deixar.

Ela não vai.

June

Sonho com frutas apodrecendo, machucadas, grudentas, doces demais. Evan e Ashling estão de quatro, enfiando as frutas na boca, o suco escorrendo pelo queixo. Pedem que eu me junte a eles. Então, Delia aparece dizendo que já comi, que ela me alimentou quando eu estava dormindo. Começo a sufocar, por causa do que ela me deu.

Acordo no meio da noite, engasgada, e não preciso nem de um segundo para me lembrar de ontem. Do que fizemos. Fecho os olhos e tudo está bem ali, esperando por mim – sua pele, a maneira como seu rosto se transformou quando ele não estava mais dentro do corpo.

Ainda está escuro lá fora. Eu me arrasto para fora da cama e vou para o banheiro. É nesse momento que acontece: o ovo que está alojado na base do meu crânio arrebenta. Isto é o que tem dentro: as palavras de Delia quando me contou a história daquela noite e o que ele tinha feito com ela.

Mordi até sentir gosto de sangue.

Eu me lembro de William, de seu corpo pesado. Sua pele, cerosa e pálida... Mas onde estava a marca da mordida? Fecho os olhos. Não me lembro de ter visto uma. Eu vi? Havia algo lá?

Mordi até sentir gosto de sangue.

Preciso falar com Delia, conversar com ela para que me faça entender. Fizemos o que precisava ser feito, ele merecia. O mundo é um lugar melhor sem ele. Nem *fiz* nada, só não impedi.

Eu simplesmente não impedi.

Eu me visto e engulo a bile. Desço as escadas correndo, com o estômago agitado.

Mordi até sentir gosto de sangue.

Minha mãe está na cozinha, em pé na frente do fogão.

– Quer jantar? – ela pergunta. – Ou talvez tomar café da manhã? Acabei de

sair do meu turno.

Ela nunca pergunta aquilo, nunca perguntou em anos. Coloca um queijo grelhado no prato e corta ao meio. Um vapor sobe.

Minha boca está seca; minha saliva, grossa. Posso sentir o ácido queimando meu estômago.

Ela olha para mim e nossos olhos se encontram. Isso nunca acontece.

– Você está bem? – Minha mãe parece realmente preocupada. – O que está fazendo acordada? E vestida?

Balanço a cabeça. Não me lembro das palavras. Tenho que sair daqui.

Mordi até sentir gosto de sangue.

– Jesus, o mundo é realmente maluco às vezes – ela diz, balançando a cabeça.
– Imagino que você já saiba.

William. Já.

Tento manter o rosto calmo. Respiro.

Ela continua:

– Quer dizer, quais são as chances? Dois alunos da sua escola em menos de duas semanas. Mas um deles de acidente, pelo menos.

– Que acidente? – digo.

– De carro – ela diz.

– Espera, o quê?

– Não me lembro do nome do garoto. Ele não estava na sua classe, era mais velho. Estou surpresa por você ainda não saber.

Algo dentro de mim está afundando, flutuando, girando. Tenho que sair daqui. Coloco meu casaco.

Minha mãe olha para mim de novo, então tomba a cabeça para o lado.

– Aonde você vai? São cinco da manhã.

– Tenho que estar na escola mais cedo – eu digo, e saio antes que ela possa falar qualquer outra coisa.

Estou dentro do carro gelado, as mãos tremendo. Pego meu celular. Procuro Breswin, acidente de carro, North Orchard. O que aparece é isto:

Um adolescente de Breswin morreu depois que seu carro bateu contra uma grade de segurança hoje cedo. Investigadores acreditam que uma falha de freio pode ter sido a causa.

A vítima, Jeremiah Aaronson, de dezessete anos, foi declarada morta ao

chegar ao hospital à uma e quarenta e seis desta tarde. Esta é a segunda morte trágica do ano para a comunidade da North Orchard High School...

Levo a mão à boca. Tenho uma sensação ruim, uma sensação terrível. Não estou mais na Terra. Mas foi um acidente, certo? Uma coincidência horrível, só isso. Essa é a explicação. Tem que ser.

June

Eu não grito, não penso. Não sou nada além de movimento puro, uma bala atirada na direção daquela casa.

Paro na entrada. Há luzes acesas no interior. O ar está silencioso e parado, e à distância sinto um cheiro fraco de fumaça.

Saio, tremendo, as pedrinhas fazendo ruído sob meus pés. Tenho medo de estar ali, de andar para a frente, de fazer qualquer movimento, de pisar nesta terra. Estou tremendo e tremendo, há não sei quanto tempo. Olho para o céu, para toda aquela escuridão vazia, e sei que nunca vai haver o suficiente para preenchê-lo.

Ouçõ passos atrás de mim.

E a voz de minha melhor amiga.

– June, você veio.

Eu me viro. Ela está dando a volta por fora da casa na minha direção. Posso ver seu rosto agora, iluminado pela claridade que vem das janelas. Nossos olhos se encontram. Ela está dentro de mim, em meu corpo, em meu coração. Nós nos encaramos, e por um momento não há nada além daquilo.

– Eu sabia que viria – ela sussurra. – Mas você me assustou.

Ela estende os braços para segurar minhas mãos.

Há mais alguém lá agora. Evan está dando a volta pela casa também, apertando os olhos no escuro.

– É ela?

Delia tosse, vira e responde:

– Falei que ela viria.

– Ótimo – ele diz. – É muito mais fácil desse jeito.

Ele não olha para mim e volta pelo mesmo caminho.

– Preciso conversar com você – sussurro. Há tanto a dizer, a perguntar. Estou tão, tão assustada.

Delia faz que não com a cabeça.

– Agora não, June. Por favor. Espere.

Ela agarra minha mão, então começa a correr e não solta. Tropeçamos na grama, seguindo o cheiro de fumaça do outro lado da casa. Há uma fogueira perto do rio, brilhando forte contra o céu que se ilumina lentamente. Ashling, Sebastian, Evan. Estão jogando coisas nela.

Há uma pilha de papéis no centro das chamas e tecido, talvez uma camisa. A fogueira é grande demais para o quintal. Mas não há ninguém ao redor por quilômetros. Ninguém para ver a fumaça.

– O que está acontecendo? – pergunto.

– Estamos nos aprontando para partir – Delia diz em voz baixa.

– Que bom que você voltou – diz Ashling.

Algo crepita em seu tom de voz.

O sol está começando a se levantar. Há uma linha fina de vermelho-escuro no horizonte. Um corte de navalha no céu.

Olho para Sebastian. Ele desvia o rosto.

– Então ela sabe? – ele pergunta. Mas não para mim.

– O que... – começo a dizer. Todo o meu corpo está agitado.

– Estou cuidando disso. – Delia parece quase irritada. Ela se vira para mim, com o tom de voz mais manso. – Vamos caminhar.

Delia ainda não soltou minha mão.

Ela me afasta de lá e me leva ao longo do rio, na direção da floresta. Caminhamos em silêncio. Delia para. Eu me viro. Estamos longe dos outros; somos só nós duas agora. Minha cabeça está girando tão rápido. Nada disso é real.

Eu me lembro do motivo de ter vindo aqui.

Ela quer dizer alguma coisa. Eu não deixo.

Respiro fundo.

– O que aconteceu com Jeremiah?

Delia olha inexpressiva para mim na primeira luz da manhã. Talvez ela realmente não saiba. Por um segundo me sinto estranha e pesarosa por ter que dar a notícia. Por um segundo tenho esperança.

– Ele sofreu um acidente de carro. Foi realmente ruim.

Espero que absorva minhas palavras, mas sua expressão não muda.

– Você me ouviu? – Aquela sensação está de volta ao meu estômago. Jeremiah e Delia namoraram. – Ele não sobreviveu.

– Temos que proteger as pessoas que amamos – Delia fala muito lentamente.
– O que você está dizendo?
– June, temos que proteger as pessoas que amamos. Não importa como.
– O que você quer dizer com “proteger”? O que você...? – Eu paro. Não consigo respirar. Meu coração está batendo muito forte. – O peito de William, não tenho certeza... não me lembro de ter visto uma marca de mordida.

Ela balança a cabeça lentamente.

– E daí?

– Quando ele tentou estuprar você. – Minha voz não soa como minha. – Você disse que o mordeu até sair sangue. Mas quando tiraram a camisa dele... Não consigo lembrar se vi alguma coisa.

– Bom, eu não sei – diz Delia. – Você viu?

Estou morrendo de medo agora.

– Escuta, June – diz Delia. – Meu coração, meu amor. Isso não é importante. É totalmente irrelevante. É hora de ir. Entende o que isso quer dizer?

A linha vermelha no horizonte está ficando mais larga. O sol se levanta rapidamente. Sinto o cheiro da fumaça no vento. Viro para ver. O fogo cresce e cresce.

Sinto um calor em minha barriga aumentando.

– Nós fizemos... o que fizemos por causa do que você disse que ele fez... – Estou começando a tremer. – *Ele realmente fez aquilo?*

– Nem acredito que você está me perguntando isso. – Ela balança a cabeça. – Vamos parar com essa história. Não foi para isso que você veio aqui.

Algo acontece atrás dos meus olhos. William. Jeremiah. Mesmo Ryan. Não tenho a menor ideia do que é verdade.

– Por que eu vim aqui?

– June – ela diz. – Você veio aqui por mim.

Estou voando, girando, flutuando.

– Vim aqui para descobrir o que aconteceu. A marca da mordida. Jeremiah. Delia...

– NÃO! – ela grita. Então para e respira fundo. – *Você veio aqui por mim.* – Ela acena na direção do fogo. – E é hora de ir. Estamos partindo.

– Você está partindo – eu digo. Sinto meu coração flutuar fora do meu corpo e bater no ar frio entre nós.

Jeremiah. O peito de William.

Delia faz que não com a cabeça.

– *Não, nós estamos partindo.* Eles concordaram. Você vem com a gente. Sabem que você consegue... lidar com toda essa merda. Sabem que você me ama. Tomamos conta uma da outra, você e eu. Sempre fizemos isso.

– Você está me pedindo para ir com você? – Agarro-a pelos ombros. Aperto-os. Preciso fazer com que olhe para mim. – Delia, escuta, você entende o que estou dizendo? Não sei o que está acontecendo e estou realmente assustada. – Meu tom de voz é desesperado. É como me sinto. – Ele realmente tentou estuprar você? Fez as coisas que você disse que fez?

Ela não está respirando.

Sinto o ar frio contra a minha pele. Eu me imagino flutuando em direção ao espaço. Ninguém nem nada me prende.

Sinto como se estivesse olhando para uma foto dela de muito tempo atrás. Ela se inclina para a frente. Sussurra.

– Podemos ser apenas nós duas, se é isso o que você quer.

Há algo nos olhos dela, posso ver. Ali estão todas as idades que Delia já teve, desde que a conheci.

– Por que você me levou lá? Por que me levou até sua casa para ver seu padrasto morrer?

– Porque eu precisava de você lá – diz Delia.

– Para *quê*? – digo. Mas, de repente, eu sei. E, sob o medo, sob aquele terror inominável, sinto a solidão me sugando, o buraco negro ameaçando me puxar para dentro dele.

– Eu quase me matei de verdade, sabe? – ela diz. – Uma vez, cem vezes, mil vezes. Quase me matei todos os dias. Sabe o que me impediu? – Os olhos dela estão cheios agora. – Você.

Ela faz uma pausa. As lágrimas caem. Delia coloca a mão dentro do casaco.

Acho que estou chorando também. Por um momento, absolutamente nada importa a não ser nós duas, aqui, eu e minha melhor amiga. Meu Deus, o que nós fizemos?

Avanço para abraçá-la novamente. Mas Delia não levanta os braços. Percebo que está segurando o que tirou de dentro do casaco. E compreendo algo. Tinha me esquecido de uma coisa.

Tig. Aquilo que Delia roubou. E nunca devolveu.

– Não vou contar para ninguém. Eu prometo. Juro. Nunca faria isso. Nada disso aconteceu.

– Todo dia, desde que a conheci, você me impediu. – Delia não está mais olhando para mim. As lágrimas descem pelo rosto como se fossem de outra pessoa. Ela parece tão distante. – Mesmo quando não era mais minha amiga, você me manteve viva. Porque eu sabia, simplesmente sabia, que algum dia, de alguma forma... eu teria você de volta. – Agora ela segura o que roubou de Tig na frente do corpo. – Eu roubei isto *para mim*, para usar em *mim*. Antes de saber o que podia fazer. – Ela o levanta. – Entende o que estou dizendo? Você precisa escolher agora.

– O quê? – sussurro.

– Por favor, June. Por favor. – Ela está implorando agora. – Não posso permitir que você me deixe.

– Delia – eu digo.

– June – ela diz. – Eu te amo.

Cinco anos, três meses e quinze dias antes

Mais tarde, Delia explicaria a June que um melhor amigo era como amor verdadeiro: quando encontra o seu, você simplesmente sabe. Mas não foi bem assim que aconteceu.

Era a terceira semana do sexto ano quando Delia, recém-chegada à escola e muito irritada, ficou na frente da sala para ser apresentada. Sua mãe tinha acabado de casar com um babaca e elas tinham ido morar com ele. Delia não estava chateada por ter que sair de sua antiga escola, porque as coisas não tinham dado certo lá, de maneira que preferia esquecer. Mas tampouco queria estar na escola nova. Na verdade, ela preferiria não ter que existir de maneira alguma. Era *doloroso* viver daquele jeito, com um fogo ansioso e cheio de raiva queimando por dentro. *Doía o tempo todo*.

Mas então, naquele primeiro dia, ela descobriu June, e a chama quente se acalmou, tornando-se uma carência esfomeada e sem fim, ainda dolorosa, mas de uma maneira diferente. O que ela queria? Não sabia muito bem. Não era exatamente transar com aquela garota, tampouco ser ela. Não, era mais como se ela quisesse *devorá-la*. De repente, Delia ficou *faminta* por aquela coisa loira, de olhos grandes, parecida com uma coelhinha, que sentava três filas atrás. Queria tomar aquela garota, engoli-la inteira, até mesmo os ossos.

Naturalmente, isso não é o tipo de coisa que você poderia dizer a alguém, muito menos a uma amiga em potencial em uma nova escola. Assim, Delia fez o que sabia que era normal, porque ela realmente *sabia* o que era, pelo menos na maior parte do tempo. Convidou June – era o nome perfeito para ela! – para dormir em sua casa.

June abriu seus doces olhos azuis, encantada com a surpresa. E disse “sim”.

Na noite marcada, o padrasto de Delia ia trabalhar até tarde, porque era aquilo que o escroto sempre fazia. Delia disse à mãe que elas iam pedir pizza e comer no quarto. Sua mãe não discutiu, porque nunca mais discutira, o que era irritante em si, porque parecia que não conseguia nem pensar em fazer aquilo, desde que

o cretino chegara na vida delas. Mas aquilo também significava que Delia podia fazer o que quisesse.

Em seu quarto, com June, Delia mal conseguia comer ou ficar sentada. Ela estava cheia de uma energia insana e desenfreada, andando pelo quarto, apontando para as coisas como um guia turístico maluco. Havia um pequeno quadro com uma cena de inverno que Delia tinha roubado de uma loja de objetos usados, um cabo de cereja no qual ela dera um nó usando apenas a língua, um frasco de comprimidos contendo seu plano secreto de fuga, montado unidade a unidade usando o armário de remédios do banheiro de sua mãe quando ninguém estava olhando. Tarde da noite, às vezes, ela esvaziava o frasco em sua mão. Uma vez, chegou até a colocá-los na boca. Ela disse a June que eram balas de hortelã.

A garota olhava tudo com um doce assombro, irradiando pura bondade e luz.

Pouco depois das onze, o escroto chegou e começou a gritar com a mãe dela dentro do quarto deles. Delia sentiu o chameuscar dentro de si, mas se obrigou a respirar fundo três vezes, e então sorriu como se tudo estivesse bem e disse à June que era hora de saírem de fininho.

Ela saiu pela janela e pulou na grama. June tentava fingir que não estava assustada – era uma gracinha! –, e foi atrás. Elas deram a volta no quarteirão algumas vezes. Deixaram dentes-de-leão nas caixas postais das pessoas, que era a ideia inocente de June de aprontar. Espiaram pela janela do vizinho e viram-no tirando a roupa, embora ele tivesse fechado a cortina quando chegara na cueca.

– Droga! – disse Delia.

E então sorriu, como se aquilo fosse pura diversão, como se ela não tivesse se oferecido para chupar o pau dele no dia anterior (ele dissera não e parecera bastante perturbado com a oferta). Mas tudo bem. Parada ali com June, ela estava pouco se fodendo para aquilo, para ele. Queria fazer alguma coisa que ligasse as duas. O que as pessoas normais faziam? O que seria legal?

Delia teve uma ideia. Tirou seu sutiã e então convenceu June a fazer o mesmo, ensinando-lhe como fazer para nem precisar tirar a camisa. O de June nem era um sutiã de verdade, e ela pareceu constrangida por causa daquilo. Seus seios minúsculos, que mais pareciam uvas-passas, apareciam através do tecido fino da camiseta. Delia teve um repentino e feroz impulso de estender a mão e beliscá-los com força, fazendo June se encolher e contrair seu rostinho doce. Em vez

disso, ela se forçou a desviar o olhar e disse casualmente, como se elas estivessem fazendo alguma brincadeira tola:

– Agora marcamos nosso território.

Ela segurou a mão de June e as duas passaram agachadas pela frente da casa, abriram a caixa de correio vermelha da família do garoto e jogaram os sutiãs lá dentro.

– Pronto – disse Delia. – Agora temos um segredo. Ter segredos une as pessoas e as torna amigas de verdade – ela disse.

Delia estava imaginando todos os futuros segredos que teriam, cada um deles uma corda fina enrolada nelas, unindo-as.

Elas entraram depois disso, e Delia podia sentir a conexão, podia sentir as cordas quando deitaram uma ao lado da outra, enquanto Delia penteava o cabelo de June com delicadeza. Ela queria mais cordas, e mais apertadas. Um número infinito.

Aquela garota ia mudar tudo. E ela nunca, jamais, ia deixá-la partir.

Querida Delia,

Quando você morreu, parte de mim morreu também. Agora estou terminando com o resto, para podermos estar juntas.

Certa vez você desejou que a gente pudesse deixar este mundo para trás e ir para o espaço, onde nada de ruim jamais aconteceria. Acho que a eternidade vai ser algo assim: só você e eu, flutuando em uma escuridão infinita, ligadas apenas uma à outra.

Nunca acreditei em céu, mas agora sei que eu estava errada – céu é o sentimento de estar em casa. E casa sempre foi estar com você.

Estou chegando.

Para sempre sua,

June

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1^a edição, jun. 2017

FONTE Adobe Garamond Pro 12/16 pt; Garineldo regular 45 pt

Table of Contents

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

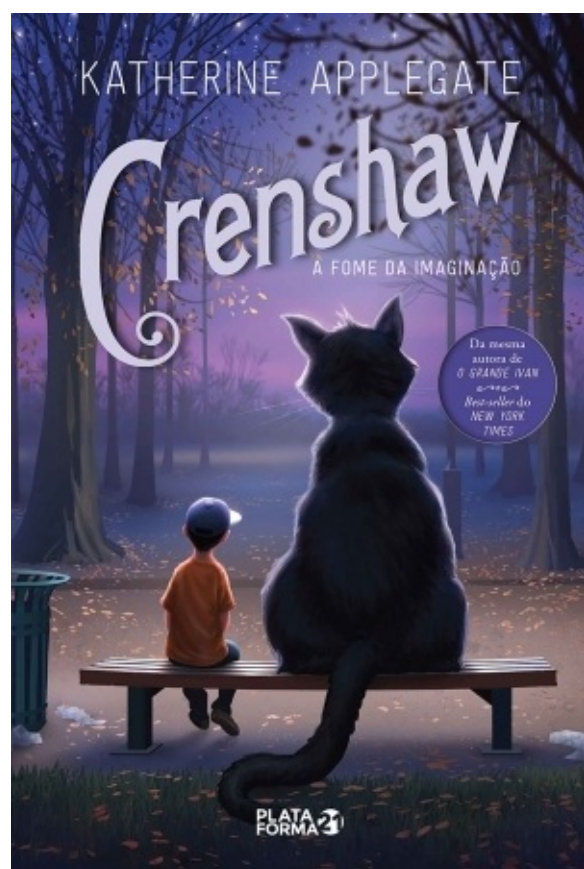
[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Sua opinião](#)



Crenshaw

Applegate, Katherine

9788592783013

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

São tempos difíceis para Jackson e sua família. O dinheiro para o aluguel acabou. E talvez não sobre nada para as compras do mês. Mais uma vez, seus pais, sua irmã e sua cachorrinha terão de deixar o prédio onde moram para viver em uma minivan.

Mas, pior do que a falta de dinheiro e as incertezas com relação ao futuro, é a mania dos pais de Jackson de tentarem encobrir os problemas. O garoto é jovem demais para entender a situação, é o que eles pensam. Na verdade, é o que todos pensam. Todos, exceto Crenshaw.

Crenshaw é um gato... um gato gigante e imaginário. E é ele quem vai ajudar Jackson a encarar de frente a dura realidade. No início, o menino tenta rejeitá-lo como um mero produto de sua imaginação, afinal, quem aos dez anos ainda é capaz de ter amigos imaginários? Mas a sinceridade e a sabedoria do gato começam a ecoar em sua vida.

Ninguém precisa carregar o peso do mundo sobre os ombros, Jackson menos ainda. E o sarcástico Crenshaw é o companheiro que ele realmente precisa.

Alguém imaginário o suficiente para lhe dizer algumas verdades.

Com uma narrativa elegante e comovente, Katherine Applegate trata com delicadeza de temas difíceis, como a pobreza e a fome.

[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3



S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador!

Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar.

O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados.

Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes.

Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego.

"Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?" Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

O IMPOSSÍVEL É APENAS O COMEÇO

INSIGNIA

A ARMA SECRETA



S. J. KINCAID

VAR

Insígnia: a arma secreta

Kincaid, S. J.

9788576835738

502 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Você não vai conseguir parar de ler." - Veronica Roth, autora de Divergente, best-seller do New York Times.

É a Terceira Guerra Mundial. O inimigo está vencendo.
E se a arma para virar o jogo fosse você?

Mais do que qualquer outra coisa, Tom Raines quer ser alguém importante. Aos 14 anos, com uma aparência pouco digna de atenção e uma vida cheia de incertezas, ele está bem longe de realizar o seu desejo. Exceto por sua habilidade com games, Tom não tem muito com o que contribuir. Um zero à esquerda. Durante anos, o garoto perambulou de cassino em cassino com seu pai, um jogador completamente sem sorte e que fazia de seu vício um meio de sobrevivência. A cada dia, iniciava-se uma nova jornada em busca de um "lar", mesmo que isso significasse um quarto qualquer pago com o pouco dinheiro ganho em apostas.

Mas, certo dia, o que parecia ser uma existência fadada ao fracasso, muda radicalmente. Da noite para o dia, Tom é convidado para integrar a elite do Exército e utilizar seu talento como jogador para ajudar seu país a vencer a Terceira Guerra Mundial. Tom, então, tem a oportunidade de se tornar alguém importante: uma supermáquina de guerra com habilidades tecnológicas jamais imaginadas. E de quebra, ganha a chance de conquistar tudo aquilo que parecia

reservado aos outros: sucesso, amigos, um amor de verdade. Mas o acesso a tudo isso tem um custo. Será que vai valer a pena?

Com personagens fascinantes e um enredo de tirar o fôlego, Insígnia faz uma eletrizante viagem ao futuro e revela um mundo onde as fronteiras entre humanos e máquinas não podem mais ser distinguidas.

[Compre agora e leia](#)

O Clã das Freiras Assassinas LIVRO II

DIVINA VINGANÇA

A história de Sybella

ROBIN LAFEVERS



Divina vingança

LaFevers, Robin

9788576839507

394 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sybella nunca soube ao certo o que era amor. Não sem segunda intenções. Desde sua infância, ela teve de confiar em si mesma para conseguir sobreviver.

[Compre agora e leia](#)

DAN KROKOS



FUTURO FALSO



Futuro falso

Krokos, Dan

9788576839477

296 páginas

[Compre agora e leia](#)

Miranda perdeu a própria vida para salvar seu mundo e aqueles que amava. E o resultado foi o pior possível: tudo continua em colapso. Dessa vez, a Terra Verdadeira envia nada menos que um exército. Rhys, Noble, Sofia e Peter sabem que sozinhos não têm a menor chance.

Mesmo sem saber a verdadeira vontade de Miranda, a equipe não encontra outra alternativa senão trazê-la de volta à vida e à dura realidade: sua morte foi em vão. A ocupação inimiga é brutal, mas a diretora promete ceder se suas ordens forem seguidas. Miranda e sua equipe farão o que for necessário. Porém, com as perdas do passado invadindo seus pensamentos, ela sabe que qualquer sacrifício precisa valer a pena. Respire fundo: este é o aguardado terceiro volume da Trilogia Falsa.

[Compre agora e leia](#)